FELICITAS BARRETO

REQUIEM PARA OS ÍNDIOS

GROUND / global

Outros livros da autora:
DANÇAS DO BRASIL esgotado
DANÇAS DE LOS INDIOS DEL BRAZIL (México) esgotado

Felicitas Barreto

REQUIEM PARA OS INDIOS

1.ª Edição
São Paulo
1979

EDITORA GROUND
Global GD global editora

© 1979
Felicitas B. Barreto

Revisão
Walter Nathal Zanon
Stela e Gilson Nascimento

Programação Visual
Luiz Caldeira de Andrada

Nº de catálogo — 1149

Esta é uma edição em coedição da

GLOBAL EDITORA E DISTRIBUIDORA LTDA
Rua José Antônio Coelho, 814 - CEP 04011 - São Paulo

e

EDITORA GROUND INFORMAÇÃO LTDA
Rua Siqueira Campos, 143 - Sobreloja 56 - Rio de Janeiro

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização expressa aos Editores

Impresso na
Editora Parma Ltda.
Rua da Várzea, 394 - São Paulo - Brasil

ÍNDICE

CUNAS

Seu herói cultural baixou num disco de ouro. Fabulosas riquezas nos domínios do cacique Komogre — Invasões de vários flibusteiros — Vitoriosa revolução de 1925 — "TULE", república dentro da República de Panamá. — O Legado do extra-terrestre, a Carta Orgânica — A estada do Dr. Erland Nordenskiöld entre os Cunas — Proibindo dançar samba nas suas ilhas — Seus deuses são ambisexuais — A posição de destaque da mulher — As "molas", suas blusas cobiçadas pelos museus — Nels, videntes com poderes extra-sensoriais — Figura esculpida em granito que dá choques elétricos — Kantulo, um livro de histórias ambulante — O herói Iberogun veio do céu numa prancha de ouro — Morzuba, rito de furar o septo nasal das meninas — Innamutiki, rito da puberdade — Innasuit, enterrando uma jovem por quatro dias — Prelúdio para o casamento — Albinos, filhos da lua — Histórias indígenas. . . . . pág. 13

CHOCO

No impenetrável pântano de Darien. Acidentada viagem de avião sobre o Pacífico — Yaviza — Festa de índios em Naranjal — Tambos ou casas — Deus e os incontáveis espíritos se cobrem de prata e flores — O "arribamia", a alma do feiticeiro morto — Reconquistei sua simpatia ao me saberem artista — Proposta de casamento — O grande feiticeiro Popote — A secular academia de magos. Popote recolhendo minhas pegadas . . . . . pág. 27

GUAYMIS

O cacique "Urraca" venceu inúmeras batalhas após a morte — Huaqueiros, ou ladrões de túmulos — Deixando-se enterrar vivos em companhia do cacique morto — Estrangeiros cometendo crimes arqueológicos — Urraca, o invencível Bocas Del Toro, um dos três domínios desses índios — Respeitam a vida dos Gorkis, Pelicanos — Balseria "Krunkite", esporte pré-colombiano — Um jovem líder de 20.000 guaymis — Tenebrosa subida no pico Hato-Culantro — Hiti Montezuma, meu guia — secular significado da cruz — Casamento entre lactantes — "Taina": a mesma lei que existe entre os esquimós — Garatua, rito da queda de um raio — Remédio contra a calvície — H'ätobu: sua casa é guardada por 50 cobras venenosas — A cobra deitada no meu peito — Achados arqueológicos que inspiraram Picasso. . . . . pág. 41

KATÍOS

Índios que dormem de dia e vivem à noite — Missionárias saem à noite pela floresta cantando e tocando música — Procurando a misteriosa academia pré-colombiana de feiticeiros — Três incursões infrutíferas — Índios hostis — Uma pedra emitindo luz — Saber pintar resolveu meu problema — Passagem subterrânea — Vagando por lugares desconhecidos acompanhada de desconhecidos — Como os índios atravessam o impenetrável pântano de Darien — Situação tensa entre índios e negros — Os bárbaros Santos dos divilizados ameaçam uma índia — Garimpando — A mina de platina — A árvore carnívora — Sapos, lama e genipapo, remédios da selva — Inteligência invulgar dos índios — Não nos deixaram registrar as terras em nome de índios . . . . . pág. 55

GUAJIROS

A tremenda lei do "Pago" — O aviso do Bojo — Penetrando no deserto da justiça — Florestas de cedros frutíferos — A Madre Superiora e os "cawboys" do faroeste — Um estranho piquenique (no cemitério) — Escravas — A dura "Lei do Pago" — casamento e divórcio — Minutos depois. Wrsconot caiu narcotizada — A viciosa quarta esposa — Homenagem aos ídolos Walhalajs — Idolos de ouro com rosto de morcego — Um horripilante réptil subindo na minha rede — Rumo à Serra da Iarara — Que teria dado para estar longe dali! — Confundindo cárie dentária com picada de vermes — A cacique colocou a minha rede perto da morte — Curioso rito de enterro — Já conheciam a acupuntura e aplicavam nossa muitos séculos antes do descobrimento da América — "Lanita", feitiço que protege contra flechada e balas — "Diga a teu pai que dou 250 carneiros, 250 cabritos e 50 cavalos por você." . . . . . pág. 67

MOTILONES

Motilones, cognominados "O Terror dos Brancos" — Jugaram bombas nos índios refugiados — Difícil penetração na Sierra de Perijá — Os cacheiros destroem índios através latas de conservas — O horripilante aspecto dos Motilones — Derrotando entre suas mumias — As duas tribos estavam em guerra — Olfato incomum — Pintas, curiosos arco de acupuntura — Picada de vespas para o recém-nascido. A monogamia fica reservada às mulheres — Ajuche, a flauta fúnebre feita do fêmur do homem branco — Tenebroso rito da morte — "Horas si", a Profecia, ou deusa suprema . . . . . pág. 83

ARUHACOS

Mataram um soldado só com o olhar? — Visitando o "ex-sacerdote" Mame — A cidade sagrada abandonada pelos índios — A morte nos abismos da Sierra Nevada de Santa Maria — De frente do altar — Júlio, o único Aruhaco que se tornou cristão — O fantástico mundo dos seus antepassados, os "Tairones" — Ligou falar comigo — O fantástico mundo dos seus antepassados, os "Tairones" — As máscaras de ouro — A obrigação do Mame de iniciar as virgens — Chunchua, a pirâmide dos mortos — A seis mil metros o rito aos espíritos — Chegando a Donachuhl — Estátuas de homens com cabeça de pássaro — Concepção da criação do mundo — Vossa civilização insana. . . . . pág. 93

TIRIÓS

"Money-pú? Waig-pú" (formalidade: Chegaste? Chegueí) — Belos tipos — Devido os missionários proibirem seus rituais, os índios se tornaram tristes e indolentes — Os padres substituíram seu herói cultural por Jesus Cristo — Temos dificuldade de ensinar o "pudor" aos índios — A rica linguagem do artesanato — A noite uma monstruosa cobra venenosa penetrou numa maloca . . . . . pág 107

WAYANA APALAIS

Só na terceira tentativa conseguimos pousar em Bona — O rio Okomo-Mô-Okomo na aldeia Irawuapa — Viajando pelas estradas líquidas da selva — Festejando meu aniversário marando tucbos-de-pé — Preparando a terceira expedição — Em busca do feiticeiro Mocopó — O que Mocopó contava — Apotoro — Mopó, filho do barro — O índio cego — As araras nos deram uma lição de solidariedade — De repente, o perigo: sarampo — Kanita, a índia maliciosa — Rumo à gruta de 2.000 esqueletos — Aldeia Matauarê — No mais emaranhado da selva — O arco-íris formava um anel — Um tiro dentro da noite — Os perigosos Kriopás — Penetrando na gruta — Na aldeia estavam esperando a visita do deus tuxpexto "Tamu" — Cerâmica — Mel silvestre — A chegada do deus — A visita dos espíritos "Lei'lhu" — Nascimento de um índio — O herói cultural: "o monstro ORUKO" — Na noite com o feiticeiro Jararepo e seus deuses carnívoros — Rumo à aldeia Arioi-Anáis — Como fiquei noiva do poderoso cacique Aparabé — Entre garimpeiros infestados de malária — A decepção dos civilizados ao verem os esqueletos em vez de ouro. . . . . pág. 115

PREFÁCIO

Erich von Däniken, quando, em visita que me fez, examinava os originais de "Réquiem para os Índios".

Felicitas B. Barreto é uma etnóloga sem título acadêmico. Há tempo ela mereceria este título honorário. Sua especialidade são os índios do Brasil e de outras tribos ligadas a estes, como os Cunas, os Chocos, os Guaymis, os Kation, os Guajiros, os Motilones, os Aruhacos, os Tiriós, os Apalais e os Wayanas.

Felicitas é uma dama excepcional. Deve seu destino a um acaso. A jovem Felicitas estava num pequeno avião que foi obrigado a fazer um pouso de emergência entre os índios Taulipangs. Ao pular do avião quebrou um dedo do pé. O feiticeiro da tribo a curou do ferimento e Felicitas ficou sete anos entre os Taulipangs. Na sua volta ao Rio formou-se como enfermeira da Cruz Vermelha e em seguida foi chamada pela FUNAI para a Ilha do Bananal. Os índios de lá já tinham tido contato com a civilização e a sífilis, o sarampo e a tuberculose já faziam parte de suas vidas. Mesmo com toda boa vontade de ajudar, Felicitas preferiu viver com as tribos que ainda não estavam contaminadas com doenças venéreas. Uma curta temporada em Paris lhe trouxe fama num outro plano: apresentou danças brasileiras no teatro de Isadora Duncan e noite após noite recebeu tempestades de aplausos. O convite para ficar na cidade do Sena foi rejeitado por ela, que preferiu retornar às selvas. Quando, em 1971, em Terezina, eu a encontrei pela primeira vez, ela tinha regressado de uma longa estada na floresta. Trazia consigo aquarelas de rara beleza e muito movimento ilustrando a vida dos índios. Sua bagagem estava repleta de anotações e fotografias e, envolta em folhas, trazia até quatro crânios. Ela encontrou esses crânios numa caverna, nas cordilheiras do Tumucumaque, designada com o curioso nome de "Boca da Morte". Nessa caverna devia haver aproximadamente 2.000 crânios; estranhamente não havia ali pernas, nem mãos, nem coluna vertebral, nem mesmo pés ou esqueletos de crianças. As paredes da caverna "Boca da Morte" estariam recobertas com indecifráveis desenhos e inscrições. Todas suas interessantes aventuras e descobertas Felicitas descreve neste livro, transmitindo tradições e lendas de uma maneira colorida e arrebatadora. Este livro faz parte da leitura obrigatória de todos os investigadores sobre índios; é igualmente fascinante e instrutivo para o leigo.

Erich von Däniken. Bonstetten, 26 de julho de 1977.

APRESENTAÇÃO

Em 1959 conheci Felicitas e sobre ela escrevi palavras de entusiasmo e carinho, comemorando a publicação do seu primeiro livro — "Danças do Brasil".

Como expliquei então, tratava-se de uma moça que, como bailarina clássica, teve abertos diante de si os palcos mais ilustres, aqui na América e na Europa, e poderia ter feito uma carreira sensacional nessa arte difícil. Mas parece que esse tipo de êxito não lhe interessava, pois que Felicitas, além da dança, tinha outra paixão no coração: os índios.

Decerto se aproximou deles ao lhes pesquisar as danças, motivos do livro primeiro. E no lhes estudar os bailados, foi convivendo e estimando e se enlevando com a existência que levavam — o ser humano quase que no seu estado natural, em grande parte livre da contaminação civilizada, mantendo tanto quanto possível a pureza dos seus costumes primitivos, tradições, língua, religião e vida familiar.

Em 1959 declarava Felicitas que resolvera abandonar de vez a vida urbana e passar a existir entre os índios. Conhecê-los melhor, participar da sua cultura, quer em extensão, desvendando a existência de tribos mais distantes, quer em profundidade, aprimorando a convivência com as gentes da pele vermelha, na sua intimidade cotidiana. Reproduzo aqui as declarações que ela me fizera:

"Quer ser uma espécie de missionária leiga — porém uma missionária diferente. Nada pretende ensinar aos índios, de modo nenhum deseja arrancá-los aos seus costumes e tradições. Tem por eles um carinho, um respeito que — declara — cada vez cresce mais à medida que os compara com esta triste gente deformada e degenerada pela máquina e pelo dinheiro. O que ela quer é servir os seus amigos índios: ser como um traço-de-união entre eles e os civilizados que os procuram; defendê-los contra os que levam má tenção nesses contactos, aproveitar-lhes as aptidões artísticas, encaminhá-las talvez numa direção mais regular."

Pois, diferente do comum dos sonhadores, que se comprazem com os seus projetos, e nos projetos ficam — Felicitas falou e cumpriu. Estes quase trinta anos viveu-os no meio dos índios, enfrentando incríveis aventuras e demonstrando uma fibra, uma valentia, que a gente nem sabe como se aninha naquele pequeno corpo delgado — mas aparentemente invencível.

A narrativa dessas aventuras é o objetivo do presente livro, que significativamente se intitula "Requiem para os Índios". Desta vez suas viagens se alongaram do Brasil afora, penetraram pela Colômbia, entraram na América Central. Três nações índias do Panamá, quatro da Colômbia e mais três do Brasil são as tribos com que Felicitas entrou em contacto, que visitou, conviveu, observou; alguns hostis, outros amigos, alguns em plena idade da pedra, outros com cultura multíssimo mais sofisticada, embora decadente, que a dos nossos rudes silvícolas brasileiros; mas todos merecedores sempre do seu interesse apaixonado, do seu respeito e da sua compreensão.

Como diz ela própria, Felicitas não é uma erudita, uma antropóloga profissional; é apenas uma viajante insaciável e curiosa, pertencente àquela família de vira-mundos cuja linhagem se abriu com Marco Polo; e, não sendo cientista, tem a vantagem de não se deixar desviar por teorias e preconceitos culturais. Com a sua fina inteligência, sua capacidade de observação sempre alerta, seu fundo senso de justiça e verdade e o seu profundo amor pela criatura humana (por mais primitiva e degradada que se veja), nos fornece um documentário precioso nestas páginas onde nos conta o que viu e adivinhou. A grandeza e a decadência dessa raça de homens que já dominou o continente americano e cujos remanescentes, vegetando em reservas ilhadas pela civilização invasora, acossados na mata virgem, e que só num caso — nação dos Cunas — conseguiram se libertar da tutela dos brancos, formando uma república independente dentro da República do Panamá.

"Réquiem para os Índios" é livro rico em documentação, em testemunho direto. Merece ser lido com interesse, porque é um gênero raro, e mais raro vai sendo cada dia, pois as Felicitas deste mundo são muito poucas. E aliás raros vão ficando também os próprios índios, fadados a perder no mínimo a sua identidade social a cada quilômetro que pelas suas terras avançam as rodovias, as cercas de arame, a agricultura e a pecuária, a indústria, o comércio — a civilização.

Sim, é importante ler o livro de Felicitas. Saber como é o que ainda resta do mundo dos primeiros americanos, enquanto ele não se acaba de vez.

RACHEL DE QUEIROZ

CUNAS

O Istmo de Darien não foi sempre essa terrível e impenetrável selva com pântanos que obrigam os carros que vêm pela Pan American Highway, rodovia que liga as Américas, desde o Alasca à Patagônia a interromperem sua viagem por mar, do Panamá até a Colômbia.

Por volta de 1500, essas mesmas selvas eram terras cultivadas. Conta que nessa época, quando Balboa visitou Comogre, um dos 16 poderosos caciques que ali dominavam, com seu milhão de habitantes, ficou maravilhado com o que viu.

Per Host, no seu livro "Children of the Jungle" descreve o esplendor da casa de Comogre.

"A casa do chefe ficava numa elevação de terreno rodeada de magnífico parque onde havia palmeiras formando alamedas que corriam em linha reta por muitas milhas." A casa é descrita por um cronista da época como o maior e o mais fino dos edifícios de madeira que os espanhóis jamais viram. Era toda feita de mogno ricamente trabalhado e fortemente construída. Segundo aquele cronista, media 80 metros de frente por 50 metros de fundos, com 30 metros de altura. Tinha vários andares. Suas salas eram ornamentadas com tapeçarias e com enfeites de ouro. O orgulho do chefe Comogre era o salão. Quando Balboa pisou o sagrão, Comogre apresentou-o a todos os seus antepassados, que ali jaziam embalsamados, de acordo com todas as regras da arte, envoltos em telas de algodão bordadas e drapeadas artisticamente com pérolas e ouro, e estavam sentados em longas filas contra a parede.

Depois que Balboa fez a volta do sagrão, acompanhado pelo chefe e cumprimentando cada uma das múmias, foi que abordou o motivo de sua visita.

Havia trazido uma enorme quantidade de contas, brilhantes cachimbos de latão e outros objetos, que estava disposto a trocar por ouro.

Comogre, então, deu uma ordem a um de seus ajudantes e, imediatamente, uma longa fila de escravos entrou no sagrão depositando cestas e bacias cheias de estatuetas de ouro, pérolas e pedras preciosas. Balboa foi informado pelo intérprete de que poderia ficar com suas mercadorias. Comogre não barganharia com um hóspede em sua própria casa. O chefe branco poderia servir-se à vontade. Receberia tudo de presente."

Esses índios impressionam não somente pelo que eram, mas pelo que ainda são, malgrado os assaltos dos bucaneiros dos quais eles eram as vítimas prediletas. Desde 1498 que eles sofrem, pois até o próprio Colombo vendeu seiscentos deles como escravos à Espanha.

Juan Batista Antonelli molestou-os em 1591; Francis Drake, em 1596; Capitão William Parker, em 1600; o pirata Henry Morgan, em 1668; mas o maior responsável pelo ódio que os índios nutrem até hoje pela raça branca foi o espanhol Pedrarias, culpado pela morte e escravidão de mais de um milhão de índios Cunas

Hoje em dia vivem ao longo dos rios Bayan, Tuira e Chucunaque e nas aproximadamente 400 ilhas de San Blas, formando uma pequena república dentro do Panamá, criada após violenta revolta, provocada pelo desrespeito às mulheres indígenas por parte da Guarda militar instalada nas ilhas.

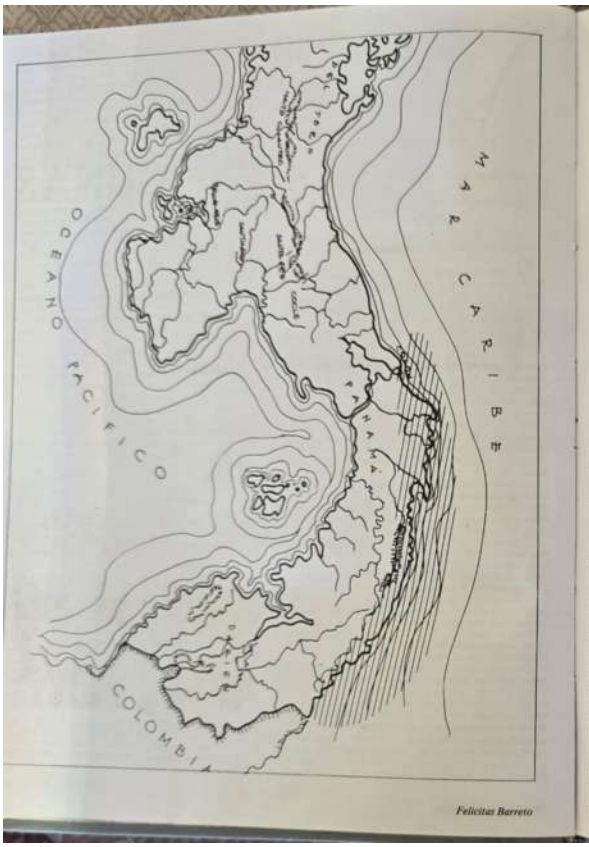
Inicialmente os índios queriam atacar a Ilha Tupile. Notaram, porém, que a Ilha do Playon Chico era mais própria, porque sua Guarda havia se recolhido mais cedo a seus quartéis.

De noite, na véspera do carnaval, em 21 de fevereiro de 1925, de todas as direções chegaram 100 pequenos caíques (canoas) a vela. Eram comandadas pelo jovem líder Olotebilikina, que hoje em dia é o segundo cacique entre os três da comarca. Olotebilikina correu ao quartel, bateu nas portas e gritou aos soldados que inúmeras canoas estavam se aproximando. Os soldados, tontos de sono, abandonaram o quartel para impedir a abordagem. Enquanto isso, o astuto Olotebilikina deu ordem aos seus para atacarem. Mais de 200 soldados foram massacrados na refrega.

Os índios içaram a sua bandeira, tendo no centro uma cruz suástica, símbolo de sua independência, e proclamaram, então, a República de Tule.

O nome de Tule lembra o famoso e temido centro de magia (provavelmente na atual Islândia, no Mar do Norte), até hoje fonte inesgotável de pesquisa por eminentes estudiosos desse assunto.

← *Os enfeites das índias: enormes brincos (que, de tão grandes precisam ser amarrados à orelha), pesados colares e o brinco para o nariz. Tudo de ouro.*



Felicitas Barreto

Bandeira da República de Tule, onde já se incluía, antes da descoberta da América, a suástica.

Somente em 3 de março de 1925 o governo panamenho conseguiu apaziguar a tribo, que se tornou um caso "sui generis" na história dos povos.

Os Cunas aceitaram a cidadania panamenha em troca de respeito daquele governo pelas suas próprias leis, usos e costumes.

Em 1930, pelo artigo da Lei 59, o governo panamenho decretou que as terras desde o Rio Carti até o Golfo do San Blas e Ibessip Yale, e todas as ilhas de San Blas fossem consideradas Reservas Indígenas.

Daí por diante o governo panamenho, na Ilha de El Porvenir, a mais afastada da comarca Cuna, porém a mais próxima da cidade de Colón, no continente, instalou a residência de um representante do governo para que os Cunas pudessem encaminhar seus pedidos e queixas por seu intermédio ao Presidente da República.

Assim que o representante se instalou, os índios abandonaram essa ilha, deixando o representante num autêntico exílio e declararam que nenhum branco poderia pernoitar em seus territórios restantes, nem mesmo o Presidente da República.

É surpreendente como esses índios de aparência frágil e pequena estatura, espalhados por tantas ilhas, sofrendo a pressão invasora durante quatro séculos, conseguiram defender sua independência espiritual, física e material com tanta clareza e inteligência.

Eles mantêm uma organização democrática paternal, que obedece às leis da sabia Carta Orgânica elaborada pelo misterioso herói cultural Ibeorgun, que chegou num disco voador de ouro há 800 anos. A aparição de um disco voador com seu tripulante extraterrestre está documentada nos livros do Padre Manuel Maria Puig "Los Indios Cunas de San Blas", página 87, no livro do médico Dr. José Manuel Reverte "Rio Bayano", página 88, e nos livros do famoso etnólogo sueco Erland Nordenskiold "Histórica e Etnológica Sobrevivência dos Índios Cunas" e "Fazedor de Milagres e Videntes entre os Índios Cunas". Nas minhas estadas entre eles eu mesma ouvia a tradição contada pelo grande chefe dos Índios Cunas, o Kantulo Ruben Perez, o mesmo que fora levado pelo etnólogo Nordenskiold para a Suécia a fim de colaborar em suas investigações sobre esta interessante tribo. Este Kantulo me contou detalhadamente o seguinte: Há aproximadamente 800 anos (300 antes da descoberta da América, portanto, não sofre nenhuma influência ou sugestão dos conquistadores), surgiu no ofu uma prancha de ouro que pousou nas margens do Rio Yeye, da qual saiu um jovem "Ibeorgun". Ele conviveu entre eles durante 50 anos, quando lhes ensinou ritos, moral, costumes e uma curiosa escrita ideográfica, para a qual usavam papel vegetal ou pequenas tábuas de madeira. Esta escrita é praticada ainda hoje: eu as vi e me explicaram que a leitura começa pela parte inferior, da direita para a esquerda; na segunda linha continua da esquerda para a direita, e assim por diante em ziguezague, de maneira que a vista não precisa saltar de uma extremidade para a outra, mas seguir, simplesmente, do extremo da linha para a superior. Nesta escrita, as cores têm profundo significado gramatical: eles usam verde, azul, amarelo, preto e vermelho. Nos ritos legados por Ibeorgun entravam banhos e lavagens, como antes e depois da comida se lava as mãos e a boca. Ensinou-lhes cálculos matemáticos, conhecimentos de plantas medicinais e métodos para desenvolver clarividência e premonição. Toda essa avançada cultura, transmitida por um tripulante de um disco voador, tem algo de insólito e muito misterioso. Outra coisa que me foi dado ver foi a "Carta Orgânica" deixada pelo herói cultural e consiste de 46 artigos, alguns com vários parágrafos, regulamentando a vida comunitária. Como exemplo cito o artigo 44: "É proibida a exploração do homem pelo homem e não se admite a existência de nenhum privilégio, pois cada um deve produzir para satisfazer as suas necessidades e as de seus familiares." A comunidade é dirigida por três Sahilas (caciques) principais, que presidem os congressos e são assessorados por Sahilas e Arganganos locais.

Os três Sahilas, um chefe e dois subchefes, sob o comando do primeiro, dirigem toda a tribo espalhada em aproximadamente 400 ilhas e na reserva do continente.

O LIVRO DE HISTÓRIAS AMBULANTE — O vistoso chapéu enfeitado de penas identifica o Kantule — o homem que, depois de estudar às vezes até mais de vinte anos a história de seu povo, está apto a transmitir a todos os seus vastos conhecimentos.

O Sahlã local, que dirige sua comarca, é eleito pelos seus habitantes. Cada Sahlã tem como ajudante um Vice-Sahlã ou Sahlã-Bipe, ou ainda Abarguinte, como é comumente chamado.

Os Arganganos, que cada ilha tem de seis a quinze, são os intérpretes das sábias palavras do Sahlã.

O Suar Nikati é uma especie de fiscal, encarregado de ver se tudo corre bem na ilha e de zelar para que ninguém falte às reuniões do congresso, inclusive as mulheres. Essas reuniões são realizadas duas vezes por semana na Casa do Congresso (Onmaket Nega) que é sempre a maior construção de cada ilha.

Ali se discutem desde os problemas políticos até os mais íntimos da família. As decisões são tomadas através de votos e obedecidas sem relutância.

O Uruete é o encarregado de ver se as ordens e punições foram executadas. Vi, por exemplo, um jovem que brigaram numa festa. A punição foi varrer a ilha.

Os Barsirias, em número de trinta a cinqüenta, servem para atender aos visitantes das ilhas e para controlar o comportamento, a fim de evitar abusos.

O Argala, conselheiro e remediador, também chamado Vizeiro, transmite as notícias oralmente.

Os cargos públicos são honoríficos, sem recompensa monetária e são vitalícios.

***

As terras da reserva do continente e das ilhas são consideradas patrimônio da comunidade.

As ilhas não habitadas são plantadas com coqueiros, cuja exploração é autorizada pelo Cacique a determinada família, por um curto período. Acabado este período, a família seguinte recebe a plantação no melhor estado de conservação e, assim, consecutivamente. Isso demonstra o alto sentido de solidariedade dessa tribo.

Os barcos são propriedade de todos e tripulados somente pelos índios. Assim, os caciques podem controlar todo o intercâmbio com o continente, impedindo a exploração por parte dos brancos, ao mesmo tempo que têm controle sobre a entrada de turistas (com quem comerciam) e de bebidas alcoólicas, proibidas nas ilhas.

A vida espiritual e cultural dos Cunas é dirigida pelos Neles, sucessores do herói cultural Iborgun. Para ser um Nele, deve-se nascer em circunstâncias excepcionais (tendo o rosto coberto por uma membrana).

Para desenvolver o dom, os Neles se expõem a longas abstinências alimentares, sexuais e a flagrações, levando o seu organismo a uma hipersensibilidade tal que conseguem se comunicar com a alma da natureza (purba). Além disso, os Neles usam uma "Pedra Magnética", ou "Pedra Viva", através da qual podem diagnosticar à distância a doença do enfermo que a segurou em suas mãos. P.H. Fawcett recebeu uma pedra dessas de Sir H. Rider Haggard, e qual a ganhara de um chefe indígena do Brasil.

Essa espantosa pedra em forma de estatueta, com inscrições, transmite, a quem a segurar, choques elétricos tão fortes que muitas pessoas têm sido obrigadas a largá-la.

P.H. Fawcett, intrigado com o fenômeno, levou-a a o Museu Britânico, cujos cientistas a devolveram com a seguinte argumentação: "Se não se trata de um truque, o fenômeno está além de nossos conhecimentos."

Abaixo dos Neles, em hierarquia, vêm os Kantules, profundos conhecedores e preservadores das tradições culturais dos Cunas. O Kantule é o único da tribo cujo traje se distingue dos outros: traz sempre um grande chapéu de palha de abas largas com o centro da copa aberto, ornamentado em torno com penas coloridas.

A terceira figura é o Absorgueti, um misto de mago e sacerdote.

NUCHOS são estátuas esculpidas em madeira e pintadas, nas quais o feiticeiro sopra um pedaço de sua alma. São feitas para combater perigos, principalmente as epidemias.

Em épocas de epidemias ou outros flagelos, os Absorgetis, Neles e Inatuledis, bem como todos os homens disponíveis da tribo, reúnem-se na Casa do Congresso, onde ficam durante seis dias em abstinência e orações. Durante esse tempo esculpem em madeira os "Nuches" representando homens em todos os tamanhos e depois o Absorgueti, soprando, transmite-lhes uma alma. Dos Nuches deverá sair a alma que atacará o mal que castiga a tribo. Durante este tempo é proibido às mulheres deixarem as suas casas, a não ser em casos de extrema necessidade. Em agosto de 1961 visitei a Casa do Congresso na Ilha Ustupo e lá estavam mais de cinqüenta dessas esculturas rachadas, o que demonstra que as suas almas já haviam saído.

Diz a tradição que, uma vez chamada a vida, os Nuches colocam chapéus de ouro para ir à cidade onde habita o espírito do mal. Antes de entrarem na casa, os Nuches combinam entre si a tática para vencerem o espírito do mal.

Ao chegar, fui surpreendida com a visita de uma comissão que veio me convidar para visitar suas ilhas e sua gente.

Quando entram, trocam cumprimentos. Então, o espírito do mal lhes oferece uma cadeira, que os Nuches recusam, com a desculpa de que "Deus não lhes deu a sola", por isso lhes é impossível sentar. Mas procedem dessa maneira por saberem que a cadeira está cheia de poderes. Em seguida propõem uma brincadeira: "Vamos trocar os nossos chapéus?" perguntam. Essa brincadeira é logo aceita pelo espírito do mal. Mas, ao colocar o pesado chapéu de ouro sobre sua cabeça, cai ao chão. É nesse momento que os outros Nuches levantam seus chapéus para deixarem escapar fumaça. Meio asfixiado, o espírito do mal, que até agora havia negado ter roubado a saúde da tribo, suplica que suspendam a fumaça. Enquanto isso os Nuches procuram as almas raptadas e levam-nas até a tribo enferma, dizendo-lhes: "Retornem aos seus corpos." Concluído esse trabalho, o Absorgueti dispensa os Nuches.

***

As concepções religiosas são estranhas aos nossos critérios. Para dar um exemplo, cito a resposta de Montezuma, rei dos Astecas, dada ao conquistador Cortez quando este tentava converter Montezuma à sua religião, comparando os sangrentos holocaustos humanos com o simples sacrifício da missa católica. Montezuma contestou que achava menos horrível sacrificar seres humanos do que devorar a carne e o sangue do seu próprio Deus.

Apesar da tentativa de catequeses, ainda existem tribos cuja concepção é a de "Deus — Princípio Universal"; o seu deus está tão distante deles como uma célula do nosso corpo está distante da nossa consciência embora faça parte do mesmo ser.

Este Deus único não os obriga a reconhecer a sua existência, não exige rituais nem sacrifícios e não os castiga.

Sua obrigação religiosa se resume em distinguir o bem do mal, não causar danos a nenhum ser vivo, tampouco às plantas, pois as plantas também foram criadas e cada uma tem a sua peculiaridade e alma individual. Assim compreende-se porque os feiticeiros herboristas indagam às plantas sobre a sua serventia.

O seu Deus são dois seres em um só, são ambissexuais; a parte masculina é chamada de Tummati; a parte feminina, Ohototilisubi, que criou tudo o que existe de material no universo. Seu filho, o sol Ipelele ou Olonaipipilele é — como, aliás, quase todas as divindades indígenas — ambissexual.

A história de Deus é contada numa lenda indígena:

Deus não queria ficar só e pensou em fazer uma mulher para si. Não podendo fazê-la de suas mãos, o que lhe parecia muito grosseiro, nem de seus pés, pois teria a impressão de lhe estar dando pontapés, resolveu fazê-la do seu coração.

Pôs o coração, o fígado, os pulmões, os rins etc. dentro de panos brancos e os colocou dentro de caixas, que levou a quatro casas vazias onde as guardou. Em seguida, recostou-se na cama, esperando a chegada da mulher que criou. Às doze horas da noite, alguém, chorando, disse: Onde está meu pai?

Durante quatro dias Deus ouviu as mesmas palavras. No quarto dia, saiu do seu ventre uma menina chorando, que perguntava: Onde está meu pai? Deus respondeu: "Aqui estou". Então ela se deitou com Deus na cama e ele disse: "Minha querida filha, minha mulher, você é meu próprio coração, parte de mim mesmo." E chamou-a "Ototolilisubi" — mãe de tudo e de todos dentro da natureza.

***

Na minha chegada ao Panamá, não conhecendo ninguém, assombrou-me o fato de, tão logo cheguei ao hotel, virem avisar-me de que algumas pessoas desejavam falar comigo. Desci e lá estavam dois caciques dos Cunas em companhia de seus dignitários que vieram para me convidar a conviver entre os seus o tempo necessário para assistir às suas tradições e documentar todas elas.

O que me assombrou foi o fato de eles saberem da minha chegada antes que os jornais a noticiassem. Além disso, nestas suas ilhas afastadas no Mar do Caribe, nunca chega jornais.

Os jornais do Panamá de 8 de agosto de 1961 mal podiam acreditar nesse convite, pois muitos anos antes o famoso etnólogo sueco Erland Nordenskiold visitara as ilhas. Porém, não lhe fora permitido assistir aos seus ritos e cultos noturnos, e documentá-los, por ser proibida a permanência de brancos nas suas ilhas após o pôr-do-sol.

Agora, estando iminente o desaparecimento de suas tradições, devido às infiltrações dos costumes modernos, convidaram-me para documentá-las, salvando-as do esquecimento.

Naquela ocasião Nordenskiold, após seis meses de permanência em seu lote entre as ilhas de San Blas, regressou à Suécia e levou em sua companhia Perez Kantule, a fim de colaborar com ele na edição do seu valiosíssimo livro, editado em Goetteborg, em 1938 — "A Historical and Ethnological Survey of the Cuna Indians".

O mesmo Perez Kantule estava agora diante de mim, fazendo parte da comitiva, assim como seu filho Rubens Perez Kantule Jr., que foi indicado pelos caciques para ser o meu intérprete e cicerone durante a minha estada entre eles.

Quando a comitiva dos caciques se despediu, ficou combinado o dia em que eles aguardariam a minha chegada à Ilha Narganá, a segunda ilha depois de Porvenir. Sabia que iria assistir a ritos que jamais tinham sido vistos por algum branco.

O Departamento de Turismo do Panamá, ao saber do convite feito pelos caciques Cunas, ofereceram-me o transporte de avião para a Ilha de Narganá.

***

O panorama visto do avião era verdadeira festa para os olhos de qualquer ser humano, por mais indiferente que fosse. O mar, de um azul transparente; no fundo, lindos peixes reconhecem-se aos recifes de corais; e bandos de pelicanos voavam ou deixavam-se embalar pelo doce balanço das ondas. Ilhas cor de ouro com os penachos verdes dos coqueiros. À sua volta a cor do mar passava do azul ao verde-piscina luminoso. As ilhas pareciam pequenas jóias engastadas num cintilante véu azul.

Finalmente pousamos no pequeno aeroporto de Narganá, onde Rubens Perez Kantule, pai e filho, estavam me esperando. Rubens Kantule ficou sempre ao meu lado e chamava a minha atenção para detalhes de sentido tão profundo que me teriam passado despercebidos. Devo dizer que o meu cicerone é um homem muito culto, fala e escreve espanhol com perfeição.

Viajamos durante meses entre as quatrocentas ilhas. Em cada ilha em que eu chegava já estava sendo esperada. Quando me viam, exclamavam: "Anchu, Anchu, dança para nós." A notícia de que eu dançava lá sempre à minha frente.

Anchu era o nome que me fora dado pelos índios, que sempre usam dois nomes para cada pessoa: um profano, quando entram em contato com os brancos, e um que tem poder mágico, usado só na tribo. A mim me deram o nome de Anchu, que significa sereia do mar — o que muito me agradou.

"Anchu, dança para nós." Lá ia eu e dançava meu repertório de danças folclóricas ao ritmo de maracás tocados pelo meu guia Rubens Perez Kantule Jr.; que ria com os comentários que ouvia, até que um dia um índio reprovou-me severamente, dizendo que as minhas danças eram anti-estéticas e eróticas e que com aquele rebolado eu estava ferindo a pureza de suas mulheres. Dei-lhe razão e procurei, daí em diante, ser mais severa nas minhas atitudes para não ferir mais a sua ética.

São as mulheres que administram o dinheiro: os maridos aplaudem seus gastos em jóias de ouro.

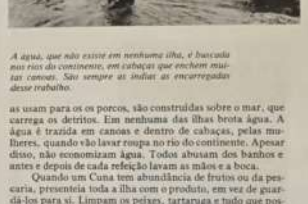
Vista aérea de uma das paradisíacas ilhas da nação cuna.

***

As casas compõem-se de uma única sala grande, de uns dez metros de largura, até uns quarenta metros de comprimento. As paredes são de bambu que lhes dão um bom arejamento. O teto é feito de várias camadas de palha, para dar mais resistência e isolar dos raios solares. Não têm janelas, mas têm duas portas, uma de frente para a rua e outra nos fundos que dá para a casa menor, onde se localizam a cozinha e o refeitório.

À noite a numerosa família alinha suas redes na sala, onde umas vinte pessoas, entre algazarras, anedotas e comentários, pegam no sono.

Todas as ilhas são de uma limpeza indescritível. Basta dizer que apesar de todo o amor que eles sentem pelos animais domésticos, não os têm nas ilhas para evitar sujeira. Raramente, e quando muito, têm um porco, o qual encerram numa casinha suspensa sobre o mar. Têm casinhas especiais onde fazem suas necessidades e, tal como



A água, que não existe em nenhuma ilha, é buscada nos rios do continente, em cabaças que enchem muitas canoas. São sempre as índias as encarregadas desse trabalho.

as usam para os os porcos, são construídas sobre o mar, que carrega os detritos. Em nenhuma das ilhas brota água. A água é trazida em canoas e dentro de cabaças, pelas mulheres, quando vão lavar roupa no rio do continente. Apesar disso, não economizam água. Todos abusam dos banhos e antes e depois de cada refeição lavam as mãos e a boca.

Quando um Cuna tem abundância de frutos ou da pescaria, presenteia toda a ilha com o produto, em vez de guardá-los para si. Limpam os peixes, tartaruga e tudo que possa sujar a ilha em ilhotas afastadas.

***

A mulher tem posição de destaque na vida social e cultural dos Cunas. Ela deve assistir a todas as reuniões na Casa do Congresso, onde seu parecer é acatado. Ela pode ter uma das mais privilegiadas posições na tribo, e de Nele, que em forma feminina chama-se Nelegua.

O ofício de parteira só pode ser executado por mulheres, dando-se preferência às de idade avançada, devido ao pudor das mulheres Cunas.

As mais de 400 ilhas dos cunas — superpovoadas e sem água — são de uma limpeza impressionante.

Para as futuras mães existe uma casa à parte, para onde se retiram a fim de evitar que as crianças assistam ao parto. É contrário à sua moral conversarem sobre sexo na presença de crianças, mesmo uma simples alusão. E se alguém o faz, é tremendamente reprovado. Para eles, também a mentira é a maior baixeza. É repudiada com asco.

A vida nas ilhas gira em volta das mulheres, que, com seus trajes coloridos, de longe parecem gigantescas flores.

Antigamente a tribo pintava seus corpos com motivos copiados dos corais. Usavam, e ainda usam, placas de ouro nas orelhas do tamanho de um pires, colares de chapa de ouro que pendem até a cintura. Os homems cobriam o sexo com chapas de ouro em forma de caramujo. Hoje as mulheres, em vez de pintarem a pele, costuram suas afamadas blusas ou "molas", que são uma criação altamente artística. Estas "molas" são procuradas pelos museus e turistas, que as compram pelo mesmo preço nas 400 ilhas. Nota-se, portanto, a perfeita integração deste grupo etnológico. São as mulheres que lidam com o dinheiro e o gastam largamente.

O mimo e a admiração de que são alvo essas mulheres fazem com que elas tenham um grande e encantador desembaraço e natural exuberância. A veneração dos índios Cunas pelas suas mulheres é tão grande que causaria inveja a qualquer mulher civilizada.

As índias são orgulhosas da sua cultura. Mesmo sabendo bem o espanhol se recusam a falar nesse idioma com os estrangeiros e dizem, orgulhosas: "Que eles aprendam a nossa língua se querem falar conosco."

Na herança dos bens deixados por seu marido, a mulher Cuna não toma parte. Esses passam diretamente aos filhos. Ela apenas poderá herdar do seu próprio pai.

***

Os índios Cunas se distinguem pela sua tenaz luta por conservar a integridade da sua raça, da língua e dos costumes, a tal ponto que casamentos com elementos fora da tribo são repudiados e o casal vê-se obrigado a abandonar seu *habitat* e instalar-se em outros locais do continente. As crianças frutos de amor ilícito com brancos são eliminadas ao nascer.

As mulheres são segundas à roça. Depois são casadas — Suá-Niguerti —, a mulher só pode usar o cabelo cortado bem curto.

A mulher casada é chamada de Suá-Niguerti e o homem, de Omo-Niguerti.

Os Cunas são rigorosamente monógamos. A escolha dos noivos é feita entre os pais dos futuros nubentes. Aí vem a parte cômica do fato: o jovem escolhido é agarrado e, às vezes, o trazem carregado para a casa de sua futura esposa. Muitas vezes foge no meio do caminho e há uma correria atrás do fujão. Ele não faz isto por não estar de acordo, mas por timidez.

Quando chega à casa do sogro é colocado numa rede tal como está e a jovem deita-se ao lado do noivo, ocultando o rosto com um xale. Então os familiares trazem brasas, que colocam por baixo da rede, balançando-a suavemente. Passados alguns minutos, os dois se levantam para banhar-se separadamente. Se o rapaz deixa a casa sem tomar banho, significa que não aceita a noiva. Em caso contrário, ele repete as visitas durante 5 dias consecutivos. No quinto dia, fica com sua noiva a noite inteira, sem tocá-la e sob a vigilância da futura sogra.

No dia seguinte o jovem vai com o futuro sogro ao monte do continente e lá corta de vinte a cinquenta árvores. Isso é feito para demonstrar ao futuro sogro que ele é capaz de sustentar sua noiva. Feito isso, leva quatro árvores para a casa dela, que já está à sua espera para oferecer-lhe *chicha*. Em seguida ele volta para a casa de seus pais e a moça vai à sua procura e pede a roupa suja do seu futuro esposo. Os pais do rapaz recebem-na cordialmente, dando-lhe presentes.

Com os presentes, a roupa suja e os pertences do rapaz ela regressa à casa de seus pais. Assim, o casamento está realizado. Daí por diante o rapaz viverá com os pais de sua mulher e trabalhará para eles.

Os Cunas consideram filhos do sexo feminino presentes dos deuses, pois, ao casarem-se, as mulheres enriquecem suas famílias com o trabalho do marido.

É uma comunidade em que os velhos não são marginalizados.

Preocupam-se em dar-lhes trabalhos leves para que eles não se sintam inúteis; fiscalizam os preços da venda de copra e dos pescados.

Os três ritos mais importantes que Iboorgun deixou à tribo são dedicados à mulher.

O primeiro é a Marsuba, na qual o pai da menina recém-nascida constrói dentro da sua casa uma casa menor, a Surba. Em seguida, convida os parentes e prepara a bebida típica para a festa, a *chicha*.

O rito começa da seguinte maneira: entram quatro homens dentro da Surba: o Kantule — chefe de cerimônia, o pai da recém-nascida, o assistente do chefe de cerimônia e o defumador, enquanto os convidados e a babá ficam do lado de fora. A um sinal, a babá se aproxima em passos lentos de dança, trazendo nos braços a criancinha. Entrega a ao Kantule, e este lhe perfura o septo nasal, onde mais tarde se coloca uma argola de ouro. Findo isso, a babá volta carregando a criança, no mesmo passo de dança, até a rede. Os convidados desfilam diante da menina, entregando carinhosamente seus presentes: bonecas, leques e "molas".

Ao ver esse ritual, tive a impressão de que os passos de dança da ama expressam o desejo geral de que o caminho da vida da menina seja leve e alegre.

Passeando em companhia de meu cicerone por uma das ilhas vi um belíssimo quadro: um grupo de mocinhas que dançavam e cantavam alegremente, carregavam água do mar em cabaças e despejavam-na dentro de uma velha canoa abandonada sobre duas forquilhas, encostada ao muro de uma casa. Rubens Perez me explicou que eu estava assistindo ao segundo importante ritual da mulher Cuna — o Innanutiki.

Quando uma menina sente os primeiros sintomas da puberdade, avisa sua mãe, esta conta ao marido a boa nova, e este, por sua vez, em primeiro lugar, ao chefe da ilha e depois a toda comunidade.

Todas as índias usam o mesmo traje, inclusive as crianças. E uma roupagem tradicional, riquíssima na qualidade de sua confecção, nos seus desenhos e no seu colorido.

Felicitas Barreto

Um grupo de homens é destacado para acompanhar o pai da moça ao continente, onde cortam árvores, cipós e folhas para construir dentro da casa do pai uma pequena casa de ritual (Surba), na qual ficará a mocinha durante quatro dias, só podendo sair rapidamente à noite, carregada nos ombros dos índios; ou então estes atapetam seu caminho de flores para que seu pés não toquem o chão.

Durante esses dias, duas amiguinhas, enfeitadas com rêdes mágicas, enchem a canoa de água e encostam-na à Surba, para que uma velha da tribo a despeje sobre a cabeça da mocinha, de forma a escorrer pelo seu corpo e retornar ao mar, através de um sulco feito na terra. Pelos meus cálculos, a jovem teria que tomar doses banhos por dia.

Ao entardecer, os banhos são suspensos até o dia seguinte. Vestem a menina, e a velha coloca duas redes na Surba e fica o tempo todo ao lado da mocinha.

Foi-me permitido entrar na Surba a fim de documentar essa tradição. Lá estava, sua e de pé, uma mocinha de aproximadamente 11 anos, tiritando de frio em consequência dos banhos. O seu regime alimentar, nesses dias, é apenas de cozidos de bananas.

Ao deixar a casa, uma bala sibilou perto de mim. Indaguei do meu guia e ele me explicou que não era nada contra mim, mas o aviso aos habitantes da ilha para que, recolhendo-se às suas casas, não viesem a chegada dos índios que horas antes tinham ido, a pedido do pai da mocinha, buscar o jenipapo, seb cantos e danças mágicas. Se fossem vistos pelos demais, o futuro filho da menina nasceria estigmatizado.

Ao fim dos dias de recolhimento, a ama ou guardiã recebe o jenipapo dos índios, juntamente com um braseiro. Com isso prepara uma loção que passa na menina, da cabeça aos pés, para fechar seu corpo contra todos os males. Em seguida, corta-lhe a ponta dos cabelos e a cobre com lindas vestes e ricas jóias.

Assim, a menina recebe e aparece aos seus convidados, ladeada por duas mulheres idosas da tribo. Ambas trazem duas cabaças, uma com água e outra com *chicha*.

A seguir, primeiramente o pai, depois o Kantule — que carrega um bastão de ouro — e os convidados bochecham a água e bebem a *chicha*. Quando o Kantule executa "Pate, pate", todos correm para o mar e entram nele vestidos como estão. Quando regressam, encontram a menina sentada dentro de um tabique de bamba, ladeada por duas sias. Só se pode ver seus olhos e mãos através de uma pequena abertura, por onde ela oferece copinhos com *chicha*.

A festa termina com danças ao som de flautas e a alegria é geral. Depois dessa cerimônia a menina é considerada uma senhorita. Ficam-lhe proibidos os risos espalhafatosos e ela aparecerá em público com o perfil marcado por um risco preto e impecavelmente vestida e pintada. Comportar-se-á com recato, pois o ideal para uma boa esposa é não ser coquete e ter pudor.

Innasuit é a cerimônia que se realiza 2 a 4 anos após o rito Imamuriki, em que a jovem é enterrada viva. Assisti a esse ritual em agosto de 1961, na ilha do Ustupo. A cerimônia dura de 4 a 5 dias e desenrola-se em quatro casas diferentes, uma distante da outra.

A água, além de seu consumo normal, é empregada também em determinados rituais — como é o caso, por exemplo, dos banhos da mocinha ao se tornar púbere. Nesse caso, a coleta de água é feita em cerimônia especial pelas mulheres da tribo.

A festa da filha vital já na cabana construída especialmente para o rito Innasuit, à espera de iniciar as cerimônias, quando será enterrada até o busto.

A mulher Cuna não poderá casar-se sem ter passado pelo ritual do Innasuit. Todos os habitantes da ilha são obrigados a tomar parte no ritual. Quando a ilha é muito grande e populosa, como a de Alagadiln, que tem mais de 2.000 habitantes, os índios colaboram com o pai, caçando, defumando peixes e caças e trazendo lenha para a enorme cozinha. Preparam grandes e numerosos potes de barro, de um metro de altura, cheios de chicha, cachimbos de barro, potes de tintas de jenipapo e urucum, potes para queimar caroços de cacau e enormes panelas de barro para cozinhar as iguarias.

Depois de tudo meticulosamente organizado, o pai da mocinha vai à casa do Kantule para comunicar-lhe que tudo está pronto para o ritual. Então o Kantule indica a data da festa e escolhe sua comitiva, composta de seis homens que o acompanham nas cerimônias. O séquito feminino é composto de seis mulheres, que acompanham o Kantule até o lar dos feiticeiros.

A festa começa com um tiro no ar.

O significado do ritual é que tanto a mocinha como todos os habitantes da aldeia embarcam numa grande canoa, e nela navegam até a quarta camada interior da terra. De lá, partem para o espaço sideral, de onde regressam ao quarto e último dia da cerimônia, quando o Kantule, com poderosos cantos mágicos, os traz de volta.

A primeira casa representa a canoa e nela se desenrolam os principais ritos.

Na segunda casa fica a menina dentro da Surba. Ninguém pode entrar ali, exceto as mulheres ligadas ao ritual. A mocinha só sairá dela quando a festa terminar.

Na terceira casa é feita a comida para todos durante os cinco dias.

A quarta e última casa, chamada de "Ua-Ruet-Nega", a do pai da mocinha, é onde entra o Kantule, ricamente ataviado com o seu chapéu de plumas, seguido pelos homens e mulheres que formam o seu séquito, levando consigo suas redes.

O Kantule inicia a cerimônia, enrola folhas de tabaco e defuma o seu séquito. Canta canções alusivas à vida da jovem e enquanto isso queimam caroços de cacau.

Inna-Ibet e Inna-Ibet-Ome, os pais da jovem, pintam primeiramente os pés e depois o nariz do Kantule. A seguir procedem da mesma maneira com os restantes. Isso afugenta os maus espíritos que porventura queiram prejudicar a mocinha. Oito homens com colares feitos de ossos de pelicano executam a dança do pelicano.

Enquanto isso, o Kansueti, na Casa Grande ou canoa junto com os seus dignitários, e o restante da tribo confeccionam os instrumentos mágicos (redes, ganchos etc.). O Kansueti escolhe duas folhas tenras de bananeira, onde coloca duas flautas ainda não terminadas, dois maracás, duas facas e duas penas: uma de pavão do monte, outra de paiva. Envolve esses objetos nas folhas, tendo cuidado de encostar os orifícios das flautas um no outro, simbolizando o contacto sexual. Terminado isso, encaminha-se para a casa onde está o Kantule, para avisar que a sua parte já foi cumprida e que agora cabe ao Kantule a continuação da cerimônia.

Já iniciada a cerimônia, depois de enterrada a virgem, a surderdotiza "Yeti" corta o cabelo da mocinha num trabalho que demora vários dias, pois deve seguir um ritual a ser estritamente obedecido.

Felicitas Barreto

Em certo momento, Rubens chamou-me a atenção para um fato. No meio daquele burburinho, trouxeram duas tábuas e nelas pintaram em cores alguns sinais. Ele me explicou que se tratava da antiga inscrição ideográfica de seus antepassados. Só poucos Cunas sabem decifrar esses caracteres. Os que sabem são muito venerados pela tribo.

As tábuas são penduradas no interior da "Canoa" sobre os componentes masculinos e femininos do séquito do Kantule, e entoam-se canções alusivas ao acontecimento. Este ritual preliminar dura umas cinco horas; depois entram no mar, vestidos como estão, e permanecem na água uns quinze minutos. Embora esta caminhada se realize em plena luz do dia, o Kantule carrega um lampião, que deve permanecer aceso. Isso tem um significado profundo, como, aliás, qualquer coisa que faça parte desse ritual. Um pequeno erro anularã todo o cerimonial, mesmo que este já esteja em sua fase final.

Depois do banho de mar vão para a Casa Grande. O Kantule canta a canção de acordar a *chicha*, que ali está em inúmeros potes enormes, cobertos de folhas. Despejam-na numa grande canoa, ali colocada para esse fim. O Kantule e seu séquito começam a bebê-la cerimoniosamente. Primeiro em copinhos do tamanho de um dedal; depois esses recipientes vão aumentando de tamanho, até que o oitavo e último é do tamanho de uma cabaça grande.

Da terceira casa, a da comida, saem as mulheres em fila indiana, vestidas com trajes de festa, trazendo saborosas iguarias.

Depois disso, o Kantule se dirige ao lugar onde o Kansueti deixou as flautas ou Kamus em invólucro de folhas de bananeira. Pela posição destas ele vê se a mocinha ainda é virgem. Caso não seja reconhecida a virgindade da mocinha, a cerimônia é imediatamente suspensa e tanto ela como sua família são severamente castigadas e seus bens serão confiscados. Porém, se a posição dos Kamus for correta, bem como a das penas, sinal que nada há de depreciativo a respeito da virgem, a festa continua.

Enquanto o Kantule se encosta na rede recém-confeccionada para este fim, o Kansueti leva a seguir as flautas para a casa onde se encontra a menina. Mensageiros correm de ponta a ponta da ilha, transmitindo o andamento das cerimônias entre as quatro casas.

Enquanto o Kantule, na rede, entoa canções mágicas, os homens em sua volta executam danças litúrgicas, imitados em seguida pelas mulheres.

Lá na surba já haviam cavado um buraco de, aproximadamente, um metro de fundura. Nele enterram agora a menina até a altura do busto. A cabeça é coberta por um véu transparente, através do qual pude divisar um par de olhos assustados. Quatro mulheres se distribuíram em forma de cruz. A primeira, a sacerdotisa principal, ou Yete, que se senta na ponta, de maneira que a cabeça da mocinha encoste nas suas pernas. Aos pés da jovem fica a suplente da Yete, e de cada lado ficam a mãe e a ama, que passarão no seu rosto uma infusão de ervas perfumadas e sedativas, para lhe aliviar as longas e cansativas horas do ritual.

Ainda dentro da Surba, ficam sete mulheres do lado direito e sete do lado esquerdo. Entre elas estava eu, a primeira (e talvez única) mulher branca a quem foi permitido assistir à liturgia.

A Yete agora inicia o ponto culminante — "o corte do cabelo". Primeiramente divide-o em quatro partes, que, por sua vez, são também divididas em quatro partes. Antes do começo do corte de cada uma destas subdivisões, bebem

Ao final de quatro dias, a menina está totalmente calva e completamente esgotada e é recebida pelo canto do Kantule afirmando que ela "viajou de canoa pelo céu"

chicha. Todas tomam, pois uma recusa poderia prejudicar a saúde da mocinha. Depois de terem bebido oito recipientes, chamados *Zickiot*, faz-se silêncio e a adolescente entrega a sua cabecinha: a Yete começa a cortar a primeira das dezesseis subdivisões. Entre cada secção cortada, as mulheres vão à casa da *chicha*, tomam banho de mar e queimam cacau. É um longo intervalo dedicado à balbúrdia. Quando a menina fica atordoada com o vozerio, o calor, o ar abafado e a fome, sente-se debilitada, a ama lhe fricciona o rosto, o pescoço e os braços com a infusão de ervas aromáticas. Ao fim do quarto dia a menina fica com a cabeça completamente pelada.

Findo isto, retiram-na da cova e tiram-lhe a roupa. Ela, exgotada, sofre forte choque nervoso e chora histericamente. Cobrem-na com uma espécie de túnica e seu pai a leva para casa, onde, depois de um banho frio, a vestem com primor. Assim, festivamente trajada, entra na casa da *chicha* onde encontra toda a tribo reunida.

O Kantule está no meio da sala cantando uma mística canção que diz:

"O espírito da menina foi ao céu e é assim que nós a trazemos de volta, cantando esta canção poderosa."

Neste momento é que o Kantule dá à jovem um nome que ela usará para o resto de sua vida, e pela primeira vez a jovem pode dançar entre outras mulheres em volta do Kantule.

Os homens solteiros da tribo executam uma fantástica dança de flagelação, durante a qual amarram folhas de urtiga sobre o tronco desnudo, dançam de costas contra costas, para que a causticante planta lhes queime mais a pele. Esta fica coberta de bolhas, mas eles disfarçam as dores com suaves sorrisos.

Enquanto a menina moça é festejada, os rapazes executam, fora do templo, a dança da flecha/veado, amarrando urtiga ao corpo que fica todo empolado de bolhas dolorosíssimas. É um galardão para todo jovem.

Depois dessa cerimônia a moça usará cabelos curtos e uma franja que cobrirá com um xale. O significado desse ritual está fora do alcance da nossa lógica. Simboliza talvez uma nova fase da vida, em que dali em diante a jovem está apta para o casamento.

* * *

Não se conhece no mundo inteiro caso que se repita com tanta freqüência como o da existência de albinos entre os Cunas, que vão a 7% da população.

Vasco Nunes Balboa vio-os durante suas viagens através do istmo de Darién. Foram esses albinos que deram fundamento a murmúrios sobre a existência de índios brancos encontrados em documentos datados de 1500, 1509 e 1514.

Ainda em 1924, o norte-americano Marsh quis fazer crer que existiam mil albinos que formavam a raça de "índios brancos".

Os Cunas imaginavam que um filho branco era uma prova de infidelidade das mulheres e matavam as criancinhas ao nascerem. Depois passaram a acreditar que se uma índia grávida olhasse para a lua teria filhos brancos. Assim, os albinos entraram na mitologia como "Filhos da Lua", e quando é época de eclipse lunar todos os índios se escondem, apavorados. Nessa ocasião os albinos saem, tanto homens como mulheres, armados de arcos e flechas e disparam contra o tigre que está querendo devorar a lua.

Os índios evitam casar-se com albinos, pois estes não podem se expor ao sol e ficam apartados das atividades da vida da tribo.

Quando um índio Cuna está para morrer, ninguém precisa se preocupar em lhe ocultar o fato, pois o Cuna é o ser mais estóico diante da morte. Não a teme — despreza-a.

Em agosto de 1961 encontrava-me em Narganá quando ouvi gritos dilacerantes. Aqueles gritos vibrando dentro da noite, numa ilha escassamente iluminada por lamparinas, eram impressionantes, assustadores.

Meu guia levou-me até o local dos gritos. Iria assistir a um velório. Ao entrar na casa, o morto estava deitado em sua rede e seus familiares acabavam de pintar-lhe o rosto com tinta vermelha, como é costume para as grandes ocasiões. Tinham-no vestido com suas melhores roupas e, assim, estava ele em condições de se apresentar a Deus. Acocorados em volta da rede, várias carpideiras, exceto à cabeceira, onde estava sentado o "Tulubalicua", na única cadeira de braços, lendo no grande livro dos mortos as peripécias que a alma do falecido iria enfrentar no seu caminho através das quatro camadas do interior da Terra até chegar a Deus.

Para que tudo corresse bem para o morto, o "Mazar Turidi" já havia colocado a seu lado quatro arcos e flechas em miniatura, uma canoa, oito carretéis de corda e uma flor de bambu. Assim o morto poderia atravessar o perigoso rio dos mortos, o "Kolitiuala", matar as feras que atravessassem o seu caminho, guindar-se sobre os abismos e a flor de bambu, por ser muito sensível, lhe serviria de bússola.

Depois de um dia de velório, todos tomaram seu lugar nas canoas, levando o morto ao continente, onde cada família Cuna tem seu cemitério particular junto ao rio. Enquanto alguns cavavam a terra, quatro homens e quatro mulheres entraram no rio para banhar os "Mazar", dezesseis estatuetas esculpidas em madeira, representando oito homens e oito mulheres que formavam o seu séquito da morte. Antigamente, eram homens e mulheres vivos que o acompanhavam.

Quando chegou a hora de colocar a rede dentro da cova, os amigos e vizinhos do defundo pediram ao morto para levar presentes aos que já se tinham ido. Assim, depositaram embrulhos com roupas, alimentos etc., dentro do túmulo para serem entregues aos seus parentes já falecidos.

Depois de enterrado o morto, ficaram ainda fazendo companhia e suas refeições ao lado da tumba, sobre a qual colocaram uma mesinha, diversos pratos e muita comida e bebida para que o recém-chegado ao reino das sombras pudesse oferecer aos que já se encontravam ali um banquete, fazendo novas amizades.

Dias depois a família regressa ao cemitério para ver se houve festa e o seu morto foi bem recebido. Em seguida atiram caroços de jenipapo sobre o telhado, que cobria diversos túmulos da família, a fim de que o ruído acordasse a alma do defunto, e este pudesse se acautelar contra a aproximação de maus espíritos.

Crêem que os mortos levam a mesma vida de antes no além-túmulo, formando nova família e podendo ter ainda muitos filhos.

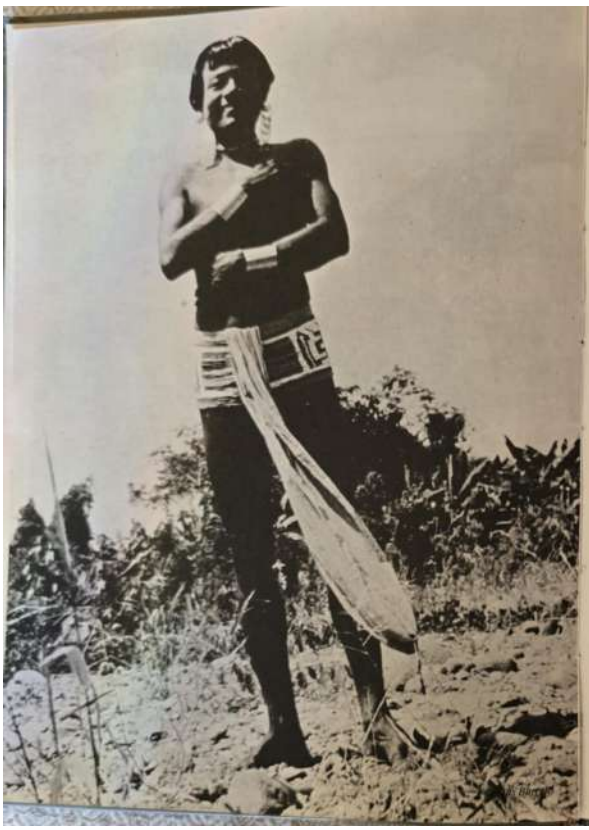
Contam os Cunas que um tigre há muito desejava comer um coelhinho, mas este, muito sabido e veloz, jamais se deixava apanhar. Certo dia, outros animais chamaram o coelhinho e lhe disseram: "Escuta: lá adiante, deitado numa rede, está o tigre bem morto." O coelhinho logo desconfiou que o tigre apenas se fingia de morto. Então exclamou em voz alta: "Não acredito, pois um tigre quando morre faz suas necessidades." Ao ouvir isso o tigre tentou, mas saiu apenas um ventinho. O coelho, ouvindo aquilo, disse: "Mortos não soltam traque." E se foi.

Dentre as numerosas fábulas, lendas e contos dos Cunas, a canção da tartaruga é de uma beleza comovedora e lembra bem a sensibilidade e a compreensão do trágico que a vida encerra. Assim canta a tartaruga:

Adeus, minha família. Adeus, minhas amigas.
Vejo ao longe o barco dos pescadores Cunas.
Eles vêm apanhar-me. Vão levar-me para comer.
Que coisa aborrecida, mas Deus assim quis.
Ele me fez para que eu servisse de alimento para o Cuna.
Que coisa aborrecida!
Mas as crianças vão cantar alegres e saltar em minha volta, pois vão ter um rico alimento.
Que bom! Mas como isso é aborrecido!

Contei estas estórias para o leitor ter uma idéia do espírito alegre e brincalhão do índio em geral. Nas suas canções não lamentam as dores amorosas e nem as necessidades materiais; ao contrário, louvam e engrandecem a natureza, a beleza das frutas e o carinho aos animais.

O vivo colorido das trajes das índias e suas filhinhas faz que as ilhas, ao longe, pareçam floridos jardins.



CHOCÓS

Em 1961 tive o prazer de conhecer o diretor do Subcomitê da Estrada de Rodagem Panamericana, J. Marsh, autor do livro "El Mito Del Darien". Falou-me das enormes dificuldades em terminar o trecho da estrada do Istmo de Darien, na fronteira entre o Panamá e a Colômbia. É um intransponível pântano que traga tudo, inclusive enormes tratores. Causa espanto geral que os índios Chocós, habitantes dessa zona, atravessem o pântano com a maior facilidade para buscar ninharias, como miçangas e outras bagatelas, na Colômbia.

Marsh me afirmou que esses índios dizem terem vindo de um lugar onde a vegetação era tão alta que só se podia ver o sol refletido nas águas dos grandes rios. Tudo indica que procedem da Amazônia.

Chegando à cidade de Panamá, conheci a jovem senhora antropóloga e etnóloga Dra. Reina Torres de Araúz.

Solicita, mostrou-me mapas da região já visitada por ela e explicou que Yaviza era o local indicado para iniciar a minha penetração, pois esta aldeia é o ponto de contato entre civilizados e índios. Para lá afluí o maior número de rios, em cujas orlas habitam os Chocós. Deu-me uma carta de recomendação para a professora de Yaviza, Sra. René Lay, e o Departamento de Turismo ofereceu-me o transporte de avião para lá.

Justamente quando o pequeno Cessna sobrevoava a Ilha das Pérolas, no Oceano Pacífico, a porta do avião desprendeu-se e ficou dependurada. Agarrei-me com unhas e dentes ao banco em que estava sentada, ao lado da porta. Éramos só duas pessoas a bordo, o comandante e eu. Ele, com muita cautela, conseguiu fechar a porta do pequeno aparelho, mas recomendou que eu ficasse segurando pois uma das dobradiças estava quebrada. Pus em jogo toda a força que possuía. Sentia o deslocamento de ar sobre a porta; e como se isso não bastasse, alguns minutos depois caiu do teto uma porca que prendia um instrumento de navegação. O comandante ficou aflito e pediu-me para segurar o aparelho no teto. Então senti-me na mais crítica posição. Com uma das mãos segurava a porta e com a outra sustentava o pequeno instrumento para que não caísse, enquanto o comandante procurava a porca pelo chão. Doíam-me os braços naquela embaraçosa posição. Finalmente, ele achou a maldita porca e colocou-a em seu lugar. Até o término da viagem continuei a segurar a porta. Ao atingirmos o aeroporto de Yaviza, que fica próximo à fronteira da Colômbia, constatei que o mesmo não passava de uma simples clareira no meio da floresta. Entre a clareira e Yaviza havia um pequeno rio. Para levar-me até o outro lado um menino de cor foi me buscar com uma canoa. Aí, tive o maior desapontamento. Pensei encontrar uma aldeia de índios. Em vez disso deparei com umas duzentas casas de madeira, habitadas exclusivamente por negros, com um pequeno

Sem que pudamos perceber, as flauteas sempre lá olhos observando-nos, seguindo-nos por toda parte.

←

Quando sorriem os Chocós mostram os dentes cintilantes pela cobertura de ouro que mandam fazer em seus dentes. No entanto, embora suas minas de ouro sejam fabulosas, os ornamentos que usam, como a cuieraça que lhes cobre todo o tronco, são trabalhados em prata. A tanga que usam é toda coberta de miçangas.

...ungindo a estrada líquida.

Felicitas Barreto

rou-me para dançar e eu aceitei. De repente, fui puxada por um negro que, à viva força, fez-me dançar com ele. Eu queria me recusar, pois percebi que ele estava bêbado. Mas, para evitar um conflito, cedi. Terminada a dança, esgueirei-me para uma outra palafita, que estava cheia de mulheres e crianças Chocós. Deitei-me no chão e adormeci. Ao despertar, o sol já raiava. Reparei que eu estava completamente só. Pouco depois, uma canoa se aproximava e pedi que me levassem até o feiticeiro Popote, que habitava rio acima. Eles concordaram. Ao entrar no barco cheio de índios — homens, mulheres e crianças — eu repeti que queria ir até o feiticeiro. Eles todos sorriam e aquiesceram com a cabeça. Foram amabilíssimos comigo. Abrigaram-me contra a chuva, ofereceram-me comida. Cada casa que eu avistava ingenuamente indagava: Popote? Eles, com a cabeça, negavam e apontavam em frente, faziam mímicas indicando que ainda estávamos muito longe. Viajamos o dia todo e, ao anoitecer, ancoraram o barco e desembarcaram. Eu os seguia e novamente indaguei: Popote? Foi uma gargalhada geral. Um deles, por meio de mímicas, mostrou-me que havia muito tinhamos passado pela casa de Popote. Compreendi que estava sendo alvo de escarnecimento deles. Levaram-me para sua casa, onde fiquei por várias semanas.

Todos os dias vinha uma multidão de índios me ver em casa do Kali, que me hospedava, pois nunca uma pessoa branca lá estivera, especialmente uma mulher.

Durante aqueles dias pude observar bastante a maneira de viver daqueles índios.

Suas casas são construídas sobre palafitas, ombreando com as copas das árvores. Para atingi-las, empregam ingremes escadas feitas de troncos, por onde até mesmo as crianças sobem sem nenhum medo nem vertigem.

Os Chocós são índios nômades, sem tradição. Andam quase nus. Individualistas ao extremo, fisicamente fortes e belos. São extremamente supersticiosos. Prezam, acima de tudo, a liberdade.

Uma das coisas mais belas são suas casas (Tambos), construídas sobre palafitas, sem paredes: apenas o piso, com mais de trinta metros quadrados, a três metros do chão, e o grande teto cônico. O piso lhes serve, de dia, de moradia, cozinha e mesa. À noite, nela se deitam e sobre seus corpos nus passa a suave brisa noturna. Banhados pela luz da lua e das estrelas, adormecem embalados pelo murmúrio do rio, que passa por baixo.

Protegem-se da umidade e do frio com o látex extraído da seringueira, com que fazem uma espécie de esteira de borracha, leve e lavável. Quando viajam, fazem com ela um pequeno rolo, que carregam em baixo do braço. Suas panelas são de barro e os únicos talheres que possuem são umas pinças feitas de bambu e uma faca cortante do mesmo material.

Encostam um tronco de árvore às suas habitações e nele recortam degraus, somente de um lado, que servem de escada. O outro lado do tronco é liso, e para evitar que os maus espíritos, nos seus passeios noturnos, possam subir, viram-no durante a noite. As únicas casas que possuem paredes são as dos feiticeiros ou Jays.

Seus fogões são quatro troncos formando um quadrado que serve de anteparo à terra que colocam no seu centro, onde fazem o fogo. Por cima do fogão há chifres de veado, que servem de ganchos para defumar as carnes e os peixes. Varrem suas casas pelo menos duas vezes por dia e lavam o chão. O lixo é atirado ao rio. Todos têm o máximo cuidado para que tudo seja bem limpo.

Fazem suas necessidades fisiológicas dentro do rio; jamais na casa ou em sua proximidade; não importa o tempo que faça sempre procedem assim. Até seus cachorros são ensinados a defecar somente no rio.

Constrõem as casas de uma maneira bastante engenhosa, por acreditarem em maus espíritos que querem viver em suas residências. Fazem primeiro um piso provisório a pouca altura do chão.

Um espírito que passe por ali, ao ver a construção nova, logo se instala, percebendo tarde demais que foi ludibriado, pois a verdadeira casa será construída a três metros acima desse embuste. Uma vez escolhido, o lugar não pode mais ser mudado. O espírito ludibriado afasta-se daquela casa.

Dentro das casas são construídos fornos, onde cozinham as crianças quando, ao recolherem vistas, não querem ser importunados pela alcateia que as mesmas faz-em.

No interior de um Tambo existe uma espécie de jirau de bambu, seguro por cordas na cumeeira do grande teto cônico, podendo ser suspendido ou abaixado quando se quiser. Nunca imaginei algo tão engraçado: olhando o teto e essa esteira suspensa, com inúmeras cabecinhas de crianças risonhas debruçadas na sua orla. Lembra os tapetes voadores dos contos orientais.

Os companheiros de brinquedo das crianças são pequenos animais da selva, inclusive a agressiva lontra, que, depois de domesticada, nada em competição ao lado deles, fazendo pequenas pausas para pescar no fundo do rio. Geralmente a lontra é o primeiro a correr de volta a casa, onde desempenha, com perfeição, o papel de cão-de-guarda, avisando e dando mordidas nos estranhos que se aproximam do Tambo.

É notável o empreendimento com que esses índios, depois de um tremendo trabalho na construção de uma nova casa, com o sacrifício de seus familiares e seus vizinhos distantes, um belo dia, sem mais nem menos, partem dali. São nômades por excelência. Jamais se apegam aos haveres materiais. São auto-suficientes, não se curvam diante de nada e não são covardes.

Enquanto estive entre os Chocós, dormia no chão de um tambo, a três metros de altura. Deitava-me contemplando as estrelas e a lua, respirando o odor das plantas silvestres. Por baixo, as copas das árvores, movidas pelo vento noturno, pareciam enormes ondas do mar sobre as quais deslizávamos numa jangada de sonho. E eu dormia ao som desse farfalhar, na casa de Kali.

Usam óleo de peixe misturado com urucum para protegerem seu corpo dos fortes raios solares e dos mosquitos.

Em contato com a civilização, tornaram-se apreciadores do rádio de pilha, escutando-o bem encostado ao ouvido. Como têm espírito muito prático, principalmente no que se refere a evitar o esforço, compram motor de popa, fazendas multicoloridas para suas exíguas roupas e rifles para caçar. Amestram cães para esse fim, dando-lhes bom tratamento. Mas continuam usando seus arcos, flechas e zarabatanas.

Compram porcos para engordar vendendo-os depois aos negros. Sabem muito bem o valor do dinheiro. Comprando o essencial o restante é gasto em cobrir os dentes com ouro ou para encomendar nos ourives enormes peitorais confeccionados com moedas de prata.

***

Admitem a existência de um ser que controla todo o Universo, a quem dão nomes e definições contraditórios. O Karagabi, ou Máchru Muadama, é o deus criador, herói cultural, ser supremo.

Esse deus vive em esferas tão inconcebivelmente afastadas que o clamor longínquo, vindo da Terra, não chega até ele.

Os espíritos dos antepassados do clã, especialmente da linha paterna, é que atuam sobre o bem-estar dos indivíduos e são chamdos Uerô ou Animara.

Desses espíritos onipresentes e das relações estabelecidas entre eles e os índios depende o bem-estar dos últimos.

Os espíritos familiares são essencialmente perigosos e temidos quando em coletividade (esta deve ser uma das razões pelas quais evitam os cemitérios familiares). Se isolados, tornam-se protetores.

Desde a primeira infância os índios Chocós recebem do feiticeiro uma pequena figura esculpida em madeira por ele e dela fazem brinquedos. Essas figuras são o seu protetor, como para nós o anjo-da-guarda.

Felicitas Barreto

Com o correr do tempo, o indivíduo pode contratar outros espíritos, mas para isso recorre ao Shaman, explicando-lhe o seu problema e o tipo de espírito que lhe faz falta, além do seu espírito perpétuo.

Por vezes, reina a confusão, pois os espíritos são tão numerosos e de distintas especialidades que o próprio Shaman algumas vezes não sabe distingui-los. Em virtude disso, ocorrem brigas terríveis entre os espíritos que lutam por suas posições hierárquicas.

Os espíritos mais procurados são:

Doataumiá — espírito dos montes
Pulvichi — mãe-d'água
Alpada — espírito dos ursos
Dosata — espírito dos felinos
Dugurana — espírito da água.

Quando vão à caça, pesaria ou cortar uma árvore, os Chocós se dirigem aos respectivos espíritos, pedindo que não os considerem maus por abatê-los, pois são forçados a isso pelas circunstâncias.

Contaram-me a seguinte lenda:

"Antigamente, o céu era mais perto da Terra; o deus chamado Caragabi habitava muito acima da Terra.

Frequentemente os homens subiam ao céu e desciam por uma escada feita de dois cipós de uma planta em cujos galhos nasciam flores. Era terminantemente proibido colher essas flores.

Um dia, uma índia ia subindo ao céu com seu filho, que dormia amarrado às suas costas. No meio do caminho a criança acordou e estendendo a mãozinha, colheu uma flor do cipó. Imediatamente o cipó se rompeu e as pessoas que estavam acima do rompimento continuaram subindo para o céu e as que estavam abaixo caíram bruscamente na Terra. E nunca mais alguém subiu ou desceu. O céu foi ficando cada vez mais distante."

Levaram-me para ver as marcas da escada deixadas sobre uma grande pedra.

***

Os Chocós têm dois tipos de trajes: os que vestem quando vão às pequenas cidades negociar com negros e brancos e os que usam nas selvas.

Na cidade, os homens usam calças e camisas comuns, porém andam descalços. Nunca usam as jóias e vão, geralmente, acompanhados por suas mulheres e filhos. As mulheres vão com seus xarongues, mas com os bustos desnudos. Também não usam seus colares, pulseiras, brincos e outros enfeites. As crianças vão completamente nuas. Os negros com os quais negociam se mostravam atrevidos e concupiscentes e eles pediram às índias que cobrissem seus seios com uma blusa ou um pedaço de pano, a fim de não sofrerem mais os ataques e as perseguições sensuais dos negros.

Acham a roupa incômoda, por isso, assim que se encontram longe dos povoados, ainda dentro das canoas, tiram-na.

Na selva os homens usam tiras de pano, em cores vivas, chamadas "guayuco", que enrolam na cintura. Uma ponta dessa tira fica pendurada na frente, a outra, atrás.

Em ocasiões festivas, os homens usam a "chakira" — faixas de miçangas bordadas pelos próprios homens, e for-

O conceito de beleza entre as índias é muito diferente do nosso. Certa vez comentaram comigo, com voz lastimosa: "Você é muito boa, mas muito feia. Você sem cintura!"

A cativa forma e recurvas cintilantes. Aqui surpreendi num salto gracioso.

mando lindos desenhos, por cima do "guaraco". Fazem enfiadas de miçangas em várias cores e colocam-nas a tiracolo, cruzando-os pelo peito e costas. Também usam uma espécie de coleira feita de uma chapa de prata, presa ao pescoço por uma corrente do mesmo metal. Dal saem as tiras de moedas penduradas uma na outra por meio de pequenos elos ligados entre si. Usam anéis em todos os dedos e as suas pulseiras de prata têm mais de dez centímetros de largura. Os brincos, — "pâbângde" — são longos e lartamente enfeitados com bolinhas, triângulos, argolas etc., tudo em prata. As suas jóias dão o nome de "manila". Apesar de existirem por lá minas de ouro, utilizam mais a prata. Os homens usam os cabelos cortados à pajem.

A mulher Chocó usa apenas uma tira de pano de uns cinquenta centímetros de largura, em volta dos quadris, acompanhada de colares comuns de miçangas e outros com moedas. Não vi nenhuma delas com brincos. Usam menos jóias que os homens. Antes, usam bastante. Pulseiras, no entanto, raramente. Seus cabelos são longos e soltos, enfeitados com jóias, flores e pentes coloridos.

Tanto os homens como as mulheres usam uma profusão de flores na cabeça. Qualquer flor silvestre que encontrem pelo caminho vai logo para os cabelos.

Vi um xixo que, para atrair mulheres, usava favas de baunilha nas orelhas.

Pintam o corpo com tinta de jenipapo tão forte que leva seguramente uns três meses para sair. Essas pinturas formam desenhos complicados, têm significado especial para a distinção hierárquica, para lechar o corpo contra doenças, para os rituais religiosos, para o casamento etc. Perdem longas horas pintando-se uns aos outros com pequenos bastões.

A fama desses índios é de que eram muito ferozes antigamente. O conquistador Benalcazar dizia deles: "São tão fortes e ferozes guerrilheiros que nunca me atrevi a tentar conquistá-los."

Hoje em dia são alegres, pacíficos e até um pouco infantis. Ninguém tenta ofendê-los, porque não esquecem as ofensas recebidas.

São muito cuidadosos nas relações entre si. Respeitam o homem como chefe de família, seguindo-se os filhos mais velhos, os primos etc.

Não existe cerimônia alguma para o casamento. Os Chocós são monógamos e endógamos. O procedimento para conquistar a mulher é chamado "gateo".

Os desenhos feitos em seu corpo são executados com incrível habilidade e precisão, pois o suco de jenipapo verde é incolor, tornando-se tornando visível após horas da aplicação. Por outro lado, leva meses para desaparecer, mesmo sendo fortemente friccionado com sabão ou com areia.

O índio apaixonado espera que escureça e aproxima-se da casa onde dorme sua preferida. Quando toda a família está dormindo, ele sobe silenciosamente na casa e se introduz por baixo do mosquiteiro dela. Se a índia não se revoltar e ficar quieta, o matrimônio está realizado, e ele acorda ao lado dela. Em caso de recusa, a índia grita, morde, arranha e desperta toda a família. O rapaz foge, pois do contrário os outros o obrigarão a isso.

Felicitas Barreto

As crianças índias usam o instinto, que nunca é reprimido, desde o nascimento. Como é o caso de mamar, quando não escolhe hora nem situação.

Max se for aceito, no dia seguinte ele apanha sua canoa carregada de utensílios e embarca com sua companheira para a nova residência que ele construíra previamente.

O casal indígena trabalha junto; a mulher toma parte ativa em todas as ocupações do marido. Assim, toda a família vai à pesca, à caça ou trabalha na roça.

Os Chocós cultivam vários tipos de milho, inclusive um de qualidade desconhecida por nós. Cultivam também o cacau, banana, mandioca, batata, fruta-pão etc. Cortam árvores para a construção de canoas, remos, instrumentos musicais e cuias de toda espécie.

Nas plantações há uma curiosidade: no meio delas plantam sempre umas lianas trepadeiras, nas quais o feiticeiro sopra uma alma. Dizem que essas plantas assobiam quando se aproxima um ladrão e, assim, avisam o dono da plantação.

Um fato interessante que observei é que as mulheres Chocós não participam das refeições dos maridos.

Quando as crianças nascem, cortam-lhe o umbigo e depois de cauterizá-lo com brasa, põem-lhe sal e o friccionam com um pé de veado para que a criança se torne um bom caçador.

O bebê é ensinado a procurar sozinho o seio materno, engatinhando até alcançá-lo. Aos nove meses a criança aprende a comer sozinha, inclusive peixe com espinhas.

Nunca lhe proíbem abruptamente fazer qualquer coisa, sempre falam com as crianças de maneira afetuosa.

Durante a puberdade os rapazes ficam extremamente vaidosos. Fogem dos mais velhos e só pensam em enfeitar-se e perfumar-se. Aprendem a tocar flauta, trabalham pouco e são admirados pelos mais jovens.

O predomínio feminino do Popote fez deste índio feio e mal-educado pelas mulheres, um ponto de atração de índio para perseguição.

As mocinhas, quando aparecem os primeiros sintomas de menstruação, ficam afastadas durante alguns dias. Só tomam banhos ao anoitecer e pela madrugada, no rio. Para irem ao banho seguem por um caminho particular e, retornando ao Tambo, sobem por uma escada também de uso privado. Esse retiro dura no período menstrual, em que só comem alimentos sem sal.

***

Os índios Chocós, apesar de não serem covardes, temem a morte. Quando algum membro da tribo está para morrer, levam-no para a floresta ou abandonam-no na própria casa.

Soube que possuem um cemitério, mas não gostam de frequentá-lo. Pedi-lhes que me levassem lá e cederam depois de muita relutância.

Após mais ou menos meia hora de marcha, chegamos ao cemitério. A princípio, custou-me compreender o que via. Entre árvores enormes e entrelaçadas de cipós, estavam algumas estacas, duas vezes maiores que um homem. Sobre elas velhos mosquiteiros do morim ordinário, bastante descoloridos, sujos e estragados pelo tempo, dando a impressão de navios fantasmas agonizantes e encalhados num mar de sargaços da floresta. Junto a cada túmulo, vários objetos de uso pessoal, depositados carinhosamente por amigos e parentes do morto.

O local inspirava temor, e todos falavam muito baixo, explicando-me o fenômeno da "arribamia". As sepulturas abertas indicam que ali estava enterrado um feiticeiro.

Quando um Jay (feiticeiro) morre, quinze dias depois aparece sobre o seu túmulo uma espuma branca, que eles chamam de "arribamia". Dizem que a tal espuma toma a forma do feiticeiro e que é inútil tentar destruí-la, pois cada fragmento apartado transforma-se em outra "arribamia".

Somente um outro feiticeiro, conhecendo o fenômeno e munido de água, é capaz de dar cabo dela.

Afastamo-nos de lá rapida e silenciosamente, como se fugíssemos de algo que nos perseguisse.

***

Ao fim de alguns dias, eles já estavam cansados do brinquedo que eu representava. Mesmo assim, levaram-me a um Tambo distante, que eu ainda não havia visto. Chegando lá, perguntei: "Vocês dançam?" Irritados, retorquiram-me interrogativamente: "E você, dança?" Como respeito, dancei sem hesitar.

Todos sentaram-se à minha volta, no chão do Tambo, sérios e concentrados. Quando terminei, não fizeram a menor demonstração de agrado, o que me deixou encabulado. Retirei-me muito sem jeito para um canto da casa, quando chegou uma índia com uma cabaça grande de milho e cacau, adoçados com mel de cana. Era o "matun", uma tradicional bebida para hóspedes. Mal havia terminado aquela iguaria, mostraram-se impacientes e diziam: "Vamos, vamos!" Levaram-me rio acima, para um outro Tambo, onde já me esperavam e pediam: "Dança, dança!"

Terminando meu número, fui novamente recompensado com uma cuia de "matun". E, assim, fui de Tambo em Tambo, dançando e bebendo "matun". Após a sexta visita já podia ouvir o líquido sacolejar no meu estômago. Eu não podia fugir à gentileza, pois eles ficariam ofendidíssimos com uma recusa.

Depois dessa "tournée" de danças, os Chocós não se mostraram mais enfadados com a minha presença. Ao contrário, eu me sentia admirada e querida.

***

Dai em diante, comecei a fazer parte do clã. Tentava ajudá-los, preocupava-me com os alimentos, colhia frutas para eles. Um dia eu tentava tirar de uma árvore algumas frutas-pão, a fim de fazer um bom refresco, e utilizei para isso uma longa vara. Subitamente apareceu à minha frente um jovem índio de nome Baldé, sobrinho de meus anfitriões. Olhou-me firmemente e, tão repentinamente como havia aparecido, desapareceu nas folhagens da árvore, jogando lá de cima os frutos mais belos e maduros, que apanhei com muita satisfação e pude preparar o tal refresco. A tarde, Mauaé, a mulher de Kali, estava preparando comida e quando terminou, chamou-me e pediu-me para levar a cuia de comida para seu sobrinho Baldé. Prazerosamente fui entregar. Não pensei que o gesto tivesse para eles outra significação. Naquela mesma noite, Mauaé raspou jenipapo verde e passou o líquido branco no meu corpo todo, do nariz para baixo. Não procurei saber porque fazia isso, porque estava lá para aprender e saber tudo a respeito deles. No dia seguinte levei o maior susto de minha vida. Ao acordar surpreendi-me com uma enorme cobra negra no meu cobertor. Apavorada, pus-me de pé; então vi que eram as minhas próprias pernas que estavam pintadas daquela cor. Corri ao rio e friccionei-me com areia, mas foi em vão. A tinta de jenipapo leva mais ou menos três meses para sair.

Eu não sabia que o suco branco de jenipapo em contato com o calor da pele, após algumas horas se torna negro, mas sabia que a pintura negra faz parte de rituais. Quando Mauaé me entregou a cuia de Baldé para que eu a lavasse no rio, confirmei a minha suspeita de que aquilo significava um compromisso entre mim e Baldé.

Para evitar mal-entendidos e poder concluir este livro, disse a Mauaé que pretendia no dia seguinte seguir viagem para conhecer o feiticeiro Popote. A noite, quando estava ajudando a arrumar a cozinha, Baldé sentou-se perto de mim. Os outros se afastaram. Reinou um grande silêncio e sem me olhar, Baldé, para o simplesmente me disse: "Fica. Quero te fazer minha mulher."

Baldé, o jovem índio que foi ser a viúvas do Pai nama, na e descalços, à minha procura.

Até hoje estremeço ao me lembrar aquela cena. Foi a maior honra que recebi e respondi-lhe com a voz embargada de emoção: "Baldé, eu te agradeço, mas não posso ficar agora, voltarei depois." Baldé replicou: "Irei contigo."

Foi bem difícil convencê-lo. Como poderia explicar-lhe que ele não poderia usar o seu cabelo da maneira que usava e como poderia apertar seus pés num sapato de couro, cobrir seu dourado corpo com roupas até o pescoço? Ou dormir em quartos que eram verdadeiros cubículos em comparação com sua casa, tão arejada, e de onde podia olhar o céu aberto cheio de estrelas?

Ao perceber a minha hesitação, Baldé contestou soberbamente: "Eu sou rico." Porém, afastou-se e nunca mais o vi.

***

Na alvorada do dia seguinte eu já estava sentada numa canoa, a caminho de novas aventuras. Alguns índios iam com seus canoas carregada para Yavisa e prometeram deixar-me na casa do feiticeiro Popote.

Descemos horas seguidas por um rio de águas verde-escuras passando todo o tempo por baixo de uma gigantesca vegetação que se fechava sobre nossas cabeças, como um dossel. Mas havia vida ali — macacos, papagaios, araras e outros habitantes das selvas. Parecia que haviam marcado uma competição naquela linda madrugada.

Eu relembrava tudo o que já havia ouvido e lido sobre os feiticeiros.

***

A função do Shaman (feiticeiro) é estabelecer o contato com o mundo sobrenatural, apaziguar as forças malévolas e curar as doenças com a ajuda das forças benévolas.

***

Para ser um Jay, ou Jaybanan, deve-se começar a preparar desde jovem. As ciências lhes são legadas de geração a geração. A longa aprendizagem termina quando o futuro Jay passou preliminarmente por cinco provas terríveis. Tão terríveis que todos evitam qualquer contato ou encontro com o discípulo.

A primeira prova consiste em ele ter que se converter em mãe-d'água. Sob este disfarce ele fica à beira dos rios e pratica qualquer maldade, como por exemplo, furar a canoa do vizinho.

A segunda prova consiste em ele ter que matar, numa noite de lua cheia, a primeira pessoa que for ao rio. A maneira de matar a pessoa é atirando-a dentro da água, estrangulando-a, com suas próprias mãos.

A terceira prova — se o aluno ainda está disposto a tornar-se um Jay, é matar a pessoa que ele mais ama mesmo sendo um de seus familiares.

A quarta prova é viver uma semana nas selvas, ao sol, à chuva, ao frio, suportando mosquitos e outras pragas.

A quinta prova é matar o seu melhor amigo, e é por isso que, quando sabem que alguém está se preparando para ser um Jay, todos evitam encontrar-se com ele ou serem vistos por ele. Se, porventura, o futuro Jay adoecer ou sofrer algum acidente, morrerá abandonado, pois ninguém irá socorrê-lo. Para o primeiro assassinato, deverá usar a sua própria força, para o segundo e o terceiro usará veneno de cobra ou de ervas, flechas venenosas etc. Esta é a exigência dos antepassados para provar que ele resiste aos sentimentos. Depois dessas cinco provas, ele adquire um humor muito particular. Torna-se ranzinza, macambúzio, mergulha na solidão e todos o temem e respeitam. Por sua longa prática aprendeu a domesticar animais selvagens e a hipnotizar cobras, utilizando-se delas como vigias de suas propriedades e plantações.

Estava entregue aos meus pensamentos quando, de repente, avistei o Tambo do grande mago Popote.

Ao saltar da canoa, fui recebida na praia por uma jovem índia, a esposa de Popote, dizendo: "Jaybanan não está no Tambo, mas venha."

Chegando lá, encontrei vários índios, mulheres e crianças, esperando o regresso de Popote para consultá-lo. Ele ainda estava na floresta, como fazem todos os curandeiros de sua especialidade, para indagar da natureza sobre os segredos e poderes das plantas medicinais. No meio do Tambo, estendido no chão, havia uma fina esteira enfeitada de flores e folhas, sobre a qual estavam distribuídos diferentes pratos de comidas tentadoras e mais oito cuias para as bebidas. Imaginei que Popote tinha convidado amigos para um banquete; ficamos aguardando seu ingresso em cerimonioso silêncio. As horas passaram lentamente sem que acontecesse qualquer coisa ou que alguém dos presentes dissesse uma só palavra. Quando já estava escurecendo, a jovem senhora de Popote nos ofereceu muito cozido. Depois de construirmos e estendermos os nossos mosquiteiros para dormir, deitei-me no local que me foi indicado no chão. O interessante é que ninguém se aproximou da mesa fartamente servida.

Despertei assustada com o farfalhar de folhas sobre mim. Somente então, à luz fraca de uma tocha de resina, vi um homem que agitava um galho de árvore. Seus olhos estavam extraordinariamente vidrados, como em transe; sua cabeça era cingida por um couro de cobra e pelo seu corpo estavam pendurados amuletos de ervas e animais. Compreendi que Popote tinha chegado, acompanhado de espíritos da floresta para os quais o banquete tinha sido preparado.

Retiramos nossos mosquiteiros e assistimos a suas curas e a seus prognósticos. Estremeci quando ele apontou para um indiozinho de oito meses, aparentemente sadio, e disse que o menino iria morrer. É sabido que esses Jayhananos curam doenças que jamais poderiam ser curadas por civilizados. Por que, então, não poderia salvar aquela criança? Pedi a Popote que me entregasse a criança. Ele resistiu com sorriso paciente, dizendo que seria inútil, de vez que forças do universo tinham traçado o destino da criança. Contudo, acedeu ao meu pedido. Dormi com o menino nos meus braços, e, além do leite materno, preparei-lhe leite em pó, que levava em minha bagagem. Em poucos dias, a despeito de todos os cuidados e boa alimentação, o indiozinho foi emagrecendo, de tal maneira que parecia um esqueleto vivo. Ao se passar uma semana o enterramos. Popote tinha razão. Nas longas conversas que tive mais tarde com Popote verifiquei que ele era uma pessoa meiga e carinhosa e figuei sinceramente admirada com o fato de ele ter matado três pessoas. Isso ultrapassava minha compreensão.

Popote falou-me sobre o difícil estudo de sua profissão, que lhe foi ensinada numa misteriosa Academia de Feiticeiros, existente há séculos, antes da chegada do homem branco, onde índios de toda a América, mesmo de tribos inimigas, vão em longas e cansativas caminhadas como aprendizes. Aprendem a falar com as plantas, desenvolvem a sabedoria e outros dons. Aprendem a exercer seu ofício com dignidade e honestidade. Quando não alcançam a cura desejada, o médico da selva devolve tudo que já lhe foi dado em pagamento. A medicina entre os índios é um sacerdócio. Sua prática constitui um sacrifício, uma vez que requer constantes abstinências e purificações.

"Popote", — perguntei-lhe — "onde fica essa Academia?"

"Felicitas", — respondeu-me — "é segredo. Até hoje nenhum branco encontrou o caminho."

"Quer dizer que não posso ou não devo ir lá?"

O mais famoso feiticeiro, o falhecido Popote, cuja ciência foi adquirida durante muitos anos na misteriosa Secular Academia de Feiticeiros, situada em local secreto, sabido apenas por poucaspessoas. Sua cabeça é cingida por uma pele de cobra venenosa e não na mão carrega sempre o emblema de sua posição e barganha — o bastão "imberá", feito de madeira de aguendy.

Popote respondeu: "Usando este bastão, o "imberá", símbolo dos médicos, você será acolhida na Academia dos Feiticeiros."

E, ao entregar-me o bastão, explicou que a Academia ficava nos pântanos, já em território colombiano.

Anotei da melhor maneira possível o caminho. Fiz até um mapa.

"Que fabuloso! — exclamei. — "Popote, posso ir mesmo por lá?"

Popote assentiu e aconselhou-me que, ao aproximar-me, deveria pintar certos sinais no rosto com jenipapo, porquanto seria considerado falta de respeito apresentar-me sem esses insígnias.

Um dia, ao entrar no Tambo, vi que todos mastigavam alguma coisa como se fosse chiclete. Notei também que seus dentes tornaram-se pretos como azeviche. Indaguei de Popote e ele levou-me à selva, mostrou-me um cipó, explicando-me que o mastigavam até que seus dentes ficassem completamente pretos. Aquele tratamento teria que ser feito mais cinco vezes seguidas para evitar que os dentes se estragassem. Mostrou-me um outro cipó, remédio para curar a sama e tuberculose. Fez-me ver uma resina que, posta sobre o dente, cobria-o inteiramente, fazendo com que ele caísse sem dor alguma, no fim do terceiro dia. Muitas outras raízes e folhas me foram mostradas para curar o reumatismo. A erva "sorta-gavião" é contra a malária; o guaco para a tosse, ardro, bejuco da estrela etc. Contra a mordida de cobras usava a noz erdroz, também chamada erva-luisa, de gosto muito amargo. Em casos de picada de cobra, o Jay costuma, em primeiro lugar, sugar a picada. A infusão de bananeira serve para a cura do câncer.

Para resistir a longas marchas fatigantes passam nas pernas o uso de uma liana chamada "corredora", que faz suportar qualquer fadiga. O efeito é tão forte que impede a pessoa que o aplicou de ficar parada.

Quando alguém tem sofrimentos graves e o Jay não tem mais esperanças de salvá-lo, não vacila e pratica a eutanásia. Para isso dá ao doente uma infusão de certas plantas, que o encaminham para a companhia de seus antepassados, sem nada sentir.

A capacidade destes Jays para diagnosticar e "extrair" a substância patogênica e seu conhecimento das peculiaridades das ervas, plantas e raízes é tão vasta que até os próprios feiticeiros Cunas têm medo de suas bruxarias. Esses conhecimentos são conseguidos graças às plantas alucinatórias.

Cada Jay, além de sua casa, tem outra menor, longe nas selvas, onde fica retirado, para meditar, compor e fazer medicinas e venenos ou ainda beberagens alucinatórias, perscrutar os segredos da natureza e desenvolver o sexto sentido. Utilizam-se de uma flor em forma de campânula, que deve ser preparada somente na lua crescente. Fora desa época, é tão forte que pode afetar os olhos até cegar. Uma flor é a medida justa para um homem adulto ou para um Jay ter visões e poder fazer adivinhações. Mulheres e crianças jamais podem tomar desse suco, forte e perigoso. A outra planta é uma liana, facilmente confundível. São reconhecidas pelo cheiro peculiar, depois de cortadas. Um pedaço de quinze centímetros desse cipó, preparado em lua crescente, é o suficiente para deixar o Jay sob efeito alucinatório durante horas. Para cessar o efeito tomam suco de limão.

Disse-me o Jay Popote: "Nós tratamos e curamos todas as nossas doenças, mas as doenças de Jesus Cristo se curam somente com as "pílundras" (pílulas) do homem branco."(*)

Um dia, surpreendi o Jay Popote esmolando em folhas de bananeiras as marcas de meus pés na areia. Fiquei preocupada porque sabia que os Jays costumam fincar espinhos envenenados no chão por onde passa uma pessoa que caia em meu desagrado. Esta, ao ferir os pés nos nos espinhos, terá morte dolorosa. Desconfiada, indaguei porque tirara as marcas dos meus pés.

(*) Como geralmente a nossa civilização chega até eles através dos missionários, todo que se relaciona com os brancos eles denominam "Jesus Cristo".

Popote explicou-me: "Guardo a marca de teus pés para que um dia regresses."

A fantástica referência sobre a secular academia de bruxos e videntes tirou-me a paz do espírito. Resolvi imediatamente embarcar no primeiro barco para a Colômbia, levando o meu bastão de feiticeira.

Embarquei no Panamá, num pequeno pesqueiro, muito frágil, que fazia carreiros de bananas. Esse barco navegava pelo Oceano Pacífico, rumo à Colômbia. Não sei se foi acaso ou se foi obra do poderoso feiticeiro Popote. Uma noite estrepu uma árvore flutuante na hélice. O choque foi tremendo. Pensei que iríamos naufragar. Ficamos durante dois dias à deriva no mar e fora da rota de qualquer auxílio. Por sorte, um pesqueiro de camarão nos avistou e veio em nosso socorro, rebocando-nos até Garachié, antiga colônia penal, na foz do Rio Sambu, no Istmo de Darien, Assim, regressei inesperadamente ao Panamá.

Garachié estava em plena festa. Era Natal. Durante toda a noite a pequena ilha, habitada por quinhentos negros, trepidava ao som de um tambor de ferro. Os habitantes executavam uma dança em frente ao presépio, a fim de alegrar o Menino Jesus. Belsam aguardente, única distração da colônia.

O capitão da embarcação tinha parentes em Garachié e, assim que ele também ficasse tão embriagado como o resto da pequena cidade, indicou-me uma casa abandonada. À noite, eu colocava barricadas nas portas e lá dentro era torturada por milhares de mosquitos.

Só depois de dois dias é que passou uma outra embarcação, que me tirou daquele martírio. Embarquei, indiferentemente ao rumo que tomávamos, pois o meu desejo era sair daquele lugar o mais depressa possível.

A minha alegria foi enorme quando, no terceiro dia de viagem, subimos um rio, cheio de árvores flutuantes. Soube que era o Rio Tuiro. Estava a caminho de rever Baldé. Um tripulante do navio, um índio, olhou-me com insistência e disse: "Baldé foi para o Panamá, à tua procura. Foi numa embarcação igual a esta, mas não conseguiu encontrá-la." Como Baldé podia viajar, se não sabia ler nem escrever e se não tinha o meu endereço? O índio finalizou: "Ele voltou à sua tribo."

Fiquei radiante, e realmente comovida e mal podia passar tranqüila as longas horas de viagem que me separava do Baldé.

Em Yaviza tomei uma canoa, rumo à casa de Kali. Mal a embarcação encostou na Boca del Tigre, pulei para a praia e corri barranco acima para o Tambo, onde me receberam calorosamente.

Contei-lhes sobre as minhas andanças e sobre os últimos acontecimentos e conversamos até tarde da noite. Por fim fomos dormir e Baldé não aparecia. Tampouco apareceu nos dias que se seguiram. Eu ficava cada vez mais apreensiva quando, afinal vencendo a minha timidez, perguntei por ele a Kali. Este olhou-me acusadoramente, dizendo: "Baldé foi te procurar e, como não te achou, regressou muito triste e se foi morar longe daqui."

Lamentei profundamente o ocorrido. O mal que causei já não tinha mais remédio. Resolvi, então, prosseguir minha viagem para a Colômbia, em busca da Academia de Feiticeiro, ainda hoje citada em diversos livros, como, por exemplo, o do Dr. J. Marsh, "El Mito del Darien", e o do Dr. P. Revert, "O Rio Bayane" e que, segundo as indicações e instruções do feiticeiro Popote, a encontraria perto de Quibdó, Rio Atrato acima.

Entre os selvagens (índios) não existe uma lei de matrimônio. Por isso as uniões ali são mais duradouras do que entre os civilizados.

40 *Felicitas Barreto*

GUAYMÍS

Quando, numa madrugada fria, se vê, subindo pelas cordilheiras do Panamá, um branco puxando uma mula carregada de ferramentas de escavação, como pás, enxadas e picaretas, e pisando cuidadosamente por trilhas agrestes, tudo indica ser um "huaquero", que segue com o propósito de encontrar e saquear os Huacos (túmulos dos antepassados dos Guaymis). Esses índios vivem até hoje no mesmo local de seus ancestrais, e para impedir este vil saque, armam espingardas pelos caminhos, ligando disfarçadamente o gatilho das armas a um cipó que fica atravessado nas trilhas. O incauto que passar por esse terreno minado e tropeçar num desses cipós terá morte certa antes de atingir os domínios dos Guaymis.

No entanto, obstáculos dessa espécie não conseguem afastar todos os que buscam a riqueza, dedicando-se a esse novo tipo de rendosa profissão — a "Huaqueria".

Já em 1519, o espanhol Capitão Badajós, com seus guerreiros cristãos, defendeu-se dos ataques do mais poderoso e agressivo guerreiro dos Guaymis, o cacique Parita.

Durante essa luta, Badajós apoderou-se de uma grande quantidade de ouro que pertencia ao cacique. Parita, aproveitando-se dos festejos da vitória pelo adversário, atacou-o, não somente resgatando toda sua riqueza como, também, todo o tesouro que Badajós conseguira despojar dos demais caciques Guaymis nas suas incursões — aproximadamente cinqüenta e três mil onças de ouro.

Logo após, o Capitão Gaspar Espinosa, secundado por Francisco Pizarro e outros capitães famosos, dirigiu-se aos domínios de Parita, a fim de resgatar os tesouros perdidos.

A vanguarda dessa expedição surpreendeu e saqueou o imponente cortejo fúnebre do cacique Parita, que havia morrido após a retirada de Badajós. Ia ser enterrado com toda a sua riqueza, inclusive o tesouro de Badajós. O grande cacique parecia um ídolo cintilante da cabeça aos pés, envolto numa espécie de armadura, com o peito e as costas cobertas de ouro esmeradamente trabalhado. Na cabeça, levava um capacete de ouro. Os braços eram protegidos por placas do mesmo material. Pendendo do pescoço, havia cinco colares, nos quais se viam cascavéis finamente tra-

← *As índias usam essa pintura no rosto quando acompanham seus maridos à festa do "Krutkète", em que podem ser ganhas pelo vencedor. Muito embora ter de pertencer a outro que a conquistou na luta já torne envaidecida, a índia se lastima e chora sua sorte.*

balhadas. As pernas estavam cobertas por polainas de ouro.

Os Guaymis, assim como a maioria dos antigos habitantes do continente americano, acreditavam e ainda acreditam que após a morte física inicia-se verdadeira vida. O Dr. Miguel Leon Portilla, em "La Filosofia Nahuatl", pá-

O desenho demonstra a disposição dos cadáveres nestes túmulos.

215, cita: "A vida é como um sonho onde a morte é o começo da verdadeira vida."

Devido a essa crença, o morto levava consigo, para o túmulo, todos os seus haveres, mulheres, amigos, nobres, escravos, vasilhas com bebidas e sementes para que nada lhe faltasse na sua vida futura. Cavavam uma fossa de quatro a cinco metros de comprimento, por dois de profun-

Réquiem para os Índios 41

42

didade e atapetavam-na com flores. No centro, sobre um banco coberto por rica manta, era sentado o morto (heróe, falado o cacique ou seu trono, desviam ao túmulo todos os seus acompanhantes, com seus melhores trajes e maravilhosas jóias, sentando-se em sua volta. Quando todo o séquito do morto estava acomodado, os amigos e parentes iniciavam os cantos sacros, intercalados de danças especiais. Todo esse ritual era acompanhado de abundante consumo de chicha (bebida alcoólica indígena), tanto por parte dos enlutados como dos que iriam acompanhar o nobre personagem na sua "viagem sem regresso".

Quando todos estavam totalmente embriagados, cobriam cuidadosamente o túmulo com terra e troncos. Os acompanhantes morriam por asfixia. A área do túmulo era considerada sagrada e nela plantavam belas árvores.

Essas pomposas cerimônias fúnebres eram somente para os grandes personagens. As pessoas do povo eram levadas para lugares distantes, expostas à intempérie e os animais selvagens.

Ao encontrarem um Huaco com mais de 40 capacetes, já sabem que não se trata de uma vala comum de indígenas, mas da tumba de um alto personagem. Guaymi. Achados como estes estimularam a ganância dos saqueadores e exploradores, que organizam grupos desde a Europa dos bruxos até hoje para procurarem a preciosa e cobiçada riqueza dos túmulos dos quais são os legítimos herdeiros porque seu código de moral não o permite.

Não é de surpreender que esses índios, para evitar o avanço dos "huaqueros", preparem armadilhas com armas de fogo, ligando o gatilho das mesmas a cipós cruzados pelo caminho para matar os invasores e profanadores dos túmulos dos seus antepassados.

A constituição nacional do Panamá diz, na sua Lei nº 47, de 24 de setembro de 1946: "O Estado é o único proprietário das riquezas do subsolo e das riquezas arqueológicas."

Em 1930 o Museu do Panamá firmou contrato com o Museu da Faculdade de Etnologia e Arqueologia Peabody da Universidade de Harvard. Nas três expedições realizadas por essa universidade, o seu diretor, Sr. Samuel Kirkland Lothrop, ficou impressionado com os magníficos tesouros encontrados nas escavações, avaliados em milhões de dólares, não só pelo ouro, mas também pelo valor histórico que representavam. Os *experts* ficaram admirados com a técnica empregada na confecção dos objetos de ourivesaria — como exemplo de finos sinos de ouro nas pequenas figuras de aves representando homens e animais.

Estes objetos são tão valiosos que o Museu do Panamá os exibe na época do turismo, em dias marcados, sempre cercados de especiais agentes de segurança.

procura dos montículos de terra e troncos que indicam a presença de túmulos.

Aos Guaymis que passam fome e estão esfarrapados oferecem um dólar para que os auxiliem nas escavações dos túmulos de seus antepassados. Esses pobres Guaymis não fazem uso das riquezas dos túmulos dos quais são os legítimos herdeiros porque seu código de moral não o permite.

Não é de surpreender que esses índios, para evitar o avanço dos "huaqueros", preparem armadilhas com armas de fogo, ligando o gatilho das mesmas a cipós cruzados pelo caminho para matar os invasores e profanadores dos túmulos dos seus antepassados.

A constituição nacional do Panamá diz, na sua Lei nº 47, de 24 de setembro de 1946: "O Estado é o único proprietário das riquezas do subsolo e das riquezas arqueológicas."

Em 1930 o Museu do Panamá firmou contrato com o Museu da Faculdade de Etnologia e Arqueologia Peabody da Universidade de Harvard. Nas três expedições realizadas por essa universidade, o seu diretor, Sr. Samuel Kirkland Lothrop, ficou impressionado com os magníficos tesouros encontrados nas escavações, avaliados em milhões de dólares, não só pelo ouro, mas também pelo valor histórico que representavam. Os *experts* ficaram admirados com a técnica empregada na confecção dos objetos de ourivesaria — como exemplo de finos sinos de ouro nas pequenas figuras de aves representando homens e animais.

Estes objetos são tão valiosos que o Museu do Panamá os exibe na época do turismo, em dias marcados, sempre cercados de especiais agentes de segurança.

Felicitas Barreto

O numeroso grupo indígena que anteriormente entre habitava todo o Panamá atualmente se concentra na região central das cordilheiras do Panamá, entre os oceanos Pacífico e Atlântico, no mesmo local onde seu grande cacique Urraca iniciou uma luta contra os invasores espanhóis em 1518 e defendeu palmo a palmo o solo sagrado de sua terra. Era o único cacique de seu povo que nunca foi vencido pelos espanhóis. Urraca chegou a ser o terror dos espanhóis, que, iludindo-o com a promessa de um armistício, conseguiram atraí-lo e o fizeram prisioneiro, pretendendo levá-lo no navio "Nombre de Dios" ao Rei da Espanha. Contudo, os seus planos fracassaram pois Urraca logrou fugir, retornando aos seus domínios e prosseguindo na luta por mais dez anos.

Antes de morrer, Urraca deixou como última vontade a pedem de combater sem descanso os espanhóis e, como El Cid Campeador, ganhou muitas batalhas depois da sua morte.

Os Guaymis, ao fazerem soar um búzio marinho, lembram aos seus que a luta contra o invasor não terminou.

É essa voz que até hoje retumba pelas encostas e vales da imensa cordilheira.

Esta raça tem a têmpera de aço e um estoicismo fora do comum. Continua secretamente a cultivar seus antigos ritos. Os costumes demonstram o caráter e a virilidade dessa raça indestrutível que, ainda hoje, apesar de estar dizimada por séculos de guerras, de sofrer extravidão, de contrair moléstias devido ao calamitoso contato com o civilizado e da grande mortalidade infantil, consegue se manter como a tribo mais numerosa de todos os indígenas da América. O total monta a, aproximadamente, sessenta mil índios.

É admirável que, malgrado as opressões e perseguições, tenham conseguido conservar as suas tradições, sua língua, que é inconfundivelmente Azteca, sendo 40% puro Nahuatl, e sua unidade política, levando em conta que elevado número dessa tribo vive espalhado pelas cordilheiras do Panamá.

Quando, ao deixar o Panamá, fui despedir-me do Departamento de Turismo, eles insistiram para que eu, antes de partir, visitasse a tribo dos Guaymis.

Como já tinha lido e nas páginas anteriores documentado o fabuloso passado de seus caciques Urraca, Parita e outros, aceitei o convite com grande curiosidade. Já tendo visto fotografias suas vestidos a nosso modo, recusava não mais encontrar vestígios de suas tradições. É penoso para mim ter de confessar que justamente eu, que tanto me bato contra o falso preconceito, julgar o acervo cultural de uma raça pela aparente adaptação ao ambiente. Ainda bem que cedi à insistência do Departamento, que pôs um vôo à minha disposição, para um lugar com o sugestivo nome de "Bocas del Toro". Disseram-me que, positivamente, assistiria à maior festa desta tribo, a "baiseria", onde um índio, às vezes, chega solteiro e ao regressar tem doze esposas. Chegando a "Bocas del Toro", tomei informações sobre esses índios e perguntei como poderia alcançar a Ensenada de Cricamola. Para tal, procurei o Governador Eduardo Thomaz, o Prefeito Alberto Hamilton e, entre outros, as madres Clara e Helena e o padre Balbert. Todos me aconselharam a não procurar esses índios. Contaram-me que ultimamente haviam desaparecido muitas pessoas, inclusive um padre que, segundo eles, fora comido pelos Guaymis. No ano anterior tinham desaparecido os exploradores Frederico Kowart e Nilo Miranda, que faziam "Huaqueria". Seu sócio, o senhor Kurt Hartmann, procurou-os sobrevoando algumas vezes a região. Fui, também, uma expedição a pé em busca dos seus dois sócios. Chegaram a encontrar sua última pousada, com vestígios de uma fogueira. Dal em diante, perderam-se e levaram dezesseis dias para encontrar o Rio Cricamola. Voltaram, dando os dois "Huaqueros" como perdidos para sempre.

Consegui uma embarcação a motor e fui para Cricamola, onde me disseram habitar um líder dos Guaymis. O barco deixou-me numa linda praia deserta, na foz do Cricamola, que ali deságua na baía.

Quando os Guaymis fazem soar o búzio marinho pelas cordilheiras é para recordar o mandato do cacique Urraca que a luta contra o invasor continua.

Com os pés molhados pelo desembarque sem ancoradouro e com minha pequena bagagem ao lado, fiquei só. Mas, tão logo a embarcação desapareceu no horizonte, surgiu na praia um homem, vestido como os brancos, mas com um lindo colar de miçangas de quinze centímetros de largura, sobre a camisa, distintivo de líder de tribo. O colorido e os motivos desenhados pareciam ser emprestados dos an-

Réquiem para os Índios 43

Daniel, líder de um dos dois grupos da numerosa tribo Guaymi — nação forte que nunca foi conquistada pelos brancos. O colar que ostenta é o símbolo de sua posição de chefe supremo.

tigos cativos. Era o líder Daniel Escalante que, descortinado, indagou o motivo da minha vinda. Após ter conhecido a minha profunda admiração pelos índios e suas tradições, levou-me à sua casa e apresentou-me sua esposa e filhos.

Depois indicou-me uma choupana sem paredes. Não havia cama, mas muitos bancos e uma mesa de pranchas de madeira. Como isto, daí perdulência à mesa. Durante as noites sofria terrivelmente com o frio. Até os meus ossos doíam. Cheguei a ter febre reumática. Compartilhei essa choupana com um parente de Daniel e suas duas esposas. Ele ficava num patamar, e quando uma de suas mulheres subia a escada para deitar-se em sua companhia, a outra, ao andar debaixo tentava-se mal-humorada e resmungueira ao ouvir debaixo tentava-se mal-humorada e resmungueira. Ali fiquei durante vários dias à espera da festa da "balsa". Ali fiquei durante vários dias à espera da festa da "balsa".

Procurei tornar-me simpática a Daniel e aos seus e o consegui, ao ponto de convencê-los a me levarem para assistir à "balseria". Durante os dias de espera, reparei que dançavam em várias canoas e rumavam para o local onde deveria realizar-se a "balseria". Viajamos o dia todo por entre numerosas ilhas desabitadas. Durante o percurso fomos acompanhados por enormes bandos de pelicanos que deslizavam em vôos rasteiros sobre as nossas cabeças. Quando cansados, pousavam na água, deixando-se balançar pelas marolas. Nunca vi bandos tão grandes. Eram mais de trezentos pelicanos em cada bando. Senti-me novamente transferida para o mundo das maravilhas, pois tendo pus essa ave um carinho especial. Seu aspecto é grotesco: um enorme bico, contrastando com patas curtas. Aquele queixo do tamanho do seu corpo, tem na parte inferior uma membrana elástica, semelhante a uma bolsa de compras em que transportam peixinhos para seus filhotes. Preocupada com o frio que eles venham a sentir, a mamãe pelicano, com o bico, arranca de seu próprio peito, até sangrar, a penugem para agasalhá-los. Por esse motivo, as mães dedicadas são chamadas "mães-pelicano". Perguntei se eles costumavam comê-los.

— "Oh não!" — foi a resposta indignada. — Não se pode matar um animal tão lindo como este Gorkis (pelicano, em guaymi). Preferimos pastar fome."

Ao entardecer chegamos a uma ensenada, juntamente com inúmeras outras canoas indígenas. Do ancoradouro já se ouvia o som plangente dos búzios e cornos tocados pelos Guaymis convocando a sua tribo.

Um pouco distante do local onde se realizaria a festa havia uma única habitação de madeira e palha, que se equilibrava sobre um barranco. Ali Daniel Escalante hospedou-me, não sem antes comunicar à sua tribo que eu era sua convidada. Isso me valeu como salvo-conduto.

Eu circulava livremente entre as centenas de índios que gastavam às vezes oito dias de caminhada pelas cordilheiras para participarem desse torneio.

A plumagem de Quetzal, de vários pássaros, no chapéu, indica o posto de grande chefe Montezuma, conferindo-lhe a autoridade que sua hierarquia e habilidades denotam.

Os seus trajes, em vista dos esporádicos contatos com os brancos, eram como os de qualquer um de nós, mas, devido aos seus acessórios, o aspecto geral tornou-se extremamente pictórico. Carregavam nas costas feras caçadas e empalhadas por eles mesmos, como onças, tamanduás etc. Nas caminas havia barras com desenhos tipicamente astecas. Usavam cabelos curtos, à moda do branco. Só os líderes, feiticeiros ou magos usavam chapéus de palha enfeitados com penas de araras ou quetzal e fitas de diversas cores. A cor da fita indicava o vidente, mágico ou o feiticeiro. Se as plumas eram de quetzal, seu dono era o líder da tribo.

As crianças carregam o Kurgui — amuleto feito de penas de um valente pássaro — para que lhes sejam transmitidas suas qualidades.

Alguns usavam peles de animais e chifres sobre a cabeça, o que lhes dava um aspecto feroz. Tocavam búzios, grandes chifres que lançavam seu som plangente pelas cordilheiras e vales, e tambores feitos de couro esticado sobre carapaça de tartaruga. Cada um desses instrumentos tinha um significado especial.

Costumam limar os dentes em ponta, relembrando os tamilveis seres sagrados que vieram visitar seus antepassados, e assumem, assim, o assustador aspecto de feras.

As índias continuam usando suas tradicionais batas, em cuja pala há coloridos desenhos astecas. Usam seus lindos cabelos soltos, como no tempo em que ainda reinava Montezuma, de quem os Guaymis se dizem descendentes.

Fiquei impressionada ao ver que a maioria dos bebês carregados pelas mães, completamente nus, tinham nas costas a "mancha asiática", que é rosa e com o correr dos anos desaparece.

A "balseria" é um autêntico legado da cultura pré-colombiana, que concentra o acervo cultural desse povo. É constrangedor para os Guaymis ver turistas querendo participar de suas festas e divertir-se à custa de seus costumes sagrados. Procuram evitar, por todos os meios e modos, a presença de intrusos, ora mudando a data, que geralmente é no mês de setembro e com lua cheia, ora mudando o sítio onde se realiza a "balseria", *Krunkite* em língua guaymi.

Há dois tipos de "balseria": a litúrgica e a esportiva.

A finalidade desse torneio é ganhar a mulher do vencido. Assim que o sol se esconde na vésperas, recolhem-se às suas tendas, fazem jejum durante toda a noite e entregam-se a meditações. Alguns fazem visitas aos seus adversários e todos procuram falar o menos possível; e assim mesmo em tom baixo.

Esses costumes lembram muito a "Noite da Vigília" dos cavaleiros medievais.

Todo contendor tem o seu "atläter" (pajem) e seu "tartará" (vara de um metro e meio, para a luta), que expõe durante a noite da véspera. Ao raiar do dia, começa a contenda. A luta é entre dois competidores. Um fica de costas, a três metros de distância do outro, que está de frente, armado com um tartará, e simula atirá-lo contra os tornozelos do seu adversário, que o observa de soslaio pelo ombro. Com as simulações de golpes, procura distrair o adversário para, então, atacá-lo com um golpe fatal. Depois, as posições se invertem, passando o agressor à posição de defesa. Quem for atingido pelo tartará ficará eliminado da competição e perderá suas esposas para o vencedor. O competidor que não for atingido pelo tartará, em seguida toca alegremente um sino (que antigamente era de ouro) e continua competindo e agitando: "Wau-ki-tha" (Acertei!)

O índio que está sendo atacado deve procurar evitar os golpes do adversário com um ligeiro movimento de perna. Não pode sair do lugar em que se encontra. Pode, no máximo, dar pulinhos como o faz o boxeador. Os participantes da luta também serão desclassificados se atingirem seu adversário com o tartará acima do joelho.

Como muitas outras tribos, eles limam os dentes, dando-lhes forma pontiaguda, segundo disseram, para se parecerem com os misteriosos seres que visitaram seus antepassados. Como tudo indica — e eles afirmam isso — eram seres extraterrenos.

Os golpes de tartará às vezes provocam lesões e mutilações sérias, pois essas varas, que medem um metro e meio de comprimento por dez centímetros do diâmetro, são extremamente pesadas e atiradas com violência. O perdedor do combate será desprezado pelos da sua tribo se deixar perceber a dor que sente.

Chegando ao fim dos festejos, que duram aproximadamente de três a seis dias, um campeão ganha às vezes mais de dez mulheres. E estas, apesar de se sentirem honradas de pertencerem a um herói, choram.

"Krunkite", ou "balseria" — jogo pré-colombiano que consiste em atingir o calcanhar do adversário com pesado tronco. O prêmio ao vencedor é uma das mulheres do vencido.

Nessa festa surpreendi dois homens que lutavam brutalmente a socos até o sangue jorrar em abundância. Corri ao líder Daniel e pedi que os apartasse antes que eles se mutilassem reciprocamente, mas ele, sorrindo, conduziu-me a um local onde as crianças faziam o mesmo e até mulheres lutavam entre si, enquanto a assistência os incentivava.

— Todos são obrigados a lutar assim desde crianças para perder o medo e a covardia — afirmou Daniel.

Nessas contendas são empregados somente os punhos. Todos são mais, procuram lutar dentro das regras estabelecidas e só param quando um deles cai ao chão, extenuado, deixando de reagir, ou, então, quando a esposa de um dos lutadores cobre seu rosto com um pano. Neste caso, os lutadores se afastam envagliantados, mas sem sentir um pelo outro ódio ou ressentimento. Os perdedores nunca choram, mas surpreendi-me vendo um índio que chorava. Qual era o motivo? Sua mulher estava perdendo uma luta com outra índia, e ele não se conformava com sua derrota.

De vez em vez eu retirava à casa onde estava hospedada para renovar meu material fotográfico. Numa daquelas ocasiões, ouvi um gemido prolongado. No vão inclinado por baixo da minha choupana uma jovem índia dava à luz a uma criança, cortando o cordão umbilical com os dentes. Penalizada, levei a mulher e o recém-nascido para dentro e lhe dei analgésico para aliviar-lhe as dores. Mas uma hora mais tarde chegou o marido para levá-la. Pensei que seria para a casa deles. Mas não. Levou-a para a festa!

Quando regressei da região da "balseria", ainda permaneci durante uma temporada naquela mesma choupana sem paredes, perto da casa de Daniel Escalante, na isolada praia do Rio Cricamola. Todas as manhãs sua esposa me procurava para tomar o café. Às vezes, me levava à horta do marido. Nunca pensei que uma simples horta chegasse a me emocionar. Mas aquela era um atestado de profundo carinho. Daniel havia plantado em cada canteiro uma refeição completa, variando sempre de um para o outro. Nada faltava. Havia pensado até nos temperos, para que sua mulher não tivesse o trabalho de escolher o que deveria preparar para o almoço.

Eu passava os dias na praia, no mais completo isolamento, quando, num dia ensolarado, ouvi o ruído de pulos dentro da água do rio. O chocalhar contínuos e era tão convidativo que imaginei que houvesse um bando de garotinhos brincando na água. Corri para o lugar de onde vinha o ruído, na esperança de fazer novos amigos. Não vi ninguém. Atirei-me ao rio, a fim de nadar até a outra margem, em busca dos brincalhões. Vi, então, que, singrando a água rapidamente, vinha ao meu encontro um tenebroso triângulo negro. Ter sido ganhadora de troféus de natação me salvou. Nadei rapidamente e ganhei a margem em tempo. Nunca tinha visto tubarões subindo rios.

Foi à casa de Daniel perguntar como poderia chegar até o importante feiticeiro Murlesquedo-Botê, que vivia num lugar onde morreram tantos brancos. Daniel Escalante respondeu-me que o feiticeiro havia falecido: "O Suquia Murlesquedo-Botê está morto, mas temos um, muito mais poderoso, que vive nos picos do Hato-Calantro." Perguntei a Daniel sobre os costumes e organização político-social. Ele explicou:

"Somos divididos em três grupos, com um líder cada; este deverá saber falar espanhol e, se possível, ter conhecimentos sobre a civilização dos brancos. Usam como distinção um colar igual ao meu.

Cada casa tem o seu chefe, que não é obrigatoriamente o patriarca, e sim o membro mais inteligente da família. Para cada grupo de casas há um chefe e, é assim sucessivamente, conforme o número de casas de cada grupo, até chegar ao chefe supremo, que usa como distinção o cognome de Montezuma. Mandatário de todas as leis, só é consultado em casos de grande importância, como os que, por exemplo, afetam a segurança da comunidade. Vejamos:

Os espanhóis, após guerrearem durante 30 anos esta valente tribo, achando a luta árdua demais, desistiram, deixando os Guaymis independentes. Os Guaymis sabiam, pela amarga experiência das tribos vizinhas, que a invasão dos brancos significa a ruína dos índios. Por isso demarcaram seu território. Esta limitação foi reconhecida oficialmente e determinada por lei pelo do Presidente da República e por todos os governos que se sucederam no Panamá como "Zona de Los Indígenos". No entanto, quando seu território é violado, e as queixas dos índios aos órgãos oficiais do governo panamenho não são atendidas, nesse caso Montezuma dá o seu parecer.

Poucos destes índios já viram Montezuma, mas ele pode ser identificado por uma pena de quetzal em seu chapéu, como as que usava o rei Montezuma em sua coroa. Mas o guia máximo é o sacerdote, feiticeiro, curandeiro e vidente, o Suquia, respeitado e temido por todos em virtude de seus vastos poderes. Dele depende a paz da família Guaymi, a saúde, as doenças, a riqueza. Tudo, enfim.

Para ser Suquia é necessário que se nasça com certas características. Essas crianças não trabalham e a tribo faz tudo para que elas possam se dedicar aos seus longos estudos e profundas concentrações. Levam uma vida solitária, silenciosa, cheia de meditações. Raras vezes conversam. Sua vida reclusa lembra a dos lamas do Tibete. O nosso atual feiticeiro faz curas milagrosas, até de câncer. É o Suquia H'ätobu, cuja casa nunca está fechada, nem mesmo quando viaja para longe, pois ele tem umas cinqüenta cobras venenosas que mordem qualquer visitante, a não ser que ele (ê) ordem para que o deixem entrar.

Para chegar até ele é preciso receber a permissão do líder supremo do nosso grupo de vinte mil índios, Vicente Palacio Salina, em David, província de Chiriquí, do outro lado desta cordilheira, no Oceano Pacífico.

Vicente Palacio Salinas é o poderoso líder de 20.000 Guaymis. Para me servir de salvo-condutos na visita que fiz a um famoso feiticeiro ao mais alto lugar da cordilheira ("Hato-Calantro"), ele se fez fotografar ao meu lado.

Ouvi falar que o Sr. Frederico Sagel, ex-governador de David, também era grande admirador dos Guaymis e foi ele quem, em 1962, fundou a "Tabasará", reserva indígena. Procurei-o em sua residência. Após ter-lhe contado meu desejo de visitar o grande feiticeiro dos Guaymis, solicito, levou-me pessoalmente ao porto de David, onde ficava a tenda do temido líder dos Guaymis, Vicente Palacio Salinas.

É temido pelos brancos porque foi a mando dele que se desencadeou, recentemente, uma tremenda greve de 1.500 índios contra a United Fruit Company, e da qual saíram vencedores.

O poderoso Vicente era bonito, simpático, calmo, atencioso, sem pretensões. A incondicional obediência dos seus vinte mil súditos poderia facilmente embriagar um jovem que tinha pouco mais de vinte anos. Tendo sido apresentada pelo seu amigo branco, não criou problemas para deixar-me penetrar nos domínios dos índios Guaymis, os quais até hoje poucos homens transpuseram. Prudentemente levou-me a um fotógrafo, e tirou uma fotografia ao meu lado, para que o feiticeiro, que nunca havia visto um homem branco, não estranhasse minha visita, sabendo que o chefe supremo Vicente a tinha permitido.

Destacou seu primo Pedro para levar-me até os picos das cordilheiras de Hato-Calantro. Pedro avisou-me que deveria levar muito sal, açúcar, folhas de tabaco e cachaça para o grande feiticeiro.

No dia seguinte, seguimos de ônibus até San Félix. Como chovia, Pedro perguntou se eu não queria aguardar o dia seguinte. Seguimos com a chuva. Grande parte do percurso restante fizemos em caminhão. Depois começamos a subir a pé pelos atalhos, ganhando altura e aproximando-

nos do dentúcio dos Guaymis. A carga era pesada. Continuamos a difícil escalada já noite a dentro de baixo de chuvas torrenciais. Meus pés escorregavam na lama e eu tinha medo de estar pisando em cobras, pois as venenosas saem de noite e, com chuva, tornam-se tremendamente agressivas. Na escuridão nem podia distinguir meu guia, que subia à minha frente.

Era quase meia-noite quando alcançamos, cambaleando de cansaço, a última choupana de "civilizados". Dali em diante era zona indígena, e a casa mais próxima ficava ainda a vinte quilômetros de distância. Muito a contragosto, Pedro pediu hospedagem. Era um casal de mulatos, que nos recebeu de cara amarrada e espingarda na mão.

Atiraram no chão um cesto de porco. A noite toda tremi de frio com a roupa molhada e sofri com as pulgas do cachorro que compartilhou comigo o sujo e mal cortido couro.

Quando o sol nasceu eu já andava na selva, atrás de Pedro, ainda tiritando de frio, como se estivesse com um acesso de malária. Ao fim de algumas horas chegamos à primeira das quatro casas de Pedro. Minha roupa havia secado no corpo. Reconheci o lugar. Mas os familiares de Pedro, pais, irmãos e irmã, morreram-me com uniformes.

Descansamos até o dia seguinte. Depois, empreendemos marcha, subindo para a segunda casa de Pedro, que ficava um dia inteiro de caminhada ainda, e onde chegamos ao escurecer.

Ao acordar, no dia seguinte, meu sofrimento foi recompensado pelo mais deslumbrante panorama. Ultrapassava a imaginação de qualquer cenógrafo ou pintor. Assim deveria ser o Olimpo, a morada dos deuses. Através de numerosos picos de montanhas, qual verdes marulhos, avistava-se nitidamente, ao longe, o vibrante azul do Oceano Pacífico. Pouco abaixo do sítio onde estava, o vulcão Baru escancarava sua boca negra. Tão embevecida eu estava que nem notei o frio.

De regresso à casa, notei inúmeras cruzes de madeira plantadas a esmo, por todos os lados, sinal de que os habitantes estavam em contato com os altíssimos poderes dos "Quatro Pontos Cardeais".

Quase certa noite caiu Guaymi tem a sensação de penetrar num bosque, pois as paredes da casa são simplesmente troncos alinhados, tão mal ajustados que deixam largas brechas. A companhia noturna, ao passar, fica recortada, como se fosse uma tábua ou um fantasma branco fazendo uma visita. Todas as casas se resumem numa única peça. Ao longo das paredes, a um metro e meio do chão, há prateleiras onde, sem solidão nem travesseiro, deitam-se para dormir. Cobrem-se com um couro. Na primeira noite, agarrei-me às prateleiras como uma onça na copa de uma árvore, com medo de cair. Parecia-me absurdo que num clima inclemente como o dos montes da cordilheira, não construíssem melhor as paredes das casas. Quando chegou a noite e com ela os temperamentos ventos da cordilheira, compreendi que qualquer obstáculo que oferecesse resistência ao vento seria arrastado e destruído.

Enquanto a tempestade rugia lugubremente lá fora, a maioria da família passou a noite sentada no meio da casa em redor do fogo, sobre o qual, numa grande vasilha de barro, fervia chocolate dissolvido em água sem açúcar. A beberagem era servida numa única cuia, que corria de boca em boca, tal qual o "cachimbo da paz". Era o ritual mágico para ajudar uma seta distante que estava entre a vida e a morte. Entre uma e outra rodada da cuia de chocolate, havia longas conversas. Nessas, notei que todos chamavam Pedro de "Hiti". No dia seguinte perguntei: "Pedro, qual é o teu verdadeiro nome?"

"Meu nome é Hiti Montezuma. Os índios tem três nomes. Um que recebem ao nascer, outro que usam em contacto com os brancos e o verdadeiro que é dado pelo rito "Claria" ou "Gwaro". Este rito consta de uma misteriosa reunião dos varões nas florestas, onde eles repetem o juramento de fidelidade a Utraca de lutarem sem trégua contra os brancos até se tornarem outra vez um povo livre.

Para este rito o jovem deve ser levado pelo Suquia às solitárias matas das cordilheiras, onde o menino, com onze anos de idade, deverá ficar sozinho por vários dias, supondo-o frio, a fome e o perigo das feras. Enquanto isso, o feiticeiro tenta assustá-lo durante a noite para pôr em prova a tua coragem. Somente depois disso é que ele recebe o seu nome definitivo. Daí em diante, passa a fazer parte desta misteriosa comunidade secreta.

Nossa estrutura social é muito diferente da vossa. Nós, homens, somos polígamos, enquanto as nossas mulheres são monógamas. O primeiro casamento "chocota" é efetuado quando os contraentes ainda são lactentes. O jovem casal compartilha o leito desde a naturera reclamar seus direitos. E para que este matrimônio seja reconhecido é necessário a presença de um herdeiro. As crianças que nascem do primeiro matrimônio são os únicos herdeiros dos bens materiais deixados pelos pais. Os que nascem de outras esposas em nada alteram o direito à herança dos nascidos do primeiro casamento. Enquanto as crianças vivem na casa paterna, todas recebem as mesmas regalias. A poligamia traz vantagens econômicas ao homem, pois as mulheres trabalham tanto na lavoura quanto os maridos. Não as próprias mulheres que muitas vezes pedem que o marido traga outra companheira, pois na ausência dele, que dura vários meses, outra esposa é uma irmã e amiga naqueia solidão das montanhas, sem recursos, onde os vizinhos mais próximos ficam a mais de oito horas de caminhada. As mulheres enfrentam todos os problemas sozinhas, mesmo o nascimento de seus filhos.

O celibato, tanto para o homem como para a mulher, é considerado anormal e a qualquer manifestação de anomalias, como vícios ou loucura, todos se afastam com receio do contágio.

Curiosa e bem sábia é a posição do genro — o "dosaã". Este, depois de casado, nunca mais poderá dirigir a palavra à sua sogra, tampouco olhá-la de frente. Sua refeição é servida à parte. Isso é até bem proveitoso para ele, porque a esposa procura servir-lhe os pedaços mais saborosos."

Quando Hiti me falou da lei "taina", fiquei assombrada diante do fato de existir a mesmíssima lei entre os esquimós. Que conexão poderia ter havido entre tribos separadas por distâncias tão imensas, como a do Panamá ao Pólo Norte? A lei "taina" é a seguinte:

"Quando o Guaymi hospeda um amigo ou irmão, cede-lhe temporariamente uma das suas mulheres, escolhida por ele. Mas isso, sem o consentimento, seria considerado uma terrível ofensa ou adultério. Neste caso, o ofendido tem o direito de fazer desaparecer o ofensor. Se os

representantes da lei dos brancos indagam sobre o estranho desaparecimento, receberão como resposta um impenetrável silêncio por parte da tribo."

Essa interessante explicação foi interrompida pela saída do irmão de Hiti, de nome Júlio, ou "Era", que, com uma lâmpada na cabeça, como se fosse um mineiro, e uma espingarda na mão, desapareceu dentro da noite, para voltar pouco tempo depois com uma raposa morta.

Na manhã seguinte, já estavam dois cavalos à nossa espera, para subirmos o Hato-Calantro em busca do grande feiticeiro. Conosco iriam a cunhada de Hiti, em adiantado estado de gravidez, e sua filha de cinco anos. Nem dos cavalos amarraram a menina com tantas cordas que ela mais parecia um retrós. Por que a amarraram tão fortemente assim e por que a índia grávida não montava a cavalo? No trajeto compreendi: os indiozitos cavalos saltavam em loucas corridas sobre os abismos. Para subir em minha montaria, dois índios tiveram de segurar o enorme animal.

Predandos admiradores da beleza, preferem passar fome a comer um pelicano.

Hiti e Era cruzam o rio com dos seus herinhos sobre picar e valei do seu majestoso reinado dos Guaymis.

Uma engenhosa cuia de chuva improvisada.

cujos olhos faiscavam de raiva ao sentir no lombo virgem meus cinqüenta quilos. Quando o largaram, saiu chispando como uma flecha, sem que eu pudesse reti-lo na desenfreada corrida entre árvores e arbustos que me feriram mãos e rosto, deixando-me emanguerintada.

Foi assim que começou nossa dramática subida, que durou oito dias. A furiosa besta que por todo o caminho procurava pegar-me distraída para dar uma mordida nas minhas pernas, não sabia que não iria sobreviver àquela épica viagem.

Não pude-me apear nenhuma vez durante o dia inteiro porque me aviaram que se o fizesse, não conseguiria mais montar. O animal não o permitiria, uma vez que não estava acostumado com montaria. O cavalo tremia nervosamente, seus cascos resvalavam sobre as pedras soltas à beira dos imensos precipícios.

Hiti e a índia grávida iam a pé. A chuva era tão penetrante que o sal e o açúcar dentro dos sacos plásticos se derreteram. Fomos obrigados a jogá-los fora. A chuva se infiltrava pela manga da gabardina, pelas botas, pela touca de banho que eu punera para proteger o cabelo. Enfim, eu estava completamente encharcada, e pensando por quanto tempo poderia agüentar tado aquilo, quando meu cavalo deu um salto sobre um precipício. Porém, ao alcançar o outro lado, seus cascos resvalaram nas pedras soltas e ele caiu no fundo do desfiladeiro. Até hoje não sei como me salvei. Ao cair agarrei-me a um pequeno arbustro. Hiti começou a perigosa descida para dar o tiro de misericórdia no

Índias com seus típicos tapetes.

cavalo, pondo fim ao seu sofrimento. Daí em diante, continuei a pé. Ao fim do dia, alcançamos a quarta e última casa de Pedro. Nela ficaria a menina, deixando para nós o cavalo. Para minha surpresa, o tenaz tenaz de Hiti já tinha alcançado o local antes de nós. A agilidade atlética desse índio era algo de excepcional.

Na manhã seguinte, antes de sol raiar, todos os índios foram ao rio se banhar, apesar da chuva e do frio. Tomam banho na parte baixa do rio, mas para beber e cozinhar tiram a água rio acima. Eu os imitava sem tado, nem que fosse desagradável ou inclinado.

Ao jogar-me na gélida água, meu corpo ficou completamente rígido, perdi a fala e quase la levada pela correnteza. As índias, ao perceberem o que me acontecia, rapidamente se lançaram na água para me trazer à margem, entre gargalhadas e sigaiarra. A reação daquele mergulho me proporcionou um grande calor. Era uma sensação agradável.

De regresso à casa, dediquei-me desprendo pacientemente que a viagem seria interrompida por tempo indeterminado: o cavalo fugira e o Rio San Juan, que teríamos de atravessar, trazara um índio no dia anterior. Devido às chuvas, seria impossível atravessá-lo.

Hiti e Era, vendo-me desolada, apanharam machados e todos fomos procurar pela margem do furioso rio uma árvore gigantesca para que esta, ao cair, pudesse se firmar do lado oposto, servindo-nos de ponte. Quando a acharam, imediatamente começaram a cortá-la. O rio estava cresces do assustadoramente.

Durante os dias em que fiquei esperando que os dois homens, com aquelas ferramentas rudimentares conseguissem derrubar a árvore, muitas coisas aconteceram.

A noite, despertei com um terrível estrondo. Um raio deveria ter caído perto. Virei-me de lado e já estava para voltar ao sono, quando percebi que algo de anormal estava acontecendo. Quei pessoas lá fora e todos da casa haviam abandonado as prateleiras de dormir. Sentei-me na minha e observei o movimento agitado que começava lá em baixo. Com a pouca iluminação, só pude entender que homens e mulheres, apartados, desfilavam diante de um corpulento índio que destribuía algo numas pequenas cuias.

Achei que isto cheira em boa hora, porquanto as noites frias sempre dão apetite. Saltei da cama e juntei-me às mulheres. Quando vi de que se tratava, já era tarde de mais para recuar. O índio corpulento, com um objeto pontudo, furava os lóbulos das orelhas dos que desfilavam diante dele e o sangue que gotejava era recolhido na cuia. Quando chegou a vez das mulheres, eu já me arrependera, mas vi que nas mulheres só ragava as orelhas o que não doeria tanto. Quando chegou a minha vez, fui tratada como todas as outras.

O ritual continuou até o raiar do dia seguinte. Nos intervalos bombeamos chicha e os homens tatam na chuva. Arpoiando-se a cuia cheia de sangue na quebrada da água. I

Logo após o parto a índia pare e pois vai ser lavada.

durante três dias e três noites seguimos bebendo chicha e dançando em duas filas, a dos homens em frente à das mulheres. Todos cantavam:

Noil ni nni tegeri
oil qui moiir
monogi tire
oil dum dagrige.

O que cantei, não sei. Explicaram-me que este ritual é praticado somente quando um rato cai perto e que seu nome é "guaratua". No fim da terceira noite, rezei para que não caísse outro raio tão cedo, porque isso atrasaria o corte da árvore para transpormos o rio.

Diariamente eu ia ao local onde Hiti e Era trabalhavam, buscando e levando ferramentas, comidas e bebidas para os estimular. Não tinhamos tempo a perder. As águas subiam visivelmente e se demorasse muito a árvore já não alcançaria à outra margem. Enquanto feriam o gigante, seus habitantes deixavam apressados seus lares. Vi muitos

As cores locais primitivas ao corpo não são puramente decorativas, como poderia parecer à primeira vista. Tem profundo significado, indicando inclusive uma posição na grita, como qualidades de chefe ou de grande caçador. Para conhecermos diante de uma mesma nação diversidades específicas, como também as cores de seus ornatos.

lichinhos e cogumelos desconhecidos, que os índios me ensinaram a comer crus. Aprendi também que a maior parte das lindas flores não só serve para alegrar a vista, mas também como remédios. Foi assim que tomei purgantes, vermífugos, remédios para dor de estômago, dor de dente, reumatismo etc., sem necessidade alguma, puramente levada pela curiosidade e pelo encanto. Em vez de tomar um xarope cheio de açúcar, mastigava uma flor, tiperulipa, de diversas tonalidades, do vermelho ao lilás.

Enquanto descansavam do exaustivo trabalho de corta da enorme árvore, nesses pequenos intervalos contavam-me uma história de arrepiar.

"Não havia muito tempo, passaram por lá dois homens brancos perguntando se alguém queria servir-lhes de guia através das montanhas. Um dos seus, após hesitar, aceitou. No caminho, prometeram pagar-lhe bem se ele lhes indicasse a planta que os índios usavam para evitar o embranquecimento dos cabelos e a calvície.

O guaymi garantiu-lhes que não existia tal planta e que o fato de não ficarem calvos ou de não terem cabelos brancos era particularidade de sua raça.

Não acreditaram nele e, certa noite, o aprisionaram, afligindo-lhe tremendas torturas, sem clemência nem trégua, até que ele, no auge do desespero, fingiu ceder. Invento que a planta era um pequeno arbusto muito raro e para mostrar-lhes era preciso desarraiá-lo. Tão logo se sentiu livre, num movimento disfarçado como quem cata a planta, deu um salto desesperado para um abismo, rolando e correndo barrancos abaixo, num estado de pânico terrível, ocultando-se entre a vegetação para escapar dos tiros de espingarda que eles desfecharam em sua perseguição."

Finalmente, após três dias de trabalho, o gigante caiu. Sua copa pousou no outro lado do desenfreado rio, tornando-se para nós uma ponte toda cobertada de orquídeas e cipós. Hiti, como um equilibrista no arame de circo, correu lépido para o outro lado. Ao seguir-lo quase morri. O enorme tronco, devido às contínuas chuvas, estava escorregadio como sabão. Estrondosamente o rio rebentava por baixo de mim, atordoando-me. Uma tempo de me abalar. Ficando montada o cavalo sobre a árvore e, assim, abraçando-a com mãos e pernas, engatinho o rio lamber-o escorregadio tronco, como se quisesse me engolir, cheguei ao outro lado banhada de suor. Agora compreendia porque, nas construções de inverno atrasha-otos em Nova York, contratam de preferência índios. E que eles não sofrem vertigens ou atração pelo abismo.

Ainda enfrentamos longos e penosos dias de frio, fome e angústias, durante os quais tivemos que andar ininterruptamente. A minha frente, um Hiti e sua cunhada, ou me atrasavam atrás. Soltamos e confundimos gritos agrestes, passáramos por florestas tenebrosas, por riachos cristalinos, onde aliviava meus pés doloridos. Quando me atrasava demasiado, Hiti e sua cunhada faziam uma gerada. Era perigoso distanciar-se daquelas paragens, pois as onças e outras feras costumam atacar os que ficam por último na fila. Eu já estava tão exausta que me dei ao luxo de chegara o cair-lhe as batidas.

Eu admirava aquela índia que em vésperas de dar à luz galgava os montes ligeira como uma gazela. Ela ia ao encontro do seu esposo, para vê-lo ao seu lado no momento do nascimento do filho.

Não se vislumbrava presença humana. Era um mundo perdido. Uma vez por dia faziamos uma parada para a nossa única refeição, a mesma durante oito dias. A índia trazia embrulhada em folhas para de arroz frio, sem sal. Eu não podia mais suportar aquilo; enjoava-me o estômago. Não tinha mais lume e isso provavelmente era motivado pelo esgotamento. Sonhava em saborear uma fatia de pão com manteiga ao regresso a David. Mas meu desejo de ver o feiticeiro mais famoso das Américas era tão forte que nada

poderia me fazer desistir. Ao fim do oitavo dia, avistamos ao longe três casas indígenas dispersas. Eram as últimas antes de chegar à casa do feiticeiro, que ainda ficava distante. Lá estavam uns trinta índios, curiosos ao verem uma branca naquele lugar. Graças à influência do meu guia Hiti Montezuma, eles pintaram sinais no meu rosto, para que me apresentasse ao Suquia H'átobu com o devido respeito que sua hierarquia exigia.

Trouxeram um belíssimo cavalo branco. Montada nele, ladeada por Hiti e por mais dois índios que iam a pé, rumamos para a casa do mágico. Além do tabaco e da garrafa de rum, levava a fotografia na qual eu estava ao lado do líder Guaymi, Vicente Palacio Salinas. O sol estava aparecendo através da fina gaze. Passamos por enormes cachoeiras onde brilhava o arco-íris, que eu interpretava como de bons agouros.

Avistamos a casa ao longe, numa elevação. O sol, batendo em cima do telhado de palha, parecia um enorme girassol, sob o qual divisei a silhueta de um homem que mexia no telhado com uma comprida vara.

A cena me causou um tremendo impacto, pois já havia visto aquele quadro em meus sonhos, exatamente igual: um homem, com uma comprida vara, mexendo num luminoso telhado.

Era a casa do feiticeiro H'átobu.

Ao aproximarmo-nos, o personagem com a vara na mão havia desaparecido. Paramos a respeitosa distância. Sabíamos que a casa estava resguardada por umas cinqüenta cobras venenosas, que foram adestradas para não permitir a entrada a ninguém sem a ordem do feiticeiro.

Uma voz, vinda de dentro da casa, ordenou que entrássemos (tenho dificuldades em descrever o que realmente aconteceu, de vez que as inúmeras cobras espalhadas por todos os cantos, e a emoção de enfrentar alguém com poderes sobrenaturais, me atordoam).

Na escuridão reinante no interior da casa vi H'átobu, o poderoso, recostado na rede; de pé, ao seu lado, o "choche", seu intérprete. Essa não é uma definição exata para o "choche". Na verdade, ele representa a voz e os ouvidos do poderoso feiticeiro, que não se digna ouvir ou falar diretamente com seu interlocutor. O "choche" se dirigiu a mim, perguntando-me o que queria. Entreguei-lhe os presentes e a fotografia e expliquei que desejava conhecer o grande bruxo das Américas.

O índio aproximou-se do Suquia, transmitindo-lhe que eu lhe dissera, na linguagem usada somente por seus grandes chefes e sacerdotes, na qual havia mistura de Guaymi corrente. Repetiu que não lhe havia dado a fotografia. Perguntou de onde eu vinha. — Do Brasil — respondi. Entretanto, compreendi que o "choche" transmitiu: "Ela é americana." A conversa se prolongou, senti que o ambiente se tornava pesado. O "choche" deturpava tudo o que eu dizia. Ignorando que para ele era um sacrilégio falar com o feiticeiro diretamente, cometi o erro de pretender explicar que o intérprete estava deturpando tudo que eu dizia. Até aquele momento, o feiticeiro não se havia dignado nem de me olhar, mas, ao dirigir-lhe a palavra, encarou-me. Pela primeira vez defrontou-se com um "elemento da detestável raça conquistadora (a decadência, destruição e sofrimentos dos índios". Todo ódio acumulado durante quinhentos anos explodiu contra mim. Lívido de fúria, o corpo tremendo e a boca espumando, como se estivesse com um ataque de epilepsia, vociferava contra mim. O "Choche" se uniu ao feiticeiro, gritando impropérios. Ao ver os dois gesticulando e amaldiçoando a cor dos meus olhos e a minha raça, tomada por incontrolável pânico, fugi, dando pulos, com medo de pisar nas cobras.

Longe da casa, ainda continuava correndo, quando os índios e Hiti me alcançaram. Eu chorava copiosamente, não somente pelo abalo nervoso que a cena provocara mas também pela tristeza de concordar com eles, dando-lhes razão em odiar-nos.

Profundamente abatida, comecei o caminho de regresso. Os índios começaram a me tratar com certo receio; estavam impressionados de eu ter sido repelida tão violentamente pelo seu grande guia espiritual. Eu sentia uma sensação estranha, como se a maldição estivesse me perseguindo. Naquela noite, estando deitada nos galhos a dois metros do chão, senti que algo puxava meu cobertor. Pouco depois, começou a deslizar sobre minha perna, subiu até o peito e aí se enroscou. Era uma cobra. Eu mal podia respirar, temendo que o peçonhento animal me mordesse o rosto. Mantinha-me dura como num ataque de catalepsia, enquanto meu cérebro trabalhava com a velocidade de um computador. Usava de toda a minha força de vontade para impedir o impulso de dar um salto. Lentamente, com toda cautela, movimentei o braço até conseguir segurar a ponta do cobertor. Com rapidez, atirei-o ao chão. Eu ainda podia ver o réptil em baixo, junto da fogueira, contorcendo-se raivosamente, até que se fundiu com a sombra. Fiquei durante algum tempo tensa, esperando a sua volta. Afinal um sono profundo me surpreendeu.

Quando, finalmente, regressei à cidade de David, estava tão enfraquecida que, ao provar a tão desejada fatia de pão com manteiga, meu estômago a rejeitou.

Sofri fome, frio, doenças e medo, mas, mesmo assim, me senti feliz de não ter recusado essa viagem oferecida pelo Departamento de Turismo. Aprendi muito com essa misteriosa tribo. Eles mantêm a fé nas antigas profecias segundo as quais iriam ser escravizados por um povo branco, vindo, de longe, mas que este, por fim, pereceria, ficando os índios donos de suas legítimas heranças.

Próximo à imensa área habitada pelos índios Guaymis, A. Hyatt Verrill fez uma estupenda descoberta arqueológica: ciclópicas ruínas, cobrindo uma área de aproximadamente quinhentas milhas quadradas, vestígios de uma civilização completamente diferente das que foram encontradas até hoje nas velhas culturas das Américas Central e do Sul. Entre os templos de mil colunas de formas retangulares, octangulares, pentagonais, cilíndricas e elípticas, representando homens, elefantes e outros animais, encontram-se ainda montes de restos de cerâmica com estilo e desenhos desconhecidos, com os mais ricos coloridos. Picasso, as telas, de tal modo se inspirou, que começou sua fase de pintura em cerâmica. Será que os Guaymis são descendentes diretos desta misteriosa raça pré-histórica?

Os Guaymis veneram no Sol a manifestação visível de Deus Supremo que rege o Universo. A Lua, as estrelas e todos os planetas são espíritos, assim como cada montanha, rio e erva. Enfim, todas as formas de vida têm seu espírito particular, com os quais se comunicam intensamente.

Os Guaymis não têm ídolos, a não ser uma estatueta de madeira especial, que colocam nas portas das suas casas, as quais, em vez de cães de guarda, avisam os ausentes do perigo da penetração de um intruso.

Ainda longe da Bacoeira ouvia-se um ruído igual ao reco-reco, produzido por um pedaço de madeira raspando o casco da tartaruga. Levam feras mortas pelas para adquirir sua coragem, comendo-as. Longe da civilização, seus costumes continuam estritamente na tradição dos seus antepassados.

Cerâmica pré-colombiana trabalhada pelos antigos Guaymis, que, inclusive, serviu de inspiração a Picasso.

KATIOS

Ouvi falar de umas missionárias católicas cujo convento está em Medellín, Departamento de Antioquia, na Colômbia. Para cativar uma tribo indígena tremendamente selvagem, saem à noite em grupo de três. Uma toca violão, outra, flauta; e a terceira canta. Para despertar a curiosidade e atrair os selvagens — que vivem à noite e dormem de dia.

Parti para Medellín. No convento, fui carinhosamente recebida. Deram-me acesso ao seu vasto arquivo sobre os índios, pois as missionárias Laura, de Santa Catarina de Sena, tinham contato com quase todas as tribos da Colômbia. A fundadora dessa missão, a professora Laura de Montoya, era uma leiga. Ao ler o seu livro "Cartas Missionárias", senti muita afinidade com a fundadora dessa instituição, que, por sua grande simpatia pelos índios e receio de que esses inofensivos e felizes habitantes da América, devido à sua ingenuidade, fossem explorados pela malícia dos conquistadores, dedicou sua vida e suas forças em defesa dos índios Katios.

Assim, em 1914, ela e um grupo de mais cinco senhoritas juraram impedir que se explorassem aquelas crianças grandes.

Mais tarde, aumentando o número de moças e tendo o movimento repercutido em Roma, o Papa prestigiou-as e as protegeu, sendo elas, daí por diante, dirigidas e absorvidas pela Igreja.

Foi uma agradável surpresa. Ao planejar minha expedição em busca da Academia dos Mágicos, indicada pelo feiticeiro da Tribo Chocó (Popoté), vi que a zona em questão era habitada por aqueles índios de que ouvira falar no Panamá. De Medellín tinha de ir à cidade Quibdó e de lá subir o Rio Atrato.

Para encontrar a academia, fiz três demoradas, dispendiosas e exaustivas excursões, todas infrutíferas.

Na terceira e última observei um fato curioso, que me fez pensar mais tarde. As margens do rio e de seus afluentes já estavam, na sua maior parte, ocupadas por negros e mestiços. Numa casa de pau-a-pique, meu caminho foi cabisbaixo recebido por um bando de crianças. Levou-me para dentro de sua casa e apresentou-me à sua mãe. Parou ali, pois estava preparando o jantar. Bem perto de sua casa, vi e as crianças, em suas horas de lazer, cuidar o terreno tirando mato. Que terra boa era aquela que, sílex de alimentá-los, ainda os presenteava com cereal!

De volta à Quibdó, qual não foi a minha surpresa ao ver um pequeno grupo de índios cruzando calmamente a rua em frente de casa. Andavam quase nus, trazendo nas costas o uma pequena "tapa-sexo" e assim faziam as compras. Era a mesma raça dos índios Chocós do Panamá, a mesma indumentária, ali, que passando a fronteira da Colômbia tinham o nome de Katios.

Eu já estava bastante otimista a respeito da tal academia e resolvi desistir. Assim, comprei passagem para regressar à Medellín. O ônibus saiu de Quibdó às sete horas da noite.

No caminho para a Academia dos Feiticeiros, cada vez que eu me virava os meus acompanhantes riam muito...

Enquanto aguardava a partida, encontrei-me à porta da casa onde estava hospedada. Então, passou por mim um daqueles índios que notaram algumas palavras. Fiquei perplexa ao distinguir o que me dizia: "Se queres encontrar a academia, segue-me sem que ninguém te veja, nem desconfie."

Correndo e tropeçando, subi a escada para apanhar a minha câmara, dinheiro, documentos e um mapa.

Deixei as minhas malas e tudo o mais. Voltei, correndo, à rua. Ao longe, ainda vi o índio dobrando a esquina. Fui ao seu encalço. Localizei-o já dentro de um caminhão. Fui ao seu encalço. Localizei-o já dentro de um caminhão, que estava de partida, cheio de caixas e componentes. O chofer negou-se a me levar, alegando que não havia lugar.

...e, já no quinto dia de viagem, chegamos a um rio onde me aguardavam para continuarmos desta vez de canoa. Nunca pude saber como tiveram conhecimento de que eu ia chegar.

Ofereci-lhe dinheiro e pedi que esperasse, pois iria falar com o dono da empresa. Este, vendo o meu descontrole e nervosismo, perguntou-me curioso:

— Mas para onde a senhora quer ir?

— Para onde esse caminhão for.

Ele riu gostosamente, aceitou o dinheiro e deu ordem ao chofer para me levar. Como não havia espaço, agarrei-me pelo lado de fora da carroceria e pedi a Deus que os meus dedos agüentassem.

Depois de vinte minutos o caminhão parou. Alguém saltou e dali em diante eu pude me sentar ao lado do chofer. De vez em quando, vinham batidas da carroçaria do carro. Era o sinal para o chofer parar e alguém descer. Toda vez que isso sucedia, eu estirava a cabeça para fora, a fim de ver se era o meu misterioso personagem.

Afinal, chegou a sua vez. Eu também tratei de descer, perseguindo-o. Só quando o caminhão se perdeu de vista é que ele me falou:

— Eu te conheço do Panamá. Segue-me.

Obedeci. Ele não me ajudou a carregar a pesada câmara. Ao anoitecer, avistei um tambo na mata. Seria ali a academia? Entramos e o meu cicerone, bem como os que lá estavam, falaram muito e pareciam discutir. Lançaram-me olhares de antipatia.

Não dei uma palavra. Apenas comi o que me foi dado e dormi. Ao acordar vi que o índio que me conduzira até lá havia desaparecido. Perguntando por ele, os donos do tambo me lançaram outra vez aqueles olhares. Ninguém me deu uma palavra e assim procederam durante três dias. Nunca havia me sentido tão desamparada. Se eu pudesse, teria fugido; mas, infelizmente, não sabia em que direção ficava Quibdó.

Uma noite, ao descer do tambo fui até uma pequena cachoeira para lavar as mãos. Chegando perto, vi uma pedra do tamanho de uma laranja que lançava uma luz azul escura. Tuquei a pedra: não estava quente. Como não entendo nada de mineralogia, recei que pudesse ser um mineral radioativo ou que pudesse me queimar sem que eu notasse. Até hoje tenho curiosidade em saber se aquilo era algo desconhecido, extraordinário ou banal.

No terceiro dia, choveu o tempo todo e eu me sentia tão deprimida que até estava arrependida da minha vida de aventuras. Tirei da minha bolsa minha única arma para enfrentar a indiferença dos índios — um pedaço de papel e lápis. Fiquei durante horas debruçada sobre o papel desenhando cruzes, tatus, peixes. Ao anoitecer, o índio que empurrou minha cuia com comida, não conteve a curiosidade e olhou para o papel. Foi um alvoroço. Chamou os outros e todos se debruçaram, rindo e pedindo que eu desenhasse seus animais prediletos.

Na manhã seguinte, ainda na penumbra, deram-me comida, apanharam minha câmara e me disseram que o grande Jay havia permitido minha entrada no santuário.

Fomos todos — homens, mulheres e crianças — sob forte chuva. Eu era a única que escorregava no chão lodoso: eles têm o dedo grande do pé mais afastado e forte do que nós e isso lhes dá mais firmeza. Andávamos numa espécie de trincheira. Cresciam cada vez mais as elevações cercando nosso caminho, chegando a dois metros de altura e estreitando-se de tal modo que mal dava passagem para um homem. Aqueles muros estavam completamente cobertos de musgo que parecia ter sido plantado. De repente, paramos diante de uma gigantesca "Sumaumeira". O índio-guia levantou uma lasca losangular do tamanho de uma

Depois que lhes ensinei a modelar, surpreendi-me com suas concepções e respeito dessa arte. Superaram qualquer expectativa.

porta que era encravada na enorme raiz exposta. Por ali penetramos. O último teve o cuidado de recolocar a laca no lugar. Era uma passagem subterrânea. Tateamos alguns minutos, até nos acostumarmos com a escuridão. A emoção e o temor tomaram conta de nós neste momento. Notava-se, então, que serviam de passo a um túnel subterrâneo, de aproximadamente um quilômetro de extensão, medindo seis metros de altura e dez de largura. Infiltrava-se uma suave luz, indicando que não deveríamos estar a muita profundidade. As laje eram secas, lisas, sem limo e o chão estava limpo como se tivesse sido varrido. Não havia nenhum vazadouro, mas corria um pequeno fiete de água. Depois da caminhada subterrânea, subimos outra vez à floresta.

Não acredito em lendas, mas me lembrei da tão comentada cidade subterrânea "Agartha". Seria aquela uma das suas sete bocas de entrada?

Naquele dia continuamos andando até o anoitecer. Então, avistamos outro lameiro no qual estávamos sendo esperados — o salgado das selvas não falha!

Na madrugada seguinte continuamos nossa marcha. Atravessamos florestas que deveriam existir desde o começo do mundo, pois as árvores eram gigantescas. Seus troncos musgosos e cobertos de musgo deixavam infiltrar finos raios de sol. Passamos por pântanos enormes, quase intransponíveis.

A marcha, dentro daquele lodaçal monótono, era extremamente cansativa. Eu imaginava estas terrinhas, como estar pisando em cobras venenosas, dentro daquele lodo, onde eu perdia o equilíbrio a cada passo. Senti que o pântano todo estava minado por árvores submersas sobre as quais os índios passavam com a maior facilidade. Eu, ao

encorajar neles, sentia que era bastante tragada. Procurava sondar com os pés aquela massa negra que, às vezes, ia quase até minha cintura. Quando eu tropeçava, os índios vinham correndo e içavam-me até que eu me firmasse outra vez. Puxavam-me pelos cabelos, enquanto eu batia os pés freneticamente. Só me largavam quanto eu topava com algo sólido — um dos troncos. Não posso imaginar como aqueles índios colocaram tantos troncos numa extensão de quilômetros e como sabiam onde pisar, se eles estavam submersos. Como os troncos se mantinham no lodo, a mais ou menos quarenta centímetros abaixo da superfície?

Mesmo exausta, não consegui ficar indiferente ao avistar uma pequena rã. Parecia uma jóia preciosa, toda dourada. Pareí e gritei que queria aquele bichinho. Com precisão e suave sorriso, entregaram-me a preciosidade, que por ali era vulgar. Algumas eram completamente douradas e brilhantes, outras, metade douradas e metade vermelhas. Não conhecia o índio que me entregou a pequena rã. Seus brincos estavam cobertos de ervas perfumadas. Olhei em volta. Com o esforço e o cansaço da marcha, não havia notado que silenciosamente os índios se revezavam. Agora me acompanhavam um velho e dois jovens. Um deles carregava a minha câmara na cabeça.

As misteriosas trocas de acompanhes repetiram-se continuamente durante cinco dias de caminhada. Não me surpreendi mais e entreguei a eles — os reis das selvas — a minha segurança, sabendo que estaria mais protegida do que ao atravessar as ruas de uma cidade grande. Senti uma profunda paz de espírito.

Chegamos, finalmente, às margens de um lindo rio e ali pousamos. As mulheres levaram-me para um local separado, onde pude tirar toda a minha roupa e lavá-la. Enquanto nadava e brincava dentro do rio, ouvi um estranho assovio, como o grito de um pássaro. As índias correram ao meu encontro e trouxeram minha roupa molhada. Um índio apareceu e escondeu-me dentro de uma pequena toca, fazendo-me sinal para que não abrisse a boca. Naquele momento ouvi vozes que vinham de longe e remos que feriam as águas do rio. Aparecera uma canoa e nela estavam sentados dois negros. Ao passarem, nem os negros nem os índios trocaram saudação. Olharam-se friamente. Depois que a canoa desapareceu, o índio deixou-me sair da boca que ele tinha vedado. Por que fui escondida?

Continuamos a nossa jornada. Os que me acompanhavam já eram um grupo bem numeroso. Iamos sempre subindo quando, de repente, o grupo parou. Uma índia apontava para uma árvore. As mulheres deitaram-se no chão e eu também. Perguntei o que significava aquilo e elas responderam que iamos comer. Só estavam esperando que os homens cortassem a grande árvore de frutas, a "guama" (o nosso ingá). Vinha em boa hora. Quando a gigantesca árvore caiu, todos nós sentimos temor e gratidão diante do gigante caído. Juntei-me aos seus pedidos de desculpas por termos-na sacrificada, mas infelizmente, todos nós estávamos com muita fome. Comemos até nos fartar. O que sobrou ficou por lá.

E nenhuma outra via índios o nascimento de gêmeos. Por acreditarem que os dois possuem somente uma única alma, sacrificam um deles.

Durante a minha convalescença, muitos índios vieram de longe para apresentar suas danças simbólicas. Uma delas é a luta de duas anacondas. Vence sempre a cobra macho.

Chegamos à outra grande rio, o quinto. Todos acomodaram-se na praia que ele formava. Nosso grupo tinha aumentado consideravelmente. Eu esperava, mas nada aconteceu. Passaram um longo tempo conversando entre si. De repente ouvi um ruído forte na floresta. Do alto de um barranco surgiram dez índios carregando uma grande canoa. Um deles me disse: "Essa canoa estava escondida à sua espera. Você sabe muito pouco, e o rio é muito grande e muito largo para você nadar até a outra margem."

"Mas eu sei nadar" — retruquei.

Nada feito. Vi-me obrigada a embarcar junto com minhas cômaras e mulheres velhas na canoa. Enquanto a canoa deslizava, os índios nadavam em volta como botos. Mergulhavam e quando voltavam à superfície, traziam peixes, ora nas mãos, ora na boca, lançando-os vivos aos meus pés. A alegria reinante entre eles era enorme. Cada vez que aparecia um deles à tona, mais colorido e brilhante, devido aos reflexos do sol sobre as contas dos colares molhados, davam gritos de contentamento. Era nosso último dia de viagem.

À noite, chegamos a um lugar onde havia muitos tambos, um perto do outro. Ali vivi vários meses.

Naquele lugar não vi nenhum feiticeiro, nem tampouco a academia. Nunca mais tornei a encontrar-me com aquele índio, cujo nome nem sei, que, ao encontrar-me em Quibdó, me disera: "Eu te conheço."

O povo daquela aldeia índia era extremamente simpático. Um jovem casal tomara conta de mim. Eu vivia cercada de amigos, gente alegre, que me deixava estar à vontade, não me olhavam com insistência nem com curiosidade e não reparavam na minha maneira de vestir.

Encantei-me com a sua serenidade. Viviam em grande harmonia, conversando e rindo. Quais eram os assuntos que os ocupavam tanto? Daria tudo para que aquela felicidade continuasse, mas diversos fatores transformaram a paz dos Katios.

Já havia reparado que ao margens de diversos rios estavam sendo ocupadas por habitações, principalmente de negros. E, cada vez mais numerosos, surgiam pequenos povoados, alterando sensivelmente a vida e os costumes dos Katios.

Os negros aproximavam-se dos índios como compradores de sementes e vendedores de porcos, em troca de embarcações que os Katios tão bem sabem fazer, ou para tratamento com a sua afamada medicina.

Essas relações aparentemente cordiais escondem uma situação cultural altamente conflitante. Os negros são profundamente desprezados e hostis em relação aos índios, embora mostrem-se abertamente que os Katios têm uma cultura e modo de viver superior ao seu e que as plantações indígenas são bem mais produtivas que as suas.

No choque entre índios e negros, os primeiros ficam em sensível desvantagem, e aos poucos vão sendo expulsos de suas terras, porque são menos agressivos que os negros e extremamente ingênuos.

Numa de minhas excursões solitárias pelas orlas dos rios, visitando tambos, conheci uma velha índia. Ela mostrou-me umas estampas emoldiuradas de santos e esperava uma reação minha. Não me manifestei. Então, perguntou com insistência:

— Quem são essas pessoas? Você conhece?

Respondi que não as conhecia, e a índia ficou desapontada e contou-me que um negro, que por ali aparecia, havia vendido os santos, dizendo que a índia estava cheia de pecados e que, quando morresse, iria queimar eternamente no fogo do inferno. No entanto poderia salvar-se, comprando aquelas estampas de santos. A indagação continuou:

— O que é pecado? Você sabe o que é pecado? Por que essa mulher quer me fazer mal?

Disse-lhe que ficasse descansada, que aquilo não passava de uma brincadeira e que tudo era um pretexto do negro para vender-lhe os santos.

Fiquei revoltada com a história. A serenidade e a ingenuidade em que viviam essas crianças grandes da floresta estavam sendo destruídas. Estavam na iminência de serem absorvidos pelo aparente progresso e pelo poder do dinheiro.

Um dia pedi-lhes que apanhassem uma grande quantidade de barro cinza que vi por perto e que depois reunissem toda a tribo. Vieram cheios de curiosidade. Distribui um pouco de barro para cada um — a homens, mulheres e crianças, e eu mesma modelei uma estatueta e lhes mostrei. Era um espetáculo ver o meu improvisado colégio ao ar livre. Todos começavam a modelar com afã aquilo que mais apreciavam; e, não satisfeitos com isso, pintavam os respectivos animais com tinta preta de jenipapo, não imitando seu desenho natural, mas com diversos desenhos geométricos. Impressionavam-me muito suas geniais criações, de medidas e proporções perfeitas. Alguns fizeram verdadeiras obras de arte. Respirei aliviada. Eles tinham um ofício.

Lembrei-me da minha terceira expedição, quando meu canoeiro preto, em Quibdó, mostrou-me como tiravam ouro de toda aquela redondeza. Pedi um alguidar e encaminhei-me para o rio, seguida por toda tribo, curiosa em saber o que eu queria. Ao me verem garimpar, exclamaram:

— Oh!... A irmãzinha quer ouro? Venha aqui.

E lá fomos até um igarapé e eles mostraram-me como se garimpa.

Pedi-lhes que garimpassem comigo, pois o ouro seria mais necessário para eles, quando tivessem contato com os

O que fortalece a união dos casais é que eles compartilham as alegrias, os perigos e os afazeres cotidianos.

civilizados do que suas armas. Eles negaram-se a atender ao meu pedido, dizendo:

— Índio não quer ouro.

Continuei a garimpar sozinha por dois dias. E o pouco ouro que consegui — algumas partículas muito brilhantes — embrulhei com muito cuidado.

Estava absorta naquela tarefa, pensando que, ao voltar a Quibdó, levaria comigo o índio mais esperto e lá registraria aquelas terras auríferas em nome dele, o que seria uma maneira de salvaguardar a tribo de maiores penúrias com a chegada do progresso.

De tanto ficar curvada sobre a bateia, comecei a sentir dores nas costas. Inesperadamente, surgiu diante de mim, além da tribo, um grupo numeroso de índios vindo de longe. Já pela maneira de pisarem, compreendi que vinham decididos a levar a cabo a tarefa pela qual teriam vindo.

Que teria eu feito?

Esperava, apática de cansaço. Na minha orelha esquerda apareceu uma ingua dolorosa, começando a alastrar-se pelo pescoço. Senti-me presa de um mal-estar estranho.

Ao sair do frio e escuro igarapé, o que vi na beira do rio me estarreceu. Nove balsas, outras tantas canoas, todas cheias de índios com suas famílias, vinham da nascente do rio decididos a me levar. Tentei pela primeira vez discutir com eles, negando-me terminantemente a seguir rio acima. Queria continuar garimpando.

Um índio velho, muito sorridente, muito ladino e manzinho, aproximou-se de mim e disse:

— Segue conosco. No caminho eu te indico uma rica mina de platina.

Claro que eu preferia registrar uma valiosa mina de platina para os índios, em vez de uma de ouro.

No dia seguinte, com os primeiros raios de sol, já estávamos todos subindo o rio.

No segundo dia de viagem, paramos as canoas e, conforme o prometido, levaram-me por um difícil caminho até um igarapé. Aquele velhinho e toda a tribo ajudaram-me a tirar platina da terra.

Justei tudo com imenso cuidado dentro das folhas que já continham ouro e amarrei o precioso invólucro com cipó, tal meu pesmoço. Fiquei nalérica pela surpresa que o destino me dera de poder fazer um bem tão grande ao povo que eu tanto estimava. Aliás, não seria um caso único, pois sabia que nos Estados Unidos os índios, ao descobrirem petróleo nas suas terras, registram os poços, ficando ricos do dia para a noite.

Acariciando esse sonho, fiquei tão alheia a tudo que só voltei à realidade quando nossas canoas encostaram na margem, diante de uma aldeia, e disseram-me:

— Esta é a Academia dos Feiticeiros.

Fiquei tensa. Seria verdade? Vi um tambo empardado, o que indicava ser a habitação de um Jay.

Mas a tão famosa academia que durante séculos transmitia os maiores tesouros da sabedoria, e à qual aflluiam todos de todo o continente americano (sofisticentes às milésimas tribais), deveria ser muito maior. Estranhei a ausência das monumentais malocas para os neófitos.

Soube que na milenar academia eminava-se a anatomia, as trepanações, as operações plásticas, a colocação de sondas, inalações, sauras, massagens, fricções com pomadas de resina e regimes dietéticos. Manipulavam-se os remédios vegetais e minerais, empregando mel, cobre, salitre etc. Quanto à astronomia, desempenhava importante papel na colheita de plantas medicinais. Usava-se o som para o equilíbrio dos órgãos, entoando-se um canto específico para cada caso. O fígado era considerado o órgão das emoções. Tinir de todas as doenças mentais. Certas pedras também tinham poderes.

Entre numerosos instrumentos medicinais, o mais importante era o bastão mágico, feito de uma madeira dura e avermelhada. Existem oito tipos, todos do mesmo tamanho, diferenciando-se apenas pelas figuras esculpidas na extremidade superior, que variam conforme seu uso específico. O feiticeiro recém-formado recebe um bastão de mestre e jamais se separa dele. Se o fizer, colocará sua vida em perigo.

Nos apontamentos inéditos publicados em 1940 pelo Barão August Von Call consta que eles raramente usam remédios inspirados em crenças supersticiosas, ao contrário da medicina popular da Europa e da Ásia, que as emprega com freqüência.

Nessa noite todos os indígenas resolveram me oferecer uma grande festa. Mas o esforço que tinha dispendido na garimpagem piorou muito a inflamação do meu pescoço. Comecei a sentir dores horríveis.

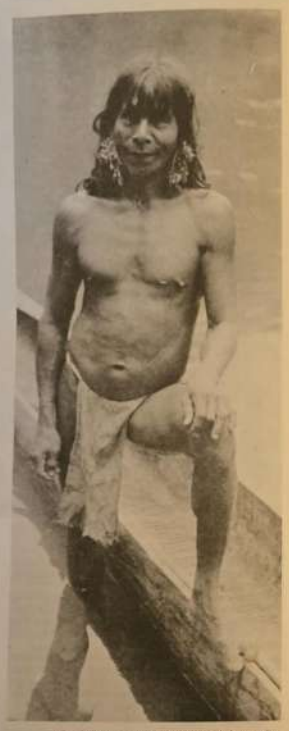
Apesar do meu sofrimento, não quis estragar o brilho das festividades organizadas por eles em minha honra. Realizaram um desfile noturno ao longo da orla do rio, iluminado por tochas de resina. À frente iam os músicos; atrás, os dançarinos, lembrando os painéis arqueológicos de Bonampak, no México.

Na manhã seguinte, já desiludida de não ter encontrado a Academia dos Feiticeiros, desejava regressar, o mais depressa possível, a Quilodi, a fim de registrar as minas. Niburgaran era o índio mais indicado.

Na descida do rio comecei a sentir náuseas, calafrios e tremendas dores em todos os músculos.

Ao amitrover, já estava carregada para um tambo. Ainda ouvi a voz de Niburgaran, o líder do nosso grupo, recomendar:

— Cuidem bem dela. Não a deixem morrer, pois ela é uma das nossas.



Este índio, sazez e gozador, vivia me entorunando e contando lorotas. Usava nas orelhas brincos feitos com bainilha para atrair as mulheres.

Numa aldeia trataram-me três Jays, um homem e duas mulheres que se revezavam de quinze em quinze minutos, dia e noite, durante vários dias. Quando cheguei, a primeira coisa que fizeram foi cobrir a parte afetada com uma massa preta. Por cima colocaram folhas medicinais.

Na manhã seguinte, vi ao meu lado um enorme sapo. Mas os feiticeiros, na escuridão da noite anterior, haviam-se enganado no diagnóstico e agora percebiam que era "coleróra", uma terrível infecção à qual até os índios raras vezes conseguem sobreviver.

O colérico é provocado por minúsculos espinhos de uma árvore carnívora que, ao pressentir a presença de um animal de sangue quente, solta espinhos. Estes, caindo sobre a vítima, penetram em sua carne, provocando uma infecção que se alastra pelo corpo todo e, geralmente, leva à morte.

O colérico estava se alastrando rapidamente. Depois da pescoço começou a cobrir o lado esquerdo, o braço até o cotovelo e já alcançava o couro cabeludo. Eu inchei muito. As partes afetadas engrossaram dez centímetros, tornando-se rígidas como madeira. Meu pescoço ficou tão duro que eu não podia mais mover a cabeça. Apesar do delírio da febre, percebia que estava sendo tratada. A curtos intervalos eu era posta entre as pernas do feiticeiro, que punha folhas de bananeira sobre a inflamação. Em seguida, chupava tão fortemente o local que as folhas se furavam. Depois, passava suco de jenipapo — meu único alimento durante os dias em que fiquei entre a vida e a morte. Por fim, os feiticeiros ganharam a batalha. Senti-me tão enfraquecida que meu corpo parecia não ter ossos. Durante a minha convalescença distraíam-me tocando música em flautas de bambu. Uma daquelas músicas, a que mais me agradava pelo seu tom plangente, era "a dança das abelhas" ou "kimi".

"Felicitas, esta é a Academia que V. está procurando. Nós somos os mestres." Eu não quis acreditar, pois não vi outras malocas além dessa da foto, que servem para alojar os alunos. Nem havia outros professores senão eles.

— Pois se é chamada de dança, também deve ser dançada? — disse-lhes.

— Antigamente era, mas hoje em dia já não nos lembramos mais do seus passos, a não ser que um velho feiticeiro por ai lembre-se deles.

Encontraram um que se lembrava e ensaiou com eles a coreografia. Assisti a tudo aquilo maravilhada. Sua música era linda e suave sua dança. Reparando como eu me deliciava ao vê-los dançar, montaram inúmeras danças e chamaram os vizinhos de perto e de longe, para me distrair. Assim, pude fotografar a Dança das Duas Anacondas. Eram cobras enormes, feitas de palha, pintadas nas cabeças com tinta vermelha. Umas vinte mulheres carregavam uma delas em seus ombros, dando voltelos, enquanto a outra era levada nos ombros pelos homens. A dança representava dois répteis que se enfrentavam, perseguiam-se e armavam botes, até que, afinal, a cobra masculina vencia.

Enquanto me recuperava lentamente, aprendi coisas formidáveis sobre os recursos da natureza.

Trouxeram para o tambo onde eu estava um índio com um profundo corte na coxa. O engenhoso feiticeiro trouxe formigas, retirou-lhes as cabeças, de onde saíam antenas em forma de pinças, que continuavam se contraindo até encontrarem resistência. Encostadas às bordas do ferimento, elas se fechavam, grampeando, como uma verdadeira costura. Em seguida, colocaram teias de aranha, estancando o sangue instantaneamente.

Durante toda essa operação o índio não sentiu nenhuma dor. Havia sido anestesiado com um pó retirado de sementes de "yopi", uma árvore rara.

Durante a minha estada, pensei profundamente em como os esclarecería sobre a sua posição em nosso mundo atual. Resolvi começar pela geografia.

Reuni todos, e com um canivete gravei num jenipapo o mapa-múndi. As partes brancas da polpa representava os mares, as partes verdes da casca os continentes — Europa e America. Mostrando a fruta assim recortada, tentei falar-lhes numa linguagem clara e demonstrativa:

— Antigamente, uma das grandes manchas verdes era só dos "rostos pálidos". A outra era só dos índios. Muitas luas se passaram e os "rostos pálidos" atravessaram o mar numa grande canoa para visitar os índios. Gostaram tanto das terras que são suas, que ficaram. Portanto, os rostos pálidos são os invasores.

Todos indicavam por aceno que compreendiam, mas eu não acreditava. Ao estender diante deles um mapa, com assombro vi Niburgaran dar explicações acertadas aos seus. Assim acocorados no chão, durante longas horas eles fizeram indagando, enquanto eu esclarecia as dúvidas. Pelas perguntas que eles faziam, concluí que tinham uma inteligência invulgar.

Senti que podia ir adiante com a minha aula. Perguntaram-me como a minha tribo vivia. Apontei para um tambo e em seguida para uma casa de cupim e disse-lhes:

— Vivemos em tambos empilhados uns em cima dos outros, igual à casa de cupim, indo além da altura das maiores árvores.

A compaixão deles era tão grande que chegaram a dizer:

— Traz teu povo de "caras pálidas" para cá: aqui temos muito espaço.

A conversa se animou e eles começaram a contar-me das tradições e costumes dos seus. Entre outras as dos seus antepassados, cujos quatro dentes caninos eram tão grandes que os lábios não podiam cobri-los. Liguei a tradição às enormes estátuas descobertas em San Agustin na Colômbia, cujas figuras têm os dentes caninos extremamente grandes e pontiagudos, o que levou os arqueólogos a chamá-las de "Cabeças de jaguar".

Mesmo sentindo-me ainda muito fraca, resolvi partir o quanto antes para ver como registrar as terras com as ricas minas de platina e ouro.

Em Quilodi, as coisas se complicaram, porque não se expediam carteiras de identidade para os índios. Resolvi, então tentar em Medellín com a ajuda e o prestígio das missionárias.

Alegremente posaram para foto durante a festa em minha homenagem.

Para embarcarmos num ônibus rumo a Medellín comprei uma caíça para Niburgaran. Cheguei lá com o coração pequeno. Como iria levar aquele índio à casa das freiras? Que achariam as simpáticas missionárias daquilo? Fui primeiro a um botequim comer algo. Ao lavar as minhas mãos, Niburgaran deu um grito e saltou assustado para trás. Não compreendia como a água podia sair de repente da parede. Compreendi a minha grande imprudência: levar um homem criado num ambiente inocente para um mundo tão complicado. Ao atravessar uma rua para pegar um ônibus que nos levaria ao convento, Niburgaran me saiu com outra. Parou no meio da rua, olhando fixamente o inspetor de tráfego, num cruzamento, apitando e orientando carros. Apontando para ele, disse: "Felicitas, este deve ser um grande cacique; está mandando em todos!"

A recepção cordial das missionárias tirou-me toda a preocupação. Imediatamente tomaram conta de Niburgaran, tratando-o com todo carinho. No dia seguinte as freiras acompanharam-nos ao Instituto de Geologia, onde fomos recebidas pelo Diretor. Entreguei as folhas secas, contendo o mineral. Minha esperança durou pouco, porque tive a decepção de saber que as pepitas não eram nem de ouro nem de platina. Levaram-me até uma vitrine do Museu e lá constatei que se tratava de "pirita" sem valor. Apenas uma pequena parte era ouro.

Niburgaran adaptou-se rapidamente à vida da nossa civilização. Em poucos dias já falava desembaraçadamente pelo telefone.

Eu estava de partida, ia visitar outras tribos e, ao me despedir das tão estimadas missionárias, e de Niburgaran, este me pediu:

— Felicitas, não vai, vem ajudar a nossa tribo, vem ensinar-nos.

Os Katios são índios que se destacam pela sua beleza física.

Expliquei-lhe que as missionárias eram da minha tribo e que iriam, como se fosse eu, ensiná-los, tratar da saúde e do bem-estar dos seus.

Recusa que se um dia regressasse para junto deles, o nosso progresso teria destruído um paraíso. Viajei por vinte e seis países e achei que o *habitat* e os índios Katios foi das coisas mais belas que já tinha visto.

Cabem aqui as palavras do eminente finlandês P. Host, no seu livro "Children of the jungle": "Malgrado os benefícios da civilização, algo perdemos..."

Negros penetram esporadicamente na zona habitada pelos índios com o intuito de vender-lhes objetos inúteis, como estampas de santos de religião estranha para eles, amoeçando, se não os comprassem, que ao morrer seriam queimados no fogo eterno do inferno.

A feiticeira Ipuana — médica e fazedora de chuva — exercendo o seu mister.

GUAJIROS

Por ocasião do meu regresso a Bogotá, os Estados Unidos, através da CARE em Bogotá, enviou uma carga de presentes destinada aos índios da Guajira, que seria levada no dia seguinte, por avião militar, a Riohacha capital dessa província. Aconselharam-me a aproveitar a ocasião para conhecer os índios do mesmo nome — os Guajiros.

Em Riohacha procurei o Bispo de Guajira, pedindo-lhe o livro escrito pelo Padre José Augustin de Barraquilha. O Bispo, ao entregar-me o livro com uma dedicatória, me disse:

— São os Guajiros bons amigos e terríveis inimigos. Rebeldes, arrogantes, excepcionalmente indômitos, interesseiros, agarrados ao seu idioma e obrigados a uma assustadora lei, a "lei da paga", um verdadeiro "olho por olho, dente por dente". Essa lei é respeitada até pelo próprio governo da Colômbia. Os índios Guajiros são tão rudes que a nossa congregação, que lida com eles há uns duzentos anos, nunca encontrou vestígios de uma religião, ídolos ou qualquer outra coisa que denunciasse uma crença, conforme a senhora poderá verificar neste livro na página 65.

Nunca pensei que, em menos de um mês, iria contradizer o conceito exposto naquele magnífico livro, fotografando ídolos de ouro de um feitio estranho e nunca vistos antes.

Com o livro em baixo do braço, subi ao caminhão carregado de ferramentas agrícolas e comidas enlatadas que ia ao posto indígena de Urihia, um pequeno povoado no centro do deserto de Guajira. Essas caixas eram presentes da CARE dos EUA aos índios Guajiros.

Ia ver os índios mais arrogantes que já pisaram a Terra.

Ao sair da cidade de Riohacha, vi vários índios dessa raça tão louvada por sua beleza que o país vizinho, a Venezuela, faz tudo para atraí-los. Realmente são belos, de corpo atlético, ágeis e soberbos. Sua maneira de vestir tirou-me no entanto todo o entusiasmo.

Os homens vestiam paletó sobre o tronco nu e, por baixo, enrolados grotescamente na cintura, lenços estampados, grandes e coloridos, à semelhança de saias. As pernas ficavam à mostra; e os pés, descalços.

As mulheres usavam amplas batas, cujo feitio exigia de seis a oito metros de fazenda estampada, que lhes iam até os pés. Mais tarde, soube que esse traje era a maior defesa contra o calor da península. Calçavam umas sandálias com enormes pompons de lã colorida. Quanto maior fosse o tamanho dos pompons, mais rica era a sua proprietária.

Estavam em grande atividade. Enquanto uns amarravam seus lindos cavalos de corrida, enfeitados profusamente com as mesmas borlas coloridas de lã, outros puxavam enormes tartarugas, de mais ou menos um metro e meio de comprimento, que levavam para vender no mercado.

Deixamos Riohacha para trás e começamos a penetrar no deserto de Guajira. A princípio a viagem foi extremamente repousante. Por todo o redor, horizontes distantes e nada mais.

Réquiem para os Índios

A habitação é o que se pode chamar de mais rústico e seus animais de estimação são os cavalos, para suas corridas.

Felícitas Barreto

Guajira é um deserto diferente de todos os outros, com os maiores e mais desconcertantes contrastes. É uma das maiores penínsulas do mundo, com um clima tórrido que chega aos 42 graus. O deserto é limitado ao sul por um istmo pantanoso de setenta quilômetros, de onde surgem abruptamente as montanhas de Sierra Nevada de Sta. Marta, com seus picos cobertos de neve eterna; ao norte e a oeste, pelo Mar do Caribe; a leste, pelo Golfo da Venezuela.

Nesse tremendo deserto, apelidado "La Arábia Colombiana", a seca é tão angustiante que contam o tempo pelas chuvas. E é tão diabólica sua natureza que o viajante, desesperado pelo calor e pela sede, avista numerosos lagos cintilando ao sol, como cristal, mas ao aproximar-se, em vez de água refrescante, encontra uma água tão salobra que chega a ser pastosa.

Esses lagos são habitados por enormes bandos de flamingos cor-de-rosa.

Essas terras não são cobiçadas por ninguém, a não ser pelos índios Guajiros, os únicos capazes de adaptar-se à terrível falta de água e alimento. É inexplicável como essa tribo, de aproximadamente cento e vinte e três mil índios, com seus numerosos rebanhos de cabritos, carneiros e cavalos, pode sobreviver nessa escassa vegetação. Por isso são obrigados a trocar constantemente de sítio em busca de novos pastos. Assim, essa bela raça de nômades vive no lombo de seus cavalos, dos quais, dizem, as mulheres só apeiam para dar a luz aos filhos.

Resistem neste infernal deserto graças aos seus numerosos rebanhos de carneiros e cabritos, dos quais além de um forte alimento, obtêm a sua bebida predileta, o "cujo" — leite coalhada de cabra.

Com uma forquilha os Guajiras colhem a fruta de cactus — que são suculentas e excelente alimento.

Em todo o trajeto de Riohacha a Uribia — um dia inteiro de viagem de carro — o único ser vivo que avistei foi um índio nu, com apenas uma tanga e que portava uma vara de uns três metros. Fez sinal para que o levássemos. O motorista a princípio não queria deixá-lo subir, dizendo: "Esses índios são tão ladrões que são capazes de no caminho atirar fora toda a carga do caminhão." Fiquei com muita pena em pensar que ele iria agüentar o sol tórrido do meio-dia e o deixei sentar-se entre nós, na boléia.

De perto, vi que usava nos quadris uma faixa de tecido de várias cores, chamada "sirís", na qual estavam pendurados inúmeras e coloridas borlas de lã. Antigamente estes enfeites eram de plumas de pássaros.

Perguntei ao motorista para que servia aquela comprida vara que o índio trazia consigo. "A senhora pode perguntar a ele. Todos os Guajiras falam bastante bem o espanhol. Só não fazem comumente por se orgulharem de sua língua. Acham que nenhum estrangeiro é capaz de pronunciar corretamente os seus distintos sons que variam conforme o acento dado às sílabas e que muda por completo o sentido de uma mesma palavra."

Olhei de soslaio o soberbo espécime ao meu lado, que fitava em frente, como se não entendesse nada. Para derreter o gelo, tentei falar-lhe da melhor maneira possível, no seu sonoro idioma.

— "Anichi?" (bom dia).

Rindo, respondeu: "As" (sim).

Pelo caminho surgiu uma verdadeira floresta de cactos, carregada de frutos. O índio pediu que parássemos, saltou com a sua vara que tinha uma forquilha na ponta, e sumiu entre os cactos de cinco metros de altura. Logo voltou com as mãos cheias de frutas, dizendo: "Higuarays Majayura", que quer dizer: "Cardos para a senhorita".

A tarde chegamos a Uribia, uma aldeia de novecentos habitantes, agrupados todos em volta de uma praça, que deveria chamar-se "Praça da Pólvora", porque todos os mexericos e intrigas da cidade explodiam ali, onde se localizavam além das poucas habitações, o posto indígena, a Prefeitura, o convento das freiras e o Departamento do Governo ligado aos assuntos indígenas. Nele apareciam e desapareciam grupos de índios Guajiros, discutindo e querendo justificações para as suas intermináveis filas. Ao retirarem-se, sumiam como se fossem tragados pelo deserto. Não se via ao redor de Uribia uma só casa ou rancho.

Ninguém podia dar-me mais detalhes sobre os costumes e tradições daqueles índios, nem mesmo as missionárias Laura, em cujo convento estavam internadas com meninas Guajiras.

As casas desse povo nômade constam apenas de uma cobertura.

Desanimada, pensando em voltar dessa viagem inútil, conheci um velho pescador de pérolas de Carizal, o mestiço Glicério Pana, que me mostrou um livro escrito por um Guajiro com o nome de Briscol. O livro tinha como título "Dolores de uma Raza". Era uma novela histórica sobre a vida contemporânea dos índios Guajiros. Nele o autor citava o culto a um casal de ídolos de ouro chamados "Walhlaju".

O espanto que demonstravam quando eu indagava sobre os ídolos fazia-me crer que se tratava de ficção literária. Entretanto, Glicério Pana insistia na veracidade de assunto e ofereceu-se para acompanhar-me à casa de Briscol, caso eu conseguisse condução.

O posto governamental de Uribia, prontificou-se a levar-me até a residência de Briscol. Mas, ao saberem que Glicério iria em minha companhia, desistiram. Não pude compreender por quê. Porém vi logo que só podia se tratar de alguma intriga. Para não perder tempo, resolvir desistir de Glicério e aceitei o oferecimento de um jipe do posto indígena, que ia a Nazaré, o ponto mais afastado da península, e passava próximo à casa de Briscol.

O jipe corria como um cavalo desembestado, aos saltos, derrapando muitas vezes naquele deserto de areia fofa, levantando nuvens de poeira. A cada buraco que atravessava eu tinha medo de ser cuspida fora do carro.

Ao entardecer chegamos à casa de Briscol, que nos recebeu com tal frieza que chegou aos limites da descortesia. Não demoramos e voltamos no jipe a caminho de Nazaré, porque minhas tentativas de intercâmbio amigável frustraram-se completamente. Nem mesmo citando o nome de seu amigo Glicério despertei qualquer demonstração de interesse da parte dele.

Depositei então as minhas esperanças nas freiras do internato de Nazaré, onde chegamos à noite. O pomposo internato era cercado por um enorme parque e estava festivamente iluminado. Acabara de chegar o Bispo de Riohacha, o mesmo que me presenteara com o livro.

Ele havia trazido um filme de bangue-bangue em doze episódios, que estavam projetando no parque do internato justamente na hora da nossa chegada.

Quando cumprimentei a Reverenda Madre Superiora, reparei que ela estava mais emocionada com o filme do que as crianças índias. Apertou nervosamente a minha mão e disse: "Lá, lá vem ela outra vez!"

Espantei-me e olhei para o lugar que ela me apontava e vi que na tela surgia uma mocinha, que até o décimo segundo capítulo conservou os cabelos cacheados, arrumadíssimos, luvas brancas impecavelmente limpas, apesar de ter rolado abismos, de ter fugido de carroças em labaredas, poeira etc.

Esperei e somente depois do último episódio deram-me atenção.

Perguntei-lhes sobre as tradições dos Guajiros, porém não obtive informação alguma. Resolvi esperar.

No dia seguinte levantei-me de madrugada, em busca de novidades. Avistei, numa colina, um agrupamento de centenas de índios. Fui até lá e, ao aproximar-me, vi que se tratava de um estranho piquenique. Havia centenas de cavalos e redes armadas em que estavam deitados alguns índios, em completo estado de embriaguez.

Tratava-se do enterro de um ente querido.

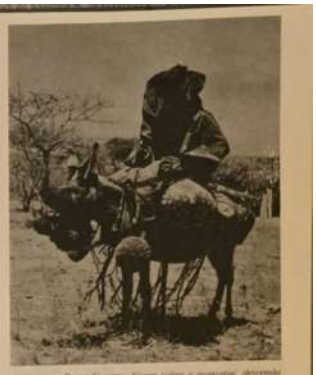
Um dos índios convidou-me a visitar sua casa. No dia seguinte atendi ao convite.

Para minha grande surpresa, uma velhinha era a única pessoa que se encontrava naquela casa distante. Comprometi-me não estava sendo esperada. O convite fora uma brincadeira, e fiquei encabulada. Ao entardecer, chegou o índio com sua família. No outro dia, depois de termos visitado o seu rebanho em companhia da família, trouxeram um cabritinho, que foi morto e assado sob minhas vistas.

No almoço serviram-me comida à parte. Deram-me para comer um prato cheio de algo que parecia espaguete, mas em verdade tratava-se das tripas do cabrito, assadas na brasa, e ainda com capim. Que vergonha! Seria desfeita ou

Do cabrito se aproveita tudo, inclusive as tripas, que são uma gulodeima.

mau uma brincadeira? Não sabia que atitude tomar. Provei a comida com receio de que se não o fizesse poderia provocar sua ira. Qual não foi a minha surpresa ao constatar que tinha um saber delicioso e que era uma das maiores delícias que havia comido até aquele dia. Deram-me para tomar uma das suas tradicionais bebidas, o "cojo", leite de cabra coalhado.



Dama Guajira. Vivem sobre a montaria, descendo apenas para o nascimento de seus filhos. Na sua rica indumentária destacam-se as borlas aos pés, que, quanto maiores, denotam sua posição mais elevada e sua maior riqueza.

Em toda a Guajira falta água. O Banco da Colômbia instalou trinta moinhos de vento, que puxam água do subsolo em diversos pontos, sendo também os centros de grande movimento e reuniões da tribo e do seu gado.

Para tornar-me útil, pedi aos da casa que preparassem uma mula com os respectivos cântaros para que eu pudesse buscar água no longínquo poço dos moinhos.

As mocinhas da casa resolveram transformar o meu trabalho numa farra. Acompanharam-me e, antes de partir, as oito jovens prepararam-se festivamente, pintando seus rostos de vermelho, deixando somente a testa limpa. Usam a pintura para proteger a pele do rosto contra os raios inclemente do sol. O pó de pintura é feito de um coquinho chamado "meera". As moças não descansaram até que, entre gargalhadas, lambuzaram o meu rosto com a meera e vestiram-me com seus trajes típicos, amarrando em minha cabeça um lenço igual ao que elas usavam.

Assim vestida e pintada à moda guajira, tentei abuletar-me no lombo sobrecarregado da mula. Consegui equilibrar-me de cócoras entre as cabaças e salmos em busca do poço.

De repente, avistei uma enorme nuvem de pó, vindo em nossa direção. Quando ela chegou perto, reconheci a caminhoneta que conduzia o Bispo de regresso a Riohacha. Dei-lhe um efusivo adeus com a mão. Sua Eminência debruçou-se, olhou-me embaraçado e prosseguiu a sua viagem. Então, lembrei-me que eu deveria estar irreconhecível por baixo da pintura de meera, de vez que o Bispo me conhecia como uma idosa burguesa.

Esse velho não pára de se lamentar por não poder mais comprar, pois já tinha gasto todo o seu dinheiro ao adquirir 50 esposas.

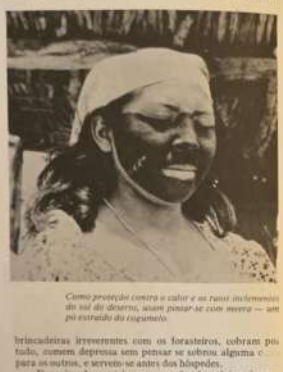
A vida ao redor do poço era de uma vivacidade impar. Um pastoril contrastando com o imenso brasério do deserto. Um oásis. Centenas de cavalos, carneiros e cabritos, assim como os índios, corriam para lá, a fim de se protegerem dos raios do sol e aplacarem a sede. Os inquietantes cabritinhos empurravam irrequietos os grandes focinhos dos cavalos, dentro dos compridos bebedouros. Depois o gado repousava à sombra das árvores, e suas belíssimas crias brincavam à sua volta, dando pinotes e chifradas. Moças e rapazes, crianças e velhos ali se encontravam, conversavam, riam e namoravam.

Quando, dias depois, deixei o rancho, tinha aprendido muito sobre suas dificuldades e privações, sua maneira dura de trato, mas nada sobre suas tradições ou cultos.

Recebi arrisar-me outra vez a ser mal recebida por Briscol; era a minha única esperança de aprender mais sobre estes índios.

Aproveitei a passagem de um dos numerosos caminhões de contrabandistas que, por uma boa paga, iriam deixar-me na casa de Briscol. No meio do caminho, depois de me terem cobrado a viagem, fizeram-me descer do caminhão e abandonaram-me num rancho de uma pobre velha índia, assegurando-me que ali, a qualquer hora, deveria passar um carro que talvez me levasse ao meu destino.

Aquela velhinha ignorou minha presença. Sentia-me intrusa. Não permitiu que eu entrasse em sua casa. Fiquei longas horas à espera da prometida condução naquele lugar ermo. Pensava que os Guajiros em nada se pareciam com as outras tribos com que tivera contato. São rudes e secos como a região que habitam, não são hospitaleiros, fazem



Como proteção contra o calor e os raios inclemente do sol do deserto, usam pintar-se com meera — um pó extraído do coquinho.

brincadeiras irreverentes com os forasteiros, cobram por tudo, comem depressa sem pensar se sobrou alguma coisa para os outros, e servem-se antes dos hóspedes.

Desanimada, sentei-me numa pérgola próxima à casa. Em pouco tempo surgiram por todos os lados índios e índias. De onde teria vindo tanta gente?

Uma jovem aproximou-se de mim e disse-me estar aflita por não receber notícias do noivo a quem não podia escrever porque tinha a mão lixada. Compreendi logo o subterfúgio e ofereci-lhe os meus préstimos. Enquanto eu escrevia, dava-lhe sugestões de como chamar de volta o seu amor sem humilhar-se.

Apareceu também um velho índio de noventa e sete anos de idade, de nome Urânio. Um guloso, que não podia ver cavalos nem mulheres. Trazia em sua companhia seus filhos e pediu-lhes para me explicar que, devido aos gastos na aquisição das suas cinqüenta esposas, ficara na bancarrota. Desta maneira, não tinha possibilidade de fazer de mim a sua quinquagésima primeira mulher.

O choramingar de Urânio foi interrompido quando, para minha surpresa, a velhinha daquela casa abriu as portas e, pegando-me pela mão, levou-me para dentro, até uma rota posta em minha honra. Após a refeição levou-me para fora, e lá estavam duas mulas e uma escrava para levar-me até a distante casa de Briscol.

Entre os Guajiros impera um multimilenar costume de escravizar os prisioneiros de suas escaramuças, que permanecem nessa situação durante toda a vida. A jovem da foto é uma escrava que inclusive me servia a mando de sua dona.

Escravas? Será que ela teria dito aquilo mesmo?

Fiquei estarrecida ao ver que isso existia em pleno século XX. Parecia-me inacreditável que aquela velhinha pobre e maltrapilha fosse dona de escravos. Mas era. A escrava parecia mais uma figura de pedra. Seu rosto era bastante escuro e enrugado pelo sol como uma ameixa seca.

Partimos rumo à casa de Briscol, na pior hora do dia. Sentia-me como se eu fosse uma chama de fogo a cada sopro ardente do vento.

Minha guia levava-me em ziguezague para que todos os ranchos no caminho pudessem apreciar a novidade que ela lá conduzindo. Paravamos em casa rancho e seus habitantes confabulavam entre si demoradamente e faziam pausas para melhor me examinarem.

Eu estava encantada de ver quanta vida existia naquele lugar deserto. O castingal era povoado por inúmeros bandos de pássaros canoros. Inopinadamente surgiam cabritos, mulas e cavalos. De que viviam eles naquele deserto, sem vegetação e sem água?

Às vezes apareciam enormes nuvens de poeira varrendo o horizonte. Pareciam a tromba de um furacão passando por nós numa velocidade louca. Eram caminhões de contrabando — o negócio mais florescente da Guajira e no qual os índios tomavam parte muito ativa. Sendo muito brincalhões, fizeram do contrabando o seu divertimento predileto.

Finalmente chegamos à casa de Briscol, em Kaulekitnana. Este, ao ver-me em companhia da escrava, tornou-se afável. Depois, falei-lhe da minha admiração pelos índios, ao cujo estudo dedicava minha vida, mostrando-lhe meus livros já publicados sobre índios. Ele não só se regozijou de ter-me como hóspede, como esticou-me uma rede ao lado da sua e ali ouvi, durante dias, a sua voz lendo-me capítulos do seu livro "Dolores De Una Raza", contando-me e explicando-me as fabulosas tradições de sua tribo.

"A nossa *lei da Fuga* é seguramente mais dura e mais intransigente do que as de vocês, porque o meio-ambiente assim o impõe.

O arhijuna (homem branco) tem sua população concentrada em cidades ou povoados. Em cada esquina há um policial para evitar crimes, tribunais especiais para julgar e punir, conforme os códigos. Nós, que vivemos espalhados nessa enorme estepe, temos que ter rigorosas e intransigentes leis para assegurar o respeito aos seus habitantes. Essa nossa lei não é escrita, mas guardada escrupulosamente através das gerações. No dia em que não for observada, terminará nossa existência em sangrenta hecatombe e degradações.

Assim é que, qualquer dano ou prejuízo causado intencionalmente, ou acidentalmente, seja moral ou material, calúnia, maus conselhos, matrimônio e adultério, animais treinalhados, enfim, tudo tem o seu "pagir", ou terminará em luta (Purchi) que, às vezes, exterminou uma casta inteira.

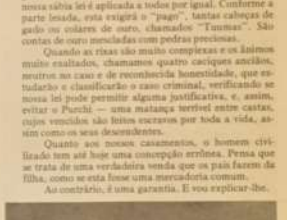
Os Guajiros são compostos de trinta castas de maior ou menor prestígio, como os Uraríyú (cobra cascavel) ou os Urianu (tigre), e cada casta tem o seu tótem, que é hereditário por parte de mãe. Entre nós impera o matriarcado.

Todos os nossos atos têm consequências das quais não podemos nos esquivar com a ajuda de um advogado. Por isso, os Guajiros evitam brigar entre si. A nossa sábia lei é aplicada a todos por igual. Conforme a parte lesada, esta exigirá o "pago", tantas cabeças de gado ou colares de ouro, chamados "Taumas". São contas de ouro mescladas com pedras preciosas.

Quando as rixas são muito complexas e os ânimos muito exaltados, chamamos quatro caciques anciãos, neutros no caso e de reconhecida honestidade, que estudarão e classificarão o caso criminal, verificando se nossa lei pode permitir alguma justificativa, e, assim, evitar o Purchi — uma matança terrível entre castas, cujos vencidos são feitos escravos por toda a vida, assim como os seus descendentes.

Quanto aos nossos casamentos, o homem civilizado tem até hoje uma concepção errônea. Pensa que se trata de uma verdadeira venda que os pais fazem da filha, como se esta fosse uma mercadoria comum.

Ao contrário, é uma garantia. E vou explicar-lhe.



Nos desertos os caminhões têm dupla função: servem de transporte e para contrabando.

Quando uma moça e um jovem sentem simpatia um pelo outro, combinam com o pai da moça uma doação em forma de dote, que ele dará ao seu futuro sogro. Geralmente são quinze reses, duas mulas, três cavalos e dois colares. Estes são distribuídos entre os parentes da moça, cabendo a maior parte a seu pai.

Essa exigência econômica consagra o casamento. É uma espécie de fiança, de garantia, reembolsável em caso de separação do casal ou de adultério. Em tais casos, se o pai da moça ou parentes não fizerem a devolução dos bens, haverá guerra na certa. Isso, para nós, constitui a consolidação do matrimônio, porque todos se acautelam a fim de evitar atritos. Portanto, não se trata de uma venda.

Se assim fosse, depois de casado o marido teria o direito de vender sua mulher, mas nesse caso a nossa justiça guajira é bastante severa, condenando-o à morte.

Em caso de divórcio, esse dote é uma garantia para a preservação da família. É destinado à mãe e está criará as crianças. Sem ele, ela se tornaria uma espécie de joguete, presa fácil de aventureiros de toda espécie ou divertimentos passageiros de sedutores.

No casamento ambos os cônjuges são independentes. Quando o marido está em dificuldades financeiras, sua mulher, por ser financeiramente independente, o ajuda.

Nossas mulheres sentem-se tão bem protegidas pela nossa sábia lei que têm uma desenvoltura quase provocante.

A Majayura, ou senhorita, ao ficar púbere, é colocada numa rede suspensa no teto, durante três dias e três noites. Depois, conforme a sua posição social, ficará de três a quatro anos encerrada dentro de casa. Nesse interim, aprende os ofícios caseiros. Terminado esse retiro, parece uma jovem sumamente pálida e tímida.

É uma maneira sábia de evitar que a linda Majayura se case demasiadamente jovem.

Formular outras leis para meu povo teria consequências imprevisíveis e nefastas, como o que sucedeu a uma jovem de nome Wotconot, pertencente à casta Itmu, da Serra de Macúria.

A moça foi a Maracaíbo visitar uma prima, hospedando-se em casa desta. Ali, conheceu um jovem estrangeiro que lhe propôs casamento. Wotconot, à moda guajira, respondeu zombeteiramente que tocasse a sua música em outra porta.

Ferido pela dura resposta, o pretendente deu cinqüenta bolívares à prima, dizendo-lhe:

— Leva esta mantona ao mercado amanhã, às oito horas, pois quero mostrar-lhe que quem manda aqui somos nós.

No dia seguinte, esperou as duas à porta do restaurante da esquina e ofereceu-lhes um copo de refrigerante.

Minutos depois, Wotconot caiu narcotizada. Quando voltou a si, viu que estava num quarto de hotel em companhia do jovem. Entre lágrimas disse:

— Nunca poderia imaginar que nesta maldita terra houvesse tanta corrupção!

Nove meses depois nasceu a criança. Era um menino. Quando este completou sete anos, Wotconot, levou-o para Maracaíbo e entregando-o ao pai disse-lhe:

Etse e Briscol, com a primeira de suas 24 esposas.

— Aqui tens teu filho, que sem o meu consentimento cometeste o crime de injetar no meu ventre. Daqui em diante é teu dever criá-lo e fazer dele um homem.

Sem bater a pai o acritou, lembrando-se de uma senhora que precisava de um empregado doméstico. Levou a criança e por mil bolívares vendeu-a à tal senhora.

No emprego, o menino trabalhava de dia e à noite freqüentava o colégio. Ao atingir dezoito anos, disse à sua patroa:

— Eu a servi até hoje.

Sem mais nada acrescentar, foi-se embora, retornando à sua terra natal.

Lá, enamorou-se loucamente de uma índia pertencente a uma casta elevada. Não sabiam como resolver o problema, pois o pobre rapaz não tinha gado nem Tuumas. Ele e a moça fugiram para Maracaíbo, onde se casaram pela lei dos brancos, deixando de ser índios, segundo eles acreditavam.

Entretanto, a família da moça índia não se conformou com aquilo e sentiu-se profundamente ultrajada. Para lavar a ofensa, organizou um "puechi" no qual foi dizimada a casta da mãe do rapaz tornando-se escravos os que escaparam."

Várias vezes Briscol teve que interromper a narração, devido à algazarra de seus numerosos filhos em nossa volta e para as refeições que eram servidas ali mesmo. Uma simpática e risonha senhora as trazia.

— Esta é a minha vigésima quarta esposa. Nós somos polígamos, casamo-nos tantas vezes quanto os nossos recursos financeiros o permitam. Só a mulher é monógama.

E continuou:

Briscol com a primeira de suas 24 esposas, a sacerdotisa Isolina, guardiã dos "Walhlajs" — ídolos de outrora

Os "Walhlajs" — Emerins e Patracul — guardados no templo de Katerhuwou e expostos apenas de 4 em 4 anos. Impressionam pela sua figura assustadora, embora seja um trabalho de fino lavor pré-colombiano.

Pelo que pude observar entre os brancos, para vocês impera quase a mesma lei, porém disfarçada. Vocês fingem acreditar nas aparências, ao passo que nós vivemos abertamente, dando rédeas ao nosso temperamento. Vivo em perfeita harmonia com as minhas vinte e quatro esposas. Elas residem em lugares distintos. O meu primeiro casamento foi com Isolina, dez anos mais velha do que eu. Esse foi o meu casamento mais caro, porque ela pertence à prestigiada casta dos Urânios, uma das dez que ainda possuem ídolos de ouro — os Walhlajs — dos quais Isolina é herdeira e sacerdotisa. Ela vive no templo em Katerhuwou, perto de Tarou, local isolado e longe daqui. Lá também vivem três guardiões do templo, para evitar que os ídolos sejam roubados ou profanados. Estão guardados num estojo e são duas estatuetas formando um casal. Os possuidores dos ídolos comprometeram-se a expo-los de quatro em quatro anos, no mês de janeiro, aos Guajiros, para que possam reverenciá-los. É o rito Piouy, para o qual é organizada uma grande festa que tem o mesmo nome. Aquele que se recusa a tomar parte no rito causará os piores flagelos ao seu clã.

Nessa época, os Walhlajs são retirados do seu estojo e colocados sobre uma mesa, ao ar livre, como se fosse um altar. Ao lado dessa mesa, em honra dos Walhlajs, os índios aglomeram-se e depositam oferendas. Os que nada podem ofertar abstêm-se a olhá-los. Esse rito dura de quatro a cinco dias. Armam suas tendas em círculo, dançam a chica-maya e organizam corridas de cavalos, o que constitui o ponto culminante do rito Piouy. Enfeitam-se os índios, faustosamente ataviados, sobre fogosos cavalos. O cavalo representa para o Guajiro um valor econômico especulativo. É o filho predileto de seus esforços, criado como companheiro inseparável nas suas andanças e motivo de orgulho quando vence a corrida. Treinado para isso e para batalhas, é um animal forte, brioso e ágil, tal qual o seu amo. Nessas ocasiões os Guajiros enfeitam-se, sestem seus melhores "Sheis", compridas e coloridas mantas, penachos de plumas na cabeça, chamados "Carratze". Enfeitam também seus cavalos com pompons coloridos nas selas, nos cabrestos e nas crinas. Em dias comuns

As mantas — "Sheis" — fazem parte da indumentária dos homens.

montam os cavalos qual indomáveis centauros e disputam com o vento a velocidade. Esse nosso antigo fausto, com o qual homenageamos os Walhlajs, tornente nós, os Guajiros, podemos assistir. Antigamente havia mais Walhlajs, mas as bebidas alcoólicas trazidas pelos Arhijunas (brancos) corroeram a moral dos nossos homens e as doenças venéreas trazidas por eles envenenaram os ventres das nossas mulheres. Isso provocou a decadência da tribo a tal ponto que muitos Guajiros trocaram Walhlajs para adquirir produtos maléficos da vossa civilização.

Pedi, então, ao cacique Briscol que me levasse até o templo para que eu visse os ídolos. Ele se negou terminantemente e disse-me:

— É um sacrilégio tirá-los de seus estojos fora da época, e para tal faltam ainda dois anos e sete meses.

Daí por diante, a minha insistência não deu tréguas a Briscol. Explicava-lhe que tínhamos de derrubar o falso conceito sobre as tradições de sua raça e que isso seria possível se eu pudesse fotografar e publicar os Walhlajs no meu livro.

Afinal, um dia ele capitulou. Embarcamos todos — mulheres, crianças, Briscol e eu — num caminhão rumo a Tarou, em busca da guarida dos ídolos.

Isolina, mulher de Briscol, recebeu seu esposo com carinhoso sorriso. Enquanto ele advogava o meu oferecimento de cem dólares, as outras esposas, as crianças e eu ficamos no caminhão. A luz do dia já começava a declinar quando Briscol deu ordem para que todos descessem do caminhão, exceto eu, que juntamente com Briscol e Isolina partiu para um lugar deserto, numa colina da qual se tinha uma visão estratégica da região, onde ficavam duas pequenas casas brancas.

De uma delas surgiram três homens atléticos — os guardas dos ídolos.

Meus nervos estavam à flor da pele. Será que os ídolos existiam mesmo ou seria um truque para me tirarem cem dólares? Por que os sussurros e hesitações?

Isolina desapareceu dentro do templo. Fora, eu esperava recuando um castigo, conjeturando sobre a minha perigosa situação. Estava forçando esses índios, tão fáceis de se melindrar, a cometerem uma profanação. Expunha-me a desencadear uma contenda entre eles. Se em sua lei houvesse uma justificativa para me condenarem à morte, ou exigir de mim uma paga maior, eu estava naquele momento à mercê deles.

Para meu alívio a sacerdotisa reapareceu no vão da porta. Trazia um estojo que depositou no assento de uma cadeira, ao ar livre. Então, pude contemplá-los. Quantos mistérios ainda estão à espera de serem desvendados nessas terras! Quem teria feito essa complicada obra em ourivesaria? Os Guajiros atuais são tão brutos, vivem vagueando e não têm moradia fixa. Que diria o Padre José Augustin de Barraquilha, autor do livro "Así es la Guajira", se tivesse visto esses maravilhosos ídolos?

Os ídolos são sempre um casal, Patracul e sua companheira Emerins. São os intermediários entre Maréiva, Deus Supremo, e nós. Têm também poderes mágicos.

Contam que Maréiva, um dia, zangou-se seriamente com a conduta dos ancestrais Guajiros e afastou-se para regiões longínquas. Mais tarde, vendo que eles estavam sinceramente arrependidos, compadeceu-se deles e indicou-lhes um lugar onde deveriam escavar a terra para encontrar duas estatuetas que seriam o elo entre ele e os Guajiros.

Suas fisionomias impunham temor, principalmente a de Emorins, de nariz e boca arregaçados, horripilantes como de morcego. Os dois eram ornados com várias cabeças de araras, que surgiam entre plumas de ouro em profusão. O que mais me surpreendeu foi o trabalho de ourivesaria, pois as araras carregavam no bico argolas que se moviam.

Perguntei-me: com esse aspecto assustador os Walhlajs seriam adorados ou temidos?

Antes que a luz se tornasse insuficiente, cuidei de fotografá-los juntamente com a sacerdotisa Isolina e seu esposo, o cacique Briscol.

Ao regressar à casa de Briscol, já era noite. Indicaram-me uma casa só para mim. Ia me deitar logo, pois estava cansada e no dia seguinte teria que me levantar cedo para prosseguir viagem.

No quarto, de repente, surgiu o vulto de um bicho monstruoso semelhante a uma lacraia, de quase um metro de comprimento. Que animal seria?

Aparoxado, pulei para a minha rede, localizei o "flash light" sobre o réptil cinzento, de dezenas de pernas, e ele, com uma velocidade incrível, começou a subir pelas cordas da minha rede. Suando frio de pavor e sabendo que meus gritos de socorro não seriam ouvidos na distante casa de Briscol, saltei de rede, tentando fugir porta a fora. Então, meu "flash light" caiu e apagou-se. Parei no local onde estava, na mais completa escuridão. Parecia uma noite sem fim.

Apavorada, aguardei o raiar do sol, a fim de investigar onde o animal se tinha metido e o que era. Ele porém não deixou vestígios. Sabia que não podia indagar de Briscol sobre esse horrendo animal, para não demonstrar com isso que ficara mal acomodada.

Aguardei, ansiosa, a primeira nuvem de poeira, que significaria condução para ir embora. Não tinha coragem de passar mais uma noite naquele quarto com o repugnante animal.

Finalmente, passou um caminhão de contrabando que seguia para Sierra de Jarra, onde, conforme a indicação de Briscol, viviam as castas mais altas dos Guajiros com suas tradições ainda inalteradas.

Após muitos dias de viagem, interrupções e longas esperas de locomoção, alcancei o coração das tribos Guajiros na Sierra de Jarra, município de Prochina.

Distei ao longe os seus ranchos. Eram diferentes das outras tribos indígenas. Os Guajiros constróem seus ranchos em proeminências, para que seus habitantes possam desfrutar de ampla vista estratégica sobre o horizonte. Vivendo em zona de calor sufocante, os Guajiros aproveitam engenhosamente os constantes ventos alísios, construindo para suas vivendas coberturas de palha "yotojoro" sobre varas, nas quais armam suas redes. Somente as mulheres grávidas ou os velhinhos têm ranchos de paredes de barro. Os homens dormem ao ar livre.

Os Guajiros, como quase todas as tribos indígenas, têm casas em diversos lugares, para as diferentes estações do ano. Constróem a cozinha sempre à parte.

O chofer do caminhão, também índio, levou-me até a pérgola de Yotojoro, onde o recém-chegado se deitou até que o chefe e os da casa, um por um, venham cumprimentá-lo. Naquela pérgola estavam amarrados diversos chiqueirros luxuosos, indicando a alta hierarquia dos seus ocupantes. Todos eles eram criadores de carneiros, cabritos, vacas, mulas e belos cavalos.

Uns setenta é a razão de se reunir a ela todo, vindos inclusive de longe. Aproveitam, por isso, para negociar, namorar, cantar amadrinas e tratar novos casamentos.

As carpideiras — quase sempre multimilenar — que, além de chorarem, também cantam narrando passagens da vida do morto.

O defunto é levado ao cemitério a galope, carregado em tosco estrado feito de galhos.

Ao aproximar-me, déi o tradicional "Anaschi-maypia", que quer dizer: "Chegue!".

Um coro de gargalhadas saiu das redes. Mais nada.

O sangue ferveu-me nas veias. Fiz outra tentativa de dirigir-me à única mulher do grupo, uma senhora corpulenta que denotava vigor e elasticidade e tinha um olhar frio, vivo e agressivo.

— Casachique? (Outro hábito Guajiro para a pessoa se apresentar e que quer dizer: "O que se diz por aí?")

Ela virou-me ostensivamente as costas.

Estava perdendo meu tempo. Corri atrás do caminhão, que já estava de partida, e fiz-lhe sinal para que me levasse. O chofer sorriu de modo divertido e, sem ligar para mim, continuou seu caminho. Isto encheu-me de raiva e desespero. O que teria eu dado para estar bem longe, bem longe dali! Sentia-me presa numa armadilha, inflexivelmente preparada por mim mesma. Amaldiçoando-me por minha impotência, não pude, contudo, deixar de admirar aquela bela raça altiva, brincalhona, donos de uma saúde invejável, talvez por viverem sempre ao ar livre e puro, tonificados pelo sol que queima os corpos mas dos homens, que ali andavam somente com um tapa-rabo enfeitado de borlas de lã de cores vivas.

Sem ter para onde ir, soltei, humilhada, ao caramanchão. Acomodei-me num canto para proteger-me do sol. A tal senhora indicou-me um banquinho para sentar-me.

Eu estava tão irritada que respondi com um malcriado grunhido.

Dessa vez a algazarra e os risos dos índios transformaram o ambiente num pandemônio. Nem aquela mulher pôde ocultar o seu riso divertido. Eu estava longe de imaginar que naquele momento tinha desrespeitado a mais temida a venerada personagem de Jarra, a cacique Erida Pushaina.

Resultado: ela veio a mim e, puxando-me pelo braço, encaminhou-me a uma casa e ofereceu-me comida, dizendo apenas: "Come".

Mais tarde, em espanhol fluente:

— Gostou? Nós somos hospitaleiros.

— Sim, muito! Mas por que me receberam tão mal?

A cacique riu a plenos pulmões:

— Foi justamente pela tua audácia. Simpatizaram com você. Vem, vou te apresentar às minhas filhas.

E lá fomos em direção a um outro caramanchão, a mais ou menos um quilômetro de distância.

Na manhã seguinte, ela estava em grande atividade. Parecem-me que ia a um piquenique. Fazia pacotes e disse: "Enrola a tua rede e vai à casa da minha filha buscar comida para dois dias de viagem e um vestido novo. Vamos ao velório de uma tia minha que morreu em Azatainuru."

Eu achava que ela estava me fazendo de empregada. Arrastei-me mal-humorada à casa das suas filhas, dando pontapés nas pedrinhas que encontrava pelo caminho. Elas já estavam à minha espera.

Ao escolherem o vestido, perguntei-lhes: "Vocês vão também?"

Uma delas respondeu: "Eu não posso, tenho vermes no dente." Abriu a boca e mostrou-me um buraco enorme. "Você sabe com que se mata o verme? Dói bastante."

Era a primeira vez que eu ouvia alguém chamar a cárie dentária de "verme". Na verdade, aquela cárie bem parecia uma fruta bichada.

Ao me entregarem um vestido de cor verde-vivo, tentei explicar que a cacique ia a um enterro e com certeza preferiria um vestido preto e apanhei um daquela cor.

"Não!", exclamaram as duas. "Esse é feio."

O problema, afinal de contas, era delas. Se queriam que sua mãe fosse com um vestido tão espalhafatoso, eu não tinha nada com isso. Portanto, levei-o.

Ao vê-lo, os olhos da cacique brilharam de aprovação. Suas filhas e vizinhas vieram correndo atrás de mim, e para minha surpresa, e sob grande assistência, enfiaram-me no tradicional traje guajira, feito com oito jardas de fazenda de cor verde berrante. Ao me alçarem para a belíssima mula toda enfeitada de bolas de lã colorida, cheia de pacotes contendo garrafas com refrescos e guloseimas, eu me senti feliz como um pássaro. E pensar que na véspera, naquele mesmo lugar eu tinha sido tão humilhada.

Durante a nossa viagem, Erida parava em cada rancho para me exibir e eu desfilava entre exclamações de curiosidade e agrado.

Ao nos aproximarmos de Azatainuru a noite estava chegando. A terra estava escura, contra um céu iluminado pelos últimos raios alaranjados do sol. Viam-se contornadas as silhuetas de numerosas cavalgaduras, enfileiradas umas atrás das outras. Vinham montadas nelas pessoas de Sierra de Jarra, que se dirigiam ao enterro. Naquela atmosfera, com aquele colorido, parecia mais uma peregrinação bíblica rumo ao presépio.

A cacique me contou que, de acordo com a importância social do morto, há enterros que chegam a ter dois mil índios para despedir-se dele. A dedicação dos Guajiros pelos seus doentes e mortos é ilimitada.

Quando chegamos, já estavam lá centenas de índios amarrando suas redes, fazendo fogueiras, preparando comidas e bebidas em volta da morta. Minha amiga Erida recebia naquele momento as homenagens dos que já estavam lá. Caída recém-chegado sentava-se no chão ao lado da defunta e ululava tristemente, parecendo uma suave canção de ninar. Entre aquela profusão de redes, fogueiras e cobertores, tagarelavam, contavam anedotas e principalmente namoravam.

A cacique colocou minha rede perto da morta e em seguida começou a mostrar-me e apresentar-me às personagens mais importantes. Lá estava, envolto no seu colorido "Shei", o poderoso cacique Warralhamatu queixando-se de dor de garganta. Saí e perto dali apanhei gotas de resina de um arbusto comum naquele lugar. Essa resina tem um gosto semelhante aos dos rebuçados de Lisboa. Então soltei e dei ao Cacique para que a chupasse. Ele melhorou bastante e em gratidão me ofereceu um gordo carneiro e muito insistiu para que eu o aceitasse. Mas como poderia eu viajar pela América em companhia de um carneiro? Com muita habilidade recusei e mais tarde me arrependi, porque fui severamente reprendida pela cacique Erida, por isso. Ela achava que, se eu não o queria, bem que podia ter-lhe oferecido.

Nunca imaginei que um velório pudesse ser tão agradável e festivo. Aquela altura todos já estavam bêbados, brindando à defunta e augurando-lhe feliz viagem. Trouxeram todo o seu rebanho e começaram a matá-lo para que a alma desses animais pudesse acompanhar seu dono na viagem a regiões estranhas.

Pescador. Entre os Guajiros, quem exerce tal profissão é um proscrito.

O opulento cacique Warralhamatu, que curei de uma inflamação na garganta. Insisto, por isso, em me presentear com um gordo carneiro.

Dormi. Acordei sobressaltada com um tiro de espingarda. Já estava amanhecendo e vi a rede da morta amarrada num tosco estrado improvisado com galhos que quatro homens carregaram em velocidade rumo ao cemitério. Atiravam para o ete, anunciando a Deus que um novo habitante estava para chegar lá.

No caminho de regresso à casa de Erida, a feiticeira Iriana nos acompanhou e perguntou-me se eu ficaria para o segundo enterro.

— Como? — perguntei. — Morreu alguém mais?

— Não — respondeu. — Mas a morta no fim de três anos será desenterrada para os novos ritos fúnebres. Uma mulher, a parenta mais próxima, lava e limpa esse por osso e os mostra dentro de um pedaço de fazenda chamada "Shebi", que deverá ser segurado por uma mentira. O pano com os ossos é, então, depositado numa urna e levado ao mausoléu da casta. Não é permitido a quem limpa os ossos tocar em qualquer alimento durante vários dias. Estes lhe são dados na boca.

Também não a deixam dormir, para que a alma do morto não se apodere dela.

Se alguém pronunciar o nome do morto na presença de sua família, mesmo ignorando o seu falecimento, isso é considerado uma ofensa capital e o incauto não sairá com vida. Compreendi e daí por diante nunca mais pronunciei o nome da falecida tia da minha amiga a cacique Erida Pushaina.

Senti-me lisonjeada por ter sido convidada pela "piacha" feiticeira Iriana para visitá-la.

Os Guajiros nomeiam o Piache, nome que representa os três poderes básicos: médico, sacerdote e vidente. Tanto podem ser homens como mulheres. Uma vez abraçada aquela tripla profissão, devem levar uma vida de abstinência até a morte; se são casados, obrigam-se a se separarem dos seus cônjuges.

Quando fui visitar a feiticeira ela não estava em casa. Senti-me, então, à sombra para esperá-la. De repente, ouvi estranhos assobios vindos de longe. Pensei que estranho animal emitiria aqueles sons! Saí à procura e cheguei a uma elevação dentro da caatinga. Lá no topo estava a feiticeira Iriana, acocorada, usando o característico barrete "Quisrugu", que distingue como feiticeira credenciada. Enquanto assoviava, brandia ao céu uma maraca para desencadear os elementos da natureza. Alastei-me, receosa de perturbá-la. Depois de algum tempo, ela passou por mim sem me notar. Mais tarde explicou-me que estava chamando a brisa para trazer nuvens.

— Nós, os Guajiros, — disse-me — nada pedimos aos deuses. Evocamos as próprias forças da natureza.

Quando retornamos à sua casa, lá havia índios aguardando sua chegada para serem curados. Assistindo aos tratamentos, reparei que se pareciam com os de todas as tribos indígenas da América e se assemelhavam a acupuntura chinesa. Deste modo, ela tratou um dos clientes que se queixou de fortes dores no joelho direito. Iriana pôs várias pedrinhas na fogueira. Em seguida, segurou uma longa pinça de bambu e com ela fisgou as pedras encandescidas, queimando as costas do índio em determinados pontos. Desviei os olhos sem poder evitar de ouvir o chiar da carne do rapaz ao ser chamuscada. Este, após várias fisgadas, constatou que estava curado e, sorrindo, entregou-lhe um presente.

Outro cliente pediu-lhe "Lania".

— Qual deles? — perguntou a feiticeira.

— O de fechar o corpo contra flechadas e balas...

A "Piacha", com um chumaço de ervas, começou a golpear-lhe todo o corpo, da cabeça aos pés.

Perguntei-lhe quantos tipos de "Lania" existiam.

— Três — me respondeu — Há Lania contra ferimentos, contra doenças e para atrair simpatias.

Perguntei se todos deviam pagar-lhe com presentes. Iriana explicou que sua profissão exige abstinências e muita concentração para adquirir os dons e também para não perdê-los. Por isso, não lhe sobra tempo para cuidar da sua própria subsistência, que fica a cargo dos clientes. Mas, se algum deles morrer por sua culpa, ela será obrigada a acompanhar o defunto dentro do túmulo...

Não pude deixar de pensar no que ocorreria se essa lei fosse posta em prática entre os civilizados...

Uma noite, eu me entretinha a acariciar um carneirinho órfão que dormia em meus braços, quando senti que alguém sacudia minha rede, armada junto à da cacique.

— Lá estava Jouner, o jovem sobrinho da cacique, meio bêbado.

— Tira o carneirinho daí que vou me deitar com você — me disse ele.

— O quê? — e senti-me na rede, sem poder pronunciar mais uma palavra. A cacique veio em meu socorro, interpelando o sobrinho:

— E qual é o preço que você oferece aos familiares dela?

— Diga ao teu pai que dou 250 carneiros, 250 cabritos e 50 cavalos de corrida por você.

— Direi — respondi-lhe.

Satisfeito, foi para fora e começou a tocar o tambor de zinco. Durante horas o som rápido e eletrizante me perturbou, até que perguntei à cacique porque seu sobrinho fazia aquilo. Ela me respondeu:

— Jouner é um bom partido, é trabalhador, e agora está tocando o tambor para chamar a chuva.

Rememorando bem o seu rosto, reconheci nele um dos homens que mais zombaram de mim quando da minha chegada a Prochina.

Eu começava a gostar daqueles índios, da sua maneira irreverente e zombeteira, mas sincera, de tratar as pessoas. Via-os galopando pela estepe, donos absolutos da sua vontade, fazendo e desfazendo como bem quisessem, sem que nada se interpusesse à sua liberdade. Ali não se conhece ainda o jugo da civilização.

Aliás os Guajiros são queridos em toda a parte. O Governo da Venezuela oferece a cada índio solteiro 15 hectares de terras, com título de proprietário, além de emprestar-lhes 13.000 bolívares, a serem pagos em quinze anos a 1,5% de juros anuais.

Ademais, fornece-lhes água grátis para suas casas, transmite programas de rádio em língua guajira, além de dar-lhes trabalho, assistência médica, alimentação. Mas, com todas essas vantagens, eles preferem enfrentar a dura luta pela sobrevivência na sua estepe árida da Colômbia...

Certo dia, minha anfitriã, a cacique, chegou a me fazer a seguinte proposta:

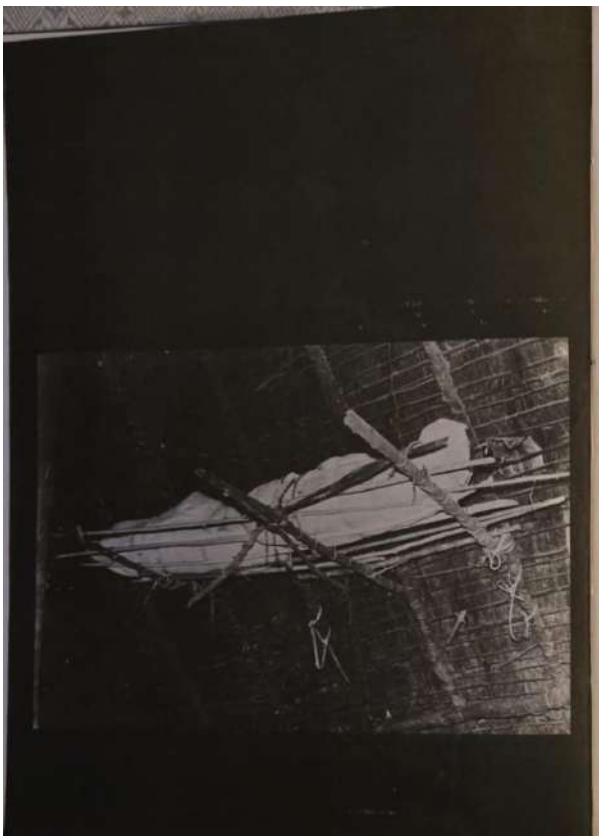
— Felicitas, no enterro da minha parenta observei que você tem jeito para curar as pessoas, porém não sabe cobrar o pagamento. Fique comigo. Eu lhe ofereço uma casinha perto da minha. Você fará as curas e eu cobrarei dos clientes...

O negócio não inspirou confiança. Já me via a caminho do cemitério para acompanhar meu ex-cliente dentro do túmulo... Por isso, diante da tentadora perspectiva de abrir com a cacique uma "Tenda de Milagres", tomei apressadamente a primeira condução de regresso a Bogotá.

Fiquei surpresa quando ouvi falarem do projeto do Governo de estimular a pesca e administrar cursos noturnos aos Guajiros. Será que ignoravam que esses índios consideram a profissão de pescador altamente pejorativa? Quem a exerce torna-se um proscrito por toda a vida, não podendo ter contato com nenhuma casta da tribo. E os índios não iam freqüentar os cursos noturnos por não andarem à noite no escuro, receando as cobras venenosas que atacam nessas horas.

Iriana, a "piacha" (feiticeira), [illegible] mineral medicinal" (uma variante da acupuntura, milenar medicina chinesa), em que emprega pedrinhas incandescentes.

A cacique Erida com seu sobrinho Jouner, que tentou me comprar por 250 carneiros, 250 cabritos e 50 cavalos de corrida.



MOTILONES

Em 1930, os Motilones receberam uma dura lição. Os colonizadores, ao passarem por suas terras, deixaram numa acampamento um saco de sal. A alegria dos pobres índios foi imensa. Faltava-lhes sal. Banquetearam-se com o raro achado. Tarde demais perceberam que o sal fora perversamente misturado com clamoteo. Muitos morreram com dores terríveis.

Outro crime perpetrado pelos brancos, citado pelo zoólogo norueguês, Per Host, no seu livro "Children of the Jungles", pag. 187, que a imprensa norte-americana publicou na revista Time, deu-se pouco antes da Segunda Guerra Mundial.

Uma companhia dos EUA reclamava do governo da Colômbia que os índios da Sierra de Perijá estavam dificultando a exploração de petróleo, atacando seus trabalhadores. Os soldados que o governo colombiano enviou não conseguiram encontrar os selvagens e, como os assaltos continuassem, recorreram ao método drástico de mandar aviões militares sobrevoarem a floresta, bombardeando seus indefesos habitantes, que respondiam atirando flechas nos aviões.

Em julho de 1960 missionários capuchinhos se esforçaram por fazê-los esquecer as crueldades e maldades recebidas do homem branco. Eles sobrevoavam com um helicóptero o território dos Motilones e, quando avistavam uma tribo, jogavam pacotes com roupas, víveres e utensílios. No princípio, os índios não tocavam nos alimentos, lembrando-se do criminoso envenenamento do qual haviam sido vítimas. Por fim os vôos já eram esperados com alegria. Pensavam os bondosos padres que tinham chegado a um entendimento e que podiam entrar em contato com os índios. Numa das excursões, o helicóptero aterrissou e junto com os presentes desceu um padre que mal pisou o chão, teve de correr para alcançar o helicóptero que já levantava vôo, fugindo da chuva de flechas atirada pelos Motilones.

Em Valledupar, Distrito de Magdalena, na Colômbia, pedi informações aos padres capuchinhos de como poderia entrar em contato com os Motilones.

Frei Jesualdo M. de Bañeres aconselhou-me a tentar entrar por Becerril, via Codazzi, por onde mais rapidamente poderia penetrar na Sierra de Perijá, na qual, dispersos em grupos, vivem os Motilones.

Quando, em fevereiro de 1962, manifestei em Bogotá a intenção de visitar a tribo dos índios Motilones, na Sierra de Perijá, fronteira da Colômbia com a Venezuela, senti o ceticismo com que a imprensa colombiana acolheu essa notícia. Não acreditavam que uma mulher sozinha pudesse entrar em contato com os índios mais ferozes de toda a América, chamados "terror dos brancos". Pediram-me que, no caso de voltar, trouxesse documentação fotográfica para atestar a minha estada entre eles.

Os poucos que têm conseguido entrar em contato com eles foram caboclos, trabalhadores das companhias petrolíferas e, ocasionalmente, missionários capuchinhos. O etnólogo Dr. Gerard Reichel-Dolmatoff os definiu como "selvagens de grande agressividade, de idioma e de cultura praticamente desconhecidos".

Esses índios não eram agressivos, mas os maus tratos recebidos dos seus "irmãos brancos" fizeram com que os Motilones ficassem com a fama de índios mais ferozes e vingativos das Américas.

Chegando a Codazzi, tive a sorte de encontrar um caboclo que tinha um sítio no mais avançado ponto do território dos perigosos índios. Ele estava em preparativos de viagem para lá, a fim de buscar uns trabalhadores, que lá ficaram por uma semana cortando madeira. Por um bom preço, prontificou-se a levar-me até seu sítio. Daí eu deveria seguir sozinha. O caboclo dizia que os Motilones viviam num vale, a nomes de um dia de distância do sítio dele e que ele me indicaria o rumo.

Em Codazzi comprei duas mulas. Numa delas carreguei rapadura, farinhas, sabão e, com muito cuidado, amarrei nela as minhas delicadas e caras câmaras fotográficas.

Saímos antes do sol nascer, para uma viagem de dois dias. Atravessamos quilômetros de lama que tragava as mulas até a barriga. Os animais resfolegavam, suavam e paravam de cansaço a todo instante, até que, a certa altura, a mula que carregava as minhas câmaras, num ímpeto de desespero, rolou furiosamente pelo chão, tentando, desse modo, livrar-se da pesada carga.

Com um salto estava ao lado da mula, gritando a plenos pulmões: "Minhas câmaras! Minhas câmaras!", como se ela entendesse o que eu dizia.

Se as câmaras fossem quebradas, todos os sacrifícios, gastos, esforços físicos e o tempo empregado em indagar e estudar teriam sido em vão, pois não poderia trazer a documentação necessária para que me dessem crédito. Passaram-se minutos de tremenda incerteza até que verifiquei que nada tinha acontecido às minhas preciosas câmaras fotográficas.

A agressividade desta tribo bantú está bem demonstrada nas pontas de metal de suas flechas, que brilham ao sol.

Daí em diante, por precaução, levei as câmaras amarradas ao meu corpo, decidida a não mais me separar delas até chegar ao fim da viagem. Voltando à montaria, outra surpresa me esperava. De cinqüenta em cinqüenta metros meu exausto animal arriava no chão. Não adiantavam chicotadas nem esporas. Ela só se levantava quando se sentia livre de meu peso. Esta manobra repetiu-se tantas vezes que, por fim, arabei caminhando ao seu lado. Depois de alguns quilômetros, ensopada da chuva, tiritando de frio, e exausta agarrei-me desesperadamente, com as duas mãos, à cauda do animal, indiferente aos coices que ele me desferia. Assim, fui puxada pela irritada mula, que me arrastava à beira de profundos precipícios, de escorregadias escarpas com arbustos que rasgavam a minha roupa e arrancavam meus cabelos.

Ao anoitecer, alcançamos um rancho, a primeira habitação em todo nosso trajeto. O dono da casa permitiu apenas que nós nos acomodássemos num alpendre ao lado da casa, açoitado pelos ventos gélidos dos Andes e por violenta chuva.

Enquanto o caboclo amarrava sua rede, eu tateava no escuro, procurando um lugar onde pudesse dormir. Encontrei uma manjedoura e em dois tempos enfiei-me nela, torcendo para que a noite passasse depressa.

Ao amanhecer, saíam meus ténis, que estavam frios, molhados e presos da lama do dia anterior, seguiri novamente o rabo da mula e lá fomos...

Já estava próximo o término do segundo dia quando um grito do caboclo me fez cair do torpor em que caíra, devido às longas horas de privações. Ouvi apenas: "Rápido, suba na mula!" Em seguida, o nosso mundo escureceu e desencadeou-se um vendaval como jamais havia presenciado, nem mesmo em filmes de terror. Um fim-do-mundo. Granizo, como se fosse despejado de centenas de baldes, caía sobre nós. O vento sibilava, arrancando arbustos, atirando-os com violência à nossa frente, fazendo com que os animais, assustados, disparassem como se fossem continuamente chicoteados. O que mais causava pânico era o tremendo rugir do vento. A natureza tinha rompido os seus diques de controle e fomos tomados pelo medo diante da sua força ciclópica. Escureceu tanto que eu mal podia enxergar o pescoço da minha mula, que, com os freios entre os dentes, disparou, jogando-se como louca contra arbustos e árvores. Agarrei-me à crina e abaixei a cabeça, fechando os olhos para que não fossem furados pelos galhos. Nessa corrida alucinante, rompeu-se meu saco de mantimentos, e as conservas rolaram pelo chão. Quando, por fim, alcancamos o casebre onde estavam os lenhadores, as mulas, cobertas de espuma pelo cansaço da louca corrida, refugiaram-se sob o teto protetor da choupana. Ao penetrar na casa, levei outro susto. Lá estavam três tipos mal encarados, os lenhadores. Após tomarmos café e comermos uma batata, cada um, nós cinco deitamo-nos no chão do único quarto, enquanto lá fora a tempestade continuava rugindo.

Eu estava apreensiva por encontrar-me só entre tipos tão sujos e de má aparência.

Acordei, sobressaltada, à noite, quando o vento levou parte do nosso telhado. O aguaceiro entrava pela abertura como se fosse uma cachoeira, inundando o pequeno cômodo. As minhas mochilas e tudo o mais que estava dentro da casa boiavam na água.

Os lenhadores improvisaram um pequeno teto com lona. Conversaram toda noite, até o amanhecer, confessando o terrível medo que sentiam pelos sanguinários Motilones que já faziam dias rondavam o casebre e que tinham por costume matar os odiados brancos, cortando-lhes os órgãos genitais, assim como a mão direita, que levavam. Defecavam em volta do cadáver, fato que vários autores mencionam em seus livros.

Na manhã seguinte o caboclo foi procurar as latas de conservas que eu havia perdido pelo caminho. De volta, ele disse-me ter chegado tarde demais, que os esfomeados cães dos Motilones já tinham estado antes dele no local e comido as conservas. Confesso que fiquei cheia de curiosidade para conhecer esses fabulosos animais que sabiam abrir latas de conservas...

Os homens voltaram para Codazzi, deixando-me apenas uma mula. Montada nela, segui lentamente por uma trilha que deveria levar-me ao vale dos Motilones. Sentia uma imensa solidão nessa viagem suicida.

Horas depois, avistei duas aldeias indígenas, separadas por um riacho. O telhado das choças ia até o chão e ao redor de cada uma havia uma espécie de cerca, como se fossem trincheiras de guerra.

Ao aproximar-me do primeiro povoado, já estavam eles em frente às suas choças, armados até os dentes. O metal da ponta das suas flechas brilhava agressivamente à luz do sol. As mulheres e as crianças estavam escondidas, e isso era mau sinal. Os índios, na expectativa de que o encontro era um estranho pode acabar em lutas sangrentas ou mutanças, afastam a parte mais frágil do grupo para que nada lhe

A homicá Exma, causadora da guerra entre as duas aldeias.

acústica. O sangue gelou-me nas veias. Eram índios de aspecto horripilante, como nunca pudera imaginar. De pequena estatura, quase pigmeus, tinham a cabeça e tronco normais, mas as pernas eram deformadas. Por isso andavam com dificuldade. Eu não podia atinar porque toda a tribo estava assim. Talvez seja raquitismo congênito ou, quem sabe, um artrítismo deformante, pelo hábito de dormirem só no chão extremamente frio. Será que receberam o designativo de "Motilones" por causa de seus corpos deformados ou seria pelo hábito de mutilarem os inimigos ou, ainda, por usarem, tanto os homens como mulheres e crianças cabelos cortados rente à cabeça, deixando inúmeras cicatrizes à vista?

Os homens trajavam longas camisolas "knistische" parecendo "anjos rajos", porque eram sempre rajos, devido ao fato de andarem entre as queimadas, que fazem nas florestas para preparar a terra e semear.

Alguns dos homens, ao contrário das outras tribos indígenas, tinham bigode e ralos fios de barba. As mulheres vestiam uma espécie de manto amarrado ao pescoço — o "guayuco".

Parei a certa distância. Meu instinto gritava: Corra, corra! Regresse às montanhas!

Um pesado silêncio pairava no ar. Nem mesmo os cachorros latiam. Era aquilo que eu buscava por minha vontade? Passar ali semanas, meses ou talvez ter uma morte brutal? Para mim mesma eu prometia jamais buscar aventuras desse espécie, novaso de sair ilesa dali.

Tentando um sorriso, o mais natural possível, procurei desesperadamente dizer algumas palavras das poucas que tinha aprendido da sua língua, mas minha memória estava bloqueada. Pareceu que uma eternidade havia passado, quando, enfim, consegui pronunciar numa voz rouca: "Nopra Osna" — que quer dizer: Bom dia. Ao pronunciar essas palavras, senti o enorme contraste entre elas e a minha verdadeira situação. Nenhuma resposta. Talvez não me tivessem compreendido, ou talvez falassem ali um dialeto diferente. Será que tinha pronunciado as palavras tão mal que se tornaram incompreensíveis? Mil dúvidas invadiram-me a cabeça. Após demorada pausa, tentei, timidamente: "Nanaike" — amigo. Melhorou. Um índio, provavelmente o cacique da tribo, respondeu, com um curto: "Inka chupa mereta" — o que trouxeste? Sem responder, puxei da mula, desamarrei as mochilas e ofereci pacotes de rapadura, que após desconfiada olhadela, levaram.

Depois deixaram-me longas horas em frente à sua aldeia, ignorando minha presença. Com receio de fazer algo que pudesse ofender suas tradições e costumes, provocando-lhes a ira, ou talvez a minha morte, fiquei em pé no mesmo local. Quando começou a escurecer, lembraram-se de mim e fui levada a uns duzentos metros de distância, na aldeia onde havia quatro casas grandes abandonadas. Indicaram-me uma delas para passar aquela e todas as noites em que eu estivesse entre eles. Fizeram uma fogueira no meio da sala e abandonaram-me naquela solidão.

Sozinha, com a luz bruxuleante, inspecionei minha nova moradia. De repente, o sangue gelou-me nas veias. Ao olhar para cima daquela casa, que constava de uma única sala grande, reparei que abaixo do teto, nuns prateleiros rústicas, havia dois grandes e encardidos pacotes brancos, que pareciam estar flutuando no quarto. Eram múmias!

Passado o primeiro momento de terror, refleti que talvez fosse bem mais seguro dormir entre múmias do que em companhia dos temíveis Motilones.

Cansada das peripécias da viagem dos dias anteriores e do choque que me provocou o contato com esses estranhos índios deitei-me no chão, ao lado da fogueira, caindo instantaneamente num profundo sono.

No início da noite acordei sobressaltada. Ou melhor: algo me acordou. O quê? O fogo tinha-se apagado e eu estava na escuridão. Tateava para encontrar minha lanterna. Mas, sentindo a presença do perigo, resolvi ficar imóvel.

Durante minha permanência entre esses índios, compartilhei com suas múmias as noites frias.

Arco musical "Sozkey" semelhante ao do violino de uma única corda. A Colômbia é o único país da América cujos habitantes pré-colombianos praticam um instrumento de corda.

Réquiem para os Índios

Hoptschiche (prounce: á- dárvia), o marido rejeitado. Pois se salta ao centro a origem do mote "Motilones"; se pelo corte de seus cabelos, pelo fato de cortarem os testículos dos bravos que eles matam ou de sua deformação física.

Entre os Motilones, a caça para alimentação do homem é feita pelos cachorros, que se dedicam exclusivamente a esse mister.

Felicitas Barreto

Os Motilones são bravos mesmo com a própria família. A cicatriz no cabeça da moça da foto é o resultado do apanado de seu marido, com o arco, que usa porque a filhinha do casal chorava.

Minha respiração tornou-se dolorosa pela angústia que sentia. Fiquei com os sentidos em alerta. Será que iam me matar agora?

Daí a poucos instantes, ouvi algo que corria no lado de fora do rio. Que seria? Um cachorro? Uma hora?

Eram os próprios índios. Rasgaram-os pelas pinadas irregulares dos membros deformados. Soltaram silvos longos e penetrantes, que eram respondidos à distância. Os assobios e gemidos, em número cada vez maior, continuaram pela noite a dentro, até a madrugada.

Fiquei estirpada com aquilo.

Que estaria acontecendo lá fora na noite fria e chuvosa? Que horas seriam?

Também de que me adiantaria saber as horas? Mesmo assim, gostaria de saber se faltava muito para o alvorecer.

No dia seguinte soube que os silvos eram dirigidos à tribo do outro lado do riacho, com quem estavam em pé de guerra porque Exno, índia da tribo do lado onde eu estava, abandonara seu marido Hoptschiche, do outro lado, dias antes da minha chegada. Soube, também, que eles só guerreiam durante a noite.

O despeitado Hopschiche vinha espreitando a casa do seu sogro onde Exno tinha se refugiado. Um dia, vendo que os homens tinham ido para a caça, aproveitou-se para espancá-la, raspando os seus seios brutalmente. Essas vinganças de amor são inimagináveis entre outras tribos indígenas. Quando os índios regressaram, encontraram a pobre moça coberta de sangue e gemendo de dores. Daí armaram-se para a vingança.

A luta foi feroz e sangrenta. Cada vez que um índio tombava, o fogo aumentava. Era um círculo vicioso. Enquanto muitos morriam, sem nada ter a ver com o malfadado matrimônio de Hoptschiche, este, aproveitando a trégua do dia, passeava pela aldeia, fumando seu cachimbo e ostentando uma saúde perfeita. Isso aumentava a irritação dos inimigos. O ambiente estava carregadíssimo.

As casas eram iguais nas duas aldeias. Agora podia compreender o porquê das elevadas cercas em volta de cada choça.

Certo dia, estava conversando com um Motilone quando pude averiguar o comportamento incomum dos seus cachorros. Um deles vinha correndo, o sangue lhe escorria pelo focinho. Mordendo e puxando a túnica do seu amo, obrigou-o a seguir mato a dentro, onde jazia um grande veado. Ao contrário de tudo que já vira, aqui são os cachorros que vão caçar sozinhos para alimentar o seu dono, que, devido à deformação das pernas, não pode perseguir a caça.

Admirei suas flechas, das quais há quatro tipos. A de ponta abaulada, para matar pássaros sem lhes dilacerar o delicado corpo; a cuja ponta se abre em cinco, para fisgar os peixes; a da ponta com incisões de cada lado, parecendo um serrote feito de osso, para caçar animais, e a tão afamada flecha dos Motilones, a palalina, a única que tem uma ponta afiada de lâmina de metal, de aproximadamente trinta centímetros de comprimento e que corta como uma navalha. Eles fabricam essas flechas com fios dos postes de telégrafo. Para obter esse metal, fazem excursões de rapinagem pelas habitações dos brancos. São produtos de um penoso trabalho, que leva quase um mês a golpear pacientemente o fio, esquentando-o nas fogueiras, até obterem a aguçada arma que amarram com cobrido fio de algodão à haste. Seus arcos, de um metro e vinte de comprimento, feitos de madeira Macana, são resistentes e extremamente duros. Reparei o seu efeito, quando, um dia, um Motilone desferia tremendo golpe na cabeça da sua companheira, rasgando-lhe o couro cabeludo. O sangue correu pelo corpo. O marido fez aquilo só porque o choro da sua filhinha o estava incomodando. A esposa e todos continuaram nos seus afazeres, como se nada houvesse acontecido. Isso basta para documentar a brutalidade excepcional desses índios.

Mais tarde, chamei a índia a um canto e dei-lhe rapadura, aproveitando a oportunidade para fotografar o corte na cabeça.

Aliás, os Motilones são índios incomuns, pois possuem um olfato que lhes permite localizar o inimigo e a caça, facilmente, pelo cheiro.

Têm um arco musical — "sozkey" — cuja origem está envolta em mistério. Sendo autóctone, seria da Colômbia, o único país da América onde um povo pré-colombiano possuía o instrumento de corda. Sua forma assemelha-se a um arco indígena. Uma das extremidades é introduzida na boca do músico, que serve de caixa acústica e, conforme ele abre ou fecha a boca, emite diferentes notas. Uma extremidade fica segura numa das mãos. Com a outra fere a corda do instrumento, segurando uma vareta bem fina, que produz o som.

Têm eles um tratamento de saúde que lembra a acupuntura chinesa, com a diferença que, em vez de usarem agulhas de prata ou ouro, têm um curioso arco — o "piinhe" — do qual lança as pequenissimas setas que ficam espetadas na periferia de correspondente órgão afetado.

Em sua cronologia o ano é marcado pelo verão e os meses pela lua.

Felicitas Barreto

Cada tribo tem um cacique a quem, aliás, respeitam muito pouco.

Existe entre eles uma "escritura ideográfica" — a "tiotio" — parecidíssima com a dos índios Cunas do Panamá, que já descrevi anteriormente.

Mesmo sabendo que a minha visita à tribo do outro lado do rio, onde vivia o detestável Hoptschiche, iria irritar tremendamente a tribo que me acolheu, encaminhei-me para lá. Já ao atravessar o rio, a tribo toda me acolheu e fez o possível para me agradar, demonstrando seus ritos e tradições secretas.

Fariam isso não para me agradar, mas para irritar a tribo vizinha. Contaram que realizam o batismo quando o recém-nascido tem apenas quinze dias de vida. O ritual começa colocando o menino numa cesta cheia de vespas negras — "masayes". Tiram-no de lá somente após estar completamente inchado, devido às picadas. Em seguida, o padrinho coloca a criancinha dentro de um saco, que amarra e, com essa preciosa carga nas costas, junta-se aos homens da tribo, os quais, armados de arco e flecha, iniciam uma dança ritual em frente a uma fila de agaves, plantados dias antes para esse ritual no centro da aldeia. Enquanto avançam, aos saltos, atiram flechas às folhas das plantas, e dançam três dias e três noites, intercalando as danças e cantos, até que as plantas estejam inteiramente destruídas pelas flechadas. Com isso encerra-se o ritual do batismo. Depois de ter sido por três dias chacoalhado no saco sobre as costas do padrinho, o recém-nascido é entregue aos braços maternos. A cerimônia do batismo de uma menina é igual, com exceção de que não a colocam na cesta com as vespas — substituem essa parte por uma defumação com tabaco.

Talvez esse ritual seja para o corpo ficar imune a certas doenças, inclusive reumatismo, pois o veneno das picadas de abelhas tem poder curativo para algumas espécies de reumatismo.

Quando uma menina sente os primeiros sintomas da puberdade, bate com um galho de árvore contra uma parede de sua casa. Seus familiares compreendem que a moça está na puberdade. A menina foge para a montanha e uma das mulheres sai à sua procura. Ao encontrá-la, não a leva para casa, mas para um lugar próximo. Lá seu pai constrói uma casa, onde cabem apenas duas pessoas.

Dentro da casinha acendem um fogo no chão. Este permanecerá aceso durante todo o período da menstruação. De dia, a indiazinha fica sozinha no seu retiro. A noite, vem uma índia fazer-lhe companhia. Durante todo esse período, nenhum homem pode olhar o rosto da indiazinha, pois é da crença que se um homem olhar a sua face ela morre. Por isso, eles têm muito cuidado.

Após dore dias, finda tudo da seguinte maneira: a índia, ao sair do casebre, é coberta para que ninguém a veja. Vai acompanhada de duas mulheres. Uma delas leva vários tições dos que estavam na fogueira da casinhola. Não podem ser outros. Caminham para cima da montanha em zigoezague, com o propósito de não deixar rastros.

Ao chegarem numa clareira, fazem três fogueiras, formando um triângulo, e a menina é colocada no meio delas, ali permanecendo até que o fogo se apague. As cinzas são atiradas cerimoniosamente ao vento, em diferentes direções.

Em seguida, levam-na até uma queda-d'água, onde se banha. Depois do banho, a indiazinha, que permaneceu

É largamente espalhado entre todas as tribos indígenas das Américas o uso do "piinhe" — uma arte de cura exatamente idêntica à acupuntura chinesa. Apenas a maneira de aplicá-la difere, inclusive de tribo para tribo.

Dança do Batatori, quando o recém-nascido é colocado em uma cesta, juntamente com sergos.

culada, desde os primeiros sintomas da menstruação, pode voltar a falar e regressar a sua casa. Está, assim, apta a casar-se, o que geralmente acontece cedo. Às vezes, com dez anos de idade já são mães. Mas se alguém tocar numa bolsa impúbere terá morte certa.

A monogamia entre os Motilones fica reservada às mulheres. Mesmo sendo polígamos, eles têm muito ciúme de suas mulheres, que são o maior caso de discórdia entre eles e fonte de quase todas as suas guerras. Haja vista essa última, em que as duas tribos brigaram por Estro, a esposa de Hoptochiche, por não querer regressar a sua companheira.

***

Quem ouve um "ajuche", flauta fabricada de fêmur de um homem branco, sabe que vai se realizar uma cerimônia fúnebre.

É bígamo seu modo de manifestar o afeto aos mortos. Quando um Motilone está para morrer, seus parentes se agrupam a sua volta, afiando silenciosamente flechas e facas, para se suicidarem. Nessa ocasião toda tribo fica tensa, a fim de impedir que haja um suicídio em massa.

O cadáver é enfaixado e embalado três vezes. Deixam somente o rosto de fora, cobrem-no com um pano, que levantam a todo momento. Em seguida atam-no sobre algo semelhante a uma maca, encostam a parte superior às vigas da casa e a inferior numa depressão, que fazem no chão. Fazem uma múmia cujos pés tocam o chão onde colocam folhas de palmeira para que os vermes, já nutridos, ao se deixarem escorregar por elas, caiam na depressão, ocultando desta maneira tão repugnante espetáculo da vista dos que estão presentes. Seus parentes e amigos o rodeiam dia e noite, tomando suas refeições e bebedeiras ali mesmo, junto ao defunto, com toda naturalidade. É considerado a maior ofensa alguém deixar transparecer repugnância pelo mau cheiro. Decorridas três semanas os familiares abandonam a casa para sempre e vão, também, lentamente, abandonando a idéia de suicídio coletivo. Antes, porém, constróem uma alta cerca em volta da casa para evitar que os animais profanem o sono do morto.

Após quatro meses do falecimento, em noite de lua cheia, todos são convidados para outra bebedeira de *chicha*. Os que anteriormente tinham preparado o cadáver agora lhe tiram as faixas e o defumam. Em seguida, enfaixam-no em forma de múmia egípcia, igual àquelas com as quais eu dormia. Um parente mais próximo do morto o leva nas costas, num passo de dança, pela aldeia, ao som da flauta "ajuche". A tribo inteira o segue. As mulheres, com o rosto pintado de vermelho em sinal de luto, em filas, gritando e cantando, o acompanham em passo de dança, enquanto os homens, ladeando o cortejo fúnebre armados de machados, vão cortando tudo que encontram pelo caminho. É uma verdadeira dança macabra.

Esse espetáculo tenebroso finda quando o morto é jogado dentro de uma casa qualquer, onde permanece com seus moradores durante três ou quatro anos. Terminando esse prazo ouve-se, novamente, o lúgubre som da flauta "ajuche" e toda a tribo carrega o morto para "turôto", a montanha sagrada.

Na ingreme escarpa da montanha emendam escadas, umas sobre as outras. Para ter a necessária coragem de subir com o defunto nas frágeis escadas de bambu, o pajé e os outros embriagam-se completamente. A uma altura suficiente atiram, um a um, os ossos sobre o planalto, juntando-os, assim, aos ossos de todos os descendentes da sua deusa "Huwal-jé", a preguiça, que lá dorme seu sono eterno.

Após três meses, estava ansiosa por deixar o local antes que as chuvas me impedissem o retorno, porque até os pequenos riachos, nas Cordilheiras dos Andes, em fração de segundos tornam-se rios violentos, tragando tudo o que deles se aproxima. Estava preocupada em chegar a tempo, antes que o Rio Maracá se avolumasse. Caso contrário, teria de aguardar junto aos Motilones que o inverno passasse.

Por isso, rapidamente juntei os meus pertences e parti sem me despedir, com receio de ser impedida pelos Motilones.

Ao alcançar o rio, este formava irrequietas ondas, como se quisesse me tragar e a minha montaria que prudentemente, como todas as mulas, recusava-se terminantemente a se lançar naquela massa líquida. Até que, no meu

Nas cerimônias fúnebres — e somente nelas os índios — é tocada a "ajuche", uma flauta feita do fêmur de brancos.

É um tanto tragicômico ver os pobres diabos, completamente embriagados, subindo pelas frágeis escadas, equilibrando-se perigosamente sobre o abismo, em cumprimento do seu último dever para com um dos seus.

***

Seu deus, de nome Teneck, tem muitas mulheres. Uma delas é a preguiça — Huwal-jé. Teneck cansou-se dessa companheira e afastou-a para longe de si, mas a preguiça queria muito ao seu divino esposo e, arrastando-se, voltou para junto dele. Um dia, Teneck, encolerizado, colocou-lhe unhas compridas e a atirou tão longe que ela caiu na Terra, onde está agarrada até hoje.

Os descendentes diretos da deusa Huwal-jé são os próprios Motilones.

***

Pela primeira vez, nos meus longos anos de andanças pelas selvas, sentia-me horrorizada pelos tenebrosos costumes e aspectos dos seus infratores.

pânico em pensar que tinha de voltar àquele vale de pesadelos, desferi-lhe tremendas chicotadas, obrigando-a a enfrentar o rio. Como me senti feliz ao alcançar as margens do outro lado, escapando de ficar mais seis meses nas selvas, como hóspede indesejável dos Motilones. Até minha mula parecia mais animada, acelerando o passo e arrastando-me tão rápido que eu mal tocava o chão. Sentia-me como se flutuasse através dos caminhos.

De repente, uma algazarra tremenda rompeu o silêncio da floresta. Entre gigantescas árvores seculares, cobertas de musgo e emaranhadas por cipós e lianas deslizava um canal de araras. De vez em quando, interrompiam seu vôo, pousavam num galho e esperavam que eu as alcançasse. Quando isso acontecia, era recebida por estrondosos e hilariantes comentários, interrompidos somente para se entreolharem; e eu via nitidamente que eles pareciam rir de mim. Pudera! Agora mesmo, ao escrever estas linhas, não posso conter o riso ao lembrar-me do que elas devem ter visto: uma figurinha suja, coberta de lama, cabelos em desalinho, sendo arrastada pelo rabo de uma mula.

É muito difícil de se compreender o fato de essa tribo seguir uma religião que se refere a "gnas" (espíritos) e possui "mestres" (clérigos) religiosos da Índia).

ARUHACOS

Regressando da Sierra de Perijá, exausta com a estada entre os temidos Motilones, a caminho de Bogotá deveria passar por Valledupar, Departamento de Magdalena, na Colômbia. Lá fiquei intrigada com os comentários que ouvi entre pessoas do governo e sacerdotes. Falavam da inexplicável morte de um soldado do destacamento que estivera fazendo medições para uma estrada de rodagem entre Pueblobello e San Sebastian de Rábago, cidade sagrada dos índios Aruhacos da Sierra Nevada de Santa Marta.

Dizia-se que os soldados estavam ocupados nas medições para a estrada quando, inopinadamente, surgiram quatro índios Aruhacos, que, desarmados, sem proferir palavra ou fazer gestos ameaçadores, encaminharam-se para um determinado soldado e este começou a recuar, até chegar à beira de um abismo, de onde foi empurrado pelos índios, sem que ele, nem todo o efetivo batalhão, fizessem um só gesto em sua defesa.

Que teria feito esse soldado para que índios de índole reconhecidamente mansa chegassem a tomar uma atitude tão drástica? E como se explica que nenhum dos seus companheiros viesse em seu socorro?

Presenti que havia nisso tudo um motivo oculto de grande significado. Tudo me parecia ilógico. Resolvi investigar.

Do Bispo de Valledupar, Frei Roig Y Villalba, ouvi que esses índios possuíam uma invulgar e elevada cultura, preservada através dos séculos. No entanto, tinham sido vítimas da bárbara invasão dos conquistadores espanhóis, em 1501.

Pouco se conhece sobre os seus costumes exceto que seus sacerdotes, os Mames, sua suprema autoridade, passam a primeira noite de núpcias com todas as jovens que se casam e depois as entregam a seus maridos. Os padres capuchinhos, que se estabeleceram junto à cidade sagrada dos índios de San Sebastian de Rábago desde 1750, não conseguiram abolir esse costume, pois os índios, em contrapartida, deixaram sua maravilhosa cidade sagrada, seguindo seus líderes espirituais, os Mames, para os frios e inóspitos cumes das montanhas, preservando toda a sua cultura.

O Grande Mame retirou-se para Manankanaba, montanha de seis mil metros de altura, em cujas encostas se encontra uma pirâmide natural de forma triangular, com ostenta metros de cada lado, o *chanduá*, a "montanha dos mortos", que teria entrada para cidades subterrâneas.

Nesse vasto páramo infestado de ursos pardos, jaguares e pumas, os Mames continuam a observar o seu culto, herança de seus antepassados, os "Taironas".

Ninguém podia informar-me mais nada sobre eles. Os Aruhacos nunca confiaram suas lendas e seus segredos a estranhos. Além disso, os pacientes padres, que tentavam convertê-los, passavam pela humilhação de ver os índios construírem templos, ostensivamente, ao lado das suas igrejas católicas, que os índios visitavam esporadicamente mas não permitiam que os padres entrassem nos templos aruhacos.

Na cidade informaram-me que Duanes, o Grande Mame, fora visto. Indicaram-me onde estava hospedado.

Estranhei porque, ao se referirem ao Grande Mame, tratavam-no como ex-Grande Mame. Será que eles poderiam abandonar sua profissão quando bem entendessem? Ou, após determinado tempo, poderiam ser destruídos?

Os cavalos são o único meio de trilharem os ingremes caminhos entre as picos da Serra de Santa Marta de Nevada.

Pessoas bem informadas explicaram-me que algumas crianças, ao nascer, já trazem sinais indicadores de que futuramente serão Mames. Deste sacerdócio só a morte pode libertá-los, exceto em casos excepcionais, como cometer alguma falta muito séria. Mesmo assim, nunca podem lhes retirar o título de Mame. Em tais casos, são banidos da tribo, o que aconteceu com Duanes. Que crime teria ele cometido?

Ao cruzar a porta de uma casa simples e muito limpa do subúrbio de Valledupar, encontrei-me diante de um personagem que mais parecia uma imponente estátua deitada numa rede, da qual não se levantou. Estava vestido com os trajes típicos da sua tribo. A cabeça coberta com um curioso gorro, — o tutuzana —, deitava à mostra a longa cabeleira preta que lhe caía até os ombros. Tive a impressão de estar diante de um ídolo caído, esmagado pelo peso da desgraça.

Era Duanes, o ex-Grande Mame. Era penoso o seu ar de indiferença. Por mim demonstrava frio desprezo, por ser representante da "malfadada" raça branca, causadora dos desentendimentos entre ele e sua tribo.

Respeitei o seu profundo sofrimento. Duanes continuava ignorando minha presença. Junto dele encontrava-se Sebastian, seu filho, de trinta e cinco anos. Este me disse que se eu passasse por Donatschui, um pequeno povoado que ficava do outro lado da Sierra Nevada de Santa Marta, me receberia.

Fora da casa, longe do alcance dos ouvidos de Duanes, Sebastian contou-me que seu venerado pai tinha sido vítima dos brancos, por eles persuadido a dar permissão para que o internato dos padres continuasse por mais cinqüenta anos na cidade de San Sebastian do Rábago. Entretanto, foi constatado, com muita tristeza, que a jovem geração índia estava se desligando de seus velhos costumes e tradições, e por isso a tribo havia culpado Duanes.

É interessante ressaltar que cientistas e etnólogos demonstram ser verdadeiramente incomum o alto nível moral e cívico da sábia organização social desses índios chamados "selvagens". É lastimável que culturas como essas estejam sendo deturpadas e destruídas.

No dia seguinte, saí de Valledupar, não para regressar a Bogotá, mas sim rumo à Sierra Nevada de Santa Marta, em busca dos índios Arahacos, na ânsia de poder conseguir uma explicação do estranho assassinato do soldado do batalhão. Estava munida de duas cartas do Bispo. Uma dirigida a um piloto em Pueblobello, recomendando-lhe que me levasse em seu avião à antiga cidade sagrada dos índios Arahacos, San Sebastian de Rábago. A outra, era para o Superior da Missão em San Sebastian, Frei Eutanásio Lañora.

A cidade de Pueblobello é o único ponto entre Valledupar e a inóspita Sierra Nevada de Santa Marta, que se resume numa única rua.

Dirigi-me à residência do piloto. Através da cerca eu podia ver seu pequeno avião, pousado na grama, em frente à casa; parecia uma imensa ave branca num quintal.

Atenderam-me duas freiras velhas. O piloto só apareceu mais tarde. Consentiu que eu ficasse em sua casa até que os encarregados da Missão de San Sebastian de Rábago viessem em busca de mantimentos. Somente eles poderiam levar-me até lá porque ele tinha compromissos muito sérios a atender.

Passei quatro longos dias em companhia das duas velhas freiras. Durante o dia eu saía e procurava entrar em contato com professores da cidade, pessoas viajadas e versadas sobre os índios Arahacos. Não obtive muitas informações. Todos diziam uma única coisa: aqueles índios eram muito misteriosos e fechados e as montanhas eram cheias de inscrições antigas gravadas nas pedras.

Outra surpresa daquela boa gente de Pueblobello era que, ao contrário dos habitantes de outras regiões, eles falavam sobre os índios com o maior respeito e admiração.

Em certa tarde chuvosa chegaram, finalmente, os encarregados da Missão, trazendo nove mulas de carga.

Na manhã seguinte as freiras acordaram-me muito cedo, ainda com escuro. Após um café reforçado, levaram-me até as mulas. Do alto da que me conduziria, quando já acenava meu adeus, a mais velha das freiras, a irmã Hermínia, de rosto sempre severo e frio, seguros as rédeas do animal e disse:

— Tome, menina. Vi que tens pouca roupa, e lá faz muito frio.

Entregou-me um lindo casaco de lã azul-rei, com gola e punhos de astrachã. E, como se isso não bastasse, continuou:

— Fiz uns sanduíches com bastante mel para você comer no caminho.

Senti as lágrimas brotarem-me inesperadamente e um nó apertando-me a garganta. Essa criatura, que me parecia tão rispida e fria, tinha uma alma sensível e bondosa. Até hoje, quando visto esse casaco, sinto uma enorme ternura por aquela velhinha.

À saída da cidade encontrei um caminhão cheio de soldados. Meu guia me explicou que eles iam abrir uma estrada que ligaria Pueblobello a San Sebastian de Rábago. Estranhei o fato de serem soldados em vez de trabalhadores comuns.

Os encarregados da Missão que me acompanharam eram dois índios, autênticos descendentes dos Taironas, que aqui dominavam entre estas estupendas montanhas quando

Felicitas Barreto

reciam tão meigos que eu mal poderia imaginar que tivessem matado o soldado do destacamento. Usavam ainda os mesmos trajes, sempre brancos como os seus antepassados, mas sem os ricos enfeites.

Ao subirem pelas íngremes montanhas, nossas mulas redobravam, chegando até a gemer. Parecia que seus poderosos tinham estourar. Compadecidos, os dois índios desceram das suas montarias e eu os imitei.

A paisagem era algo invulgar. O verde tropical contrastava com os picos cobertos de neve eterna, em plena linha do Equador.

Depois de termos apanhado chuva, enfrentado ventos fortes, ensopados e fatigados, chegamos, ao anoitecer, à Missão dos capuchinhos.

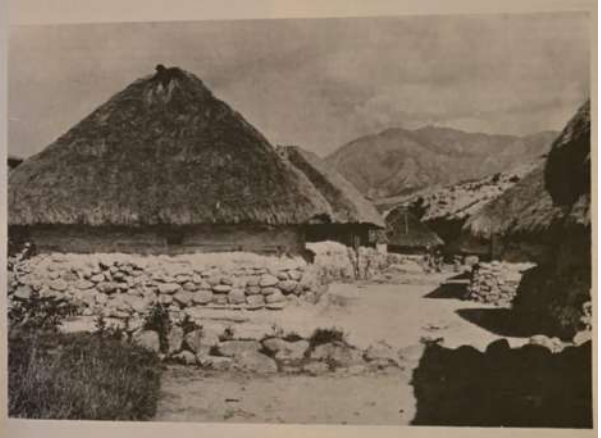
À carta do Bispo abriu-me as portas do convento. À hora do jantar, o superior, Frei Eutanásio Lañora, pôs à minha disposição o guia Alfredo.

O convento de San Sebastian de Rábago é uma belíssima construção em estilo mourisco, com galerias internas e dois pátios. Um é destinado à ala feminina, onde as freiras suportam estoicamente as irreverências e chacotas de quarenta meninas, índias arahacas. No pátio do outro lado, destinado ao sexo masculino, havia, entretanto, poucos meninos índios, porque as famílias necessitavam dos filhos do sexo masculino para pastorearem as ovelhas.

Na manhã seguinte impacientemente aguardava o guia que ia me levar à cidade sagrada dos Arahacos, em San Sebastian de Rábago.

Chegando ao sopé de uma colina, tive a sensação de ver algo irreal: num lindo vale, cercado por picos de montanhas, repousava a misteriosa e sagrada cidade — o santuário dos Arahacos. De onde eu estava podia ver toda a cidade. Era cercada por um muro circular de pedras, tendo nas extremidades diametralmente opostas dois enormes portões de madeira. Esses portões davam acesso à ruas largas e bem traçadas. Havia umas cinqüenta casas que, embora seculares, encontravam-se em perfeito estado de conservação. Estavam alicerçadas sobre pedras imensas que lhes davam um aspecto típico. E, mesmo tendo suas coberturas de palha, vis-se que essas construções não eram as de um povo primitivo.

A cidade sagrada dos Arahacos, por eles abandonada durante a construção, nas proximidades, do Convento de San Sebastian de Rábago.



Shangri-la deveria assemelhar-se à cidade sagrada dos Arahacos...

Tudo até parecia fantástico. A cena me lembrava a lendária Shangri-la, cidade oculta do Himalaia. O que vi jamais se apagará de minha memória.

Sentia-se em todo o rigor dos séculos.

Ao desaparecer os raios que beijam os grandes portões da cidade sagrada, este ranger no silêncio profundo, como se fosse um grito de protesto. Parecia-me que eu estava profanando algo. Nenhuma criatura à vista. Nem um latido de cachorro. Nenhum pássaro. Dava a impressão de que todos estavam energizado num sonho mágico.

Quando, dias depois, passei por perto, vi vários cavalos amarrados e grupos de índios sentados perto de uma das casas. Curiosa, perguntei a Alfredo de onde vieram e que estavam fazendo na cidade sagrada. Alfredo levou-me até lá para eu assistir aos "palabres" (palavra) julgando os problemas dos descontentes, conforme as leis da sua tribo.

Em várias oportunidades meu guia levou-me a visitar algumas casas indígenas. Causava-me sobe inteiramente pelas estreitas ingremes, e quando lá chegávamos, eu tinha quase sempre a mesma decepção. Não havia ninguém em casa. Raramente eu encontrava uma velhinha ou alguma criança doente. Senti que era "persona non grata" para os índios de lá, que fugiam de uma limpeza indesejável. Compreendi que seria mais fácil derrotar o gelo da Sierra Nevada de Santa Marta do que o gelo secular de seus corações amargurados e ressentidos.

Depois de uma semana de incessantes investidas para entrar em contato mais direto com aqueles índios, fui-me por vencida. Pensei, então, em tentar alcançar Donatschui, à procura de Sebastian, o filho do ex-Grande Mame. Era uma verdadeira loucura entrar em naquela aventura.

Comuniquei a Frei Eutanásio Lañora a minha intenção de ir até Donatschui. Ele aconselhou-me a esperar mais algum dias, quando o meu guia, Alfredo, deveria ir até lá para buscar rapadura, e pôs uma boa mula à minha disposição.

Rábago, a sagrada cidade dos Arahacos, povoada somente de índios. Os índios recebem que através da fotografia se consegue poderes sobre eles: por isso evitam serem fotografados.

Os índios adoram música. E todos eles sabem tocar a flauta.

Felicitas Barreto

Na madrugada da nossa partida tudo me pareceu malfadado. Primeiro, o bom frade não estava para dar-me o seu apoio moral; o guia Alfredo estava visivelmente contrariado por ter de levar uma branca através de suas montanhas sagradas, expondo à minha curiosidade os índios de sua tribo. Era tão grande a sua má vontade que me fez esperar duas horas. Éramos uma pequena caravana. Meu guia, um menino de nove anos e mais dezesseis mulas carregadas.

Quando montei à mula que me era destinada, a sela virou e a muito custo consegui salvar a minha câmara fotográfica e a mim dos coices que a mula dava. Ao me refazer do choque, notei que a barrigueira da sela estava puída e que, em vez do freio, haviam posto uma corda na boca do animal. Meu guia explicou-me então, que aquelas mulas eram de carga e que não toleravam serem montadas. Percebi que deveria me ajeitar aos caprichos das mulas, e, por isso, pedi ao guia que me fizesse o favor de amarrar a minha câmara na sua sela, explicando-lhe que se a máquina quebrasse minha viagem seria quase inútil. Depois de muitas evasivas de sua parte, consegui, quase forçando-o a deixar-me amarrar a máquina em sua sela. Mas com isso aumentei a tensão entre nós.

Saímos dali com os ânimos alterados e a partida foi ainda mais retardada, porque um dos animais separou-se da fila. Quando, afinal, nos pusemos em marcha o sol já estava alto. Começamos galgando cordilheiras, contornando abismos abruptos de oitocentos metros ou mais de profundidade. Havia um grande silêncio, interrompido às vezes pelo uivar do vento forte ou pelo ruído de uma cachoeira que se despencava num daqueles precipícios. Em algumas ocasiões o vento me castigava tão fortemente como se quisesse me impedir de penetrar no coração do *habitat* dos Arahacos.

Assim chegamos a um trágico abismo. Uma trilha de dez centímetros de largura que ia serpenteando os cumes das montanhas. As mulas mal tinham espaço para se equilibrar. A terra solta deslizava traiçoeiramente por baixo dos seus cascos, quando a comprida fila das mulas empacou.

Trajes típicos dos Arahacos, feitos de lã.

Réquiem para os Índios

Uma particularidade entre os Arahacos: as mulheres usam saltos em seus lindos cabelos.

Repentinamente, meu guia, dando vazão à sua incontida raiva contra mim, que estava à sua frente, desfechou tremenda chibatada em minha mula. Foi o princípio de uma grande tragédia. A minha mula se assustou, deu um pinote derrubando o animal que ia à nossa frente, fazendo-o escorregar. Na queda ela ainda conseguiu equilibrar-se durante algum tempo numa saliência, mas quando o guia, muito aflito, tentou laçar-lhe o pescoço, o pobre animal, completamente excitado, saltou para o abismo, caindo dentro de um turbulento rio. Ainda assistimos, atônitos, ao seu debater-se na água, tentando agarrar-se às pedras, sem conseguir. Passaram-se longos e angustiosos minutos até que um rodamoinho pôs fim à sua agonia, tragando-a diante dos nossos olhos. "Mulher azarenta!" Com essa exclamação meu guia foi chamar-me à realidade, vibrando outra vez seu chicote. As bestas corcovearam de pavor, mordendo-se.

Minha mula desembestou numa alucinante corrida. Nada a fazia parar. Levantando as dianteiras, logo as baixava. E em seguida enfiava a cabeça entre as duas patas dianteiras. Fiquei sentada no seu pescoço, tendo as suas orelhas entre as minhas coxas. Deu mais um pulo e me cuspiu ao chão. Ainda segurei as rédeas e com as pernas bambas fui à procura dos outros. Eles estavam procurando outra mula que se tinha perdido. Aproveitei para tirar a minha câmara da mula de Alfredo e amarrá-la na minha, pois ela, de tanta estafa, já era inofensiva.

Depois de procurarem quase uma hora a mula extraviada, o guia decidiu que faria isso sozinho, não sem antes me acusar como culpada de todo aquele azar.

O menino, a tropa e eu seguíamos por aquele labirinto das montanhas. O vento corria em direção contrária à nossa com uma velocidade de mais de sessenta quilômetros por hora, dificultando-nos o avanço. Quando começou a escurecer, nosso guia ainda não tinha nos alcançado. Avistei uma casa, a primeira que víamos naquele dia. Qual não foi minha surpresa ao ouvir, quando me aproximei da habitação, uma voz masculina vindo do seu interior, dizendo:

— Permaite não possível, casa de índio arahaco não hospeda branco.

Júlio Iaquiendo, professor formado pelo Convento de San Sebastiano de Rábago, que me revelou o fabuloso passado de seu povo.

cômara a professora Adélia. Pede ser cartilhas velhas, empoeiradas e rasgadas, no chão. O seu marido, José Morelra, que substitura o pomposo título de "Corregedor", era também proprietário da pequena fábrica de rapadura e cachaça, bebo e gerente da pequena fábrica de Lubra. O casal residia na terceira casa, da qual vi o gaio Alfredo esgueirar-se. Depois de feitas as apresentações, exigi que fizessem Alfredo entregar-me a minha roupa de roupa e meu dinheiro. Virado a minha atitude autoritária, desobrecam-me tudo. Até a professora Adélia deixou de fazer quitutes para Alfredo. Cantando me até a igreja. Fiquei assombrada ao vê-la atravessar uma rede sua vigas, deltoide ao altar. Mas não era possível! Ou seria?

Eu para que eu dormisse na igreja, deltoide ao altar. Que situação estranha! Trocar a minha roupa, despir-me diante de um sacerdote...

Inspecionei a minha nova morada. A igreja era simples, o chão de terra batida, as duas naves laterais eram separadas por tabiques. No chão, perto da porta, trapiam em dois grandes troncos de árvores. O abandono era total. Arrastei os dois troncos para lora, mas tive do trazê-los de volta, pois a porta estava sem fechadura. Não me conformei com aquilo e dirigi-me à casa da professora, para pedir-lhe que me deixasse dormir lá. Mas o casal e seus três filhos viviam nessa única sala, que era ao mesmo tempo dormitório, cozinha e depósito, onde guardavam sacos de víveres, ferramentas e coisas de animais mal cuidados, impregnando o ambiente de repugnante cheiro de curtição.

Voltei para a casa de Deus, que agora também era a minha.

Depois de rezar, com enorme dificuldade, a porta com os dois trastes, acendi a vela, depositando a minha câmara ao altar e me acomodei na rede.

Estava decepcionada. Esperava que Donatschul fosse um povoado indígena. Em vez disso encontrava uma casa habitada por um casal de brancos, um armazém e uma igreja. Onde estão a casa de Sebastian, o filho do ex-Grande Mame Duanes?

Nesse exato momento um ruído tirou-me dos meus pensamentos. A luz bruxuleante da vela e um gambá no altar tentando roer o couro da minha câmara. Ulhou-me sem medo, de uma maneira provocadora, e desapareceu por detrás do tabernáculo.

Altar horas da noite acordei. Estavam batendo fortemente na porta da igreja. Apavorada, gritei: "Quem é?"

Grandes gargalhadas foram a única resposta. Acendi a vela e saltei-me na rede. Senti-me completamente desprotegida e tive de lutar contra as lágrimas de desespero.

Os ruidosos risões aumentavam — pareciam espíritos diabólicos que escalham a porta que abriel cedeu. Os trastes que a colgarem foram violentamente empurrados, levantando nuvens de poeira, através das quais distingui vários vultos. E, para minha desgraça, o vento apagou a vela. Fiquei no escuro. Após isso, um silêncio completo. Só ao longe ouvi ainda umas gargalhadas.

Cheia de temores, apanhei minha câmara no altar, calei a porta novamente e deitei-me outra vez na rede.

No dia seguinte, eu que o gambá havia feito um excremento horrível no couro da minha câmara.

Estes "brincadeiras" dos moradores Arahacos repetiram-se várias vezes, mas, então, eu já sabia que nada havia a temer.

Felicitas Barreto

tavam a terra de antigas plantações. Emergindo entre escombros, pedras e raízes de árvores, estavam restos de antigas cidades. Entre muros circulares de velhas construções surgia uma solitária e impressionante coluna. A que palácio ou templo teria ela pertencido?

Eu estava diante de mais um dos grandes mistérios da América do Sul. Olhando para meus companheiro, reparei que ele estava debruçado sobre uma grande pedra coberta de misteriosos sinais, limpando-a carinhosamente, como se a acariciasse enquanto sussurava-lhe algo. Ou estaria recitando?

Assisti, fascinada, à cena. Seria mensagem dos Taironas?

Segundo Julio Iaquiendo, os sinais apresentados nesta pedra foram gravados pelos seus lendários antepassados, os Taironas.

— Júlio, — falei-lhe baixinho, intimidada pelo feitiço do ambiente — que diz a pedra?

— Não sei — respondeu com voz rouca — mas é sagrada. Tudo isto aqui é a herança dos nossos antepassados, os Taírones. As ruínas dos templos, as pontes, os rios, os caminhos empedrados, as escadarias, as montanhas e lagos. E a tudo nós rendemos culto.

Senti-me empolgada em estar conhecendo um pouco de todo aquele mistério que cercava os Arahacos. Contudo, o episódio do soldado que foram empurrado para o abismo não me saía da mente. Não queria cometer uma imprudência ou erro. Entretanto, atrevi-me a perguntar:

— Eu poderia ver o templo dos Mames, o Kankurua?

— Há um perto daqui. Te levarei lá, mas previno-te que não poderás entrar nele, pois é proibido a brancos e a mulheres, mesmo sendo arahacas.

Para Júlio perto significava alguns quilômetros. Quando cheguei ao templo, suava de cansaço, apesar do frio que fazia.

Quando o Arahaco se torna rapaz recebe o "tatuama" (lorde) e é iniciado pelo "Mame" (feiticeiro) no uso da "pajoera" (cocaína).

O Kankurua é uma casa de forma circular, com teto de palha, encimado por um leixe de grades como se fossem tentáculos erguidos para o céu. Uma parte das paredes é toda tecida em palha e interrompida por uma fina grade de taquara. É através dessa grade que os índios se confessoam ao Mame, que fica pelo lado de dentro. O confessante fica de lora, e ali aguarda a penitência, que consiste na maioria das vezes em pequenos sacrifícios pessoais, abstinências ou banhos de purificação. O Mame guarda rigoroso sigilo sobre a confissão.

— Júlio, que é realmente, um Mame?

— Os Mames são os nossos sacerdotes ou chefes espirituais. Diferentes dos "Cabildes" — nossos chefes políticos, com pouca projeção comparados ao poder dos Mames, que desde o nascimento já são designados pelo destino para a sua grande missão. Dedicam-se aos estudos de magnetismo, ao conhecimento de plantas medicinais e sua aplicação, ao desenvolvimento da vidência, ao conhecimento dos poderes medicinais das ores, aos complicados cálculos e ao uso de números cabalísticos.

— O Mame pode casar? — perguntei-lhe.

— Pode. O Mame é obrigado a casar. Mas, também entre suas atribuições há a de iniciar os jovens da tribo nos segredos do matrimônio. Toda a sua vida é dedicada aos benefícios materiais e espirituais da tribo. Antigamente as crianças da tribo ficavam sob os cuidados dos Mames. Havia duas casas. Uma era destinada aos meninos e a outra às meninas. As mães retiravam-se logo após a época do desmame. O Mame inicia as jovens na vida matrimonial.

"Manice" (lorde) em Donatschul. Poderás ver, no lugar de casa do ventre da foto, tentadas esquálos para os olhos, parecendo um sistema nervoso destinado a captar as forças da natureza.

Mesmo depois de velhos os Arahacos não escondem traços de tristeza. O índio da foto é Sebastian, filho do infortunado ex-Grande Mame, em Donatschul.

— Foi castigado?

— Não. É porque a sua boca não está acostumada.

Eu estava ansiosa para entrar num templo Arahaco e disse ao Júlio:

— Nem que eu tenha que pagar com a vida, desejo entrar num Kankurua.

Quando me levou a um e me chamou para entrar, hesitei um pouco. Ao transpor a porta do templo escuro, tropecei sobre varas ou bordunas. Cheia de temor, apanheio para colocar no lugar. Júlio, rindo, explicou-me que não eram armas de matar, mas objetos de lavoura, que entre os Arahacos são considerados patrimônio da comunidade e que cada índio, depois de usá-los, guarda-os no templo.

Minha vista começou a habituar-se à penumbra e pude, então, distinguir um brilho no teto. Vi, então, silenciosamente, que eram máscaras de ouro puro, os Humbihue-Kalvio, de diferentes expressões. Eram três. A triste, para a morte; a furiosa ou zangada, para a guerra ou epidemias; ou a sorridente, para a primavera e o amor.

Enquanto Júlio prosseguia me contando a fantástica cerimônia da reconciliação com os espíritos no mês de novembro, e chamado "Tanik", eu me transportava mentalmente para os seis mil metros de altitude do "Chuteba".

Este é o rosto de expressão fora do comum do misterioso vidente da tribo.

a montanha dos mortos. Lá, entre as neves eternas, via surgir o Grande Mame e seus discípulos do Kankurua, com os rostos cobertos com as máscaras de ouro. O Grande Mame traria na cabeça uma tiara de ouro com duas fileiras de penas de arara, encimada por uma cruz, cujo eixo girava ao compasso da dança sagrada, o "Kanaspiea", que lembra os lânguidos movimentos circulares dos dervíches do Tibet. Essa dança é uma alegoria à marcha dos astros no infinito. Mal se nota o tronco nu do Grande Mame sob os numerosos colares de ouro. Tinha uma enorme placa do mesmo metal em forma de coração sobre o peito.

E, assim, continuei a visualizar o que Júlio me contava.

As compridas saias de palha do Grande Mame esvoaçavam ao vento. Sobre elas usava três cintos simbolizando o arco-íris. O primeiro, de conchas de coral, o segundo de conchas marinhas e o terceiro feito com pequenos sinos em ouro fundido. Na mão, uma grande pena de ouro e de pé maciço, o cetro Kankuaño. Assim, coberto de ouro e de pés descalços na neve, dançava ao som das maracas, dos cascalhos e tambores, em volta do templo, assistido pelos fiéis — que, para presenciarem esta cerimônia, deviam, uns dois meses antes, submeter-se a rigorosas purificações, que consistiam de abstinência sexual, alcoólica e de qualquer alimento de origem animal. Também suprimiam o sal, pois acreditavam que esse condimento mata a alma. Essa crença é tão poderosa que um dia vi uma índia chorando desesperadamente e dizendo: "Meu filho não é mais índio. Ele comeu sal."

Os Arahacos trajam para aquele ritual o "Meunque", inteiramente branco, de algodão (a lã, sendo de origem animal, é proibida).

Quando Júlio me levou à casa de Sebastian, o filho do antigo Grande Mame Duanes, atravessamos dois rios para chegar ao verdadeiro Donatschul dos índios Arahacos, onde havia várias casas.

A casa de Sebastian ficava numa íngreme encosta da montanha, parecendo um ninho de condor. Fui recebida amavelmente. A casa, de estilo arahaco, constava de uma única peça.

Vi, enfiadas na palha do teto, umas estatuetas de terracota (pensava que eles só trabalhassem em pedra ou granito). Lembravam estatuetas egípcias, não só pela estilização do corpo humano em pose estática, como pelas cabeças de aves de rapina. Todos, tanto homens como mulheres, usavam pulseira ou colar feito com pequenas pedras coloridas em forma cilíndrica com gravações. Explicaram-me que era "Zimonas", encontradas nos túmulos dos Taironas e que têm poderes mágicos. Contaram-me também que, devido aos regimes alimentares, os Taironas eram muito mais sábios e atingiam a idade de trezentos anos. Ainda são vegetarianos. Comem principalmente legumes, frutas e mel. Já por volta de 1500 um espanhol assinalara a presença de cerca de oito mil colmeias de abelhas numa só aldeia tairone.

À noite, acomodamo-nos em volta da fogueira. Contemplando, maravilhava-me admiração pelos mais leves de intensidade à sociedade — a vadio é julgado e castigado como delinqüente perigoso.

Com muito tacto procurei indagar sobre a morte do sábado que fora emparelho no último pelos Arubacos. O rosto de Sebastian anuviou-se e, com voz grave, disse:

— Somos os herdeiros do sagrado patrimônio dos nossos antepassados. Eram eles notáveis por sua grande sabedoria, tanto nas ciências como em cultos aos espíritos da natureza. Não nos comunicamos até hoje com eles através dos "Tanik", maravilhosas estátuas de ouro, com longas cabeleiras de fios do mesmo metal tão finos que provocam ao sopro da brisa. Elas ficam expostas nas cachoeiras ou lagos. O Tanik é para nós mais que uma mãe ou um pai. Ajuda soldado cometer o hediondo sacrifício de levar um Tanik. O Grande Mistic, com seu dom de ubiqüidade, assiste de longe ao crime, mandando emissários para punir a profanação.

— Os Taniks são deuses? — perguntei.

— Não exatamente. Temos somente um deus supremo a quem não damos nome nem representação material. Nosso deus é uma espécie de fluido, inteligente e poderoso, presente em todas as atividades.

— Foi ele quem criou o mundo?

— O mundo flutuava no espaço, cercado por espíritos, ou "ginas", cuja missão era a de resguardá-lo nas suas evoluções pelo espaço. Antigamente não existiam o Sol nem a Lua e nosso globo estaria mergulhado nas trevas. Era cruel. Os ginas sentiram infinita solidão e combinaram entre eles criar vida neste planeta, penetrando na matéria que, desse modo, ganhou vida... Daí em diante, os ginas, que se sacrificaram para que a Terra pudesse evoluir, não conseguiram libertar-se mais, ficando presos à matéria. Os ginas masculinos vivem nas entranhas das montanhas, em cidades subterrâneas, misteriosamente iluminadas. Os não iniciados jamais entrarão nem entrarão nas cidades subterrâneas. Os ginas femininos repousam nos grandes lagos da cordilheira e também nos rios. Todos os lugares que elas habitam são assinalados por megalitos e pedras gravadas.

Sebastian fez pequena pausa. Depois:

— Ouve bem, Felicitas: nós não queremos riqueza nem poderes. O que mais desejamos é o silêncio necessário às nossas meditações. Já não sabemos mais como nos livrar da presença do homem branco. Não desejamos, de modo algum, ser absorvidos por sua civilização, que consideramos insana. Os nossos sacerdotes, hoje em dia, pedem aos espíritos que lhes tirem a vida, para que assim levem ao túmulo a sabedoria e a cultura de um grande e misterioso povo. Se você é, de fato, uma amiga dos índios, vai a Bogotá e pede ao governo que interrompa a construção da estrada de rodagem. Que nos deixem em paz no nosso recolhimento.

Fiquei pasmada ao ouvir dos lábios de um índio maltrapilho concepções tão sublimes, assemelhando-se às antigas religiões da Índia, tanto em seu conteúdo dogmático como em sua terminologia.

As palavras de Sebastian calaram fundo em meu espírito e ainda ressoam em meus ouvidos: "O homem branco, com sua civilização insana, vai correndo louca sem razão nem direção, às cegas, para a morte..."

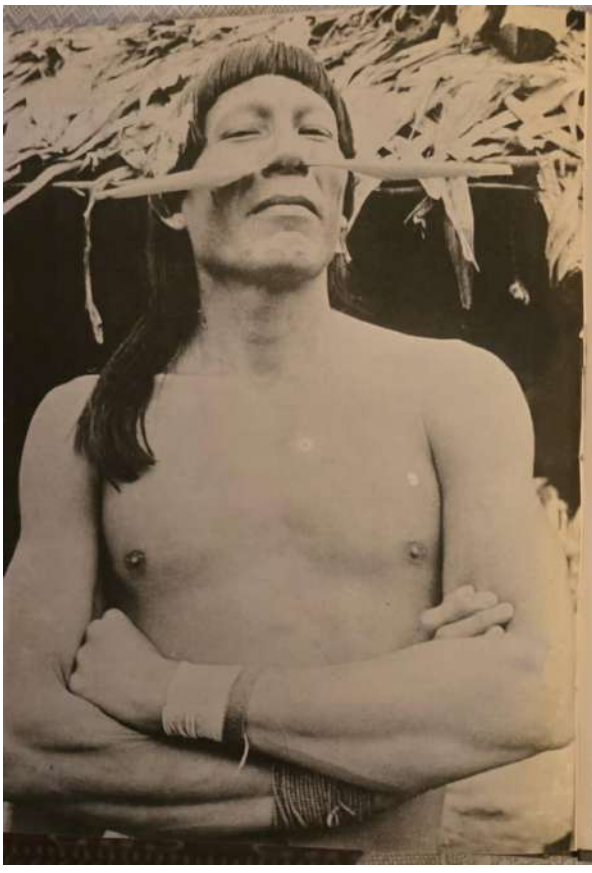
Resolvi mudar radicalmente a minha vida. Já ao clarear do dia seguinte eu estava a caminho de Bogotá. Ali, em três oportunidades, fiz apelos pelo rádio ao governo colombiano no sentido de suspender a construção da estrada que vai de Pueblobello à cidade de San Sebastian de Rábago.

Compreendi então porque, em vez de operários comuns, a construção da estrada de rodagem era feita por soldados do exército.

Cumprida a minha promessa para com os Arubacos, tomei o primeiro avião que se destinava à minha terra, e aqui cheguei à procura de um retiro espiritual, modificando por completo a meta da minha vida, que ainda teria muito a ser com os índios.

Não imaginava que iria passar por perigos maiores dos que já passara, enriquecer minha experiência com mais descobertas e em belezas jamais sonhadas.

Os "ginas", que se sacrificaram em favor dos que vivem na Terra, dividem-se: os masculinos habitam as montanhas, enquanto que os femininos repousam nos rios e lagos.



Porte majestoso, orgulho discreto, força contensora, agilidade felina e vaidade bem dosada — assim é Ukaiéli, da tribo Tirió. Como enfeite usa apenas o "onapa" (chapéu feito de penas vermelhas de arara) enfiado no nariz.

TIRIÓS

No rio de Janeiro, visitei o Brigadeiro João Camarão, que apelidam de "O Ruy Barbosa da FAB", a fim de pedir-lhe o seu parecer sobre meu livro "Réquiem para os Índios".

— Falta algo muito importante — disse ele. — Os índios da nossa terra. Eu poderia lhe dar toda a cobertura necessária na região mais indicada para suas pesquisas, pois acabo de ser nomeado Comandante da 1ª Zona Aérea no Amazonas, último rincão ainda marcado como "desconhecido" nos mapas. Estou empenhado em que os últimos vestígios das suas tradições autóctones sejam compilados antes que a penetração da nossa civilização, com a construção da estrada Transamazônica, destrua o nosso patrimônio nacional, de valor incalculável para toda a humanidade.

Foi assim que embarquei para Belém do Pará, no dia 14 de março de 1971, num possante avião Búfalo, junto

A arte de trabalhar com plumas é exercida apenas por mulheres (acima, uma delas tingindo longas penas de arara). Até o cacique Tamaindá (ao lado) tem de recorrer a uma delas para fazer seu cocar de penas, de beleza extraordinária.

com a espera do comandante. 11 filhos (entre os quais dois indios adotados), cachorros, papagaios e 16 mil livros.

Chegando a Belém, perguntei ao Brigadeiro por onde começar.

— Melhor começar pelo mais fácil — os índios Tiriós, do grupo lingüístico Karib, descobertos em novembro de 1936 pelos irmãos franciscanos Thomas Kockmeyer e Protasio Frikel.

A FAB, sob o comando do Brigadeiro Camarão, construiu um campo onde duas vezes por mês pousam aviões para que os índios recebam continua assistência. Nessa tribo foi estabelecida uma missão franciscana, composta de dois frades, um leigo, duas freiras e um dedicado enfermeiro, que, sem qualquer interesse, quis servir aos índios. Essa missão, em fases anos, adquiriu um equipamento tecnológico tão moderno que mais parece uma organização empresarial. Encontrei lá dois poderosos motores da Universal Gesellschaft, dois geradores de 380 Volts, uma soldadora de oxigênio, outra de solda elétrica, um torno mecânico, uma serra de vinte metros de comprimento para cortar árvores, plainas, lixas enxadas, luz, um carro-pipa para regar a horta de quatro quilômetros quadrados, uma oficina de artesanato. Comunicavam-se diariamente pelo radiofonia com Belém.

As duas freiras cuidavam dos animais domésticos e da comida e ensinavam artes aos índios. Diziam que os civilizados fazem uma idéia muito errada dos índios, que são pobrezinhos aprender muito com eles: são independentes, auto-suficientes e, mesmo assim, muito dóceis. Os valores da nossa civilização não lhes despertam nenhum interesse.

Esses índios habitam a Serra do Tumucumaque e dividem-se em três grupos. Um, fixado no Brasil a oito quilômetros da fronteira com o Suriname, composto de 247 índios com residência fixa na missão: 74 homens, 73 mulheres e 100 crianças. Outro grupo ficou-se no Suriname e o terceiro é nômade.

O Sr. Roberto Cortes Barbosa, no jornal Província do Pará, em 27 de maio de 1971, a dramática situação dos índios Tiriós:

"Vivem tanto no território brasileiro como no Suriname, sem conhecer como vestir e habitar depois índios antes da chegada da civilização. Sem dúvida, eles constituem atravessando a fronteira para visitar os parentes e, sobretudo, para realizar as trocas de objetos e utensílios diversos."

Na madrugada do dia 5 de abril de 1971 levantamos vôo de Belém com destino a aldeia dos Tiriós. O DC-4 da FAB tremia e gemia sob o bâbil comando do Brigadeiro. Quando estávamos sobrevoando a aldeia dos índios Tiriós, Quando estávamos sobrevoando a aldeia dos índios Tiriós, nem vão passente quase tocava os telhados das malocas. A aldeia se situava ao longo do Rio Espeqeuru, ou Paru-Oeste.

Estranhei ver cinqüenta malocas agrupadas em volta da igreja, como uma montagem de filme "made in Hollywood". As casas não tinham as características da tribo. Ainda bem que não lhes impingiram as nossas casas de pau-a-pique, tão deprimentes, feias e anti-higiênicas, propícias à proliferação dos barbeiros e outros insetos nocivos que se escondem nas fendas das paredes de barro. Mesmo assim, seus costumes e hábitos, na maioria das vezes mais sadios do que os nossos, já estavam alterados. Estranhei ver umas cinqüenta malocas juntas, porque os índios em geral têm por hábito viver distantes uns dos outros. A maioria deles já conhecia dentro das suas malocas, quando anteriormente os índios tinham uma cozinha fora de casa, construída para esse fim, pois consideravam as exalações desprendidas das comidas intoxicantes. (Lembro-me de quando, na minha estada entre os índios Kátiés, adoeci: dias após ter passado a crise, afastaram-me da maloca pois queriam assar um javali e receavam que o vapor fosse fatal para mim.)

Os padres, preocupados com o pudor, acharam necessário cobrir as pernas dos índios com calças compridas; e para evitar que eles as recusassem por considerá-las incômodas, trabalhosas e anti-higiênicas, elas foram confeccionadas pelas freiras na cor preta, a mais usada pelos nativos — o vermelho vivo. A tribo mais parecia um rancho carnavalesco.

Não foi exatamente o bem montado ambulatório o que me impressionou, mas o enfermeiro que havia lá. Ao administrar os remédios aos índios, também lhes proporcionava aquilo de que o habitante das selvas tem maior carência — calor humano.

Passou à procura do "pajé", a pessoa mais respeitada, temida e venerada da tribo, guardiã de sua tradição. Segue-lhe em hierarquia o "tuxaua", chamado em outras tribos de cacique. Na maioria das tribos esse cargo é transferido de pai para filho, a não ser em casos em que o sucessor não reúna as qualidades exigidas: senso de justiça, cabeça fria e clara e coragem de leão.

Explicaram-me que o pajé abandonara a tribo, assim como o tuxaua, de nome Yonaré, que era o "Pata-Ento" (dono da terra). Ele preferiu afastar-se da sua tribo, em companhia das suas três esposas e filhos, fugindo das inúmeras perseguições dos padres, que queriam obrigá-lo a ficar somente com uma esposa e abandonar as outras. Por que deveria ele desamparar tais? Elas viviam em harmonia, entregues aos seus afazeres...

Diante do seu afastamento, os padres escolheram como chefe o sobrinho de Yonaré. Mas a tribo continua fiel a este. Yonaré continua mantendo contato com a numerosa parte nômade da tribo, que se oculta nas florestas, evitando qualquer aproximação com os civilizados.

Por ocasião da minha estada entre os Tiriós, tive oportunidade de presenciar a visita de Yonaré, sempre acompanhado pelas suas esposas e filhos. A casa que ele ocupou durante sua visita foi logo cercada pelos índios que, em silêncio, aguardavam para ouvir suas instruções e conselhos, todo em voz baixinha. Imaginei que são deveriam ser dóceis a ele, porque, quando me aproximei levando presentes, Yonaré pediu que me afastasse enquanto ele falava com os seus. Admirei essa atitude. Notei que eles in-

Felicitas Barreto

O trabalho não altera a beleza serena de seu rosto e de sua postura graciosa.

telgentemente silenciavam diante do perigo que representava essa nova e diferente estrutura de vida, da qual não sabiam como se libertar. As mudanças do seu *modus vivendi* não lhes ofereciam nenhuma vantagem.

Além do tuxaua, existe o Conselho dos Velhos, cujas decisões seguem à risca, sem comentários, nem mesmo dando sua opinião quando é feita a escolha de um cônjuge. Os índios lhes dedicam uma profunda gratidão por receberem deles sabedoria e experiência. Todos os velhos são admirados e respeitados.

Alarmados com a chegada dos brancos, em número cada vez maior, começaram a estimular os seus a terem mais filhos, sem vislumbrar a impossibilidade de igualar em número com os brancos. Já observavam o controle da natalidade, prudentemente, durante gerações.

Observei que são alegres e dóceis. Gostam de uma longa conversa. À noite se reúnem no centro da aldeia — já iluminada com luz elétrica — e lá ficam conversando até que um ou outro desaparece para ir caçar ou dormir.

Sua distração predileta consiste na contenda das vespas. Entre risos e gargalhadas, deixam-se picar pelas vespas e quem resistir mais é o vencedor. Outra de suas distrações é uma luta a dois que lembra a luta livre dos japoneses. Ganha aquele que consegue encostar os ombros do adversário no chão. A luta acaba esportivamente, aos risos e abraços, sem que eles guardem o menor ressentimento ou rancor.

Entre os seus, são generosos e desprendidos. São incapazes de comentar que um dos seus não tenha colaborado ou tenha tido pouco sucesso na pesca ou na caça. Dá-lhes uma imensa satisfação poder repartir entre todos da tribo o resultado da sua colheita ou caça. Para o branco, porém, nada fazem sem querer algo em troca, já que foi deles que adquiriram esse hábito.

Vi quando um índio entregou uma perna de javali ao padre. Comentei: "O senhor é muito querido!"

— Qual nada! Agora que a aceitei, terei que pechinchar com ele.

E prosseguiu:

— São bons comerciantes...

Reparei em algo que é igual entre todas as crianças indígenas: o choro. É baixinho e não se prolonga, como o de seus irmãozinhos das grandes cidades. Na criança civilizada está faltando o que os indiozinhos têm de sobra — bastante dedicação e liberdade. Pai e mãe estão a toda hora em sua volta, sem interferir em coisa alguma. Até os recém-nascidos acompanham os pais nas plantações, bem junto ao corpo da mãe, como se ainda estivessem ligados a ela pelo cordão umbilical, amarrados às suas costas. À tardinha, quando o sol os acaricia, brincam juntinhos nas águas do rio. À noite dormem embaladas pela respiração serena da mãe, na mesma rede.

Vi crianças de aproximadamente quatro anos interromperem suas brincadeiras para ir correndo ao pródigo seio materno.

Considero um privilégio nascer índio...

Os Tiriós designam-se também como Pianokotó, Hianokotó. "Piana" quer dizer ave de rapina. E, realmente, os seus restos assemelham-se mais ao gavião real do que a um rosto humano. Tanto assim que o pajé diz à alma do morto: "Vai-te para seres novamente uma harpia (gavião real).

Os Tiriós são belos, delgados e de boa estatura, porém, entre os seus parentes, no Rio Trombetas, já se nota a mescla com negros. Tanto o homem como a mulher usam os cabelos compridos, com as franjas cortadas de um modo peculiar; curtos no meio da testa, um pouco mais comprido nos lados, cobrindo-lhes as têmporas. A cabeleira restante cai solta pelas costas, negra como noite sem estrelas.

Os padres mataram a caça mesmo na época proibida. Esta cerca tinha dois fálicos no ventre.

Réquiem para os Índios

Os Tiriós também se adornavam de "Pianokotó" (gavião real), pois, realmente seus restos se assemelham muito a esse ave majestosa.

Como a maioria dos índios (bem os quais tive contato), arrancam totalmente as sobrancelhas e as pestanas. Porém não praticam deformações corporais. Ambos os sexos perfuram os lóbulos das orelhas para usar seus brincos de chapinha de prata. Raros os homens que ainda perfuram o septo do nariz para usar o "onaqui", duas longas penas de arara - um legado artificial. Todos os antigos habitantes da América primam por sua higiene corporal. São extremamente asseados. Tomam banho oito vezes por dia, mesmo fazendo frio, com temperatura ao cheiro.

* * *

Entre os Tiriós as pesquisas tornaram-se extremamente difíceis, porque lá também vivem os índios Kaxúyanas e Ewarkoyanas, ligados por laços de família. Foi difícil descobrir o que era autenticamente asiáticos, devido à mescla com os negros, desde o tempo dos quilombos e a atual aculturação.

* * *

Quando apenas o primeiro menstruação, a jovem fica reclusa. Nessa ocasião cortam-lhe os cabelos, deixando-os bem curtos.

* * *

Geralmente são os dignitários das tribos, os mais velhos ou os pais, que escolhem com quem os jovens vão casar. O jovem casal só começa a namorar depois de casado. São monógamos por lealdade, com raras exceções, pois o chefe tem o privilégio de ter mais esposas. Dizem-me que, atualmente, os casados vão, depois à igreja para receber a benção.

Somente os filhos do primeiro casamento são os herdeiros.

Na tribo dos Tiriós já enterram seus mortos ao invés de queimá-los, como faziam antigamente. Porém ainda observam o hábito de pôr a morto com a cabeça na direção do sol nascente.

Na missão dos padres já conseguiram incutir-lhes, aliás, como me explicaram, com muita dificuldade, o pudor. Fizeram substituir as artísticas tangas por saias, deixando o busto ao para as mulheres. Os homens usam calças compridas. O índio não deseja mudar sua vestimenta característica, que consistia numa faixa caindo da cintura, de cor vermelha. O das mulheres, lindas tanguinhas feitas de miçangas coloridas, tecidas em caprichosos desenhos. Além de penas de araras, nos braços, ainda usavam pequenos colares, muitas pulseiras que lhes cobriam os punhos, braços e pernas e trespassavam em largas fitas o tronco. Seus trajes eram os mesmíssimos dos índios Chocós do Pântano de Darien, no Panamá.

Os Tiriós usavam estas vestes aos domingos, quando os padres não os lançam trabalhar nas hortas, na olaria, com os porcos ou com os bois. Tiravam, então, sua roupa cheia de bolores e apareciam no centro da aldeia, colorindo o ambiente.

* * *

Na praça do centro da aldeia havia um buraco retangular de 1,20m X 60cm e de 20cm de profundidade, recoberto por uma prancha larga de madeira. Sobre um lado havia uma pequena abertura que dava ressonância. Quando os índios batem com os pés na madeira — o tambor, o som é ouvido a tonas distância. É emulnamente indígena.

Além do tambor, consegui (para surpresa dos missionários) descobrir que existia também entre eles uma flauta cuja maneira de tocar era curiosa porque a sopravam com as narinas. O nome da flauta é Hadi e é tocada para o Urukuwan. Creio que deve ser o Oruko (ser fabuloso) cuja história aprendi mais tarde com os índios Apalaís e Wayanes, quando fui em busca da misteriosa gruta de dois mil esqueletos.

Enterram-se vagarosamente, de cabeça p/ o poente, na posição fetal, com os cabelos para um lado. Junto ao túmulo, colocam pote com água, para que o morto não sinta sede durante a viagem.

Felicitas Barreto

Nas varas pintadas ao lado do Rio Espeqeuru, enterrou, aproveitando-se a enorme baixa, o grande sábio dos índios Tiriós — a monumental "Kanaani", morou das almas dos seus mortos. Nenhum índio profana esse lugar sagrado com sua presença.

Onde surgem missões, os índios quase não executam mais suas danças por serem elas, na maioria, rituais ligados às suas antigas crenças. Privados de seu ambiente, tornam-se indolentes e tristes, mas quando reunidos à mesma raça e cultura, mudam de fisionomia, brincam e tagarelam.

Tiram os enfeites de dança guardados em estojos feitos de bambu ou de palha trançada. Ninguém cogitaria de abri-los, a não ser seu próprio dono. E quando eles o fazem, todos ficam em suspense.

Seus cantos e coreografias parecem-nos monótonos, pois não são propriamente um divertimento. Na maioria das vezes é para atrair poderes mágicos.

Os Tiriós executam a dança da tartaruga — katiuwainãn — no mês da desova desse animal. E a do beijuwainãn —, em dezembro ou janeiro. Em 1960 os padres impediram essas danças litúrgicas.

* * *

Os índios dedicavam-se a desenvolver poderes que ainda são misteriosos para nós. Reconhecemos tomente a ciência fria, enquanto eles, unindo-se à natureza, procuram captar forças do universo. Pouco pude saber das suas antigas tradições e heróis culturais. Obtive, contudo, o nome de três deles: Purê-sorewa, Kurapinã e Apuma.

Os padres substituíram os heróis culturais da tribo por Jesus Cristo, mas os índios o consideram um herói dos brancos. No Suriname fiquei sabendo que a missão protestante. A rivalidade entre as duas missões criou tremenda confusão. Um dia, um índio me perguntou: "Felicitas, o Deus dos brancos no Suriname é ou não é o mesmo Deus dos brancos daqui?"

A flauta Hadi é tocada pelo nariz e emite apenas cinco notas (apesar de os índios conhecerem as sete notas musicais). É usada somente em ritos litúrgicos para conjurar as forças da natureza. Um erro ao som pode desencadear cataclismos, o que é punido com a vida do músico responsável.

Réquiem para os Índios

A visita a esta tribo já aculturada mais me parecia uma viagem turística.

Vi em Belém, na casa do casal Koehn, que trabalhava para o "Summer Institute of Linguistics", fotografias de um casal de índios Apalaí.

— Onde se encontram estes?

— No Tumucumaque.

Aprendi com o casal Koehn algumas palavras da língua desses índios, e no dia 25.04.1971 o Brigadeiro Camarão mandou que me levassem de Belém, via Santarém, a Tirió, onde pernoitaríamos. Na manhã seguinte levantamos vôo rumo a Tumucumaque.

A fantástica Cordilheira do Tumucumaque sempre exerceu grande fascinação sobre mim, desde o desaparecimento do jornalista francês Maufrai, em 1951. Ouvira dizer que as montanhas eram tão áridas que ali não havia cobras, nem minhocas e nem o capim crescia lá. Montanhas que somem de vista, montanhas fantásticas, altas, com seus pontiagudos picos, como se fossem garras que arranhassem a abóbada celeste.

Sobrevoamos essa perigosa zona sem poder pousar.

Um mês depois, o Brigadeiro deu ordem para que um avião Beetch-Craft, pilotado por um exímio profissional da FAB, tentasse outra vez pousar em Tumucumaque.

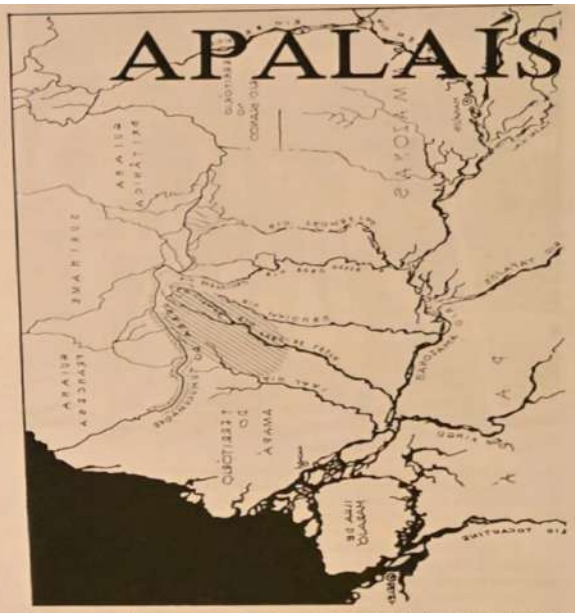
Malgrado o mau tempo, deixamos a aldeia dos Tiriós. Pela escotilha do avião eu avistava ciclópica paisagem. A atmosfera era estranha e sinistra. Grossas nuvens brotavam dos abismos, açoitadas pela tempestade, semelhando-se a gêiseres. Parecia a fabulosa paisagem de um estranho planeta.

Nosso pequeno avião estremecia para vencer os vácuos e os redemoinhos entre os abismos e negros picos que o atraíam como um ímã, fazendo-o cair no espaço, completamente desgovernado, até que o piloto conseguia equilibrá-lo.

Depois de umas três horas vendo esse grandioso espetáculo da natureza desenfreada, senti, pela guinada do avião, que mudávamos de rumo. Tirei a minha bússula da bolsa e ela confirmava que estávamos regressando a Belém.

Olhando sem ambição para o futuro. Sua expressão serena transmite a segurança que sente no seu ambiente. Desconhece a própria beleza e as maldades do mundo.

APALAÍS



Pela segunda vez o pouso fora impossível. Agora teria que esperar por outra oportunidade para ir a Tumucumaque. E essa espera foi longa.

Finalmente, partimos no dia 13.08.71 para Bona, uma pequena aldeia no Tumucumaque. O casal Edward e Sally Koehn estudava em Bona a língua dos índios Apalaís, porém insistia em incutir nos índios a sua religião. "Por que o índio, que vive em estado *selvagem*, sem nada saber do mundo que existe fora do seu ambiente, não sabe ler nem escrever, para fixar ou comparar outro idioma com o seu, deve aprender outra língua?" — pensaram eles. E, assim, foram aprender a língua indígena, visitando-os esporadicamente e trazendo um ou outro índio a Belém, para comprar motores de lancha e aprender a montá-los e a consertá-los, pagando-os com artesanato. O casal tentava fazê-los compreender que se vive em aglomerações chamadas cidades. E também editaram e distribuiram entre os índios uma pequena cartilha em Apalaí, ilustrada. Tudo magnífico.

O amor pelas crianças é muito acentuado entre os índios. Este velho desafia perdizes vezes inteiras, para alimentá-los, nos tempos difíceis, devorando-se ainda horas da noite frias para pescar.

A índia se movimenta airosamente, ativa de espírito e atlética, com muita charme e muita atividade, relvagem e ágil...

O professor A. Brunzel, no seu livro "A Civilização Indígena do Uaupés", revelou a inteligência indígena, considerando-a mais desenvolvida que a nossa.

No século passado, A. Wallace já observava que, enquanto um camponês levava seis meses para aprender o manejo de um machado, um dos nossos índios o aprendia em poucos.

Semelhante observação Fr. também Koch Grunenberg, no seu livro "Zwei Jahre unter den Indianern" (Dois Anos entre os Índios).

Quando entendi o convite do Brigadeiro Camarão ao casal Koehn para apresentarem o seu para Bona, pareceme abusado eles não o aceitarem, alegando não haver ainda prova a tradição das "galerias de São Marcos" em Apiaú, para esses nativos. Que utilidade poderia ter essa cartilha boa selva? Não seria melhor ensinar-lhes a contar e conhecer o valor da moeda do país para prepará-los a negociar com os brancos?

Foi assim a Bona. O casal Koehn me avisou que lá habita, há anos, uma tribo de vinte índios, outras vezes não-gentes, pois são aldeados, vivem soltando e descendo os rios, visitando nas outras casas, hortas, plantações ou amigos. Ás vezes permanece um casal de velhos que entende algumas palavras de português.

Felicitas Barreto

Quando um jovem é escarificado, passa pelo ritual do qual faz parte a flagelação com a taquara, durante quarenta dias.

Na viagem a Bona eu estava cheia de entusiasmo, planejando meu trabalho. Mas quando o avião levantou vôo, desapareceu de rápido no firmamento, senti um nó na garganta. Antes de ele pousar, quando ainda sobrevoava, tinha avistado cinco malocas que pareciam abandonadas. Agora estava lá só, com minha mochila com conservas e latas de gasolina, material fotográfico e rede de nylon, fabricada especialmente para a sobrevivência nas selvas. Era um conjunto de rede com mosquiteiro, teto e saco de viagem.

Encaminhei-me para o rio, quando, para minha alegria, apareceu, nadando, um casal de índios velhos. Era o ele narrou que o casal Koehn se referia, dizendo que sabiam algumas palavras de português.

Fiquei parada, abanando as mãos, para mostrar que não carregava armas. Eles vieram ao meu encontro e, após o confuseiro "monog-pã", regressaram por uma senda, e eu os segui.

Chegamos à aldeia de cinco malocas, que não tinham paredes. Deixaram-me escolher uma delas para pendurar minha rede.

Quando abri minha mochila, a velhinha se animou e veio correndo admirar com olhos arregalados os objetos que surgiam dela.

Tentei falar uma das poucas palavras apalaís que aprendera com o casal Koehn. Eles, ao me ouvir expressando-me em sua língua, puseram-se a rir, e o nosso laço de simpatia ficou firmado.

A três quilômetros havia outra maloca de um índio com sua família. Eles preparavam-se para subir rio acima até a aldeia Irie-uapá, do grande tuxaua Naja, onde já havia começado o ritual da "iniciação dos jovens guerreiros" (prova de coragem). Como me disseram que era "perto", embarquei com eles levando somente minha câmara; mas a velhinha trouxe minha rede. Acomodei-me na pequena canoa, onde, além de toda a família, iam inúmeros cachorros, papagaios e enormes pássaros redondos, de um metro de diâmetro. Ele era o índio Tokoroma e sua mulher Kumanuwari. Deu-lhes, em troca da passagem, gasolina para seu motor de 4 HP.

Pelo caminho vimos nuvens de papagaios como se fossem folhas ao vento. O rio, cobrindo às árvores até quase às copas, tão alto estava que podíamos tocar os ninhos do pássaro japim. O curioso ninho desse pássaro assemelha-se a uma meia presa na borda, ficando o restante balançando ao sabor do vento, embalando os filhotes.

Beija-flores e inúmeros outros pássaros e insetos bailaram à nossa volta, sem nos incomodar. A floresta se refletia nas águas do rio e a canoa parecia deslizar numa estrada de esmeralda líquida. O sol dardejava seus raios sobre nossas cabeças, deixando-me entorpecida. Eu observava as excepcionalmente finas libélulas de matizes lilás que vinham pousar nos meus braços e joelhos.

O barulho da chuva no rio tirou-me do torpor. Surpreendida, olhei para o sol brilhante, num céu sem nuvens. Notando meu espanto, o índio, sorrindo, mostrou-me que eram pequenos peixes que, assustados com a nossa passagem, saltavam na água.

Já estávamos viajando horas a fio e não víamos vestígios de habitações, malocas ou canoas. Só natureza.

Vi árvores com enormes frutos, parecidos com o jenipapo, o "ueu", mas não eram comestíveis. Ouvi um latido, e os índios me indicaram um pássaro que estava no alto das copas — o "parinpum", uma ave bizarra.

Um martim-pescador passava diversas vezes por cima de nossa canoa em vôo rasteiro. Seu nome em apalaí é "aturá". Subindo sempre o rio, vencemos correntezas e cachoeiras até alcançarmos uma onde tivemos que tirar toda a bagagem, a canoa e o motor. Aproveitei para tomar um banho. Prosseguindo viagem, passamos por um grande lagarto marrom, o "saturaru".

Nesse silêncio das matas ouvem-se mil gritos, ruídos e cantos que os próprios índios desconhecem.

Finalmente alcançamos a aldeia de Irie-uapá, onde já tinha chegado grande número de índios que entre ríos vinham correndo receber-nos. Colocaram logo a minha rede junto às de outros visitantes, na casa da festa. O hóspede, ou "piaxe", cujo nome é Japakin, recebeu-me com sinais de franca simpatia. Embora os meninos que iam ser iniciados se encontrassem ainda recolhidos na floresta, as danças já iam começar no dia seguinte.

A aldeia ficava num alto, com magnífica vista sobre o rio, contando de dez casas muito limpas, cercadas de

Réquiem para os Índios

Esta flauta é tocada pelos jovens na iniciação do rito da flagelação ("okomo-ma-okoma"), para disfarçar os gemidos de dor.

sujeitos. Acorreram de longe para a festa mais de 150 pessoas entre índios, suas mulheres, crianças e inúmeros cachorros. Os índios eram fortes, bem nutridos. Não vi um só índio doente nem raquítico. Creio que não são fortes porque andam nus ao sol e tomam muitos banhos por dia. Eu mesma notava que precisava muito menos de alimento quando andava nua como eles, sentindo bem-estar quando os raios do sol me castiscavam a pele.

Ninguém entre eles anda curvado. Seu porte é majestoso. Notei-se neles a confiança em si próprios, ignorando um absoluto o medo (atroz!).

Eu tinha trazido um saco cheio de balas, que é uma guloseima para todos, tanto grandes como pequenos. Empreguei-as (por estar o homem ausente) a cada chefe de família, evitando, assim, que surgissem hostilidades contra minha pessoa por se sentirem lesados na partilha. O chefe reparte equitativamente tudo entre a sua família.

Estava eu ainda ocupada com a distribuição das balas quando, lançando um olhar ao encerado em frente, vi Tokoroma, meu caseiro, embarcando com toda sua família, a minha gasolina, meus mantimentos e mais um índio, jovem e forte de basta cabeleira.

Fiquei só entre estranhos, com minha rede e, o mais importante, meu material fotográfico. Aos meus gritos de protesto e acenos, Tokoroma ficou impassível. Só mais tarde eu soube que o jovem forte que embarcou era um tuxaua, e o desejo de um tuxaua ou piaxe não deixam alternativas.

Depois da distribuição das balas todos voltaram a preparar seus cocares e trajes para o rito do dia seguinte, ignorando-me.

Inspecionei calmamente o mundo novo que me rodeava.

Uma das coisas que mais admirei neles foi que, mesmo absortos em arrumar seus cocares de pluma, quando um dos numerosos cachorros defecava na aldeia, levantavam-se, e, com um facão de lasca de bambu, cortavam a terra em volta, levando a sujeira para bem longe. Durante os três dias de festa também faziam isso, interrompendo suas danças e bebidas. Para suas próprias excreções, mesmo bêbados, retiravam-se a uma distância superior a 1 quilômetro.

Na manhã seguinte, bem cedo, o feiticeiro Japakani, acompanhado por dois índios, procurou-me para um passeio de canoa em que eu teria oportunidade de admirar suas proezas de caçador. Foi um fracasso. Nem um peixinho pegou. Fortes dores de cabeça estavam me torturando. Não havia comprimido que me aliviasse. Eu sabia que era falta de alimentação, mas não queria pedir comida à tribo, porque não tinha nada para dar em trocas.

À tarde deviam começar as danças. Já estavam prontas estonosas máscaras como nunca antes tinha visto. Entusiasmada, enfoquei um filme colorido na minha câmara, no intuito de poder fixar para a posteridade o mais deslumbrante espetáculo que já presenciara.

Este rito não tem data fixa. Pode levar às vezes, anos para se repetir. Ademais, eles procuram evitar que seja presenciado por qualquer um, a não ser índio.

Meu desespero era indescritível. Ao bater uma foto da prova, ouvi um estranho "click". Examinando, constatei que o diafragma se abria e não fechava mais. Era minha única câmara e estava irremediavelmente quebrada. Não foi por falta de cuidado. São coisas que acontecem em ocasiões ou locais onde não há recursos.

Felicitas Barreto

Começou a festa. Noite triste para mim. Sabia que ia assistir a um dos rituais mais assombrosos e raríssimos, sem poder fixá-lo na câmara, para levar uma comprovação do que se passa ainda em nossas selvas.

Sob o céu noturno surgiam os "espíritos dançantes", como se fossem seres extraterrestres. Das suas coroas sobressaíam brancas penas que se curvavam em forma de chifres, trazendo à minha memória as estampas que reproduziam os antigos guerreiros navegadores, os vikings. Carregavam numa mão uma vara delgada — o "moxi" — enfeitada com pequenos chumaços de penas brancas que, balançando no alto, pareciam fazer cócegas nas estrelas.

Desde o momento em que um índio usa uma máscara, deixa de ser ele para ser o deus ou espírito que a máscara representa.

Os que usavam máscara eram acompanhados, cada um, por um índio nos seus trajes diários, sem enfeites, que corria e dançava ao seu lado, carregando *cauim* (bebida parecida com cerveja, feita de milho ou mandioca fermentada) e os abanava.

Tudo era fantasmagórico, irreal e impressionante: as bizarras roupagens, um misto de arranjos de pluma de cores tas aves e palhas tingidas, os cantos em três vozes de estranhas melodias cantadas em linguagem desconhecida, de épocas antigas que já se perderam na noite dos tempos. Até

O feiticeiro Japakani insistiu que eu o acompanhasse na caçada, no que, aliás, é um fracasso.

A tanga desse índio é o traje típico confeccionado com miçangas formando desenhos geométricos que representam uma linguagem. Ela é a segunda esposa do Tuxaua Imarinke, mas ele um amor pela primeira, mais velha.

Depois de muitos anos de convivência, minha fiel companheira. A canoa é para cada a vida.

Réquiem para os Índios

Kaipuli está imitando o canto do macaco, na esperança de ser respondido por outro pássaro dessa espécie.

A natureza se reflete nessa fina silhueta de extraordinária beleza.

O "Oruku" — o herói nacional — era um animal com varias metros de comprimento e parecido com um dragão. Para matá-lo foi preciso acertar-lhe o coração, localizado em sua cauda. Em todas as aldeias se encontram, na casa de festas, o seu extrato e os enfeites que aparecem na foto.

Foi durante aquele dia que minha mãe adotiva me teve até a maloca ocupada pelos seus e começou a pintar meu corpo com urucum, da cabeça aos pés. Depois colocou-me o traje típico da tribo (tanga vermelha, que é a metade de um longo preso por uma corda e que cobre o lado anterior do ventre). A pintura de urucum significava alegria e é proibido usá-la aos que têm luto na família.

Na tarde daquele dia os índios me arrastaram pelas mãos, levando-me em correria para a casa da festa. Os jovens guerreiros da floresta acabavam de chegar.

Quando esses jovens foram levados à floresta, colocados separados um dos outros por vários dias, ficando numa solidão completa durante a qual deviam enfrentar a escuridão da noite, as feras, os mosquitos, o frio e a fome, dormindo em cima das árvores, a tribo já começara as danças do ritual, o "okomo-ma-okomo".

Os meninos tinham sido preparados, psicológica e fisicamente, pelo feiticeiro para suportarem o ritual das picadas venenosas das formigas. Raramente acontece um deles sucumbir ao veneno.

Ia começar o rito culminante da festa — a flagelação.

O chefe da tribo, que põe à prova a coragem dos meninos, segura nas mãos uma esteira de meio metro, decorada com coloridas plumas e em cujo centro se encontram, presas no apertado trançado da palha, umas 150 formigas bocadeiras. As cabeças destas ficam de um lado da esteira, aparecendo no outro os enormes abdômens de onde saem os venenosos ferrões, cheio veneno, numa só picada, provoca num adulto fortes dores e três dias de febre).

Cada vez que um jovem era levado para ser flagelado, o pajés (feiticeiro) lhe entregava antes uma belíssima flauta de um metro de comprimento com uma enorme cuia de pequiça por dentro do tubo e enfeitada com uma profusão de plumas brancas.

Durante essa prova os jovens conservavam um olhar sereno, calmo e indiferente. Pele abundante nos seus corpos, cobertos de bolhas das queimaduras provocadas pelo veneno das formigas, pode avaliar o enorme esforço que fizeram para agüentar a dor.

O feiticeiro várias vezes tirou a esteira das mãos do chefe e, quando via que a agressividade das formigas diminuía, soprava-lhes o abdômen, dando-lhes novo ânimo de atacar.

Os jovens, depois da flagelação, ficam três dias sem comer nem beber.

Finda a flagelação, seguiu-se uma alegre noite de danças agora compartilhada pelas mulheres e crianças.

Ao nascer um novo dia, os divindades, sempre dançando, se dirigiram para o rio, sendo seus passos delicadamente interrompidos pelos seus acompanhantes. Chegando na orla do rio, todas as divindades embarcaram em canoas e, numa algazarra tremenda, seus ocupantes e o restante da tribo se jogaram no rio, fingindo impedir a partida das canoas, agarrando-se às suas bordas. Mas quando estas already estavam sob fortes remadas o meio do rio, eles se viram forçados a largá-las devido à correnteza perigosa da cachoeira próxima.

Vi as divindades desembarcarem no lado oposto e desaparecerem no emaranhado da floresta virgem.

Quando voltariam?

Acabada a festa, todos se espalharam e em pouco tempo a aldeia do taxaua Naja ficou deserta.

A índia, com seu velho esposo e seus numerosos órfãos, arrumaram um lugar para mim na sua canoa, pois também iam para Bona. Eu estava ansiosa para chegar lá, na esperança de que um avião aparecesse para levar minha câmara e Belém, para ser consertada.

A aldeia de Bona ficou repleta com o regresso dos dias depois da festa. Todas as malocas estavam ocupadas pelos respectivos donos, de modo que tive de hospedar-me num barracão que serve para guardar as canoas. A vida corria muito alegre. À noite, sob as estrelas, todos inclusive mulheres, crianças e inúmeros cachorros, reuniam-se em volta da fogueira, trazendo cada um o seu jantar. Depois disso, as mulheres apanhavam suas inseparáveis rocas, começando a fiar cordas de algodão, que eram guardadas na cestinha que toda índia casada tem. Essa cestinha de palha, na qual trançam motivos geométricos copiados do couro do uruku, é o primeiro presente que a recém-casada recebe do marido.

Os homens contavam histórias, fazendo largos gestos evocativos, batendo com a mão direita o peito, que ressoava no silêncio da noite, enquanto que com a esquerda apontavam para o céu, citando fatos heróicos dos mitos, espíritos ou deuses e cantavam canções litúrgicas. O ambiente era harmonioso, livre de vaidades ou cobiças. As índias, com muito recato, desconheciam a competição da conquista do sexo oposto.

Já retiradas nas suas redes, a conversa continuava de maloca para maloca, até altas horas da noite, entre risos e gargalhadas.

Como eu não compreendia bastante o idioma, aquela conversa era para mim "música sem palavras" e isso significava descanso. Sentia uma paz imensa. Eu estava só e não estava.

Aquele era o modo de vida que eu sempre procurara: sem ser observada, analisada ou reprovada constantemente. Os índios me deixavam à vontade. Não me procuravam. Esperavam pacientemente que eu mesma os procurasse.

De um dia para outro, na aldeia só ficou o casal de velhos. Os índios apareceram e desapareceram sem aviso prévio.

Com a partida deles reinava imensa calma. Os dias se tornavam mais longos e eu me sentia mais chegada à essência do universo.

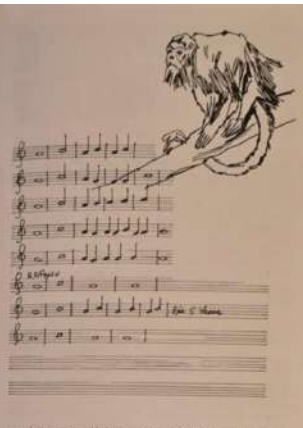
Fiquei longos dias só, porque o velho casal estava ocupado na horta e na pesca. A noite fazia muito frio. Encolhida na rede, acompanhava, através do mosquiteiro, o ballado dos astros. Ouvia de longe os rugidos dos animais selvagens.

Nessas grandes noites enfeitiçadas, o céu parecia ter mais estrelas e estar mais perto.

* * *

Numa dessas noites ouvi suave música misturada com lamentos humanos. Pareciam cantos sacros, acompanhados pelo som da harpa eólica cujas cordas são tangidas pelo vento. Estranhei ouvir isso em plena selva. Será que existe mesmo Agarta, a cidade esotérica nas entranhas da Terra? Estavam seus habitantes cantando "mantras"? Se assim fosse, eu não podia perder tal oportunidade.

Saí da minha rede e, à luz das estrelas, caminhei, descalça, procurando localizar de onde surgia o som. Queria encontrar a entrada subterrânea. Depois de vagar algum tempo, achei mais prudente voltar à minha rede, antes de ser mordida outra vez por cobras, já que as venenosas são as que saem durante a noite. Já na rede, prendi o "flash",



apanhei papel e lápis e tentei interpretar a música em notas.

Embalada pela música dos visitantes invisíveis, adormeci. Acordei com a algazarra de periquitos, papagaios e tucanos que saudavam o novo dia.

Mais tarde, em outras expedições, voltei a ouvir muitas vezes a mesma melodia, algumas vezes durante o dia e em diversos tons. Perguntando aos índios que me acompanhavam, explicaram-me que era o canto do guariba (o maior macaco da hiléa amazônica, de mais de 60 cm de altura e que se distingue das outras espécies pela sua abundante barba). Esses macacos lideram um grupo de oito ffsicas aproximadamente. Apenas os machos cantam; eles têm um pequeno osso, situado entre a laringe e a base da língua, que dilata a região faríngea, servindo-lhe de caixa de ressonância. O som muda de macaco para macaco. Em alguns o ronco é tão forte que chega a assustar a quem ignora sua origem.

* * *

No meu aniversário dediquei o dia a um tratamento de beleza. Comecei pelo mais importante nas selvas — os pés. Todos os que fizeram expedições sabem que um pé machucado pode trazer as mais funestas conseqüências. Deles extraí inúmeros gordos bichos-de-pé que já subiam até os joelhos. Depois a índia examinou minha cabeça, encontrando outros bichos-de-pé. Findas as operações nojentas e dolorosas, examinei o chão da minha maloca e vi que estava salpicado dessa praga, provavelmente do porco — o único que havia — que fora presenteado aos índios pelo bondoso casal Koehn.

Depois daquilo fui para o rio, onde fiquei longas horas nadando, mergulhando e imitando os pássaros à minha volta. Havia bandos de papagaios, periquitos, tucanos, araras e outros que eu não conheço. De tanto mergulhar, depois de umas duas horas, estava um tanto enfraquecida. Ao galgar o íngreme barranco, cruzou o meu caminho uma das mais peçonhentas e agressivas cobras, a surucucu-pico-de-jaca, de um metro e meio de e imprimento. Esse venenosíssimo ofídio, ao perceber-me parou e ficamos longos minutos cruzando os olhares. Todas as vantagens estavam ao lado dela, que se encontrava em cima do barranco. Devia estar cheia de veneno, porque ua cor alaranjada viva indicava que recentemente havia tr-cado o couro.

Finalmente, já deu-sperada prevendo minha morte inevitável, gritei: "Oko epi" (cobra venenosa). Após diversos gritos, cada vez mais agudos, o casal de índios selhos acorreu. De longe viram, estarrecidos o perigo iminente. A cobra olhou para eles, olheu para mim, e lentamente se enfiou nos arbustos.

À noite, passou por minha maloca um "tourouróhuaco" (batacáo levando parte da cobertura de palha e molhando minha rede. Sofri um bocado, mas estava feliz, pois a natureza é tão empolgante que recompensa tudo. O "tourouró-huaco" me deixou com uma tremenda dor de ouvido.

No dia seguinte tomei aulas de apalui com Akuri. Assim se chamava o velho. Ele é um índio que já viveu vários anos nas nossas cidades, ganhando bem. Um dia, comparando o modo de nossa vida com a dos seus, fez sua opção e abandonou a civilização para sempre, sendo agora um dos mais aferrados às suas tradições tribais.

O que mais me comovia na minha rica vida de aventuras eram cenas como essa de um casal de velhinhos, Akuri e Kanita, sozinhos dentro da noite, cercados pela imensidão da floresta, iluminados pela fogueira, catados durante longas horas ao lado um do outro, com um sereno sorriso distendendo-lhes as faces que uma grande ternura iluminava. Naquele eloqüente silêncio eles se diziam tudo.

Na sua maloca de aspecto pobre, Akuri tinha pendurado cinco espingardas das mais caras e possuia quilos de colares de miçangas. Nada faltava a Akuri e Kanita. São donos de três casas e três roças, distantes umas das outras vinte dias de viagem, onde plantam milho, batata-doce, cacau e abacaxi.

Em todas as casas há sempre pendurado um "kolopatopo", ou seja, uma toalha feita do tronco do caju roxo que eles esfolam e desfiam, parecendo uma saia de havaiana. É para enxugar as mãos e, uma vez suja, é jogada fora, e se faz outra.

Um dia, Akuri me falou sobre uma fabulosa gruta cheia de esqueletos que se encontrava rio acima, e de um poderoso feiticeiro — Mokopö — que habitava ao alto do Rio Citaré.

Assim que eu ouvi a história da gruta, viajei à procura de índios que pudessem me levar até lá. O taxaua Waina Itoarinke sabia onde ficava a gruta, mas para empreender a viagem precisaríamos de mantimentos. Separei-me dele, mas antes ficou combinado que eu iria a Belém, a fim de consertar a câmara e providenciar mantimentos.

Como em Belém não tinha a peça para a minha câmara, comprei uma nova e preparei rapidamente tudo para a viagem à gruta. Também estava ansiosa para visitar o feiticeiro Mokopö antes que ele partisse para o país do silêncio eterno, já que estava muito velho.

Para essas viagens o tuxaua Ituarinke calculou que eu teria de comprar vinte latas de gasolina, de vinte litros cada, um motor de popa para a canoa, além de pilhas, espelhos, miçangas, conservas de carne, leite em pó, chocolate, aveia e alimentos para prover duas famílias durante a ausência do chefe.

Bona era sempre o ponto de partida, e, finalmente, no dia 23.09.71 consegui chegar até lá.

A FAB estava recuperando um antigo campo de pouso em Bona. Santana chefiava os trabalhos, ajudado por "gaiteiros" que vagam por ali com o objetivo de caçar onças para a confecção de casacos de pele em São Paulo. As onças estão quase se extinguindo por esse motivo.

Todo a mercadoria que a FAB levava para Bona ficava armazenada no acampamento de Santana. Por isso, antes de empreender minha viagem tive de ir até lá, receber meus quatrocentos litros de gasolina que haviam sido enviados em meu nome. Max Santana tentava por todos os meios retardar a entrega. Depois de uma acalorada discussão, não teve outra alternativa e me entregou as latas, não sem antes falar algo em voz baixinha ao índio Tokoromã, que me acompanharia na subida do Rio Citaré.

Depois de duas longas horas de espera, apareceu outro índio chamado Guaíba, com sua mulher, seus filhos, suas redes, panelas, caixotes e cachorros, começando a carregar a minha canoa que, de tanto peso, igualou a borda ao nível da água. Protestei contra a tola decisão. Eu havia feito muitas despesas e não ia pôr em risco meu material fotográfico, nem me arriscar a naufragar numa das muitas cachoeiras que existem ao longo do rio. Essa viagem tinha muita importância. Eu esperava documentar com fotografias as diferentes, heterogêneas e quase desconhecidas características daqueles índios.

Guaíba retirou sua família, seus pertences, rogando-me pragas e criando animosidade entre os índios contra mim.

Além disso, eu descobrira que Santana queria minha gasolina, para seus costumeiros passeios como para trazer farinha do alto de Citaré.

Afinal, fui-me embora com Tokorama e sua família, não sem antes recomendar a Santana que evitasse futuramente criar situações delicadas com os índios, pois Guaíba jurara que iria revoltar toda a tribo Apalaí e Wayana contra mim.

É impossível contratar um índio para empreender uma viagem sem que este leve sua mulher, seus filhos, suas panelas, seus mosquiteiros, beiju, papagaios, inúmeros e inúteis cachorros. Para minhas coisas e para mim mesmo pouco lugar sobrava.

Ao embarcar, eu devia ter roçado num arbusto que estava cheio de "Katimonos". Fiquei com o corpo todo coberto desses pequenos carrapatos que até os índios se espantaram. Os ferozes bichinhos grudaram nas cavidades de meu corpo, em cachos, entraram nos meus ouvidos, nos olhos e se espalharam pela minha cabeça. Caí na água e desesperadamente friccionei meu corpo com sabão e pedras, mas não consegui livrar-me deles. Aí índias recorreram à faca e a outros instrumentos, raspando meu corpo e fazendo pequenas cicatrizes na minha pele. Durante vários dias e várias noites, me catavam longas horas. Meu estado ficou completamente encurvado e a coceira era de enlouquecer. Eu estava minguando à mercê da voracidade desses vampirinhos.

Deles fala José Ferreira Teixeira no "O Arquipélago de Marajó", Rio, 1953 — Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: "Os carrapatos pertencem à família dos aracnídeos. Seu único alimento é o sangue. Passam por quatro períodos de evolução: 1º ovo; 2º larva; 3º - ninfa; 4º — adulto. Durante a primeira fase, permanecem 20 dias dentro do ovo; vinte dias depois se transformam em larva, possuindo já seis patas, mas ainda sem sexo definido. Transcorridos uns dois dias, movem-se de lugar onde nasceu e permanecem no estado de larva durante 21 dias, até sofrerem a primeira metamorfose. Nessa fase já possuem duas fileiras de dentes e a metamorfose continua, porque de seis patas agora têm oito. Depois de 21 dias têm sexo definido e quatro fileiras de dentes. A fêmea tem três vezes o tamanho do macho e permanece no lugar que escolheu como "habitat" (no caso, a presa), sugando sangue durante dias quando, farta de sangue, deixa-se cair à procura do mato para a sua postura. O macho vive à procura da fêmea, sendo sua tarefa a de reproduzir. A fêmea fica durante 4 ou 5 dias botando ovos, que podem chegar a 6.000. Depois de 45 dias, ela morre.

Somente num ano o carrapato pode reproduzir 5 gerações. Calculando apenas a postura de 2.500 ovos, sua prole será: 1ª geração, 2.500; 2ª 3.125.000; 3ª 3.906.250.000; 4ª - 4.882.812.500.000; 5ª 6.103.515.625.000.000.000."

Passamos todo o tempo das longas horas de viagem catando e sendo catados. Arki, o filho de Tokorama, catava as pulgas dos seus cachorros. Eu catava meus carrapatos que não acabavam nunca. Kumanawari catando os piolhos das crianças.

Fiquei fascinada com que intensidade Arki olha e ama a natureza. Acho que nenhuma criança da cidade fica tão empolgada e vibra tanto assistindo a um filme de bangue-bangue quanto Arki se extasia diante da natureza. Inúmeras vezes levantava os braços como se neles quisesse colher o céu, as nuvens e as araras voando. Na selva, o menor descuido pode ser fatal; a gente precisa estar sempre alerta.

De repente, o pequeno motor da nossa canoa parou. Ficamos remando e pescando durante horas, quando, inesperadamente, a canoa bateu numa árvore submersa, balançando bruscamente e jogando um dos cachorros na água. Demoramos muito tempo remando em zigue-zague para poder salvar o animal que já estava exausto. Resolvi mergulhar para agarrá-lo. Foi bom o cachorro ter caído na água, pois eu já estava me sentindo inútil diante da competência e capacidade dos índios.

O índio ama a todos indistintamente, não fazendo diferença entre os seus filhos com as diversas esposas.

Permanecemos na casa abandonada de um gaiteiro. Kumanawari acendeu o fogo, tomamos banho no rio, pescaram as redes e ela começou novamente a catar meus carrapatos. Nesse interim, Tokorama pescou cinco peixes grandes.

No dia seguinte, deixamos o Rio Para-Este e começamos a subir o Rio Citaré, de perigosas cachoeiras. Cada vez que passávamos por uma, a nossa canoa ficava tanta água que eu não tive outra alternativa a não ser segurar o meu material fotográfico na cabeça.

No segundo dia passou junto de nós a pesada canoa de Santana com possante motor, pilotada por três gaiteiros. Lá estavam o índio Guaíba com sua família e seus pertences. Lançou-me olhares cheios de ódio e praguejou contra mim.

Quando finalmente chegamos à aldeia de famoso feiticeiro e tuxaua Mokopó, estranhei que ninguém viesse ao nosso encontro. O pessoal da minha canoa, apesar do frio e do vento da noite, pulou dentro do rio e, tremendo como folhas ao vento, ao tabem da água vestiram suas melhores roupas, se penteiaram e se pintaram, colocando muitos colares de coloridas miçangas sobre os corpos ainda molhados. Depois, foram solenemente subindo para a aldeia do feiticeiro. Quando passamos por uma maloca, ouvi o índio Guaíba xingando de mim. Já se havia encarregado de hostilizar a aldeia toda contra mim criando-me uma situação perigosa.

Meu canoeiro Tokorama, filho de Mokopó, deixou-se a cinqüenta metros de distância da casa de pai.

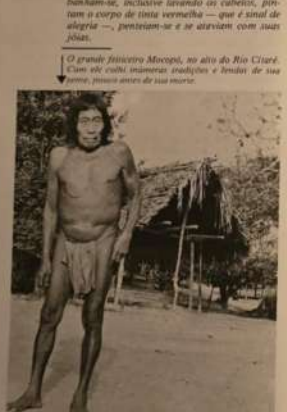
— "Monog-pá?" (Chegaste?)

— "Waig-pá." (Cheguei.)

Não da civilização são fazemos idéia de como a vida dos índios é cheia de cerimônias e tabus. Por exemplo: quando visitamos a maloca de um índio, sem portas e sem paredes, entramos um mais nem menos no seu lar; enquanto que um índio, violando sua própria tribo ou familiares, executa um complicado *ritual*.

Ainda que sob o frio intenso, ao visitar alguém — mesmo sendo da família —, os índios obedecem a um ritual: a pequena distância páram, banham-se, inclusive lavando os cabelos, pintam o corpo de tinta vermelha — que é sinal de alegria —, penteiam-se e se ataviam com suas jóias.

O grande feiticeiro Mocopó, no alto do Rio Citaré. Com ele colhi inúmeras tradições e lendas de sua gente, pouco antes de sua morte.



"Monog-pá?". "Waig-pá" — já à distância se faz anunciar chocalhando uma lança de dois metros de comprimento que leva numa das pontas um pião oco que assobia com o vento e logo abaixo desse pião, circundada de penas, uma cabaça cheia de sementes.

Desta forma fazem que sejam notadas à distância. Se sua visita não for desejada, ninguém vem ao seu encontro, dando a compreender que a visita é inoportuna. O visitante, mesmo vendo as pessoas, segue seu caminho sem ressentimentos. Mas se for bem-vindo, o chefe da maloca desce ao seu encontro para cumprimentá-lo, embora raramente o mande entrar. A formalidade é quase sagrada para eles.

Mokopó veio ao nosso encontro e recebeu meus presentes. Indicou a casa grande de festas na qual deveríamos dormir. Nela encontrei um enorme escudo preso no teto, representando o herói cultural Oruko.

Durante os quatro dias de minha estada na aldeia de Mokopó, fiquei o tempo todo ao lado do feiticeiro, ouvindo e assimilando suas sábias palavras. Para isso, insistia que Tokorama ficasse também a meu lado, servindo de intérprete, pois o velho não falava uma palavra de português e de outra forma eu não assimilaria quase nada de suas tradições.

E essa foi minha sorte, porque, depois de minha partida de regresso, não se passou um mês e Mokopó morreu.

Ficamos desde a aurora até a noite dentro da casa de festa. Penduramos nossas redes uma perto da outra e conversamos sem ver o rosto um do outro. As histórias eram tantas, que levaria meses para contar todas. Recomendei a Tokorama que as assimilasse bem, para depois transmiti-las a mim. Ele aceitou solicitamente. Fascinado, estava regressando ao mitológico mundo dos seus antepassados.

Nós consideramos "lenda" o que para eles representa uma tradição. Pois os personagens das suas histórias existiram, como existiram e existem para todos os religiosos do mundo os santos e deuses.

Os personagens das suas tradições são venerados e são lhes agradaria que anotássemos seus relatos como "contos fantásticos".

Com muita dificuldade, devido ao retraimento dos índios sobre assuntos que são sagrados para eles, e também por não dominar sua língua, eu os transcrevi, mas confesso que me escapou a imensa riqueza da sua filosofia.

Consegui compilar os seguintes:

1º — ORUKO (Drajoo) — herói cultural.

2º — APATORO — Senhor do fogo e do trovão.

3º — MOPO — Deus protetor das mercadorias.

4º — XIPATAI — a cidade dentro da Terra.

5º — A lenda da Lua.

6º — A história de um homem cego.

ORUKO

Na casa de festa onde nos encontrávamos havia preso no mastro central um enorme escudo de madeira, coberto de desenhos coloridos. As principais figuras eram dois extraordinários dragões, ou algo assim. "É o oruko, nosso herói cultural, morto por nós ha uns 60 anos."

Em todas as aldeias apalaís ou wayanas encontrei o mesmo escudo, sempre com as mesmas gravuras e com os mesmos coloridos e exatamente com as mesmas dimensões de um metro e meio de diâmetro.

APOTORO — um índio que sobe e desaparece no céu.

Apotoro estava casado com uma índia e os sogros dele, vendo-o ocupado, convenceram a esposa a ir a uma festa com eles. Quando Apotoro notou que eles foram sem esperá-lo, terminou sua tarefa e depois foi em busca de outra companheira para irem juntos à mesma festa.

Somente encontrou uma jovem que tinha o corpo cheio de erupções e em estado lastimável. Com muita rapidez, Apotoro correu à floresta matando o Kariaku, um veado branco. Extraiu do animal seu bucho e o esfregou, ainda ensanguentado, pelo corpo da índia, que pouco depois ficou curada.

Então, levou-a com sua mãe para a festa na qual viu os seus sogros. Mas quando assistou sua mulher dançando, tamanha fúria se apoderou dele que estendeu sua poderosa mão, segurando um relâmpago que ziguezagueava pelo firmamento, e fez dele sua borduna, com a qual iria matar todos os que estavam na festa.

Zikapuri, seu cunhado, o impediu, tomando o relâmpago que tirara borduna da sua mão. Apotoro subiu ao céu, levando consigo as duas mulheres e a mãe da última.

Zikapuri, com a poderosa borduna do seu cunhado, foi procurado pela sua tribo Apalaí, para que a defendesse da tribo Oyampi, com a qual estava em guerra.

Zikapuri, não podendo recusar, foi ao encontro da tribo Oyampi, mas não podia alcançá-la porque corria pouco, por estar com os pés cheios de "sicós" (bicho-do-pé).

Na segunda vez aconteceu o mesmo, pois os "sicós" já lhe cobriam todo o corpo e ele acordou muito tarde para um guerreiro. Capengando, Zikapuri foi em busca dos inimigos, quando apareceu Apotoro, que lhe tirou toda a pele, da cabeça aos pés, deixando aparecer o corpo são.

Apotoro dançou a dança da guerra e foi matar todos os Oyampi. De regresso, falou para Zikapuri: "Cunhado, minha borduna está vermelha, cheia de sangue e está causando mau cheiro. Leva-a a um igarapé, para lavá-la."

Zikapuri, assim que mergulhou a borduna de Apotoro nas águas do igarapé, virou "puraquê". Zikapuri chorou.

Puraquê, ou poraquê, é o peixe-torpedo, mais conhecido como peixe-elétrico. Pode dar várias descargas de 500 watts por minuto. Habita nos igapós ou igarapés ou na lama e pode alcançar até dois metros de comprimento.

MOPÓ — o filho do barro.

Certo dia, um índio cavando o barro, deu com as mãos num objeto duro. Seguiu cavando e viu que se tratava de uma criança. Era Mopó. Mopó não tinha pai nem mãe. Nasceu do barro. O índio o levou para sua casa, onde ele cresceu e gostava de fazer esculturas de barro. Esculpiu uma pequena estátua de mulher, mas os índios que o criavam, curiosos e querendo saber como a estátua era por dentro, arrancaram-lhe um braço. A estátua começou a sangrar e a morrer. Mopó ficou aborrecido pelo que eles fizeram. Então, o padrinho, achando prudente afastar do seu caminho este ser esquisito, mas recosso das suas forças misteriosas, usou um ardil e o convidou alegremente para ir com ele caçar no dia seguinte. Levaram bastante dos gostosos "kipumo" (pamonha). Nessa caçada o padrinho matou Mopó.

Mas, regressando a caça, lá estava Mopó, balançando-se na rede e cantando "Kosé Jenua"no..."

Sem demonstrar perplexidade ao vê-lo ressuscitado, convidaram-no novamente, mas desta vez para ir com toda a tribo para fazer a roça no dia seguinte. Lá, todos começaram a derrubar árvores. Mopó escolheu uma pesada árvore, fazendo-a cair sobre a tribo Apalaí. Somente se salvou um índio, que foi correndo à aldeia para contar ao padrinho o que Mopó havia feito.

As três irmãs de Chamari são muito unidas na luta do dia-a-dia. Quando o chefe está ausente, em busca de alimentos, são verdadeiras companheiras.

Quando Mopó chegou a casa, o padrinho brigou com ele e o obrigou a voltar ao local, no qual Mopó removeu as árvores e todos sultaram à vida dizendo: "Nós dormimos muito, sem desconfiar da verdade. Mas quando soubemos, todos ficaram revoltados contra ele, querendo linchá-lo. Até o padrinho, camarada das feitiçarias de Mopó, estava decidido a matá-lo, custasse o que custasse.

Foi aí que Mopó, cortando o tronco de uma árvore, enfiou a cabeça dentro, tornando-se invisível e ficando deste modo na tribo, comendo e circulando entre eles. Mas sentindo a hostilidade dos outros, resolveu deixá-los para morar em outra aldeia.

Mas ali reconheceram Mopó e, sabendo que ele havia feito, o enxotaram do lugar. Fugindo, Mopó caiu na água e virou peixe.

A moça mais bonita da aldeia chegou ao rio e, ao se inclinar para encher sua cabaça com água, viu um lindo peixinho e tentou agarrá-lo com a mão. Mas Mopó, que era o peixinho, mordeu-lhe o dedo, cobriu-a com um "spiti"(*) e não a soltou mais. Os pais acudiram alarmados pelos gritos da menina e ainda conseguiram vê-la sendo puxada para dentro da água. Fizeram desesperados esforços para agarrá-la e tirá-la do rio, mas a pele da moça ficou escorregadia e lhes revalava das mãos. Todo esforço para salvá-la foi em vão. A menina ia afundando e gritando: "Me solvá-la foi em vão. A menina ia afundando e gritando: "Me segura, me agarra, Mopó está me levando..." E desaparecera para sempre.

Mopó representa uma divindade entre os índios, é o deus da mercadoria.

PORQUE A LUA TEM CARA MANCHADA!

Uma índia morava com muitos rapazes, primos e irmãos, que iam trabalhar na roça da montanha. A índia ficava cuidando da maloca e da comida. Mas, durante a noite, recebia a visita do amante na sua rede. Como não sabia quem era aquele visitante noturno, ela preparou uma cuia com suco de jenipapo e pediu ao piolho que a acordasse ao chegar o amante. Mas o piolho esqueceu. Na noite seguinte, ela pediu a outro bicho e este também esqueceu, até que um carrapato o fez. O bicho a acordou e ela, então, melhando as mãos no jenipapo, passou-as pelo rosto do amante desconhecido. Este, ao comprovar que ela lhe pintara a cara, se encolheu na rede, cobrindo o rosto com as mãos sem atrever-se no dia seguinte a acompanhar os

(*) Tipiti: trançado típico, usado para espremer mandioca. Quando se duas extremidades se aproximam, o trançado se alarga. Passando as duas pontas, torna-se comprido e quanto mais comprido fica, mais aperta fixa o objeto que está no seu interior.

Felicitas Barrero

outros às montanhas. E foi aí que a índia tirou as mãos do seu rosto, descobrindo que o querido amante era seu próprio irmão. Quis abraçá-lo, mas ele, envergonhado, pôs-se a correr perseguido por ela, que o chamava carinhosamente. Ele correu até chegar ao céu, onde parou. Sua cara manchada é a face da lua...

Essa lenda identifica-se com a dos índios Cunas, do Panamá. Sempre há em todo o folclore das tribos americanas certa semelhança, dando a entender que tudo procede de uma mesma fonte, confirmando a teoria de Domingos Martinez Paredez, no seu livro "Un Continente Y Una Cultura".

O ÍNDIO CEGO

Quando o índio cego entrou em sua maloca, encontrou somente a sogra, que o desprezava devido ao seu defeito físico.

Ela estava cozinhando carne num grande pote de barro. Perguntando por sua mulher, a velha respondeu que sua filha regressaria mais tarde e que ele já podia começar o almoço que era aquela carne cozida.

Depois de almoçar, o índio cego ouviu um lamento. Desconfiado, voltou a perguntar onde estava sua mulher e a velha bruxa lhe disse:

"Na sua barriga, pois você acabou de comê-la."

Aparvorado, o indefeso índio saiu da maloca e numa corrida louca chegou até a maloca distante do vizinho. Como não havia ninguém em casa, e ele percebeu que a sogra ainda o perseguia, fugiu correndo a esmo até que, exausto, deixou-se cair.

Pondo o ouvido na terra, escutou que a sogra ainda o perseguia. Então, cavou a terra rapidamente para esconder-se no buraco; mas no lugar em que cavara só havia uma leve camada de terra, defrontando-se com um enorme vácuo. Ele saltou dentro dele e de repente se encontrou na margem de um enorme rio onde estava uma cobra descomunal. Quando reparou que a sogra havia pulado atrás dele, montou no dorso da cobra e esta o levou à outra margem.

A sogra bruxa continuava a persegui-lo, desta vez sobre um jacaré. Então o índio pediu à cobra que o levasse de volta à outra margem e tateando encontrou o buraco, que escalou em pânico. Chegando em cima, sentiu que a sogra ainda estava no seu encalço. Refolegando pelo esforço de escalar o buraco, rapidamente juntou quanta terra pôde e começou a encher o vácuo. Jogou terra até conseguir enterrar a sogra...

AMOR ENTRE ARARAS

Vagando pela aldeia, deparei com um quadro horripilante. Uma linda arara vermelha estava escorregando de uma vara, com seu olho esquerdo ensanguentado e pendurado. A ave estava agonizando.

Aflita, corri em busca do dono da maloca para pedir-lhe que acabasse com o sofrimento dela. Consternado, ele me contou:

— É difícil pegar uma arara, porque elas fazem ninho no oco das árvores mais altas. Tentei um tiro, apenas para ferir de raspão e não para matá-la, mas tive a infelicidade de acertar e furar seu olho.

Ele não queria dar o "tiro da misericórdia", argumentando que ela estava morrendo e se afastou aborrecido.

Com imensa pena, apanhei uma cuia com água, que ela bebeu sofregamente. Logo lhe ofereci frutinhas. E ao cabo de três dias até os índios comentavam com surpresa que a arara parecia estar se recuperando.

Mas o fato pungente não era apenas o sofrimento dessa arara, mas também o de outra que pela manhã e ao pôr-do-sol, chegava bem perto, quase entrando na aldeia, pondo em risco sua própria vida. Pousava nos galhos dos arbustros e emitia dilacerantes gritos de dor.

Sua companheira, ao ouvi-la, fica emocionada a tal ponto, que o sangue começava novamente a brotar de seu olho ferido.

No âmago das selvas existem sentimentos de abnegação e solidariedade que chegam até à renúncia. No asfalto raramente esses sentimentos medram...

Os índios são injustamente acusados de indolência, passando o dia todo espreguiçando na sua rede. Entretanto, nada mais falso, nunca estão ociosos. A índia da foto está descarocçando algodão.

Em sua concepção os pássaros, principalmente as araras, são uma reencarnação mais adiantada da espécie humana.

Não pude assistir ao desfecho daquele acontecimento. Imaginei que "o milagre do amor" seria capaz de fazer com que aquela ave sobrevivesse.

No quarto dia da nossa estada, a respeitosa distância da casa do Tuxaua Mokopi, nós nos despedimos. Guaiba já fizera as pazes comigo, depois de compreender que eu tivera razão de não levá-lo.

Ao saírmos da aldeia, no caminho de volta para Bona, toda a tribo me acompanhou com simpatia até a embarcação. Contamos embarcou outro índio, muito forte, que nos ajudaria a atravessar as perigosas cachoeiras. Chamava-se Arukamali.

Depois de algumas horas de viagem, meu estômago já estava quase colado na espinha de tanta fome, quando eles perguntaram se eu queria comer. Acenei com a cabeça. De imediato remamos para um igarapé e aí assisti a uma pesca muito engraçada. Numa vara com uma linha curta de uns quarenta centímetros, amarraram um fiapo de sua tanga vermelha que rapidamente passaram pela superfície da água. Levei um susto: pensei que algo muito pesado caíra na água, mas era um enorme peixe que se debatia, indiferido pelo pedacinho de fazenda vermelha. Desse modo pegamos vários peixes em poucos minutos. Mais adiante, encostamos numa ilha, e enquanto eu e as crianças brincávamos no rio, Kumanawari, a mulher de Tokorama, acendeu o fogo e cozinhou os peixes.

Mal retomamos o lugar na canoa, paramos novamente. O índio Arukamali saltou em terra. "Por que paramos?", perguntei.

Todos me fizeram sinal de silêncio, apontando para o mato. Aguçei os ouvidos e percebi um leve zumbido. Pouco depois, um tiro. Arukamali regressou, carregando um pesado mitum* e o jogou ao meu colo. Recomeçou a remar calmamente, enquanto eu tive que depenar o enorme pássaro e separar as penas grandes que eles queriam para seus enfeites e cocares**. Permitiram-me jogar na água as penugens.

No caminho para Bona a canoa levou muitas pancadas ao passar pelas cachoeiras, e começou a fazer água, pondo em perigo meu material fotográfico e nossas vidas. Angustiado, rasguei minhas roupas em tiras e com elas calafetei as brechas.

Soube que naquele dia a canoa de Santana, em que viajava o índio Guaiba, virou, perdendo-se todos os alimentos, a farinha que foram buscar e seus baús cheios de miçangas. Felizmente, homens, mulheres e crianças se salvaram, nadando para a margem. Fiz bem em não ter aceitado aquela pesada carga na nossa frágil e pequena embarcação. A outra era uma potente canoa tripulada por homens fortes.

Continuamos nossa viagem, que para mim estava se tornando mais cansativa devido a dores reumáticas que vinha sentindo antes mesmo de deixar a casa de Mokopó. As noites na selva são frias e úmidas. Meus analgésicos haviam-se acabado e comecei a sentir calafrios de febre. Ao passar por uma dessas perigosas cachoeiras tive que saír da canoa e me deitei com o corpo nu sobre uma pedra negra quentíssima do sol do meio-dia. Apertando bem as partes reumáticas contra ela, um calor benéfico penetrou no meu corpo, livrando-me completamente das dores. Com alegria retomei meu lugar na canoa, antecipando a delícia de uma noite com sono calmo e que poderia restabelecer as minhas forças.

Ao entardecer, aconteceu uma coisa rara nessas paragens onde jamais se vê alguém: passaram por nós três canoas cheias de índios fugindo de Bona.

Quando a primeira canoa apareceu compreendi de que se tratava, porque eles nos gritaram que na aldeia estava grassando o sarampo e que a maioria dos índios já estava morrendo.

A fisionomia dos dois índios na nossa canoa nublou-se quando passaram a segunda e a terceira com o mesmo aviso. Sem mais, encostaram a canoa num barranco. Perguntei o que havia. "Aqui ficamos para permoitar," Protes-

Felicitas Barrero

tei que ainda era muito cedo e tive uma resposta chocante: "Se não está satisfeita, vá você. Nós ficamos aqui para o pernoite."

O local onde aportamos era dos mais feios e mais hostis que tinha visto em toda a viagem, principalmente devido aos mosquitos.

Tivemos de subir num alto barranco estameado, tão escorregadio que até os índios e seus destros cachorros escorregavam e afundavam. Lá em cima o mato era fechado.

Começaram a armar as redes. Quando eu ia colocar a minha junto, eles desamarraram e colocaram as suas à distância. E explicaram:

— Em Bona, os índios estão morrendo. Os brancos trouxeram sarampo. Você é branca, você é sarampo.

Repliquei:

— Eu já tive sarampo há muitos anos. Agora não tenho nem terei mais, porque fiquei imune. Eu vou arranjar vacinas para vocês.

Daí para Bona só levaria mais um dia de viagem de canoa. Como estávamos perto e de regresso a Bona tinha-me desfeito de tudo: alimentos, fósforos, café e até o meu canivete. Só tinha, mesmo, a rede e o cobertor.

Antes de comermos, vi os dois índios descerem o barranco onde estava a canoa, começando a arrumá-la cuidadosamente. Estranhei, pois nunca haviam feito isso antes em todas as nossas viagens. Eu tivera o cuidado de colocar minha rede em frente ao atalho que dava para o encoradouro.

Noite tenebrosa. Será que eles me abandonariam nesta "floresta"?

Fomos nos deitar. Da minha rede se avistava a de Arukamali, embora, devido ao emaranhado da mata, que não deixava avistar uma nesga do céu, ela se confundisse com o ambiente. Levantei-me muitas vezes para verificar se ele estava lá.

Devido à longa viagem de semanas, e das três últimas noites que tinha passado em claro, com dores reumáticas, apesar do meu pavor de ficar abandonada naquela floresta, caía vez por outra em estado de delírio. Onde estava a rede de Arukamali? Meu sangue parava nas veias ao acender o flash. A rede não estava. Como gostaria de ter outra vez as dores de reumatismo, para não adormecer. Sem tive coragem de me deitar na rede, mas, mesmo sentada, cochilava. Resolvi escorregar o barranco até o rio para me molhar e pegar reumatismo outra vez. Na volta vi a rede do Arukamali. Será que ele ainda estava dentro dela? Para disfarçar minha desconfiança pedi:

— Arukamali, quer me emprestar uma arma qualquer?

— Não. Para quê?

— Porque estou sem arma nenhuma. Então me empreste pelo menos por um momentinho a sua faca.

Felizmente consegui a faça, para poder dar cabo da minha vida se acontecesse o pior.

Voltei para minha rede e espetei a faca na terra. Logo depois, Arukamali reclamou-a de volta.

— Agora não, amanhã de manhã. Agora não, não e não!

A incerteza me deixava num desespero surdo. Não devia demonstrar a eles que estava receosa, com medo de que eles me abandonassem. Pensava: "E se eu falasse francamente para acabar com essa longa noite de dúvidas?" Não tinha coragem de informar-me sobre a minha sentença.

Levantei-me outra vez e fui me deitar na canoa, mas os mosquitos quase me enlouqueceram. Voltei e me sentei na

Os bumerangues dos indiozinhos se assemelham aos pilões.

rede, tentando permanecer acordada. Mas o sono me venceu e tive sonhos negros. Acordei sobressaltada e distingui vultos correndo nas trevas. Minhas suspeitas se confirmavam: iam me abandonar para salvar a vida dos seus filhos. No fundo de meu coração eu lhes dava razão, embora eu não estivesse pondo em perigo a saúde deles.

Chegou o momento decisivo de salvar-me de uma morte horrenda. Sem gritar, sem fazer barulho, procurei febrilmente o fecho-éclair para abrir minha rede. (Ia correr atrás deles... jogar-me na canoa. Não queria morrer assim.) Mas o fecho-éclair não se abria — estava quebrado. Desesperadamente tentei rasgar o mosquiteiro, mas nenhum deles cedia. Entrei em pânico. Na angústia e na pressa, tateei à procura da faca. Não a encontrei. Com as mãos dilaceradas, sangrando, consegui abrir o fecho. Estava tão aflita que caí da rede, e quando consegui alcançar o barranco distingui a silhueta de Tokorama já sentada na popa da canoa. Gritei: "Esperem por mim, eu também vou." Com um "sim", Arukamali pulou para a embarcação, que logo se afastou, desaparecendo na escuridão da noite. Arriei meu corpo na lama e chorei como nunca havia chorado.

Ali, eu sabia, a morte me esperava. A princípio, poderia saciar a sede com a água do rio, mas não havia alimentos. As formigas iriam me devorar viva, enquanto os mosquitos me alucinariam, causando-me delírios intermitentes até eu sucumbir. Por quantos dias poderia arrastar-se uma agonia dessas?

Para seus filhos pequenos os pais fazem pequenos arcos e flechas e os ensinam a manejá-los, preparando-os para enfrentarem a vida mais tarde.

Talvez meses depois o Brigadeiro, estranhando a minha demora, concluisse que eu tinha alterado meu rumo, embrenhando-me para outras regiões. Talvez encontrassem meus restos. Que adiantaria isso, então? Que degradante para mim, que sempre desejei morrer em pé, como uma árvore fulminada por um raio!

Desalentada, engatinhei barranco acima e vi que a rede de Tokorama ainda estava lá. Com certeza eles primeiro fugiram com a canoa para encostá-la num local onde a mulher de Tokorama e os filhos pudessem embarcar sem o perigo de me acordarem.

Arrastei-me até o mosqueiteiro e muda de emoção, sussurrei: "Kumanawari"... Kumanawari". Quando ouvi um suave "mm...", temi que era um desvio mórbido da minha razão. Resolvi, apesar das torturantes picadas da multidão de mosquitos, sentar-me no chão, diante da rede de Kumanawari.

Passaram-se horas, longas horas, quando ouvi ruídos nas minhas costas. Era os dois índios, vindo pelo lado oposto, secretamente e de surpresa, pois não esperavam que eu lhes barrasse o caminho.

— Me digam claramente o que vocês então pretendendo fazer.

— Nós não vamos a Bona. Lá todos estão morrendo. Nós voltamos amanhã para Citaré.

Entraram em seus mosqueiteiros, ficando, eu sozinha, no meu lugar de vigia. A madrugada não se fez esperar. Tomamos café em harmonia e a tensão da noite parecia haver se evaporado com o clarear do dia. Deixaram-me embarcar com eles.

Qual não foi minha surpresa, quando vi que não estávamos indo para o Rio Citaré, mas para Bona.

Voltei sã e salva. Renasci. Em Bona ninguém estava doente. O sarampo grassou longe (horas de viagem de avião e dias de viagem a pé), na aldeia da missão dos índios Tiriós, onde graças à assistência médica da FAB, nenhum índio morreu.

À noite instalei-me, feliz da vida, na minha rede, na expectativa do sono reparador, mas não consegui dormir. Devo ter sido o profundo choque emocional.

Como já expliquei, a FAB estava recuperando o campo de pouso em Bona. Daí em diante, um pequeno avião começou a fazer o percurso entre o Rio Paru-Oeste (Ereepecuru) e a aldeia Tirió e Paru-Este (Bona). O Brigadeiro Camarão, desejoso que as tribos do nosso território estreitassem os laços de amizade, permitia que num daqueles vôos fossem levados os líderes de uma aldeia para visitar a outra. Desse modo, levaram Akuri à aldeia dos Tiriós, sem sua mulher Kanita. Akuri regressou trazendo muitas miçangas e contando novidades. Kanita, sem ver possibilidade de conhecer a tribo vizinha, usou um artifício para conseguir ser levada também. Na ocasião em que um avião se preparava para seguir para a aldeia dos Tiriós, ela fingiu ter engolido uma espinha de peixe, a qual lhe teria ficado atravessada na garganta. O comandante, aflito com o acidente, levou-a com urgência. E lá foi que o enfermeiro Aldo divertiu-se com a argúcia de Kanita, que não somente conseguiu viajar e conhecer a outra aldeia, como voltou a Bona carregada de presentes.

Dois meses depois de eu ter regressado da excursão ao feiticeiro Mokopó, uma espinha de peixe se encravou realmente na minha garganta. O comandante me olhou, suspeitando que eu estivesse usando o mesmo ardil de Kanita. Claro que só acreditaram depois que o enfermeiro Aldo, em Tirió, se encarregou de confirmar o fato. Esse acidente, que me poderia ter sido fatal, veio ao encontro dos meus desejos, pois em Tirió, a FAB fazia vôos regulares, duas vezes por mês, ligando as impenetráveis selvas à cidade de Belém. Lá eu poderia adquirir todo o material necessário para minha visita à gruta no maciço do Tumucumaque. Mas precisava regressar a Bona, antes que os índios partissem para suas lavouras distantes.

Existe uma lenda entre os índios que vivem nas margens do Rio Paru-Este, na Cordilheira do Tumucumaque, sobre uma gruta contendo numerosos esqueletos.

Consta que em 1956 o alemão Manfred J. Rauschert ali se fixou a fim de testar os efeitos do clima tropical sobre algumas fórmulas químicas. Fazendo amizade com os índios da região, e ao ouvir a lendária história da gruta, organizou uma expedição guiada pelo tuxaua Itoarinke, que lhe contou esse segredo da sua tribo.

Depois de vários dias de viagem rio acima, o alemão, guiado pelo índio e acompanhado por diversos mateiros e canoeiros, conseguiu localizar a gruta onde encontrou mais de dois mil esqueletos. A Cordilheira do Tumucumaque já era famosa por nela ter-se perdido, em 1954, o jornalista francês Maufrais. Três expedições foram organizadas pelo governo francês para a procura do jornalista, mas, não encontraram nem vestígios dele. Muitos outros desapareceram também para sempre nesse labirinto de selvas virgens.

Aguçada a minha curiosidade, firmei o propósito de também penetrar nessa misteriosa gruta de dois mil esqueletos. Em junho de 1971, no Q.G. da FAB, em Belém do Pará, procurei o Tenente Rocha, que me mostrou mapas da região com a explicação: "Dona Felicitas, a senhora não pode se guiar por eles porque a região é praticamente desconhecida e os nomes das aldeias são imaginários."

Empenhar-se numa expedição nas selvas não é coisa fácil. Requer muitos gastos, cálculos do que se tem de levar para casos previstos e imprevisíveis. O esquecimento do mais insignificante objeto pode ser fatal. Em tudo isso vão enormes somas. Além disso, o explorador deve ser pessoa inteiramente dona do seu tempo. As viagens desse tipo com data marcada são quase sempre infrutíferas.

No princípio de dezembro de 1971 embarquei num Teco-Teco da FAB, levando comigo vinte latas de gasolina e trinta de óleo, presentes da Esso. Não pude deixar de rir ao assinar o recibo, no qual constava: "Para a expedição de Felicitas ao Tumucumaque." Era a primeira vez que ouvia falar de uma expedição composta de uma única pessoa.

Ao descer do avião em Bona, encaminhei-me logo ao tuxaua Itoarinke, para avisar que tinha trazido tudo o que ele achara necessário para nossa ida à gruta "Boca da Morte". Ali começou a luta mais enervante.

Itoarinke fixou a nossa partida para a madrugada do dia seguinte, alegando que começara a época do plantio e não poderia ausentar-se por mais de dez dias. Toike, o único índio que possuía um motor de 3 HP para canoa, iria conosco. Ainda era noite quando Toike me acordou, dizendo que já estava arrumado tudo dentro da canoa.

Clareou o dia e o tuxaua Itoarinke não apareceu. Após algumas horas de espera fui até sua aldeia com o mau pressentimento de que ele não se encontrava mais lá. E qual não foi minha surpresa quando o vi sentado, calmo e indiferente, sem nenhum preparativo. Estava convicta de que ele tinha mudado de idéia, mas me disse: "Vai você para a canoa e me espera. Eu vou logo."

Toike, que queimava de curiosidade por conhecer a região, disse-me que sabia que o tuxaua Itoarinke não iria, mas que não me aborrecesse por isso, pois conhecia outro índio que já tinha subido o rio. Procurei-o e ele, realmente, confirmou as palavras de Toike, dizendo que subira o rio até a Guiana Holandesa. Quando indaguei sobre o aspecto da "Gruta da Morte", acabou confessando que nunca a tinha visto, nem a tal montanha. Neguei-me a embarcar e fiz bem, porque depois constatei que sem o tuxaua Itoarinke jamais encontraria a gruta.

Passaram-se muitas horas quando, finalmente, Itoarinke apareceu e entramos na leve e frágil "ubá" (canoa indígena de um só tronco). Toike colocou seu motorzinho e partimos. A nossa "expedição" se compunha de dois índios, eu, uma panela, dois pães "ai", 20 latas de gasolina, 30 de óleo, anzóis, 3 remos e só. Nem suas mulheres, crianças e cachorros levaram. Temiam os índios de uma tribo nômade, os Kriopas, que costumavam freqüentar a região para onde íamos.

***

Eu estava vermelha da cabeça aos pés, como um siri cozido. Aprendi com os índios a passar no corpo óleo de peixe misturado com urucum, grande proteção contra os raios solares, frio da noite e mordidas de insetos.

Partimos com tempo ruim. Eu tinha maus pressentimentos.

Nossa canoa deslizava por um mar de neblina... parecia que a noite ainda estava repousando sobre o rio. E outono reparar, quando o dia não é ensolarado, a quase ausência de pássaros. Os poucos que nós vimos pousavam nas altas copas das árvores, não cantavam, não voavam e não comiam. Como o sol influi em toda a natureza!

Passamos por inúmeras corredeiras e cachoeiras perigosíssimas. Em muitas delas tivemos que descer e descarregar a canoa, levando as vinte latas de gasolina e tudo mais rio acima da cachoeira.

Da margem chegavam os silvos dos macacos, mas não os cacamos. O índio disse que não valia a pena, porque no mês de dezembro eles são muito magros.

Já estava escurecendo quando passamos a última perigosa corredeira e chegamos à aldeia Irowapa, do poderoso tuxaua Naja. Meus canoeiros ficaram na aldeia para dormir. Quanto a mim, atraída por uma pequena pedra no meio do rio, com dois troncos de árvores, resolvi armar a minha rede lá. Pedi que me levassem até o local. Queria unir-me profundamente à natureza com seus fascinantes perigos.

No meio da noite acordei com uma dor de cabeça tremenda, provocada pelo irritante coaxar de um sapo. Era uma verdadeira tortura. Levantei-me, saltei os troncos das árvores e, desesperada, sentei-me na pedra, segurando a cabeça com as mãos, à espera do novo dia. Quando este raiou, gritei por Itoarinke para vir me buscar de canoa. Itoarinke mostrou-me o pequeno algoz. Era uma perereca do tamanho do meu polegar, com o papo ainda enfunado, parecendo "chicletes de bola". Estava sentadinha num galho da árvore. Como é possível que um bicho tão pequeno pode fazer barulho tão infernal?

Ao chegarmos à aldeia, percebi que estavam falando de mim. O tuxaua Naja fez sinal de que eu me aproximasse e em tom solene disse:

— Tu não és estrangeira, falas nossa idioma, te vestes como as nossas índias, mas és pálida, esquálida como a lua, como ela, vives andando. Por nós serás chamada de hoje em diante Nazu-Lauá.

E foi assim que entrei na mitologia Apalaí.

Após ser recebida este sugestivo nome, parecia que os índios me abriram as portas para o seu mundo. A própria natureza me acolhia.

Embarquei na canoa com uma nova personalidade.

Logo no princípio da viagem surgiu uma garça-real que nos acompanhou pelo caminho. Voava, e em cada curva do caminho pousava, como se esperasse por nós, indicando-nos o rumo que estava iluminado por um esplandecente arco-íris, que tanto atravessava o céu como se refletia na água do rio, formando um anel para dentro do qual nossa canoa se encaminhava. Um deslumbramento!

Mais tarde, Itoarinke nos levou para dentro de um igarapé. O estreitando-se abria de repente, mostrando-se aos nossos olhos dois profundos lagos separados por uma restinga na qual e se encontravam três pedras colossais cobertas de inscrições. Ninguém, a não ser o tuxaua Itoarinke tinha descoberto aquele local. Cada pedra era de diferente forma. Uma delas em formato de coração, tinha duas vezes o meu tamanho e se equilibrava atrás sobre uma pequena base. Perto, no chão, havia diversos buracos de meio metro de profundidade, cavados na granito, alguns estavam enfileirados. Estes causaram espanto não somente a mim como também ao Sr. Erich von Daeniken, autor do livro "Eram os Deuses Astronautas?" (ao qual mostrei mais tarde as fotografias).

O coaxar desta pererека, durante toda a noite, me fez ficar com uma dor de cabeça aluciнante.

A garça real que nos acompanhou durante toda a viagem para a lendária gruta, aumentando com sua presença a magia do ambiente.

Lembrava-me sempre com alegria de ter tido a prudência de esperar que o tuxaua Itoarinke fosse meu guia.

Em cada curva do rio avistávamos corredeira, que ao longe mostravam seus dentes brancos e afiados, como se estivesse com vontade de nos triturar. Um espetáculo tétrico. Vimos cinco carcaças de canoas encravadas nas quedas, assinalando uma tragédia. Agora compreendia porque os índios não tinham levado suas mulheres e crianças, como de costume.

Cada vez apreciava mais a perícia de Toike e Itoarinke, fazendo-nos passar vôos e saltos através das corredeiras. Nem meu material fotográfico chegou a molhar.

Levamos assim quatro dias, rumo à Cordilheira do Tumucumaque. Lembrava-me que ainda poucos dias antes eu dizia: "Não vou mais às selvas, tenho medo. Já fui picada três vezes por cobras e já vi muita gente perder suas pernas pela gangrena causada pelas venenosas picadas. Por que me arriscar assim?"

E quando me dou conta, lá estou eu embarcando em novas aventuras. O mistério me chama. É em contato com a natureza que me brotam milhares de idéias novas, é lá que me encontro e me sinto forte, sem os constrangimentos engendrados pela civilização.

O tuxaua Itoarinke ia em pé, na proa, pesquisando o leito do rio para indicar pedras perigosas a Toike, que dirigia a canoa, enquanto eu, sentada com lápis e papel na mão, fazendo anotações, não conseguia me concentrar porque a todo momento acontecia algo de imprevisto. Opa, ouvi um baque! Era uma tracajá (tartaruga) que bateu na nossa canoa. O índio pulou e a pegou. Já está aos meus pés, de barriga para cima. Opa, o assobio de uma anta. Por cima das nossas cabeças voam cinco araras, mas temos o suficiente para comer, não as matamos.

Opa, nos escapou outra tartaruga.

Garças sobrevoavam, periquitos faziam algazarra, tucanos cantavam. Essa parte do mundo ainda é um paraíso. Enquanto isso nesta mesma hora milhares de pessoas correm para os centeus da cidade para ganhar a vida.

A noite chegou de repente, sem prelúdio. Abordamos numa linda ilha de largas faixas de areia. Havia nas duas enormes árvores da outra margem centenas de macacos. As árvores estavam apinhadas. Os macacos assobiavam e bradavam, protestando contra a nova vizinhança. "Quem está incomodado que se mude!" Pois eles se mudaram: meia hora depois, não havia mais nenhum.

Após comer a tracajá, penduramos nossas redes nas árvores, os índios as amarraram com um cipó que que se chama "rabo de macaco". Antes de dormir, deitamo-nos na areia quente, mirando as estrelas. Eles citaram os nomes das constelações. Chamam o Cruzeiro do Sul de "Puri-puri-kane"; as Três Marias de "T'pé-psiné"; uma constelação de "Jaraka" (Caranguejeira); outra de "Mapsdikuana"; outra de "Xirikó" etc. Indicaram-me e explicaram-me os diversos nomes e suas influências sobre a natureza e o que nela vive. Assim, apontando para uma constelação: "Quem vê sete estrelas em vez de seis morrerá em breve."

Perguntei-lhes o que achavam dos brancos. A resposta foi deprimente: "Dizem que vocês vêm para cá para cuidar da nossa saúde, quando são vocês que trazem as doenças!"

No meio da noite, acordei com um tiro. Itoarinke matou um lindo "kurimão". Parecia um veado recém-nascido; sua pele marrom-clara era salpicada de manchas brancas.

Levantamo-nos. Esfolaram o kurimão em poucos segundos — era o nosso desjejum.

Enquanto o cozinhavam, eu mergulhava gostosamente no rio, ainda envolto num lençol de neblina.

Após comer, pedi que secassem a pele do kurimão. Rapidamente a esticaram e penduraram no alto de uma árvore para evitar que fosse devorada por um bicho, ficando exposta ao sol e ao vento, para que estivesse curtida na nossa volta da gruta.

Mal nossa canoa começou a singrar as águas, apareceu novamente a garça-real, sempre solitária, estranha...

As nuvens do céu se refletiam com tal nitidez nas águas do rio, que pareciam estar perto, por baixo de nós, enquanto deslizávamos entre elas, como se fôssemos astronautas no espaço.

A Amazônia é indescritível e nada poderia dar a mais vaga idéia da sua grandiosidade indomável, de extraordinária beleza, mistério e perigo.

Quando nossa canoa virou, minha perna ficou imprensada entre duas pedras, com perigo de ser quebrada pela fúria das águas.

Assim passei grande parte de minha vida: acampando cada noite em uma ilha diferente.

Que dia será hoje? O tempo nessas paragens não tem nenhum significado. Vagamos através do tempo. Cada noite abordávamos uma ilha como nove lar, cada qual mais linda. Mas o que surpreendia era o fato de não haver mosquitos, e justamente na época em que em Manaus e Belém aparecem noventa deuses famintos insetos, torturando homens e animais, levando-os ao desespero.

Upa! Flechamos um peixe! O rio está fervilhando deles. Arranjar alimentação aqui não é problema. O índio demora menos tempo flechando um peixe ou catando ovos de tartaruga (cada ninho contém pelo menos 80 ovos) do que uma dona de casa na cidade nas filas dos supermercados, sem considerar o tempo que se perde em se vestir, chamar o elevador, esperar abrir o sinal para atravessar ruas.

O sol bate na minha cabeça. Dei um salto e caí nas refrescantes águas do rio. Nisso, nossa canoa balançou e a tempo de nossa única pareia escorregou, indo para o fundo da água. Foi uma perda insubstituível naquelas paragens.

Depois penetramos num labirinto de igarapés. De repente, surgiu à nossa frente um focinho de vaca apanhando uma folha que flutuava na superfície. Ficamos tensos, sem respirar, para não assustar o tímido "tsarasua" (peixe-boi) que nos lançou um cândido olhar e silenciosamente desapareceu.

Perguntaram-me uma vez: "Como você suporta a monotonia nas selvas?" Eu sinto monotonia nas cidades turbulentas, onde apenas sou espectadora de objetos mortos.

Abordamos outra ilha, onde a areia da praia era propícia para a postura de ovos de tartaruga. Estes quelônios põem aproximadamente 80 ovos em cada ninho, completando uma postura total de 200 ovos. Nossa tarefa, sim a preocupação de cobrir o ninho com os ovos, batendo a areia e apagando qualquer vestígio, de um modo tão perfeito que nem o agucado olhar do índio poderá descobri-los.

Nas praias dos rios o índio reconhece o local onde as tartarugas depositam. Com uma vara espeta a areia e onde antes pouca resistência acaba de encontrar 80 ou mais ovos de tartaruga.

Cada um de nós começou a espetar a areia com um pequeno galho. E quando a notávamos mais fófa, fazíamos buracos com as mãos. A uns trinta centímetros de profundidade encontrávamos os ninhos. Às vezes, dávamos com um ninho de "suana" (camaleão). Ele também coloca seus ovos de maneira semelhante à tartaruga, diferenciando apenas quanto ao tamanho. Vi tartaruginhas recém-nascidas, ao saírem do ninho com sua carapaça ainda mole, correndo para o rio, protegendo-se da perseguição dos pássaros, que as considera um petisco. Como essas pequeninas tartarugas, recém-nascidas, já sabem o perigo que correm e como defender-se dele?

Meus pensamentos eram interrompidos continuamente — pelo farfalhar da mata, ou por um jacaré que, tomando banho de sol sobre uma pedra, se deixava escorregar pesadamente dentro do rio, ou então pelo baque de um pesado corpo na água, quando um gavião tentava pegar um camaleão. Este, prevendo o perigo mortal, rapidamente deixava-se cair no rio, desprendendo-se do galho onde estava.

Cada vez que vejo um camaleão parece-me estar vendo um verdadeiro dragão em miniatura.

Outra corredeira. Começava a gostar de enfrentá-las. Quanto maior era o perigo, maiores a sensação e a emoção. As águas espumantes lambiam as bordas da canoa, arrastando-a num rodopio incontrolável. Eu aprendi a remar para cortar redemoinhos e restabelecer o equilíbrio da canoa. Remava com perícia, ficava eufórica quando, após titânica luta com o elemento desenfreado, saíamos completamente molhados, porém vencedores. Houve um momento em que entrou tanta água na canoa que tivemos de saltar para ela não afundar. Foi aí que a corredeira me arrastou, ficando minha perna presa entre duas pedras. Cheguei a pensar que força da água iria me quebrar algum osso, podia até ouvir algo estalando. Até hoje não sei como saí ilesa.

Vencida essa perigosa corredeira, paramos no meio do rio, numas pedras planas. Matamos e limpamos uma tartaruga, que seria o nosso jantar, cuidando de não sujar a maloca abandonada onde iríamos pernoitar.

Essa maloca pertencia a um índio Wayana que a abandonou temendo o ataque dos índios Kriópas. A maloca estava em estado lastimável. Parecia que o perigo pairava no ar como algo palpável, gosmento, pegajoso, apoderando-se de nós. Reagimos limpando tudo; fizemos fogo, preparamos o jantar e penduramos as redes. Na hora do jantar, por ser mulher, eu não devia ficar em companhia dos homens, mas me deixaram comer junto com eles. E, ainda mais: cortaram delicadamente a carne em pedacinhos e me ofereceram como se eu fosse uma criancinha.

Antes de nos deitarmos apagaram a fogueira, para que ela não indicasse a nossa presença aos Kriópas.

Amanheceu chovendo. Enquanto esperávamos o tempo clarear, aproveitei para dar-lhes algumas noções de números e valores do dinheiro. Isso lhes fazia falta, porque eram constantemente tapeados no comércio com os brancos.

Quando estavam ficando impacientes, eu os acalmava dando-lhes um caramelo após cada operação matemática.

De repente, um tiro de fuzil quebrou o silêncio. Só podiam ser os perigosos Kriópas.

Embarcamos, mas antes recomendei:

— Se aparecerem os índios hostis, abaixem-se na canoa, enquanto eu (que não acredito em índios agressivos

Felicitas Barreto

No caminho para a gruta encontramos cinco canoas indígenas destruídas pelas perigosas corredeiras.

sem motivo) fico em pé com um presente na mão para lhes oferecer. E se por acaso atirarem flechas, não revidem, mesmo que eu fique ferida.

Não tínhamos o que recear. Nossa canoa era tripulada apenas por dois índios e por mim; sem armas, eu não tinha nada para provocar ataque.

As 10 horas paramos. Perguntei:

— Por quê?

— Chegamos — respondeu o tuxaua Itoarinke.

— Mas não vejo montanha alguma!

Quem não conhecia o local não poderia descobrir a gruta, oculta por árvores milenares.

Logo os índios se prepararam para empreender a marcha de dois quilômetros na selva, rumo à gruta. Pedi-lhes que antes descessem o rio, onde havia visto lindas flores. Colhi-as, amarrei-as na ponta de uma vara comprida. Voltamos ao local e antes de nos pormos a caminho, preparei a mochila com material fotográfico, remédios contra infecções e picadas de cobra, roupas, botas, lanternas e água. Preparei também uma boa quantidade de mingau de aveia para nós três. Enquanto isso, remoendo o discurso que dias antes pedira ao tuxaua Itoarinke que me traduzisse e me ensinasse em língua wayana. Era mais ou menos assim:

"Venerados antepassados, desculpem que eu perturbe o vosso sono eterno. Aqui vim trazendo-vos flores. Não vim para profaná-los, mas para colher algum material para levá-lo à nossa civilização a fim de que possamos investigar algo sobre o vosso glorioso passado."

Feito isso, pusemo-nos em fila indiana. Na frente, Itoarinke, carregando minha mochila e um terçado para abrir caminho; eu, atrás, pintada de vermelho, carregando as flores em profusão e, por último, Toike, armado de arco e flecha. Itoarinke quebrava galhos, marcando o caminho para nossa volta à canoa.

De longe eu sentia o mau cheiro de excremento dos morcegos que nos causava enjôo. O colosso surgiu de repente, após uns dois quilômetros de marcha.

Esta seria a primeira gruta na qual eu penetraria, emocionada, lembrando-me das famosas grutas descobertas, como "As Minas do Rei Salomão".

Um só bloco de granito, de uns 300 metros de altura, erguia-se à nossa frente. A uns 80 metros do chão abria-se uma fenda — A "Boca da Morte", de uns 100 metros de extensão por dois de altura, reduzindo-se a 20 centímetros na parede mais profunda. De lá surgia uma luz azulada. Que seria? Não pude averiguar, porque a pouca altura não permitia arrastar-me até lá.

Na entrada cresciam plantas que formavam uma moldura. Do alto descortinava-se uma belíssima vista dominando o verde ondulante das copas das árvores, que se fundiam, ao longe, com a Cordilheira. No teto da gruta vi múltiplas inscrições em tinta vermelha, corroídas pelo tempo.

A caminho — já próximo — da "Boca da Morte", a gruta de 2.000 esqueletos.

Distingui uma não sangrenta e símbolos lembrando serpentes. Fotografei-os. Toike murmurava ao meu lado: "Nunc, se você me permite, vou te deixar aqui. Eu não me sinto bem, os mortos me intimidam. Eu espero por vocês lá embaixo."

Lembrava-me das maldições dos túmulos dos faraós ou de outras grutas das quais ouvira falar. As pessoas que tinham saído de lá ficaram envenenadas pelo ar ou pela contaminação dos objetos. E esta gruta, cheia de mofo, limo, excremento de morcego e bichos peçonhentos, poderia resultar numa triste recordação. Não queria ter a responsabilidade de levar pessoas a aventuras das quais não se sabia as consequências. Procurei o tuxaua Itoarinke para dizer também a ele que ninguém estava obrigado a acompanhar-me, a não ser que quisesse, mas ele já se havia enfiado por baixo das escuras lajes e parecia ainda mais entusiasmado que eu. Quando o chamei, veio a mim coberto de teias de aranha e trazendo nas mãos um fragmento de palha trançado. Exclamou: "Vê... É palha de uma árvore que não existe por aqui. E nenhuma tribo desta cordilheira trança desta maneira."

Eu não teria dado importância aos fragmentos de palha que talvez fossem mais reveladoras que os próprios esqueletos. Itoarinke e eu ficamos seis horas na gruta e só a deixamos por recearmos que a noite nos surpreendesse num local onde inúmeros morcegos, assustados pela nossa presença, ficaram o tempo todo voando em nossa volta, produzindo um som semelhante ao do crepitar de lenha de um enorme incêndio. O ruído e o mau cheiro chegavam a atordoar-nos, causando-nos vertigens.

Mas não foi isso que me causou maior impressão, e sim a grandiosa serenidade que emanava daquele monumento feito pela própria natureza. Pairava no ambiente algo de sobrenatural. A morte, que geralmente se apresenta como um espetáculo chocante, ali se impunha com majestosa dignidade. Era fantástico!

Afinal, ali estava a lendária gruta de 2.000 esqueletos. Nos túmulos dos grandes caciques, nunca foram achados mais de 70 esqueletos.

Que terá acontecido nesse lugar há séculos? De onde veio toda essa gente? Por que não havia esqueletos de crianças? Por que os esqueletos estavam todos incompletos? Faltavam-lhes falanges, vértebras e costelas. Tratar-se-ia de um culto? E os desenhos em tinta vermelha no teto da gruta? Qual era a mensagem que queriam transmitir para a posteridade? Mil perguntas fervilhavam no meu cérebro, perguntas que ficarão talvez para sempre sem resposta.

Não fora eu a primeira pessoa que visitara a "Boca da Morte". Num montículo de ossos encontrei uma garrafa com uma mensagem dizendo:

"Eu, Manfred J. Rauschert, estive nesta gruta pela primeira vez em 25 de outubro de 1959 e voltei em 10 de abril de 1964. De cada vez que vim trouxe malas comigo que enchi com esses esqueletos, levando-os para análise na Alemanha, colecando os restantes, que estavam expostos ao tempo, no fundo da gruta, para protegê-los."

Coloquei também a minha mensagem, documentando a minha estada na gruta, na mesma garrafa: "9.12.71 — Nesta data eu, Felicitas B. Barreto, chamada Nuno pelos índios, em companhia do tuxaua Itoarinke e Toike, visitei a gruta, sendo o mesmo tuxaua Itoarinke quem trouxe o Sr. Manfred para conhecê-la, no ano de 1959."

Soube pelo tuxaua Itoarinke que o alemão não conseguiu levar um único esqueleto porque nas duas vezes a canoa naufragou nas cachoeiras. Na sua segunda visita à gruta, contraiu uma doença dos trópicos causada por uma espécie de carrapato que provoca feridas ulcerosas, comendo-lhes os pés de tal forma que mal podia andar. Como se a praga dos mortos o tivesse atingido...

O cacique Itoarinke dentro da gruta "Boca da Morte". Foi o único que teve coragem de penetrar lá comigo, e era o único a saber onde ela se localizava.

Felicitas Barreto

Esse zelo do alemão de colocar os ossos no fundo da gruta para protegê-los foi movido por uma intenção boa, porém desastrosa: muito poderia significar a posição dos esqueletos.

De câmara na mão eu vasculhava a gruta, que ia se estreitando cada vez mais, obrigando-me a arrastar-me de barriga. O teto me raspava as costas nuas, deixando profundos cortes que sangravam. Também meus joelhos ficaram feridos (no meu entusiasmo, havia me esquecido de vestir trajes apropriados para me proteger).

Estava tão extasiada que me tornei insensível à dor; um alvo me chamou à realidade. Uma cobra surgiu entre os ossos. O tuxaua a matou.

Havia ali montículos de ossadas, que, de tão velhas, se tocadas tornavam-se pó.

Levamos conosco quatro caveiras (de constituição craniana diferentes da nossa); uma vasilha que de tão velha não permitia constatar se era esculpida em pedra ou se estava petrificada; pedaços de esteira de palha. Tudo foi envolvido em panos e as partes ocas preenchidas com excrementos de morcego. Coloquei esse precioso pacote dentro da minha mochila. Minha intenção era devolver as caveiras ao seu ambiente, depois de examinadas e esclarecido o mistério de sua origem.

Começava a escurecer mas eu ainda queria conhecer as outras entradas na montanha. Fomos até lá, mas os índios se negaram a acompanhar-me. A abertura era ingreme — uma rachadura lisa de vinte metros de altura. Para mim era impossível subir sem ajuda. Dando voltas em frente à abertura, encontrei, enterrados na alta camada de excremento dos morcegos, dois cacos de cerâmica negra, parecidos com a da era Chavín no Peru.

Quando regressamos à beira do rio, tivemos pressa de nos afastar do local antes que a noite nos surpreendesse. Após uma hora de viagem, abordamos a ilha antigamente habitada pelo índio Xaimoré. Para desinfetar-me passei iodo em todos os meus ferimentos. Nos cabelos colavam pegajosas teias de aranha, musgo e bolor. Banhei-me tanto que saí do rio cambaleando.

Na viagem de regresso senti uma profunda tristeza. Começava o fim da viagem. Durante três dias a fantástica garça ainda voava à nossa frente. Eu ficava apreensiva quando não a via. Paramos nas inúmeras ilhas do rio para colher mais ovos de tartaruga. Estava absorta na minha tarefa, quando o montículo de areia ao meu lado começou a se mexer, aparecendo um recém-nascido "tsuana" (camaleão). Que lindo era, verde como uma folha de alface. Toike apanhou-o para mim, mas rapidamente ele se desvencilhou das minhas mãos, saltando para o rio e pondo-se a nadar com incrível agilidade. Outro gesto de Toike e lá estava o fujão novamente preso nas minhas mãos. Coloquei-o cuidadosamente num saco, que forrei com ternas folhas para o seu sustento.

Ao entardecer paramos numa ilha. Penduramos as redes e preparamos o jantar, enquanto eu tirava os filmes da minha câmara, pois daí em diante não haveria nada de interessante. Os lindos dias se acabaram.

O tuxaua me explicou que tirara o camaleão do saco para colocá-lo num arbustro perto da minha rede, pois esses animais ficam parados no escuro até clarear o dia. Fui ver e, realmente, lá estava ele. Encantada fui fazer-lhe um "bibu, bibu" no focinho, mas ele se assustou e deu um salto no escuro. Itoarinke, ouvindo minhas lamúrias, tentou acalmar-me dizendo que apenas clarasse iríamos encontrá-lo.

Antes de amanhecer tirei Itoarinke da sua rede para procurar meu "tsuana". Estávamos procurando, nos arbustros, quando Itoarinke saiu correndo como louco, agarrou a espingarda e desabalou para a outra margem do rio. Nisso, Toike pulou da rede, fazendo o mesmo. Fiquei sozinha e atônita, sem poder atinar com o que estava acontecendo, até ver Itoarinke atirando numa das três antas que estavam se banhando na outra margem do rio. O tiro foi certeiro, mas o couro da Anta é tão grosso que mesmo assim ela saiu correndo barranco acima se embrenhando na floresta. Ouvi mais três tiros.

Eu, como boa índia, voltei calmamente ao acampamento, acendi o fogo, preparei o desjejum e depois me encaminhei para o rio colocando os terçados para esquartejar a presa. Mais que depressa apanhei minha câmara, coloquei outra vez um filme — decidindo que enquanto não desembarcasse levaria sempre a câmara pronta para ação. Toike e Itoarinke apareceram arrastando a anta "mexipuri" pesando mais de 150 kilos. O curioso desse animal é sua pequena tromba. Contaram-me que o macho com o filhote fugiram, mas este não morreria por falta de leite materno, porque já estava crescido.

Réquiem para os Índios

Depois de terem esquartejado o enorme animal, foram duas fogueiras e começaram a defumar a carne para levar às duas tribos.

Um dia, ao acordar, surpreendi o tuxaua cantando para a natureza. Era a primeira vez que ouvia um índio cantar algo que não fosse cantos litúrgicos. Curiosa, saltei da rede, e, como sempre, o bombardeei com perguntas até entediá-lo. Itoarinke me ensinou essa canção, com a qual teria, durante muito tempo, enorme sucesso entre os índios, que pediam: "Hei, Nuno, canta para nós o canto do macaco Guariba." E eu cantava:

"Mohotani, Mohotani mulitão enipke ine-wuá..."

(Chegue, chegue lá de outra *árvore*, vem para cá, eu quero...)

A correnteza do rio levava nossa canoa de regresso mais depressa do que eu desejava. Um dado momento, vi algo brilhante no fundo do rio. Rapidamente puxei da canoa e, mergulhando, trouxe à superfície a tampa da panela que acreditávamos perdida para sempre. Houve murmúrios de admiração quanto à minha proeza. Daí em diante tudo mudou.

Passamos pela maloca do tuxaua Naja sem fazer parada. Itoarinke pegou um resfriado e recebeu de tratamento-lo, não quis descer para buscar cajus na aldeia. Fizemos para mais adiante, para eles se depilarem. É uma tarefa trabalhosa, porque, em lugar de pinça, usam um palito no qual está amarrado um pedacinho de corda, que deverá enlaçar fio por fio.

Enquanto eles se enfeitavam, banhavam-se e pintavam com urucum da cabeça aos pés, eu deveria preparar a nossa última refeição. Eles já não cuidavam de mim, estavam diferentes e indiferentes. Vaidosos, pimados e enfeitados, subiram na canoa. Penachos coloridos e colares brilhavam sobre sua pele vermelha.

A chegada na aldeia foi grandiosa. Distribuíram prodigamente a carne da anta e grandes sacos cheios de ovos de tartaruga, que por muito tempo foram consumidos nas duas aldeias (falhuam os ovos, que além de não se estragarem, ainda adquirem um sabor muito especial).

O tuxaua me entregou, além das 4 caveiras, um saco grande cheio de ovos de tartaruga, dizendo: "Nuno, é para você e sua tribo." E se foi, rodeado pelas esposas e pelos filhos, para a sua aldeia. E eu, para a minha solidão.

***

Bona estava completamente diferente. Encontrei a aldeia repleta de índios. Eram os que eu conhecera na festa da iniciação dos jovens guerreiros em Ipiaçaba e outros tuxauas com seus séquitos. Para mim seria muito interessante ficar, mas ouvira dizer que a mais de quarenta dias de viagem, rio abaixo, seria realizado outro rito de iniciação. Ansiosa para não perder tão rara oportunidade, resolvi seguir até lá, na esperança de fixar o curioso rito, desta vez, com a minha câmara.

Por mais que eu insistisse, prometendo presentes tentadores, não achei quem me levasse. Estavam à espera de um ilustre visitante, o "Tamu", deus da Terra entre os Aguaiás e Waianas. Entre as tribos Arahuaios é conhecido como "Camu", e entre os Tupis, como "Sumé".

— Mas como? O deus chega em pessoa?

(Lembrei-me de Papai Noel, pois estávamos na véspera do Natal.)

— Tamu não tem data fixa para chegar. Virá quando lhe dá vontade.

Para os índios o nosso calendário com datas festivas preestabelecidas não existe. O deles é demarcado por fenômenos astronômicos ou então por épocas de chuva etc.

É surpreendente que nada peçam ao seu deus, ao contrário dos nossos costumes. Fazem tudo para demonstrar a felicidade de poderem dar-lhe as boas-vindas.

O tuxaua Ituka'apo me explicou que antigamente o deus chegava em pessoa; depois só seu esqueleto os visitava e agora se encarnava numa pequena tábua cheia de inscrições, sob a qual colocavam um luxuoso cocar, digno de um Montezuma. Ituka'apo sugeriu-me aguardar a chegada do deus Tamu, porque depois dos festejos ele iria baixar o rio, e eu poderia ir com eles, o que seria ótimo, já que eu possuía algo que valia mais que ouro nessas regiões — a gasolina.

Esperei e não me arrependi. Os febris preparativos começaram de madrugada, prolongando-se noite a dentro. Durante vários dias a aldeia se transformou numa colmeia. E eu, tonta, não sabendo para onde me virar, a quem acompanhar e o que documentar. Na madrugada, ainda no escuro, alguns foram para longe, à procura de "at'o", uma palha com a qual fariam suas vestes para as cerimônias. Eles as trabalhariam e tingiriam depois, junto do rio, com listras pretas.

Teceram suas "wapu'sa", "at'é" e "apopata" — máscaras com cocares. Confeccionaram "mosi", pulseiras que usam no alto do braço e nos quais enfiam longas penas vermelhas; o "tiriko", bastão de mais de dois metros, enfeitado com diversos chumaços de penas brancas; o "akuya peija", uma armação coberta de plumas que colocam nas costas, lembrando as asas dos nossos anjinhos. Para a cabeça confeccionavam aros de duplo trançado nos quais prendiam penas brancas e quatro feixes de algodão que lhes caíam ao longo do corpo, chegando quase aos quadris. A flauta chamada de "rasá", ou então de "ema'xi'pu'turu", quando leva dentro dela uma "câmara" (unha de preguiça) era enfeitada maravilhosamente com plumas.

A aldeia toda estava bem varrida, as redes colocadas em volta da praça e eu pronta, de câmara na mão, quando Ituka'apo deu salvas de tiros ao ar para anunciar a chegada do deus Tamu. De imediato chegaram índios da outra aldeia, entre os quais avistei o tuxaua Itoarinke. Estavam todos ataviados com longos trajes de palha, os rostos ocultos pelas tiras de palha que lhes caía do cocar até os pés. Os da tribo de Ituka'apo (os anfitriões) permaneciam com suas vestes diárias, porém haviam-se enfeitado com numerosos colares de miçangas e braceletes, nos quais haviam prendido grandes penas de araras.

Começou o culto. A tribo do tuxaua Ituka'apo se desdobrava ininterruptamente para oferecer tudo o que tinha de melhor, principalmente a *chicha*, para que o deus Tamu pudesse apreciar uma festa muito alegre.

De repente surgiu no meio dos dançarinos o vistoso cocar de Tamu, erguido por um índio que sempre estava em lugar de destaque. Às vezes, Tamu ficava na ponta da longa fila dos dançarinos ou no centro do círculo. Assim dançavam todos os homens; raramente uma mocinha, criança ou mesmo mulher tomava parte. Elas ficavam assistindo das suas redes, aos homens que dançavam durante dias e noites sem parar. A festa acaba quando a bebida acaba. Aí, começa o ritual da despedida.

Era um bonito quadro ver as lindas índias, com suas longas cabeleiras esvoaçando ao vento, ajoelhando-se diante do tuxaua Itoarinke pintando todo o seu corpo de vermelho.

O deus "Tamu".

Agradecem ao deus "Tamu" e aos espíritos a visita e nunca lhes pedem nada. Mas, quando há escassez de peixe ou de outro alimento, em altas horas da noite, ao lado das fogueiras, voltando-se contra o céu, gritam contra os deuses, reclamando da situação: "Ei! Vocês, aí! Que está havendo? Estão dormindo? Não estamos sem o que comer!"

Em seguida pintaram o restante da tribo visitante, inclusive mulheres e crianças. Depois o ritual foi invertido — os hóspedes pintaram o tuxaua anfitrião Ituka'apo e toda a sua tribo.

Todos assim pintados com urucum brilhavam tanto ao sol quase cegando a quem os olhasse. Depois disso começou a alegre dança de despedida, intercalada com beberagens. O cerimonial se prolongou até o anoitecer.

Os índios visitantes dançavam em círculo, que se abria lentamente formando uma fila que se encaminhava para a saída da aldeia. Lá se encontrava a tribo anfitriã em fila formada, que recebia dos visitantes a tábua com o cocar do deus Tamu. Em seguida os visitantes desapareciam na escuridão da noite.

Anakazio, o índio mais velho da tribo, conduzia a fila de volta à praça da aldeia. A tribo ficava de costas com Akanazio, que, mirando o firmamento e, ao mesmo tempo, batendo com os pés três vezes no chão, proclamava: "Tamu, obrigado pela visita, a tua tribo está alegre, sã e grata. A tua tribo faz parte de você." Batia novamente no chão com os pés e pronunciava clamando aos céus: "Eu sou o coração de Tamu." Entregava a tábua com o cocar ao índio mais próximo, que repetia as batidas com os pés, enquanto falava: "Eu sou a canela de Tamu". A tábua passava de mão em mão e todos proferiam a mesma frase com uma outra parte do corpo do deus Tamu, até que o corpo todo de Tamu ficava ressuscitado.

Guardaram a tábua e o cocar de Tamu para sua visita seguinte, que talvez não se repetisse jamais, devido a rápida penetração da nossa civilização.

Mesmo assim a cerimônia toda ainda não havia acabado. Os anfitriões sentaram-se no meio de praça e os visitantes reapareceram, mas desta vez sem máscaras nas cabeças. Traziam todos os enfeites nos braços e os depositavam sobre os anfitriões. Ituka'apo desapareceu sob as palhas e plumas, transformando-se, na escuridão da noite, num monstro assustador.

Feita a entrega, a tribo visitante regressa definitivamente à sua aldeia, silenciosamente como viera. Os índios da casa vão recolhendo uma por uma as máscaras e as roupas de palha e o tuxaua Ituka'apo reaparece.

No dia seguinte fui em busca de Ituka'apo para saber quando iríamos partir rio abaixo, até a aldeia do tuxaua Axake, pois a visita de Tamu havia terminado. Ituka'apo respondeu:

— Itoarinke, da tribo vizinha, convidou-nos para presenciar a chegada de Lei'thu (espíritos benéficos), que serão conjurados.

Aproveitei esta rara oportunidade para aprender mais sobre suas crenças e costumes. Novamente começaram as grandes atividades nas duas aldeias. As mulheres iam arrancar mandioca, ralavam-na e preparavam *chicha*; os homens apareciam e desapareciam na febril tarefa de buscar o material necessário para o ritual. Senti curiosidade pelo que iriam fazer com aquelas varas de bambu que eles também traziam. À noite surpreendi Kanita acocorada dentro de uma maloca afastada, com o rosto quase tocando os bambus e sussurando palavras mágicas (soube, depois, que Kanita era feiticeira). Ela estava soprando os poderes nos bambus para captarem forças cósmicas.

Os bambus, depois de talhados, emitiam estranhos sons que pareciam suspiros de animais antidiluvianos (foi a única comparação que me ocorreu). Os sons de uma flauta eram respondidos em coro pelos de outras, assemelhando-se

Para os tuxauas Ituka'apo, que nunca viu dois civis não-conhecedores, com direitos iguais, mulheres, crianças, flautas e instrumentais. Estes ritos podem se prolongar durante meses, quando recebem a visita de deus supremo "Tamu" e dos espíritos "Leithu".

Dia de festa na aldeia. As índias ornamam o ornamento, para prestar os cargos dos visitantes, homenageando-o e dando-lhes as boas-vindas.

aos sons dos tibetanos ou aos dos pastores japoneses quando tocam para os espíritos das montanhas. Os índios chamam essas flautas, de feitio oriental, de Torékoka; elas medem mais de um metro e são usadas apenas para encantar os espíritos.

***

Enquanto esperava a chegada dos espíritos Lei'thu, eu reparei nas crianças da aldeia.

Suas brincadeiras são dinâmicas e inventivas. Usam a folha de maripa (casca que envolve a flor de palmeiras) como trenó, puxando seus irmãozinhos em louca correria pela aldeia e deixando atrás de si nuvens de poeira. Fazem competições de corridas. Talham pernas de pau, sobem nas árvores, saltando de galho em galho, imitando macacos. Imitam seus brinquedos os animais, como coatis, aratus, macacos e outros. Atiram de arco e flecha de pequeno tamanho, quando ainda mal podem andar, feitos pelos pais. Para derrubar pássaros sem matá-los, colocam nas pontas das flechas o coco tucum. Treinados desta maneira, desde a tenra infância, adquirem tamanha destreza e habilidade que atiram as flechas com a velocidade de uma metralhadora. Dos pais, que são mais efetivos que afetivos, recebem enorme dedicação.

Eu estava entretida no meu passatempo predileto — nadar no rio — quando vi, na copa mais alta de uma gigantesca árvore, uma mulher em adiantado estado de gravidez equilibrando-se entre os galhos. Como era possível subir na árvore naquele estado? Os galhos poderiam não aguentar seu peso! E ela ainda agitava uma longa vara contra o tronco da árvore vizinha. Estaria louca?

Corri para protegê-la da queda iminente e quando cheguei perto encontrei os "curumins" (crianças) da aldeia, tocando o tronco e aguardando, com uma vasilha na mão, que a corajosa mulher conseguisse desprender o favo de mel de abelhas silvestres. Os enxames já começavam a atacar, mas a índia não desistia. Quando o favo caiu no chão, a criançada, entre gritos de alegria, começou a se lambuzar de mel. Acompanhei a descida da índia Tumpa com preocupação. Ela respondeu a meu olhar preocupado com um sorriso de zombaria e calmamente voltou à aldeia.

***

Um dia, ao me aproximar da aldeia, vi fumaça. Fiquei apavorada com o fogo tão perto das malocas de palha. Se voasse uma fagulha, em poucos segundos a aldeia toda estaria em chamas. Corri para o local do incêndio. Talvez chegasse ainda em tempo de jogar terra, tentando apagar o fogo. Então vi Donke, uma das esposas de Ituka'apo, queimando suas "tomedis" (cerâmica) numa fogueira. Ela era uma das mais habilidosas nessa arte tão comum entre os habitantes autóctones das Américas.

São enormes as dificuldades que eles enfrentam para poder realizar sua obra. Para começar, vão procurar o barro viajando um dia inteiro rio acima, perto da aldeia do tuxaua Naja. Para obter tinta preta viajam dois dias rio abaixo, retirando do resistente barro pequenos cascalhos negros que logo trituram e misturam com certa substância para fazê-los aderir à cerâmica. A tinta azul (kurumoto) é a mais apreciada, mas somente a conseguem viajando através das selvas durante vários dias até chegar a outro rio, o Jari, em cujas praias aparecem (raramente) pedras dessa cor, que sofrem o mesmo processo de trituração e aplicação. Ainda há a tinta vermelha (to'pari) e a amarela (arraral-mo).

Mesmo em adiantado estado de gravidez a índia não hesita em subir em árvores para retirar os favos de mel das abelhas silvestres.

A parte preliminar, que leva um longo tempo, cabe aos homens. A parte artística, às mulheres. Estas, primeiro modelam o barro dando forma da vasilha (tomedi) levando-a, em seguida, ao fogo para endurecê-la. Para confeccionar o pincel (*koepo*) que usam nas pinturas, arrancam seus próprios cabelos. Os lindos desenhos são coloridos e geométricos e cada um tem um significado: representam o estranho ser "Oruko", ou rabos de macaco, ou onças, ou árvores ou escorpiões.

Concluído o desenho, vem a parte que exige maior paciência: colocam a vasilha sobre brasas e durante dias comprimem sobre a superfície um bastão feito de resina do jatobá. Com esse processo a tomedi torna-se esmaltada.

***

Finalmente, chegou a noite de lua cheia e com ela a visita dos espíritos. A aldeia do tuxaua Ituka'apo ficou abandonada. Foi um verdadeiro êxodo. Mulheres, crianças e homens foram-se, levando nas mãos os vistosos cocares, redes, panelas com comida, grandes cuias de bebidas e seus numerosos cachorros. Ao chegarem perto da outra aldeia, ficaram escondidos, aguardando. Os índios da aldeia de tuxaua Itoarinke estavam sentados em volta da fogueira, vestidos simplesmente, mas nas mãos seguravam um bastão com chocalhos feitos de sementes (aruko). As índias já haviam tomado seu lugar nas redes colocadas em torno da praça.

Tocador de flauta em honra de Tupna, o deus supremo.

Estes são os cocares que usam para a iniciação dos jovens.

Noite adiantada a tribo de Ituka'apo saiu dos seus esconderijos com suas máscaras já colocadas. Emitiam sons de suas flautas (torékokas) parecidos com urros, que eram respondidos aos altos gritos da tribo impaciente pela chegada dos espíritos. A tribo anfitriã correu ao encontro dos visitantes e juntos dançaram várias noites em volta da fogueira.

Nos intervalos as mulheres se levantavam das suas redes para oferecerem comida e bebida.

Iluminado pelo luar, o espetáculo tornava-se ainda mais belo, as danças adquiriam exotismo e tudo parecia bizarro, fantasmagórico.

Fiquei impressionada com os cachorros, que em suas aldeias são verdadeiras feras agressivas: ao visitarem outras aldeias que não as suas, não emitiam um só latido, não mostram os dentes e ficam encolhidos num canto, submissos, e até chegam a aceitar com humildade os ponta-pés. Nesses dias os animais de cria passam fome, porque ninguém se lembra deles.

De dia a tribo de Ituka'apo regressava à sua aldeia para dormir um pouco e depois voltavam à festa ao escurecer.

Foram as noites mais exaustivas da minha vida. Uma jovem índia estava entre a vida e a morte: já se encontrava havia bastante tempo em trabalho de parto. Corri inúmeras vezes entre a maloca de Tumpa e o lugar da festa de Let'ôte, numa distância de dois quilômetros. Meu coração batia não somente pelo excesso de esforço como pelo medo de ser picada por uma cobra na escuridão do caminho que as árvores ensombreavam. Na terceira noite, as mulheres estavam apreensivas, dizendo que Tumpa não amanheceria viva. Aflita, instiguei a mãe, a sogra e as mulheres experientes a irem lá e fazerem algo para salvar Tumpa. Todas se negaram com um suspiro, pois era tabu. Fora o marido, ninguém podia estar com uma parturiente. Mesmo sabendo que em caso de insucesso me culpariam, tentei ajudá-la, porque não suportava mais ouvir os seus gemidos. Tumpa estava esgotada, no fim de suas forças. Ajudei-a a se encostar entre as pernas do marido e corri pela escuridão de volta à festa, onde anotava e fotografava o seu desenrolar. Eu já estava tão cansada que a minha câmara da qual não me separava, tornou-se um peso insuportável. Cada vez que eu regressava à festa, as índias, ansiosas, me perguntavam como Tumpa estava passando.

Lembrava-me de outros remédios, de um estimulante, depois de um calmante, vitaminas, água quente, respiração acelerada e profunda. Levei meu cobertor, achando que Tumpa estava com frio.

Antes de raiar o dia, corri outra vez à maloca de Tumpa. Ao aproximar-me, fiquei assustada com o silêncio. Será que Tumpa morreu? Entrando na maloca, encontrei-a na rede tendo nos braços um lindo indiozinho. Seus cabelos em pé pareciam o cocar do grande guerreiro.

Tumpa, ainda muito fraca, me pediu para lavar sua roupa ensanguentada. Eu tinha que levar a roupa pela senda secreta, porque as parturientes não podem usar as malocas, nem os caminhos da aldeia. Ficam numa maloca afastada, acompanhadas apenas pelo marido.

Quando mergulhei a roupa no rio, as mulheres da aldeia, de longe, observavam ansiosamente a esteira de sangue nas águas. Eu gritei:

— Nasceu mais um jovem guerreiro!

O timbó é uma planta que, uma vez "machucada", e colocada dentro do rio, sobe a seiva que paralisa o sistema nervoso dos peixes, facilitando a sua captura, com a vantagem de não afetar a carne quanto a efeitos nocivos.

Jurarepo, o mais impressionante feiticeiro que conheci. Contou-me ele que, segundo crêem, nós, os seres humanos, não passamos de uma espécie de gado para alimento dos namorados espíritos que vagam pelo céu.

Ao fim do quinto dia de danças e cantos o barulho dos motores de um avião interrompeu bruscamente o ritmico ambiente.

Era a chegada do casal Koehn, trazendo seus filhos e dois casais de americanos que vinham ver os índios. Largados os seus bagagens e os apresuraram em assistir pelo menos ao fim do ritual. Estrabuchou que o casal Koehn, que até já havia traduzido parte da Bíblia em apalai, desconhecesse as tradições e filosofias dessa mesma tribo.

O final do rito Lai'ôhu se parecia com a despedida da visita de dois Tanto. As mulheres da tribo de Iruka'apo, estes indivíduos preparativos, pintaram de urucum os corpos da outra tribo e vice-versa. Enquanto bebiam a cauim da despedida, um tanaxo dizia para o outro: "Para que a alegria nunca lhes falte." E prosseguia em alta voz para que os espíritos o ouvissem: "Espíritos Lai'ôhu, desculpem se houve alguma falta, que não foi cometida por irreverência, mas porque já começamos a esquecer a tradição."

Na aldeia de Iruka'apo todos ficaram observando durante dias, atendendo o casal Koehn e seus convidados. Tinko não gostava de festas, nem de bebidas, nem de dança. Durante as sestas de festa admirei seu auto-controle. Ele era dos mais prestativos e se desdobrava para que tudo corresse bem, para harmonia e satisfação dos visitantes. Mas assim que podia, escondia-se na rede.

Achei aquele povo de uma bondade excepcional. Bebemos durante vários dias e nenhum até vomitou, nem se ouviu dele falar alto, ninguém teve um gesto imoral, não houve sequer uma discussão nem uma atitude ofensiva. Comportavam-se respeitosos do princípio até o fim.

Naqui por alguns dias a espera que Iruka'apo se refizesse da festa. Ele e vários outros índios tinham os pés em carne viva, de tanto dançar. Para eles, dançar não é simplesmente de divertimento, mas uma espécie de flagelação para entrar em transe e assim estabelecer contato com os Seres do cosmo.

Depois de passar o carnaval no Rio de Janeiro sem que ninguém mencionasse a viagem para o aldeia Matsumoto, onde teria começado a cerimônia de iniciação dos guerreiros.

Entretanto, eles aprenderam as palavras de S. Matteus, agora traduzidas em língua apalai. Eu já não fazia parte dos índios, não podia andar mais nua e pintada de urucum, para não chocar a família Koehn e suas visitas. Ninguém mais me chamava: "Nune, vem cá comer". "Nune, vem cantar para nós a canção do macaco Guelha." Eu feita parte das tarefas.

Finalmente nossa madrugada partimos para Matsumoto. Os cachorros, orientados pelo seu instinto, acordaram-se antes de nós na grande canoa. Iriam Ituka'apo. Quatro, uma das suas esposas, que estava grávida, dois filhotes, a feiticeira Kanita, mãe do tuxaua, seu espírito Akuri e eu.

Antes de partir deixei os equipeiros guardados na casa do casal Koehn, que lá ficaria até o meu regresso. Mal sabia eu que não iria regressar.

Empreendemos a viagem com chuva torrencial. A picada canoa foi arrastada rapidamente pela correnteza rio abaixo.

O tempo clareou, e apareceu um esplendido sol. Finamos uma parada numa ilha onde comemos peixe flechados por Akuri. Voltamos sentadinhos à canoa, quando, de súbito, um estridente apito fugiu de guardas de trânsito. Ficamos mesmo ouvidos. (Será que andamos na contra-mão ou avançamos um sinal vermelho?) Era o "kra-kra", um pássaro.

À tarde, encostamos e subimos um ingreme barranco, onde encontramos o tuxaua Itsorinke com sua família instalados naquele lugar insólito porque lá encontrara a árvore que precisava para fazer uma grande canoa para o casal Koehn. A canoa estava quase pronta. Como pláina Itsorinke usou machados de javali e de cotia. O espírito inventivo deste povo é admirável: encontram na natureza recursos para tudo; os trabalhos executados com instrumentos tão primitivos requeriam tenacidade.

Está muito enganado quem pensa que a vida do índio é um mar de rosas; em que ele, indolentemente, recolhe o que a natureza põe ao seu alcance.

Passamos por paisagens belíssimas, instingtveis. Saltávamos da canoa perseguindo peixes nas suas focas, ou para colher ovos de tartaruga. E foi numa dessas paradas, que fazíamos para alimentar-nos, que vi Kanita falando para um ovo. Perguntei o que estava dizendo e ela respondeu:

"Eu estou falando ao ovo para que não me faça mal porque vou comê-lo, pois tenho fome."

Bruscamente emgrecru tudo em volta. Nem mais se podia distinguir o banco que estava bem na minha frente. Caíam grossas gotas de água que em questão de minutos convertiam nossa canoa numa verdadeira piscina. Tremendas rajadas de vento faziam encrespar as águas como um marremoto. O guarda-chuva de Kanita, presente da Sra. Koehn, virou pelo avesso. Raios e trovões passavam por cima de nós. Naquele pandemônio, nossa canoa pulava e rodopiava sem controle e de repente, bateu contra uma pedra. A corrente nos arrastava cada vez mais depressa. A borda da canoa se nivelava com o rio. Estávamos sentados dentro da água e toda a comida, remédios, colchtores etc. começou a boiar. O pânico era geral. A criançada gritava de pavor. Todos tremiam de frio e medo. Eu já não distinguia Kanita e Akuri, que estavam na minha frente. Só vislumbrava a fraca luz do "flash-light" que Akuri segurava. Não sei como suportamos tamanho desespero. Nosso esforço para esvaziar a canoa era inútil. Os três "flash-lights" não conseguiam iluminar a água que fervilhava em nossa volta, arrastando-nos para a morte.

Após longas horas de escuridão avistamos uma fraca luz opaca. Era a fogueira de uma maloca. Encostamos com muita dificuldade. Estávamos exgotados e a canoa era pesada. Ninguém aparecia, ninguém para nos guiar naquela escuridão. Cada um de nós estava tão exgotado, inclusive os cachorros, que subimos o barranco engatinhando.

A maloca era do feiticeiro Japukani, que nos deu peixes para comer e pendurou as nossas redes ao lado da sua. Enfei-me na rede ao lado feiticeiro e dormi feliz e serena, sentindo-me amparada.

O dia amanheceu lindo. Céu limpido e sol brilhante. Secamos os nossos pertences. Observei que naquela aldeia também havia uma casa para festas. No seu teto, o enorme escudo de "Oruko". O dono dessa aldeia, o feiticeiro Japukani me explicou que o último *habitat* de heroi cultural era perto dali e que no caminho iríamos passar por ele.

Ao embarcar ficou combinado que iríamos encostar na ferrada da gruta de "Oruko", mas no meio do caminho montaram, dizendo que não sabiam mais onde ficava. Por quê? Será que tinham receio do monstro morto havia mais de 60 anos? Ou seria profanação pisar naquele lugar? Depois de discussões e desafios, consegui que me deixassem lá, mas eles não iriam comigo.

Quando encostaram, vi no emaranhado de mata um sulco profundo. Disseram-me que levava à gruta.

A descrição que me fizeram do seu herói cultural, era realmente de arrepiar os cabelos. Tratava-se de um animal com aparência de dragão que media cem metros de comprimento. Todo o seu corpo era coberto por um couro sem escamas, no qual apareciam os mais admiráveis desenhos geométricos em diversas cores. Oruko tinha um mau cheiro tão forte que de longe causava enjôo. Somente na sua cabeça tinha pelos em forma de antenas. Na boca tinha dois grandes dentes caninos com veneno e mais dois na cauda.

"Oruko" morava primitivamente rio abaixo, numa montanha. E cada ver que se aproximava alguém, que seria sua vítima, era avisado por uma arara, que gritava e lhe apontava o lugar. "Oruko" de imediato deslizava para dentro da água e engolia a vítima. Mas o lugar era distante de aldeias, poucos índios passavam por lá. Então o monstro se mudou da montanha Anafum-Amarin e foi morar rio acima. Porém lá também passava com fome. Resolveu então subir o Rio Paru, até a montanha Achikí-Tarí, onde está a gruta que lhe servia de morada.

Nas cercanias viviam e ainda vivem duas tribos, a Apalaí e Wayana. Os homens começara a desaparecer misteriosamente. Cada tribo julgava que a vizinha era culpada. Foi assim que se declararam guerra. Um dia, um índio viu um outro passar à beira do rio, a arara gritava e logo apareceu o monstro para devorá-lo.

Quando as duas tribos souberam quem era o verdadeiro culpado, uniram-se e combinaram que a metade dos índios iria atacar pelo rio em canoas, enquanto a outra metade se acercaria por terra. "Oruko" ficou crivado de flechas, veneno e fogo, porém nada conseguia matá-lo. Cortaram-no em pequenos pedaços e estes continuavam com vida, tornando-se lagartos ou vermes, que ainda perduram nas árvores. E foi então que "Oruko" falou: "Para matar-me, devem ferir meu coração, que está localizado no rabo." Somente assim, conseguiram matá-lo: Jogaram-no nas águas do rio e os urubus-reis comeram seu imenso corpo que tinha todas as cores e os mais bizarros desenhos. Os mais lindos desenhos os Wayanas copiaram e até hoje os reproduzem nos seus artefatos — panelas, cintos, tangas e

A razão da vida em comum são as filhas. São inexauríveis o carinho e a ternura que dedicam às crianças.

tabagens. Os Apalaís copiaram o restante dos desenhos. Dizem que o monstro era de desfiadeiante e horripilante beleza...

Eu fui contida para a gruta. Encontrei a trincheira que os índios fizeram para a captura do monstro. Tudo estava em ruínas. Quanto mais avançava, mais alta se tornava a mata-floresta e eu me sentia encurralada. Não podia acreditar. Claro que não acreditava nessa lenda, mas o lugar tinha algo que me intimidava. Meus pés tropeçavam, eu gastava muita cautela e grande excitamento que, de tão velho, já estava totalmente de cogumelos. Vi pegadas de quase dois metros e ouvi gritos estridentes de arara e ao mesmo tempo um bafejar, como se algo estive perto de mim. Que seria? Para alcançar a montanha falta que andar muito ainda e lá estaria a gruta.

Quando ouvi um tiro, resolvi regressar rapidamente, antes que os índios me abandonassem naquele lugar. Apanhei um pouco de enguaim excessivamente, envolvendo-o em folhas.

Senti alívio quando encontrei todos sentados na canoa. Ao chegarem de matar um macaco. Mostrei fiz o excremento e eles me disseram:

— Pronto já "Oruko" para você.

Seguimos viagem. Em nosso redor deslizavam jacarés, tartarugas, peixes. Nas árvores, aratas, papagaios e periquitos. Não encontramos mais aldeias. A tarde o céu começou a escurecer. Parecia haver em pleno dia. Nunca outra do rio avistamos diversas canoas ancoradas. Desembarcamos ali antes que desabasse o temporal. Cercadas pela floresta havia algumas malocas de palha — o acampamento provisório de tuxaua do feiticeiro Jacarepo. Essa aldeia impressionada homogênea de mulheres com seus bebês, aratas e toda sorte de pássaros e animais. O único homem era o chefe. Ninguém se atrevia a nos dirigir a palavra. A esposa do chefe, conforme manda a etiqueta, nos trouxe pão — "Lô" — e bananas, também sem falar.

A tempestade começou a desabar, ocasionando os enormes árvores. Raios ziguezagueavam no negro firmamento, e lá ao meio dessa enfurecimento natureza que surgia a impressionante figura do jovem feiticeiro com sua escolta de índios carregando grandes folhas. Apreciei a agilidade e a força do feiticeiro que em apenas alguns minutos fez sozinho um teto de folhas para proteger a sua família e seus cachorros. Estes, de tamanha agressividade, seriam capazes de atemorizar "Cérbero", o feroz guardião da porta do inferno. Já era alta hora da noite quando o feiticeiro Jararepo deu ordem para pendurarmos as nossas redes. Tiritando de frio, encharcada, tendo ainda nas mãos as bananas e o pão, enfiei-me na minha rede impermeável. O vento jogava a água com tanta força, que até penetrava pelo mosquiteiro e alagava minha rede. Dormi nela como se estivesse dentro de uma piscina. Antes de deitar-me apanhei dois filhotes de passarinho, que estavam apanhando chuva dentro de uma cuia, com receio que morressem afogados. Aguasfiei-os no meu corpo e tentamos conciliar o sono. Mas a atmosfera estava estranha, anseqüadora. Ou seria apenas que os gemidos da floresta, acoitada pelo vento, davam tal impressão? Estrondos semelhantes a explosões faziam tremer o chão. Atemorizada, encolhi-me ainda mais na rede molhada.

Na manhã seguinte, ao dirigir-me ao rio para ver se conseguia me libertar do repugnante cheiro de peixe podre que os dois passarinhos me haviam deixado, encontrei uma enorme árvore arrancada e jogada sobre a nossa canoa, destruindo ramos e flechas e estragando nossas roupas, comidas e material fotográfico. Milagrosamente o motor não tinha sido atingido. A grandeza árvore erguia suas enormes raízes para o céu, como se fossem tentáculos.

Iiuka'apo, que estava examinando as avarias da canoa, ao sentir meu cheiro desagradável, exclamou: "Os bichos são dormem na rede da gente." E me indicou diversas redes pequeninas, entre os galhos, com seus ocupantes, que eram cachorrinhos recém-nascidos. Os índios são assados em tudo. Mesmo com a tremenda chuva, vi as mulheres remando para a margem oposta do rio, levando uma criança para fazer suas necessidades longe da aldeia.

Crente que iríamos continuar nossa viagem, enrolei minha rede. Mas não partimos logo. Pouco depois vi os homens sentados, juntos, raspando uma madeira branca, o Timbó, que colocavam dentro de cestas de palha ("airitiamuro"). Fomos todos com as cestas cheias e as submergimos no rio. Enquanto isso, outros, rio abaixo, ficavam à espera dos peixes. O Timbó paralisa o sistema nervoso de animais de sangue frio. É inofensivo ao homem e faz que os peixes asfixiados bóiem na água. (Timbó contém rotenona, atualmente usado na fabricação de inseticidas.)

De noite, quando todos já estavam deitados, veio um índio para avisar que o feiticeiro estava à minha espera. Pulei da rede e o segui. De longe avistei, entre as árvores, vários índios em volta de uma fogueira. Não havia mulheres nem crianças. Sentei-me no chão ao lado do mago e de sua comitiva, que, baixinho, em tom ritmado, entoavam uma canção à árvore que iriam abater:

"Tuiito otnete emako asa — "Cigarra, te arria
Orakole oi tua emá kaw — Preguiça, sai daí
Otueté izele mako olokoli — Periquito, deixa tua rede
Kapuóe izale mako kaão enapuru — Veado, corre
Imapule ezari-me" — Cotia, te esconde, ela vai morrer."

Finda a canção, Jararepo me mostrou um objeto que tinha nas mãos: um machado de pedra vermelho-escuro, de estranho feitio, de formas simétricas, abauladas e polidas.

"Encontrei este e mais dois neste lugar", disse ele. Fotografei-os e me perguntei: "De que época seriam? A quem pertenciam? Haveria neste local outros habitantes?"

Algo que eu não podia definir pairava no ambiente. Algo que aparecia e desaparecia entre as sombras da floresta emitia vibrações e raros sons, enquanto Jararepo e sua comitiva me revelavam histórias de suas tradições de muitos séculos passados, milênios, talvez, que nós não chegamos a compreender.

O espaço é habitado por tantos deuses, semideuses e espíritos que nenhum feiticeiro chega a conhecer todos. "Nós estamos aqui para alimentar os deuses." "Kukuirua" é um dos mais vorazes. Ele tem corpo de homem sem a cabeça e é muito cabeludo. Sua cabeleira sai do pescoço. Seus olhos, nariz e boca surgem do peito. Na mão direita leva uma marca e na esquerda uma lorquilha. Este deus, quando tem fome, envia o "Tukuarí" à terra, pois é muito querido entre os índios pela sua maneira persuasiva, para levá-los. "Tukuarí" é um velho calvo que leva no corpo correntes de miçangas. Kukuirua ordena a Tukuaré buscar bóia, e este parte para a terra matando os índios que encontra no caminho.

Também "Turimô-Tumme" come gente. E reconhecido porque parece um índio forte, de cabeleira longa e branca. Seu nariz e seus olhos são de coruja. Usa grandes brincos. Na mão esquerda leva um moxi e na outra arco e flecha. Outro deus — "Inukuapé Karaki" — também usa longa cabeleira branca, mas suas flechas são bifurcadas.

Fixando os olhos em Jararepo, eu via nele, pétreo e sem vestígios de sorriso, um personagem sinistro, com seus deuses cuja natureza era inconcebível à minha lógica. Deuses que devoram homens...

— Só existem deuses que nos devoram? — perguntei.

O feiticeiro fixou os olhos em mim e estremeci com seu olhar de coruja. Pervebi algo de sobrenatural nele.

— Não. Também existem deuses e deusas que nos socorrem nas doenças. "Akalu", por exemplo, que mal se destingue de nós, a não ser por seus cabelos mais curtos. A deusa "Iumanru", uma linda índia de vasta cabeleira que nos visita para ensinar-nos remédios, dietas e outros meios de cura. Todos eles, deuses, semideuses e espíritos, vivem em toda parte. Uns no ar, como "Ritchonôpo" e "Kuyuri"; outros nas águas, como "Maúara", e na floresta, o "Kaikusi-yuzeno".

A mãe alimenta seus filhos durante muitos anos. Durante essa época o índio se abstém sexualmente.

Os mistérios se misturam com as tradições tibetanas, chinesas e egípcias e, como entre os astecas e mayas, o sacrifício humano não era assustador para eles. Encaminhavam-se para o holocausto voluntariamente.

Para os índios o mundo dos espíritos é uma corriqueira realidade. O mundo terreno e o dos espíritos se cruzam continuamente.

A ventania fustigava as árvores; relâmpagos e trovões me davam a impressão da presença de seres invisíveis. Amendrontavam-me e, ao mesmo tempo, me atraíam. Atravessei a escuridão e voltei à minha rede, tentando compreender o mistério dos personagens celestes.

Na manhã seguinte Jararepo partiu. Sua canoa se parecia com um jardim zoológico. Na proa estava fincada uma longa vara na qual se aninhavam inúmeros pássaros, fortunado com suas plumagens uma enorme grinalda colorida. O resto da frágil canoa de um só tronco estava repleta dos mais exóticos animais que se misturavam aos ferozes cães, às esposas e crianças.

Com um "uiteixiapore" ele acenou dando adeus. E a canoa, obedecendo ao rápido e forte impulso, começou a deslizar, perdendo-se na curva do rio.

Arrumamos nossos pertences e partimos também. Fizemos grande trajeto com o motor desligado para economizar gasolina e não nos faltasse na viagem de regresso à Boiua. A volta seria rio acima e tornava-se árduo demais remar contra a correnteza.

Estas rãs são perigosas, não apenas por suas mandíbulas dignas como pelas enormes cobras que aí vivem, atingindo às vezes 18 metros.

Imediatamente deslizamos no rio. Quando solicitavam minha colaboração, pespegando suas mulheres, eu me alegrava, sentia prazer em ver a canoa encorregar sobre as águas, graças aos impulsos dos meus braços.

O calor tonificante do sol sobre o meu corpo nu, e o ar puro davam-me um incrível dinamismo. Não sentia cansaço e as bolhas das minhas mãos não me incomodavam. Mas estava com fome e, ao anoitecer, imediatamente encostamos a canoa à beira do rio, fizemos uma fogueira e em poucos minutos fizemos uma refeição só para mim. Enquanto eles se distraíam cortando rodelas de madeira, eu me alimentava. Aquelas rodelas pareciam palmitos e eles ai jogavam, durante a viagem, no rio, atraindo a curiosidade dos peixes, que ao subirem à tona eram fisgados imediatamente.

Durante a viagem reparei num barranco, a uns 30cm à flor da água, numerosos buracos enfileirados como se fossem feitos para colocar bananas de dinamite. Mal pude acreditar que se tratava de ninhos de "Xaki", um peixe. Bruscamente fiz uma manobra com a canoa. Tinha visto um curioso pássaro, maior do que um tucano, cuja plumagem imitava o couro de cobra. Era "Ariri-Anki", a reencarnação da alma de um morto.

Comecei a sentir calor e resolvi mergulhar para me refrescar; impediram-me dizendo que ali já haviam devastado muitos índios, havia cobras muito grandes. E sagarrecido muitos índios, havia cobras muito grandes. E sagarrecido muitos índios, havia cobras muito grandes. E era mesmo. Ainda não havia transcorrido meia hora quando nossa canoa balançava devido a uma rabanada desferida por uma enorme jibóia que nadava com a velocidade de um raio. Essas anacondas, ou jibóias, engolem homens e bois, mas eu tenho mais receio das cobras pequenas que são venenosas e quando não matam deixam a gente aleijada ou com gangrena.

Recomeçavam a aparecer aldeias. Parávamos em cada uma por onde passávamos e em todas eu encontrava sempre o escudo de "Orsko".

Na aldeia Maruaná, do índio Xaimore, havia somente um jovem casal. Ao visitar as malocas abandonadas tive uma estranha sensação nas pernas. Olhei: estavam cobertas de pulgas.

Sendo a aldeia da tribo Apalai, compreendi que ali estava enterrado um morto, no chão da sua própria maloca. Se o morto for um tuxaua, toda aldeia lhe é entregue para seu repouso, mudando-se a tribo para outro lugar. Enterram o defunto com a cabeça em direção do sol nascente, para poder atingir as "montanhas azuis" sete dias depois do falecimento.

Os Wayanas cremam seus mortos.

Inesperadamente os índios pararam numa ilhota. Na areia achamos um chapéu de palha e uma enxada; mais adiante, a carcaça de uma canoa naufragada. E o tripulante? Foi engolido por uma cobra? Tragado pela enxurrada? São mistérios que a selva guarda. Apesar dos protestos dos índios, abri o saco que encontramos perto e tirei dele um punhado de mineral preto; lavei-o e nas minhas mãos ficaram três pepitas amarelas. Seria ouro? Em todo caso, indicava que os brancos tinham andado por lá.

Ao entardecer encontramos na aldeia mais bela de que todas que eu tinha visto. Havia 17 malocas cercadas de cajueiros. De lá a vista se perdia sobre um extenso emaranhado de corredeiras, formando lagos e pequenas grutas. Só encontramos duas mulheres e a filha do tuxaua Aparabé. Voltei à canoa para tirar meus pertences, quando ouvi nas minhas costas um suave murmúrio: "Nuno". E quando me voltei recebi o que não é usual entre os índios: um beijo. Era o Tuxaua Aparabé, com o qual eu diversas vezes cruzara na viagem. Certamente os garimpeiros lhe haviam ensinado a beijar, um costume totalmente desconhecido por índios.

O tuxaua Aparabé era garboso, de aproximadamente 50 anos de idade, de rosto típico indígena, emoldurado por negra cabeleira que lhe caía pelos ombros. Era grande, forte, sereno e confiante. Tinha a dignidade a que faria jus sua hierarquia de chefe. Era o mais poderoso tuxaua daqueles lugares e sem o seu consentimento nenhum rito se realizava nas outras aldeias.

Voltei a vê-lo no dia seguinte. Estava deitado na rede, conversando com um índio. Aguardei, porque quando um índio conversa com outro é indelicado se um terceiro intervém ou compartilha da conversa. Durante dias continuava falando com Ituka'apo ou Akuri. Ao aguardar minha vez, eu dava voltas pelo rio e regressando ainda os achava na palestra, ou então Aparabé estava inspecionando seu reinado, rio acima. Passei dias esperando até chegar a minha vez. Pedi-lhe que desse ordem de prolongar o rito "Okomo-ma-okomo" na aldeia do tuxaua Axake para eu poder participar dele.

Informou-me que só começaria dentro de três dias, época em que ele mesmo participaria pessoalmente.

— Então partirei amanhã, levando sua mensagem — disse-lhe.

— Por que você tem tanta pressa? — perguntou Aparabé. — Aqui algo te falta? Não gostas daqui? Temos patos selvagens, caça e pesca abundante. Aqui a natureza é bonita.

Realmente, o local era lindo, imagem perfeita do que deveria ter sido o paraíso.

Virando-se para Ituka'apo, Aparabé falou: "Diz a Nuno que eu a quero como esposa." E riu alegremente. "Eu lhe darei muitos colares de miçangas e viveremos na minha casa no Suriname, assim que me aceitar como esposo."

Seria uma viagem de dois meses rio acima; atravessaríamos a Cordilheira do Tumucumaque para chegar. A proposta era tentadora: poder desfrutar a vida entre aqueles simpáticos habitantes da floresta. Mas, ao ver as caras das outras esposas, ende o sorriso gelou, avaliei que não convinha. Além disso, eu nem sabia ralar mandioca, devia prosseguir nas pesquisas.

Ao entardecer do dia seguinte acampamos na aldeia Kutomõino, do tuxaua Axake, trazendo o recado de que dentro de três dias poderia realizar-se a festa. A esta altura o Rio Paru foi engrossando. A aldeia Kutomõino estava no meio dele, numa grande ilha.

Não imaginava que esta seria a última pousada em aldeias indígenas. Prendi minha rede junto às dos outros, na casa da festa. Kutomõino, era como todas as aldeias. No entanto, por estar cercada pelo rio, os cachorros tinham pouco espaço, e eram tantos que me dava a impressão de estarmos dentro de um canil.

Enquanto os índios tiravam seus enfeites de plumas dos estojos e arrumavam seus cocares enormes, iguais aos dos deuses maias, eu vagava pela aldeia. Tive um sobressalto ao passar por uma cena chocante. Um jovem, sentado na sua maloca, segurava nas mãos um cartaz de propaganda de um remédio contra gonorréia. Aquilo denunciava que os garimpeiros já haviam passado por aquela zona. Fiquei sabendo que já havia um campo de pouso a um dia de viagem rio abaixo.

A filhinha do tuxaua Axake, com onze anos de idade, estava deitada na rede, refazendo-se de um aborto. Axake, com receio dos quarenta garimpeiros sem mulheres, que vagavam nas suas terras em busca de cassiterita, a fez casar com um índio antes que ela fosse violentada por um branco. Naquela aldeia tudo era receio e depressão.

Aparabé veio, conforme prometera, mas todos na aldeia tinham receio da aproximação dos garimpeiros e não tinham disposição para celebrar seus ritos e tradições.

Ficou resolvido que no dia seguinte prosseguiríamos viagem até Anatum, quando Ituka'apo veio de repente com o rosto transfigurado. Estranhei, pois é raro ver isso num índio. Também fiquei perplexa. Ao lado da nossa canoa, todas as latas restantes de gasolina estavam abertas, e não continham gasolina. Santana, o encarregado de recuperar o campo de pouso em Bona, havia trocado minhas latas de gasolina pelas suas contendo querosene.

Assim terminou a nossa expedição. Rumamos para o campo dos garimpeiros na esperança de poder negociar a compra de gasolina. Dos quarenta garimpeiros, um terço estava atacado de malária. Não havia comida nem gasolina e fazia dias que aguardavam um avião que viria para levar os doentes para Santarém. O empresário do garimpo, o conhecido Galego, era homem simples e de moral tão forte que conseguia controlar os quarenta aventureiros doentes e famintos de comida e de mulheres. Ao saber da minha presença, exclamou com admiração que nem ele teria coragem de imitar as minhas andanças por zonas tão temidas. Então resolveu que um dos doentes seria substituído por mim no primeiro avião que aparecesse. Não aceitou qualquer recompensa ou pagamento. Ituka'apo, sorrindo,

As famílias vivem em harmonia com todos, não havendo competições nem rivalidades.

Felicitas Barreto

acenou com a cabeça, insistindo que eu deveria aceitar, pois a cidade de Santarém é o único lugar onde se poderia adquirir gasolina. Eu voltaria no vôo seguinte, quando retiraríam o restante dos doentes, trazendo a gasolina.

Enfim, no dia em que aparece o avião, os índios, meus companheiros de viagem, assistiram a meu embarque, rezando que eu, na última hora, desistisse.

Quando, após sete horas de vôo, sobrevoamos a cidade de Santarém, na desembocadura do verde Rio Tapajós no Rio Amazonas, vi enormes rolos de fumaça e labaredas. Desprendeu-se de um navio. Soube que se tratava de um navio tanque que traria gasolina para abastecer o Aeroporto de Santarém. Em conseqüência do incêndio, Santarém ficou sem gasolina e todas as linhas aéreas deviam mudar de rota.

Entrei em pânico, porque nenhum táxi aéreo poderia me levar de regresso a Bona, onde se encontravam os esqueletos que eu deixara lá e que conseguira com tantos sacrifícios.

Depois de grandes e longas lutas e discussões, acontece o milagre: encontrei um idealista que era dono de um Bonanza, o Comandante Augusto Cervasio, e tinha, a um dia de vôo, alguns litros de gasolina guardado. Impressionado com meu valioso achado, prontificou-se a levar-me até de graça para trazer os meus curiosos esqueletos. Talvez fossem o ponto de partida para o esclarecimento dos mistérios de uma civilização perdida no tempo.

Quase não alcançamos Bona, porque perdemos a rota naquele emaranhado das selvas. Ao baixar o avião, grande foi a minha alegria ao rever Ituka'apo e os seus, já de volta. Tinham vencido a remo a difícil subida do rio.

Todos da tribo me ajudaram a colocar com cuidado os esqueletos no avião. No momento de fechar a porta, veio Aparabé correndo e rindo, jogou algo morno no meu colo e disse: "Nuno, leva o Arco-Íris e volta depressa que te esperarei..."

Ao levantar vôo, mal enxergava o Arco-Íris, um lindo tucano que se encolhia nos meus braços, tanto marejavam meus olhos de tristeza. Sentia-me moralmente obrigada a cumprir a missão de publicar este livro em homenagem aos índios que eu tanto admiro e venero.

Em Santarém a notícia da minha descoberta me havia precedido com grande repercussão. Muito me decepcionou a primeira pergunta que os civilizados me fizeram: "Então? Encontrou ouro, jóias ou algo de valor?"

Para que meu precioso achado chegasse à ciência, que o avaliaria, pedi ao Comandante da base de Santarém que guardasse os esqueletos, enquanto eu aguardava um avião que me levasse a Belém. Tudo fazia na hangar da FAB e quando retirei a mala tive a triste surpresa de notar que alguém havia forçado a fechadura na esperança de encontrar objetos de valor comercial. E na sua voracidade despedaçou os crânios que eu tinha trazido com tão grandes sacrifícios. Algum antropólogo acabava de mutilar a última prova que nos restava de um povo que não chegamos a conhecer.

Resta-nos a esperança da profecia de Erick Von Daeniken:

"Muitas descobertas nos surpreenderão nos próximos anos."

Aqui, no meu apartamento do Rio de Janeiro, tudo aquilo não passaria de um sonho se não fosse a presença do meu colorido "Oko-Kuri" (Arco-Íris), que me faz relembrar as palavras de meu xerém, o tuxaua Aparabé:

"Nuno, leva contigo o Arco-Íris e volta depressa que te esperarei..."